



**INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA**  
**CAMPUS BRASÍLIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**  
**E TECNOLÓGICA**

**VERÔNICA THEML FIALHO GOULART**

**EU, ELAS, NÓS: TRABALHADORAS NA CADEIA PRODUTIVA**  
**DO VESTUÁRIO**

Brasília

2024

**VERÔNICA THEML FIALHO GOULART**

**EU, ELAS NÓS: TRABALHADORAS NA CADEIA PRODUTIVA  
DO VESTUÁRIO**

Projeto apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Brasília do Instituto Federal de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dra. Veruska Ribeiro Machado

Brasília

2024

G694 Goulart, Verônica Theml Fialho.  
Eu, ela, nós: trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário. / Verônica Theml Fialho Goulart. – Brasília, 2024.  
250 f. : il. color.

Orientadora: Veruska Ribeiro Machado.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, 2024.

1. Igualdade de gênero. 2. Trabalho. 3. Vestuário. 4. Educação profissional e tecnológica. I. Machado, Veruska Ribeiro. (orient.). II. Instituto Federal de Brasília. III. Título.

CDU 377:391

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos pela autora.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

No dia 26 de setembro de 2024, às 14h, no(a) Reitoria IFB - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília, localizada no Edifício Siderbrás/Setor de Autarquias, ocorreu a defesa pública de dissertação do(a) mestrando(a) Verônica Theml Fialho Goulart, intitulada “EU, ELAS, NÓS: TRABALHADORAS NA CADEIA PRODUTIVA DO VESTUÁRIO”. Reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos(as) professores(as): Dra. Veruska Ribeiro Machado (presidente e orientador(a)), Dra. Rosa Amélia Pereira da Silva e Dra. Francisca Cordélia de Oliveira, a fim de arguirm o(a) mestrando(a). Aberta a sessão pelo(a) presidente, coube ao(à) candidato(a), na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo, em seguida, questionado(a) pelos membros da banca examinadora, tendo dado as explicações necessárias. Os membros da banca consideraram a dissertação:

( x ) aprovada.

( ) não aprovada.

**Banca Examinadora:**

-----  
**Prof. Dra. Veruska Ribeiro Machado**  
(presidente e orientador(a))

*Francisca Cordelia Oliveira da Silva*

-----  
**Prof. Dra. Francisca Cordélia de Oliveira**

-----  
**Prof. Dra. Rosa Amélia Pereira da Silva**

**Candidata:** -----

**Aluno(a): Verônica Theml Fialho Goulart**

Brasília, 26 de setembro de 2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Veruska Ribeiro Machado, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 16/10/2024 06:26:17.
- **Rosa Amelia Pereira da Silva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 16/10/2024 07:13:54.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 27/09/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 566421

Código de Autenticação: 599d93df34



INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA  
Setor de Autarquias Sul, Quadra 02, Lote  
nº 03, Edifício Siderbrás., ASA SUL,  
BRASÍLIA / DF, CEP 70070906



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DO PRODUTO EDUCACIONAL**

No dia 26 de setembro de 2024, às 14h, no(a) Reitoria IFB - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília, localizada no Edifício Siderbrás/Setor de Autarquias, Brasília, ocorreu a defesa pública do Produto Educacional do(a) mestrando(a) Verônica Theml Fialho Goulart, intitulado “Ciclo de oficinas cirandas cidadãs”. Reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos(as) professores(as): Dra. Veruska Ribeiro Machado (presidente e orientador(a)), Dra. Rosa Amélia Pereira da Silva e Dra. Francisca Cordélia de Oliveira, a fim de arguirm o(a) mestrando(a). Aberta a sessão pelo(a) presidente, coube ao(à) candidato(a), na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo, em seguida, questionado(a) pelos membros da banca examinadora, tendo dado as explicações necessárias. Os membros da banca consideraram o produto educacional:

( x ) validado.

( ) não validado.

**Banca Examinadora:**

-----  
**Prof. Dra. Veruska Ribeiro Machado**  
(presidente e orientador(a))

-----  
**Prof. Dra. Francisca Cordélia de Oliveira**

-----  
**Prof. Dra. Rosa Amélia Pereira da Silva**

**Candidata:** -----

**Aluno(a): Verônica Theml Fialho Goulart**

Brasília, 26 de setembro de 2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- Veruska Ribeiro Machado, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 16/10/2024 06:15:28.
- Rosa Amélia Pereira da Silva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 16/10/2024 06:18:25.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 27/09/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 566428

Código de Autenticação: 85a1387ab9



INSTITUTO FEDERAL DE BRASILIA  
Setor de Autarquias Sul, Quadra 02, Lote  
n° 03, Edifício Siderbrás., ASA SUL,  
BRASÍLIA / DF, CEP 70070906

Às mulheres que nos precederam e pavimentaram os caminhos para que continuemos combatendo toda forma de opressão de gênero. Às mulheres que enfrentam, diariamente, toda espécie de violência a que estamos sujeitas, que lutam pela sua verdadeira autonomia e liberdade, cientes de que só avançaremos se permanecermos unidas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço e dedico este trabalho à minha filha Luíza, que, há 33 anos, é farol constante em minha vida, iluminando meus caminhos, mesmo diante da mais densa escuridão. Que a conclusão desta pesquisa seja um passo, mesmo que pequeno, na construção de uma sociedade com mais igualdade de gênero, para que ela e outras mulheres possam usufruir de conquistas, duramente alcançadas, por mulheres que vieram antes de nós.

Ao meu marido João Vicente, companheiro de lutas por um país mais justo e com oportunidade para todas, incentivador tenaz ao longo da minha formação, da graduação ao mestrado, passando pela especialização, por ser janela aberta para o mundo por onde eu posso enxergar, a partir do seu coração generoso e socialista, um país mais solidário e fraterno.

Às minhas irmãs Mônica e Raquel, que seguem sendo exemplos de resiliência para combater os desafios de ser mulher no Brasil, em uma sociedade construída a partir de uma cultura machista e patriarcal.

Ao meu pai Filipe, meu grande amigo, com quem aprendi a capacidade de realizar sonhos por meio da disciplina e do trabalho, pela mão amorosa e estendida sempre que as forças me faltavam.

À minha orientadora Veruska Ribeiro Machado, por ser inspiração constante na caminhada pela igualdade de gênero e, a partir dela, combater todas as formas de desigualdade.

A todas e todos docentes do ProfEPT, sem os quais essa jornada não teria sido possível.

A todas as mulheres que participaram desta pesquisa, alunas egressas, discentes e docentes do curso Técnico em Vestuário do IFB-campus Taguatinga e as trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário, assim como o meu muito obrigada aos professores e ao coordenador do curso.

Às membras da banca avaliadora por terem aceitado o convite, despendido tempo na leitura deste trabalho, pelas recomendações e por serem inspiração constante como educadoras progressistas que são.

Companheira me ajuda  
Que eu não posso andar só  
Eu sozinha ando bem  
Mas com você ando melhor  
(Ciranda Popular)

## RESUMO

Esta pesquisa busca promover a formação integral, politécnica e omnilateral às alunas da Educação Profissional e Tecnológica, futuras trabalhadoras, para contribuir na construção de uma sociedade mais igualitária e com justiça social para todas na busca pela igualdade de gênero. A pesquisa pretende não apenas entender as dificuldades enfrentadas pelas mulheres trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário e as expectativas das estudantes do curso Técnico em Vestuário do Instituto Federal de Brasília, campus Taguatinga (IFB-CTAG) prestes a entrarem no mundo do trabalho, mas, perante a esta compreensão, propor soluções educacionais para esses desafios estruturais e culturais de uma sociedade patriarcal e capitalista. Para tanto, investiga e relata as expectativas das alunas e egressas do Curso Técnico de Nível Médio em Vestuário do IFB-CTAG, em relação à inserção no mundo do trabalho e na cadeia produtiva do vestuário. Diante dessas expectativas, busca apontar caminhos para criar possibilidades de arranjos produtivos locais que gerem emprego digno e renda para essas futuras trabalhadoras, entendendo que a independência econômica é um pilar importante no combate à violência doméstica e, conseqüentemente, ao feminicídio crescente no Distrito Federal. Para tal, foi necessário realizar pesquisa bibliográfica sobre a opressão secular de gênero e aprofundar acerca da formação oferecida pelo IFB para essas alunas, através de materiais técnicos da Instituição e de entrevistas com o corpo docente e a coordenação do curso. A análise dos questionários e dos grupos focais aplicados às alunas do último ano e às egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG, bem como os questionários aplicados às trabalhadoras já inseridas nesse setor, foram cruciais para o desenvolvimento do Produto Educacional. O Produto Educacional, denominado Cirandas-Cidadãs, é um ciclo de oficinas que têm como objetivo proporcionar às alunas do curso Técnico em Vestuário reflexões sobre o papel da mulher no mundo do trabalho desse setor, contribuindo para a formação integral das estudantes a fim de transformar não apenas a sua realidade, mas também a do seu entorno. O Produto Educacional foi aplicado, gerando reflexões acerca dos papéis sociais das alunas no mundo do trabalho, assim como contribuiu para pensar novos arranjos produtivos locais com base na economia solidária. Esta pesquisa também pretende colaborar para a aproximação de uma resposta à complexa contradição sobre a cadeia produtiva do vestuário que, de um lado, é a segunda que mais emprega no país; de outro é apontada como um ambiente de negócio propício para o trabalho terceirizado e, conseqüentemente, precarizado, principalmente para as mulheres, responsáveis por 87% da força de trabalho deste setor.

**Palavras-chave:** Igualdade de Gênero, Trabalho, Vestuário, Educação Profissional e Tecnológica.

## ABSTRACT

*This research seeks to promote comprehensive, polytechnic and omnilateral training for female students of Professional and Technological Education as future workers, contributing to the construction of a more egalitarian society with social justice for all in the search for gender equality. The research not only tries to understand the difficulties faced by female workers in the clothing production chain and the expectations of students of the Technical Course in Clothing at the Federal Institute of Brasília, Taguatinga campus (IFB-CTAG in Portuguese) who are about to enter the world of labor, but, given this understanding, to propose educational solutions to these structural and cultural challenges of a patriarchal and capitalist society. The research investigates and reports on the expectations of students and graduates of the Technical Course in Clothing at IFB-CTAG, considering their entry in the job market and in the clothing production chain. In view of these expectations, the research seeks to identify ways to create local productive arrangements that generate decent employment and income for these future workers given that economic independence is an important pillar in the fight against domestic violence and, consequently, the growing femicide in the capital of Brazil. It was necessary to conduct bibliographical research on secular gender oppression and to delve deeper into the training offered by the IFB to these students by the way of technical materials from the institution and interviews with faculty and course coordinators. The analysis of the questionnaires and focus groups applied to final-year students and graduates of the IFB-CTAG Technician Course in Clothing, as well as the questionnaires applied to workers already in this sector, were crucial to the development of the Educational Product. The Educational Product, freely translated as Citizenish Circle, is a series of workshops that provide students of the Technical Course in Clothing with considerations on the role of women in this line of work, contributing to the students' comprehensive education in order to transform not only their reality but also their surroundings. The Educational Product applied generated debates on the social roles of students in the world of labor, as well as contributed to thoughts on new local production arrangements based on Solidarity Economy. This research also tries to lock on a response to the complex contradiction in the clothing production chain, which, on one hand, is the second largest employer in the country; on the other hand, it is pointed out as a business environment auspicious to outsourcing and, consequently, weakening the role of women who account for 87% of the workforce in this sector.*

**Keywords:** Gender Equality, Labor, Clothing, Professional and Technological Education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> mapa da Classificação Nacional de Atividade Econômica por região.....	25
<b>Figura 2:</b> nuvem de conceitos gerada a partir da análise das respostas das e dos docentes e coordenador do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.....	74
<b>Figura 3:</b> nuvem gerada a partir das respostas das alunas do último semestre e egressas do Curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.....	76
<b>Figura 4:</b> nuvem de conceitos gerada a partir da análise das respostas das alunas e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.....	77
<b>Figura 5:</b> nuvem gerada a partir das respostas das costureiras.....	80
<b>Figura 6:</b> nuvem de conceitos gerada a partir da análise das respostas das trabalhadoras do Grupo Costureiras de Brasília-DF.....	80
<b>Figura 7:</b> comparativo entre as nuvens de palavras geradas a partir das análises das respostas das e dos docentes e coordenador do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG; das alunas e egressas do curso e das trabalhadoras Costureiras de Brasília-DF, respectivamente.....	81
<b>Figura 8:</b> nuvem de conceitos gerada a partir da análise das respostas do Grupo Focal 1 das alunas egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.....	83
<b>Figura 9:</b> rede gerada para a categoria Trabalho e Família a partir da análise das respostas do Grupo Focal 1 das alunas egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.....	84
<b>Figura 10:</b> rede gerada para a categoria Trabalho e Família a partir da análise das respostas do Grupo Focal 2 das alunas do último semestre do curso Técnico em Vestuário .....	85
<b>Figura 11:</b> nuvem de conceitos gerada a partir da análise das respostas do Grupo Focal 2 das alunas do último semestre do curso Técnico em Vestuário.....	88
<b>Figura 12:</b> nuvem de conceitos gerada a partir da análise das respostas do Grupo Focal 1 e 2 das alunas egressas e do último semestre do curso Técnico em Vestuário.....	88
<b>Figura 13:</b> capa do produto educacional.....	97
<b>Figura 14:</b> índice do produto educacional.....	98

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1:</b> montagem com as fotos das alunas egressas trabalhando na construção do Mapa de Vida, da apresentação da dinâmica e das palavras-chaves anotadas no quadro durante o exercício com o Grupo Focal 1.....	55
<b>Imagem 2:</b> Mapa de Vida construído pela aluna egressa do Grupo Focal 1.....	56
<b>Imagem 3:</b> Mapa da Vida (frente e verso) de uma aluna que optou em construir de forma anônima o seu trabalho, no Grupo Focal 2.....	58
<b>Imagem 4:</b> escultura Hotel do artista Alexandre Arrechea e detalhe (2012).....	59
<b>Imagem 5:</b> Mapas de Vida de duas alunas do Grupo Focal 2 que se identificaram e apresentaram o trabalho da dinâmica.....	60
<b>Imagem 6:</b> <i>moodboard</i> montado na mesa com objetos de referências das alunas e fotos das alunas trabalhando na criação de croquis para Etapa III.....	70

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> metodologia de pesquisa.....	46
<b>Quadro 2:</b> comparativo competências – CNCT e do Plano de Curso Técnico em Vestuário/IFB.....	48
<b>Quadro 3:</b> habilidades do perfil profissional do Plano de Curso, conteúdo e etapas do Produto Educacional.....	50
<b>Quadro 4:</b> Pedagogia Histórico-Crítica e as atividades da sequência didática do Produto Educacional.....	61
<b>Quadro 5:</b> salários por categorias acordado na convenção coletiva 2023/2024.....	74
<b>Quadro 6:</b> principais achados.....	89
<b>Quadro 7:</b> etapas das oficinas Cirandas-Cidadãs.....	97
<b>Quadro 8:</b> etapas da Pedagogia Histórico-Crítica no Produto Educacional.....	103
<b>Quadro 9:</b> sequência de atividades para construção do Mapa da Vida.....	146
<b>Quadro 10:</b> descrição dos momentos do Grupo Focal 1.....	148
<b>Quadro 11:</b> descrição dos momentos do Grupo Focal 2.....	149

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> número médio de horas semanais gastas em afazeres domésticos das pessoas de 10 anos ou mais de idade, por sexo, segundo grupos de idade.....	10
<b>Gráfico 2:</b> quantidades de CNPJs por tipo de empresa no DF.....	28
<b>Gráfico 3:</b> distribuição das empresas por Região Administrativa (RA).....	28
<b>Gráfico 4:</b> perfil da indústria do vestuário no DF.....	29
<b>Gráfico 5:</b> gerado a partir das respostas das alunas do último semestre e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.....	75
<b>Gráfico 6:</b> gerado a partir das respostas das alunas do último semestre e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.....	76
<b>Gráfico 7:</b> gerado a partir das respostas das alunas do último semestre e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.....	77
<b>Gráfico 8:</b> gerado a partir das respostas das profissionais do setor – costureiras.....	78
<b>Gráfico 9:</b> gerado a partir das respostas das profissionais do setor – costureiras.....	79
<b>Gráfico 10:</b> gerado a partir das respostas das profissionais do setor – costureiras.....	79
<b>Gráfico 11:</b> gerado a partir das respostas das profissionais do setor – costureiras.....	80
<b>Gráfico 12:</b> respostas obtidas nas 10 perguntas fechadas referentes à avaliação do Produto Educacional.....	100

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABIT</b>	Associação Brasileira da Indústria Têxtil
<b>ABRAVEST</b>	Associação Brasileira do Vestuário
<b>CADSOL</b>	Cadastro Nacional de Economia Solidária
<b>CNAE</b>	Classificação Nacional de Atividade Econômica
<b>CNCT</b>	Catálogo Nacional de Cursos Técnicos do Ministério da Educação
<b>CNPJ</b>	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
<b>CODEPLAN</b>	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
<b>EAD</b>	Educação à Distância
<b>EPT</b>	Educação Profissional e Tecnológica
<b>ES</b>	Economia Solidária
<b>ESG</b>	<i>Environmental, Social and Corporate Governance</i>
<b>FIBRA</b>	Federação das Indústrias Brasileiras
<b>IFB</b>	Instituto Federal de Brasília
<b>IFB-CTAG</b>	Instituto Federal de Brasília Campus Taguatinga
<b>IPEA</b>	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes Básicas
<b>OCB</b>	Organização das Cooperativas Brasileiras
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>PCP</b>	Planejamento e Controle de Produção
<b>PDAD</b>	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios
<b>PPC</b>	Projeto Pedagógico de Curso / Plano de Curso
<b>ProfEPT</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica
<b>PróDF</b>	Programa de Apoio ao Empreendimento Produtivo do DF
<b>RA</b>	Região Administrativa
<b>SINDIVESTE-DF</b>	Sindicato das Indústrias do Vestuário no Distrito Federal
<b>S MDF</b>	Secretaria da Mulher do Distrito Federal
<b>SSP/DF</b>	Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>QVT</b>	Qualidade de Vida no Trabalho

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	1
1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
2.1 O contexto do vestuário: exploração transvestida de <i>cuidado</i> e <i>eupreendedorismo</i> ...	24
2.2 A violência doméstica e o feminicídio no Distrito Federal .....	30
2.3 A EPT e a geração de renda no combate ao trabalho precarizado.....	31
2.4 Mercado de trabalho: a economia solidária como uma janela de oportunidade .....	42
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
3.1 Contexto do desenvolvimento da pesquisa .....	47
3.2 Pesquisa de campo.....	52
4. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS .....	71
4.1 Questionários: Docentes e coordenador do curso Técnico em Vestuário.....	71
4.2 Questionários: Alunas egressas e formandas do curso Técnico em Vestuário .....	75
4.3 Questionários: Costureiras de Brasília .....	78
4.4 Grupo Focal 1: Egressas do curso Técnico em Vestuário .....	81
4.5 Grupo Focal 2: Alunas do último ano do curso Técnico em Vestuário .....	85
5. PRODUTO EDUCACIONAL .....	93
5.1 Ciclo de oficinas Cirandas-Cidadãs.....	98
5.2 Avaliação do Produto Educacional .....	99
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	102
7. REFERÊNCIAS .....	109
8. APÊNDICES	
Apêndice A: Produto Educacional – Ciclo de oficinas Cirandas-Cidadãs .....	115
Apêndice B: Roteiro para roda de conversa – Mapa de Vida .....	146
Apêndice C: Roteiro para Grupo Focal 1 e 2.....	147
Apêndice D: Questionário – Coordenador e docentes.....	150
Apêndice E: Questionário – Alunas do último semestre e egressas .....	164
Apêndice F: Questionário – Costureiras de Brasília .....	174
Apêndice G: Transcrição Grupo Focal 1.....	185
Apêndice H: Transcrição Grupo Focal 2.....	206
ANEXOS	
Anexo I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	228
Anexo II: Termo de Assentimento – Menor de Idade.....	228
Anexo III: TCLE – Responsável legal pelo estudante menor de 18 anos.....	231

## APRESENTAÇÃO

Aos 17 anos, passei no vestibular para cursar Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, minha cidade natal. Foi uma vitória imensa para aquela menina que vinha da escola pública do Rio, sucateada pela falta de prioridade na construção de políticas públicas para a educação que condenava às professoras a difícil tarefa de fazer muito com tão pouco. Tive professoras memoráveis, verdadeiras heroínas diante da escassez dos recursos mínimos para o seu fazer profissional.

Lembro-me de que, à época, eu queria prestar vestibular para medicina, mas meu pai alertou-me de que, se eu não passasse para uma universidade pública, pararia de estudar, já que não havia condições de arcar com a minha educação em uma Instituição de Ensino Superior na rede privada, ainda mais em um curso como o de medicina. Dessa forma, na fila de inscrição, mudei de opção, de medicina para psicologia, e acabei passando entre as primeiras colocações, talvez, portanto, eu conseguisse a vaga para o curso de medicina em uma universidade menos concorrida, mas também pública, como a Universidade Federal Fluminense – UFF ou a UNIRIO. Primeira lição: nunca deixe o medo pautar as suas escolhas. Cursei três períodos na UFRJ, conciliando com o trabalho, pois, no mesmo ano em que passei no vestibular, também consegui meu primeiro emprego.

Conciliar trabalho e universidade pública foi uma tarefa quase impossível, haja vista que ora eu tinha aulas no horário da manhã, ora no horário da tarde, ou em alguns dias as aulas eram no campus da Praia Vermelha e outros na Ilha do Governador, locais bem distantes uns dos outros. Perguntava-me: A universidade pública é para quem não precisa trabalhar? É pública, mas é só para os ricos? Claro que o empregador não queria saber das minhas pretensões estudantis, eu tinha horário para entrar, mas não tinha horário para sair. E, assim, com muita tristeza, no terceiro para o quarto período, tranquei o curso, com a esperança de voltar um dia, porém “roda mundo, roda-gigante, roda moinho, roda pião, o tempo rodou num instante nas voltas do meu coração. (...) Faz tempo que a gente cultiva a mais linda roseira que há, mas eis que chega a roda-viva, e carrega a roseira pra lá” e, como diz a letra da música de Chico Buarque, o giramundo foi carregando a roseira do meu sonho da graduação para lá.

Quis o destino, no entanto, e com o apoio de algumas pessoas, como meu companheiro, e acima de tudo, minha própria vontade (sempre ela), me trazer o sonho

de volta, pois os sonhos nunca morrem, e assim, quase quarenta anos depois, ingressei no mestrado em Educação Profissional e Tecnológica em uma Instituição Federal de ensino, o IFB. Não existem, portanto, palavras para expressar a dimensão do significado desta conquista para mim, concluir o mestrado em uma instituição pública federal de qualidade como IFB, após um percurso educacional turbulento, que vai de uma aluna que sempre foi destaque em sua trajetória escolar e que nunca desistiu de apostar na educação, passando por diversas tentativas para alcançar a graduação, buscando a formação como pôde e onde era possível.

Foram muitas tentativas. Cursei, no período noturno, cursos em universidades privadas, tentando conciliar trabalho com estudo, mesmo à noite. Com horário para entrar, mas sem horário para sair do trabalho, era impossível assistir às aulas. Consegui concluir o curso Tecnólogo em Design de Moda, formação relacionada ao meu ambiente de trabalho, a cadeia produtiva do vestuário. Então, finalmente, me formei aos 45 anos. Certamente as dificuldades que enfrentei como trabalhadora da área e mãe solo se identificaram imediatamente com a ação política do meu companheiro que conheci aos 40 anos, de tal forma que a mulher forjada pelas lutas cotidianas passa a se reconhecer nas lutas trabalhistas de outras, percebendo que aquelas dores antes só sentidas e agora compreendidas podiam ser transformadas por meio da participação política. Sem dúvida esse encontro entre a trabalhadora e o filósofo e político com quem me casei há quase 20 anos transformou a minha visão de mundo. João tem sido um incentivador tenaz no meu caminho acadêmico. Depois de ele fazer parte da minha vida, consegui me graduar e buscar, na sequência, a especialização em Docência no Ensino Superior, concluída em 2015, no formato EAD. Somente em 2022, aos 55 anos, ingressei no mestrado de uma Instituição Pública Federal de qualidade, o IFB.

Penso que esta narrativa é importante, uma vez que estamos em um país onde o etarismo é presente e precisa ser combatido. Este relato procura apresentar e contextualizar a importância e o compromisso com esta pesquisa que, essencialmente, aborda temas como liberdade, sonhos, conquistas e o papel da educação como mola propulsora nesta direção, principalmente para nós mulheres em uma sociedade construída majoritariamente por homens e para os homens.

A pesquisa se debruça sobre a realidade da cadeia produtiva do vestuário, cuja força de trabalho é majoritariamente formada por mulheres e que é a segunda que mais emprega no nosso país. É também o segundo setor responsável pelo primeiro

emprego, onde ingressei ainda muito jovem, aos 18 anos, e inserida nele pude construir minha vida, educar minha filha e vencer os desafios tão comuns a tantas outras mulheres. Por isso, sou muito grata a este setor, mas reconheço que, se de um lado ele é porta de entrada de oportunidade para muitas mulheres, de outro lado é também um ambiente de negócios propício ao trabalho terceirizado e precarizado.

A pesquisa utiliza este lócus de investigação para abordar temas cruciais para nós mulheres, como a igualdade de gênero, a precarização do trabalho, a divisão sexual do trabalho, entre outros. Procura não apenas trazer reflexões acerca do nosso papel como seres sociais, “senhoras de si e não mais dos outros” como nos ensina Paulo Freire, mas também despertar consciências por meio de reflexões sobre o papel da mulher no mundo do trabalho. Pretende, ademais, apontar caminhos para novos arranjos produtivos que tragam trabalho digno e geração de renda para as mulheres inseridas na cadeia produtiva do vestuário, visando alcançar uma verdadeira autonomia econômica, pilar importante no combate à violência doméstica e ao feminicídio crescente no Distrito Federal.

Sendo assim, no Capítulo 1 – Introdução, pretendemos ilustrar o contexto da opressão secular à que nós, mulheres, somos submetidas em uma sociedade patriarcal e capitalista e buscamos demonstrar o papel da educação na direção de superar esta opressão a que estamos expostas em pleno século 21.

No Capítulo 2 – Referencial teórico, de mãos dadas com Gramsci, Freire e Saviani e com o apoio de diversas autoras e autores, como Saffioti, Ricardo Antunes, Marize Ramos, Ciavatta, entre outros, buscamos explicitar algumas falácias como, por exemplo, a febre da criação das microempreendedoras individuais (MEI) e o discurso do empreendedorismo, uma verdadeira panaceia apresentada pelo mercado, como a solução de todos os males, que, por meio da cultura do “faça você mesmo”, pretende imputar apenas à cidadã e a sua “força de vontade” a responsabilidade por “vencer” na vida, retirando, assim, do Estado a responsabilidade de promover os meios para o bem-estar social de sua população, cujos direitos garantidos na Constituição Federal incluem educação, saúde, moradia, cultura e lazer. Ainda neste capítulo, fazemos uma relação entre a falta de escolarização e oportunidade de emprego/renda dignos para as mulheres e os índices de violência doméstica e feminicídio crescentes no DF. No referencial teórico, discutimos como a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) pode auxiliar no combate ao trabalho precarizado. Para isso, nos inspiramos nos métodos freirianos dos círculos de cultura, na Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani

e na escola unitária de Gramsci para embasar que, se a educação por si só não será a solução de todas as mazelas provocadas pelas desigualdades sociais, está na escola, no entanto, e na educação libertadora, o lócus revolucionário, pois, como ressalta Paulo Freire (2022), “se a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar o opressor”. Na última parte do referencial teórico, intitulada “Mercado de trabalho: a economia solidária como uma janela de oportunidade”, abordamos novos arranjos produtivos e, com o apoio das ideias de Renato Dagnino, apresentamos algumas possibilidades da economia solidária, cuja essência mora na articulação de três dimensões: a econômica, a social e a política.

No Capítulo 3 – Procedimentos metodológicos, apresentamos a metodologia da pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), que tem como objetivo proporcionar formação em educação profissional e tecnológica visando tanto à produção de conhecimentos como ao desenvolvimento de produtos educacionais por meio da realização de pesquisas que integrem os saberes do mundo do trabalho (BRASIL, 2021, p. 4). Está inserida na linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, é considerada de natureza aplicada visto que busca soluções para o problema levantado: como formar integralmente as futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal, em cursos técnicos, estimulando a emancipação feminina, pilar importante para combater a violência doméstica e o feminicídio crescente? Para tanto, foi preciso entender como as estudantes e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB/Campus Taguatinga pretendem atuar no mundo do trabalho, na cadeia produtiva do vestuário, seja como celetistas ou por meio de outras formas de geração de renda que proporcione uma verdadeira autonomia, visto que as condições materiais é outro pilar importante para que mulheres superem situações de violência e para que a sociedade, como um todo, combata o feminicídio crescente no Distrito Federal.

Estruturamos a metodologia da pesquisa da seguinte forma: 1) Pesquisa documental; 2) Aplicação de questionários individuais com coordenador do curso Técnico em Vestuário do IFB/CTAG, assim como com as e os docentes, as discentes do último ano, alunas egressas e trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário; 3) Aplicação de grupos focais com alunas do último ano e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB/CTAG; 4) Consolidação e aplicação do produto educacional, um ciclo

de oficinas intitulado Cirandas-Cidadãs. Concluímos este capítulo descrevendo a pesquisa de campo e a aplicação do produto educacional.

No Capítulo 4 – Análise dos dados obtidos, questionários e grupo focal. Utilizamos a metodologia de análise de conteúdo, na coleta de dados dos grupos focais, proposta por Bardin (2011), e seguimos as seguintes fases: i) Organização da análise; ii) Codificação; iii) Categorização; iv) Tratamento e interpretação dos resultados. Os softwares Atlas.ti e Survio foram utilizados para sistematizar a análise. Adotamos uma abordagem sistemática visando aumentar a validade e a confiabilidade dos resultados da pesquisa qualitativa.

No Capítulo 5 – Produto Educacional, apresentamos a concepção do ciclo de oficinas denominado Cirandas-Cidadãs, cuja sequência didática está dividida em três etapas: I. Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia; II. Cidadania e a mulher no mundo do trabalho; III. Transformando palavras em mensagem. Neste capítulo, apresentamos também as avaliações que recebemos das e dos docentes sobre o produto educacional. E finalmente, nas considerações finais, apresentamos reflexões acerca desta pesquisa, a contribuição que esperamos ter deixado e o caminho que seguimos trilhando na construção de uma sociedade menos desigual, acreditando que temos na EPT uma importante aliada na construção da tão sonhada justiça social.

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende contribuir para a formação integral, visando “superar, na educação, a divisão social do trabalho entre trabalho manual/trabalho intelectual, e formar trabalhadores que possam ser, também, dirigentes no sentido gramsciano” (GRAMSCI, 2011, p. 287; SEMERARO, 2003, p. 271 *apud* CIAVATTA 2014, p. 190).

O lócus da investigação é o setor de confecção do vestuário, constituído majoritariamente por mulheres. Sendo assim, é necessário nos debruçarmos sobre as questões seculares de opressão e exploração das mulheres, como as ações de “caça às bruxas” ocorridas nos séculos XV e XVI, até os dias atuais com o combate à desigualdade de gênero nos trabalhos produtivos e reprodutivos – pauta presente nas reivindicações dos movimentos feministas. Também se faz necessário discutirmos o conceito de emancipação e o papel da educação neste propósito.

Segundo a obra *Mulheres e caça às bruxas*, de autoria de Silvia Federici (2019), nos séculos XV e XVI, as mulheres na Europa, foram intituladas “bruxas” para justificar a desapropriação de terras das viúvas do pós-guerra e, posteriormente, o seu extermínio, a fim de favorecer o sistema patriarcal.

Neste contexto de exploração e opressão promovido pelo sistema patriarcal que se mantém até os dias atuais, só é possível pensarmos em uma educação emancipadora para as mulheres, seja em qual área atuarem, revisitando as lutas do passado para entendermos as dificuldades enfrentadas no presente no que se refere às questões de gênero.

Destacamos que concebemos o patriarcado e o capitalismo como um único sistema.

As mulheres são simultaneamente sujeitas ao capitalismo, à dominância de seus corpos. Colocar a questão de forma alternativa é o mesmo que perguntar se são as ideias ou as condições materiais que estruturam a subordinação das mulheres. Elas são inseparáveis. Elas agem juntas. Patriarcado e capitalismo não são sistemas autônomos, nem mesmo interconectados, mas o mesmo sistema. (ARMSTRONG, 1983 *apud* SAFFIOTI, 1992, p. 195)

Marx, em sua obra *O Capital, Livro I*, subestima a importância do trabalho reprodutivo e enfatiza que a verdadeira revolução se dará no chão de fábrica, pelas operárias. Ele acreditava que, quando a mecanização da indústria estivesse nas mãos das trabalhadoras, haveria, conseqüentemente, o aumento da produtividade, por meio dessa mecanização, e a redução da jornada de trabalho, oportunizando, portanto, à

classe trabalhadora, tempo para atividades importantes – filosóficas e políticas, essenciais no caminho da revolução operária. Entretanto, não é essa a realidade da classe trabalhadora que se observa com a mecanização, de acordo com o que está relatado no livro de Kuenzer, *Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador* que destaca:

Quanto mais se desenvolve a mecanização, mais ele se fragmenta e automatiza, menos domínio do saber sobre o trabalho total ele exige, menos energias intelectuais e criativas ele mobiliza, gerido externamente pelo capitalista, cuja eficácia repousa na divisão do trabalho, na ruptura entre decisão e ação, entre trabalho intelectual e manual, ele passa a ser desinteressante e monótono. (KUENZER, 2002, p. 77)

A visão marxiana também ignora que parte fundamental do trabalho não pode ser mecanizada – o trabalho reprodutivo, que é de natureza emocional e interacional. É este trabalho reprodutivo das mulheres que, na ótica de uma sociedade capitalista/patriarcal, assegura a gestação, o cuidado dos filhos da classe trabalhadora, futuros operários necessários à continuidade do sistema, e garante um “lar funcional” para que os homens possam se dedicar ao trabalho produtivo, geradores dos bens de produção e, por isso, vistos como “mais importantes” no contexto da sociedade capitalista/patriarcal. No entanto, segundo Silvia Federici em sua obra *O patriarcado do salário* (2021, p. 28),

Assim que erguemos a cabeça das meias que cerzimos e das refeições que preparamos e olhamos para a totalidade de nossa jornada de trabalho, vemos que, embora ela não resulte em salário, nosso esforço gera o produto mais precioso do mercado capitalista, a força de trabalho.

Também, conforme Hirata e Kergoat (2003), a divisão sexual do trabalho refere-se essencialmente à responsabilidade dos homens de executar o trabalho produtivo, o que o dispensa do trabalho doméstico não remunerado, cabendo às mulheres esta atribuição, independentemente de buscarem a liberdade de adentrar no mercado de trabalho. De acordo com as autoras, é nesta divisão sexual do trabalho que está a essência das relações desiguais e de poder dos homens sobre as mulheres.

[...] suprima-se a imputação do trabalho doméstico ao grupo social das mulheres e são as relações sociais que desmoronam, junto com as relações de força, a dominação, a violência real ou simbólica, o antagonismo que elas carregam. A divisão sexual do trabalho está no âmago do poder que os homens exercem sobre as mulheres. (HIRATA; KERGOAT, 2003, p. 114)

No entanto, apesar de Marx desconsiderar o trabalho reprodutivo como uma força para a revolução da classe trabalhadora e a superação do capitalismo, em seus escritos e intervenções, na Primeira Internacional, ele denuncia as relações patriarcais e racistas. Refletir, portanto, como o marxismo e o feminismo são projetos emancipatórios é fundamental para a proposta desta pesquisa. Conforme Federici,

O machismo é um elemento estrutural do desenvolvimento capitalista, uma força material a se interpor no caminho de qualquer transformação social verdadeira, que não pode ser derrotado (como Marx acreditava) pela entrada das mulheres nas fábricas e pelo trabalho ao lado dos homens, mas exige, em vez disso, que as mulheres se rebellem contra a dominação masculina e suas bases materiais. (FEDERICI, 2021, p. 17)

O marxismo, como uma teoria científica contra o capitalismo e seu método materialista histórico-dialético, vem contribuindo com o feminismo e suas múltiplas faces, inclusive a face mais liberal. Segundo Mary Garcia Castro (2000), em seu artigo *Marxismo, feminismos e feminismo marxista – mais que um gênero em tempos liberais*,

O marxismo, nos debates feministas, é aquele texto fantasma, o outro, que se aceita, critica-se, mas que não se ignora, porque epistemologicamente está imbricado com seus princípios identitários. Tanto no marxismo como no feminismo, haveria a preocupação por questionar relações desiguais socialmente construídas e reconstruídas em embates de poder (no caso do feminismo, entre os sexos e pela institucionalização da supremacia masculina). Em ambos conhecimentos ressalta-se o projeto por negação de propriedades, expropriações e apropriações [...], advoga-se, tanto no marxismo como no feminismo, a possibilidade de mudanças acionadas por sujeitos, pautando-se portanto por investimento em realizar uma utopia humanista, vetor que anima até as versões mais domesticadas (liberais) do feminismo ainda que nelas se limite o horizonte da utopia a uma agenda de defesa por diferenças, por igualdade de oportunidades e direitos para as mulheres – direitos “sem investimento nas condições materiais que tornariam possível o exercício dos direitos”<sup>1</sup> ou direitos para algumas mulheres (CASTRO, 2000, p. 98-99)

O que ocorre é que, mesmo que a força de trabalho feminina não tivesse saído das fileiras das fábricas, a entrada no mercado de trabalho nunca eximiu as mulheres do trabalho reprodutivo, a força de trabalho das mulheres sempre esteve a serviço da mais-valia do sistema capitalista/patriarcal. Segundo Alves,

---

<sup>1</sup> A autora critica a retórica dos direitos, assim como Rosa de Luxemburgo, criticou a política de autodeterminação dos povos, que, visando aparentar uma questão nacionalista e cultural, na verdade utiliza desse expediente para evitar determinadas questões. O mesmo ocorre quando se trata do direito ao aborto, ou à maternidade, sem fazer referência aos meios materiais para essas conquistas.

É para que esta força de trabalho se reproduza eficazmente que se estabelece uma aparente ruptura na continuidade entre trabalho produtivo e reprodutivo, em que este último se torna invisível e marginal, sendo fornecido gratuitamente por mulheres na esfera doméstica, sem, portanto, onerar de maneira nenhuma o capital. Assim, o trabalho reprodutivo impõe-se como essencial dentro da lógica capitalista, mas, materialmente, é realizado de modo marginal, invisível e gratuito. (ALVES, 2021, p. 109)

Na realidade, quando foi necessário que as mulheres ocupassem as fábricas em tempos de guerra ou quando a “mão de obra” das mulheres era vista como a mais “adequada” pela especificidade da indústria têxtil, por exemplo, lá estavam elas trabalhando doze, quatorze, dezesseis horas por dia. Quando foi do interesse do capital e do patriarcado que as mulheres fossem apartadas do trabalho produtivo e empurradas para os serviços domésticos a fim de dar sustentação e organização à família, para que os operários homens (maridos, pais ou irmãos) encontrassem uma casa funcional que permitisse a essa força de trabalho masculina uma maior produtividade no chão de fábrica, coube às mulheres a geração, a criação e o cuidado da força de trabalho.

Em seu livro *Sobreviventes e guerreiras*, a autora Mary Del Priore, no capítulo *Operárias e trabalhadoras*, relata os desafios das mulheres que, após a crise de 1929 e a quebra dos negócios decorrentes da cultura do café, começaram a trabalhar nas fábricas têxteis no início do século XX. Como demonstra a historiadora Margareth Rago, “[...] grande parte do proletariado era composto por mulheres. Em São Paulo, em 1876, elas constituíam 76% da mão de obra fabril” (*apud* DEL PRIORE, 2020, p. 131).

Como se não bastassem as extensas horas de jornada de trabalho, das 6:30 às 22h, e as condições insalubres dos ambientes das fábricas, as mulheres que buscavam o sustento eram malvistas pela sociedade. As fábricas eram consideradas “lugares de perdição”, onde moças perdiam a virgindade ou traíam seus maridos.

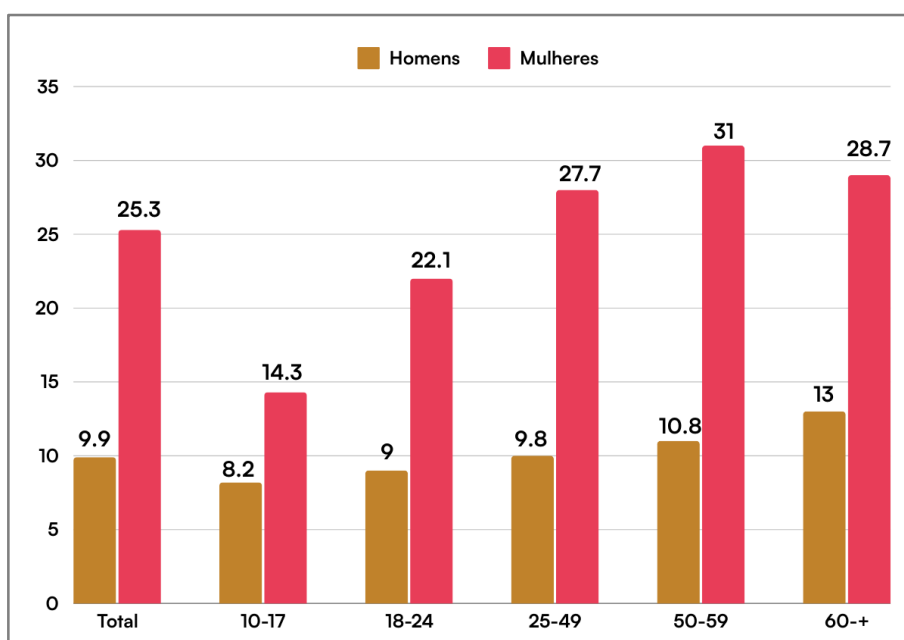
Essa sociedade patriarcal e machista esperava que as mulheres deixassem seus trabalhos ao se casarem, para cuidar dos filhos e da família. Já as “desafortunadas” com filhos e desprotegidas pelo “poder patriarcal” que tivessem que trabalhar para o sustento da família eram julgadas por os deixarem “largados”, o que as tornariam pessoas mal-educadas, criadas soltas pelas ruas.

Quase um século depois, ainda cabe às mulheres a maioria das tarefas domésticas e o cuidado dos filhos:

No país, 109,2 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade declararam exercer atividades relacionadas com os afazeres domésticos; sendo que, deste conjunto, 71,5 milhões são mulheres. [...] Verificou-se que somente 51,1% dos homens realizam afazeres domésticos, enquanto, entre as mulheres, esse percentual é de 90,6%. (HEILBORN *et.al.*, 2010, p. 159)

O gráfico a seguir apresenta a disparidade entre o tempo dedicado aos afazeres domésticos por homens e mulheres. Enquanto as mulheres dedicam, em média, 25,3 horas semanais a essas atividades, os homens dedicam apenas 9,9 horas. Uma outra observação é que os filhos e as filhas que moram com pais e mães dedicam menos tempo aos afazeres domésticos. Essa descoberta pode estar relacionada à distribuição de tarefas dentro do núcleo familiar. No entanto, o ponto mais impactante é o contraste marcante entre os tempos dedicados por cada sexo aos afazeres domésticos, independente da faixa etária.

**Gráfico 1:** número médio de horas semanais gastas em afazeres domésticos das pessoas de 10 anos ou mais de idade, por sexo, segundo grupos de idade



Fonte: IBGE, PNAN 2005, Soares & Sabóia (2007)

Analisando o gráfico acima, é evidente o imenso contraste entre o tempo dedicado às tarefas domésticas por cada sexo, o que nos mostra que é, na divisão sexual do trabalho, que se encontra um pilar importante da desigualdade de gênero. Os números, infelizmente, não nos surpreendem. Além disso, é notória a ocorrência de demissão de mulheres no retorno da licença maternidade. É o tal “mercado” frente ao modelo econômico capitalista/patriarcal no qual está assentado. O que salta aos olhos desse mercado não são, tão somente, os 120 dias da licença maternidade,

mediante aos 20 dias, no máximo, da licença paternidade. Há uma normalização social de que cuidar dos filhos é um trabalho que compete quase exclusivamente às mulheres, impedindo-as de continuarem a desenvolver a atividade laboral na sua plenitude.

A divisão sexual do trabalho é, portanto, parte central da desigualdade de gênero e, por isso, pauta constante das reivindicações feministas.

Esta cultura machista nos dá indícios do motivo pelo qual, entre as costureiras, na cadeia produtiva do vestuário, as trabalhadoras expressam a vontade de trabalhar como faccionistas<sup>2</sup> em domicílio, sem nenhuma proteção social ou direitos trabalhistas, muitas vezes por dez, doze horas por dia para poder, assim, cuidar das suas famílias.

Na obra de Ricardo Antunes, *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: o mosaico da exploração*, é possível nos depararmos com relatos dessa opressão/exploração vivenciada pelas mulheres brasileiras em decorrência de uma cultura patriarcal em que a divisão sexual do trabalho é um pilar.

Vejamos trecho da entrevista realizada com I.R., 42 anos, proprietária de uma banca domiciliar de produção de calçados:

Funciona assim, eu levanto, vou e faço o café. Aí de manhã os meninos têm que ir para a escola, eu acordo ele, aí meu marido também sai. Aí a menina arruma as coisas aqui dentro de casa. Só que ela tá fazendo Wizard, igual hoje ela faz Wizard, aí ela não arrumou aqui não. Aí eu desço, ajudo também faço alguma salada. (ANTUNES, 2019, p. 353)

Assim como na indústria de calçados, o modelo se repete na indústria de confecção do vestuário. Segundo Abreu (1986),

Na indústria de confecção brasileira, a força de trabalho está presente nas fábricas, mas é caracterizada pelo emprego constante de subcontratação [...]. Mesmo com as novas técnicas produtivas, que permitiriam a redução de tempo e melhora na qualidade dos produtos, não houve a eliminação da subcontratação de trabalho domiciliar. Vale ressaltar que esse trabalho nas casas é predominantemente realizado por mulheres. (ANTUNES, 2019, p. 349)

Dependentes financeiramente de seus maridos ou do trabalho usurpador do sistema capitalista/patriarcal, trabalhadoras, principalmente das classes mais pobres, tornam-se vítimas, seja da violência doméstica, seja da violência do capital, o que traz

---

<sup>2</sup> Facção é uma modalidade de serviço de costura, realizado em oficinas domésticas para o fechamento (costura) de uma peça de vestuário, que é previamente cortada na fábrica.

sérios impactos à saúde delas. O cuidar dos filhos, do marido, da família, juntamente com a tentativa de conciliação com o trabalho produtivo em domicílio, custa caro para essas trabalhadoras. As muitas horas e a alta intensidade do trabalho, praticamente sem descanso, nos faz refletir se não é mais apropriado que troquemos o termo dupla jornada por dupla presença, uma vez que por dupla jornada entende-se que uma começa quando outra termina, o que não ocorre no dia a dia dessas trabalhadoras, pois há a tentativa de equilibrar o trabalho doméstico e reprodutivo com o trabalho produtivo a domicílio, concomitante, ininterrupto e praticamente sem descanso.

Araújo e Amorim (2001) retratam bem essa realidade no artigo *Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de Campinas* (2001, p. 305) e destacam o trecho do depoimento de uma costureira:

Eu operada, menina, o véio [pessoa que repassa os serviços] chegou aqui com 60 bermudas, ninguém queria fazer, eu me sentei na máquina, tcháqui, tcháqui, tcháqui [imita o barulho da máquina], aquele sangue desceu, quando eu pensei que não, eu tava toda marcada de sangue, tudo. (Edite, 56 anos)<sup>3</sup>.

Da mesma forma, Antunes (2019) destaca parte da entrevista com E.V., 48 anos, proprietária da banca informal, que relata:

Eu nunca arrumei ninguém para me ajudar. Eu faço o serviço todo, acordo cedo, arrumo a casa. Eu já deixo o almoço já montado de manhã. Eu paro dez e meia e venho, faço o almoço, almoço e volto pra máquina. E fico até cinco, seis, depende do jeito que tá o serviço, né? Às vezes, eu fico até mais tarde. Aí venho e faço a janta. E, se o serviço é muito, eu fico até dez horas, é a hora que eu trabalhei mais tarde. Mais para o final do ano que é assim. (ANTUNES, 2019, p. 353)

É fundamental, para mudar essa triste realidade de muitas mulheres, que existam políticas públicas eficazes, com creches e escolas em tempo integral, com uma bolsa formação equivalente ao recurso necessário para a manutenção da família que oportunize a retomada dos estudos e, assim, proporcione uma vida social e de trabalho com melhores perspectivas.

Falamos aqui das condições materiais mínimas necessárias, sem as quais estaremos condenando essas mulheres a um futuro incerto sob o jugo de um marido que, muitas vezes, passa a ser o seu algoz, como também sentenciando-as a problemas de saúde decorrentes das intensas jornadas de trabalho, cuja única certeza

---

<sup>3</sup> Este fato ocorreu quando Edite estava em estado de convalescência, se recuperando de uma cirurgia feita na região do estômago. Zuleika (costureira que trabalha na mesma oficina) esclarece o ocorrido ao complementar a fala de Edite: “Ela sentou na máquina antes de acabar a anestesia, depois foi acabando...”

é, muito em breve, a impossibilidade de vender o único bem que de fato possuem, a sua força de trabalho, restando, portanto, para essas mulheres, uma velhice de penúria, à margem da sociedade capitalista/patriarcal que as explorou e onde terão que permanecer imersas, tentando sobreviver.

Analisemos o caso das “proprietárias” das bancas de Nova Serrana, em Minas, ou de Franca, em São Paulo, cuja indústria utiliza a subcontratação da força de trabalho das bancas domiciliares formada majoritariamente por mulheres.

Parte da produção dos calçados (a costura dos cabedais<sup>4</sup>) é terceirizada para essas trabalhadoras, confeccionada, portanto, externamente, sem os tributos trabalhistas, o que contribui para o aumento do lucro das fábricas contratantes. Como se isso não fosse o suficiente, terceirizam também a responsabilidade do controle de qualidade dos produtos fabricados, uma vez que, segundo Antunes (2019, p. 332), “as empresas repassam para as bancas domiciliares às exigências de qualidade, fazendo com que os custos da má qualidade e das possíveis perdas da produção sejam repassados para as próprias trabalhadoras”.

Por trás da exploração a que essas trabalhadoras estão submetidas tanto na indústria de calçados como na confecção de vestuário, há uma aparente independência, uma aparente autonomia. A informalidade, comum à forma de produção capitalista, difundiu, em Nova Serrana, além dessa falsa impressão de uma autonomia, um falso discurso de empreendedorismo. Proprietárias das bancas e das máquinas, julgando-se “senhoras” das jornadas de trabalho, não percebem, no entanto, que na realidade estão sujeitas às demandas do capital contratante. Transformam a matéria-prima que não lhes pertence em produtos que serão vendidos pelo contratante, assim como também não lhes pertence o salário, já que é obtido pelo número de peças produzidas, e o demandante é quem dita o ritmo de quando e quantas unidades serão confeccionadas pela força de trabalho, único bem que de fato possuem, vendida de forma barata ao capital patriarcal. Importante compreender as características de trabalho em domicílio segundo a Organização Internacional do Trabalho – OIT:

[...] caracteriza o trabalho em domicílio como a produção de bens ou serviços efetivados por um indivíduo, em seu domicílio ou em lugar de sua escolha, em troca de salário, especificado por um contratante ou um intermediário. Isso se caracteriza simplesmente como uma forma de subordinação do contratado, independentemente do local onde ele realiza suas atividades.

---

<sup>4</sup> *Cabedal* é a parte superior dos calçados, que, após costurada, é aplicada à sola.

Assim, não se poderiam considerar “autônomos” os trabalhadores domiciliares. (ANTUNES, 2019, p. 344)

Desta forma, trabalho em domicílio e ser autônomo são conceitos diferentes. Esse *modus operandi* do trabalho terceirizado, precarizado, realizado em domicílio é acentuado após a crise econômica e a política de abertura das importações que ocorreram nos anos 90, no Governo Collor e posteriormente em 1994, no Governo Fernando Henrique Cardoso, período em que houve o fomento da eliminação de barreiras alfandegárias para importação de peças de vestuário.

A verdade é que a indústria têxtil não estava preparada para a concorrência, principalmente dos países asiáticos, com relação às novas tecnologias, tanto de maquinários quanto de insumos. Não possuía, portanto, competitividade diante dos preços das roupas importadas a valores bem abaixo do mercado interno e, muitas vezes, com qualidade superior.

Tal cenário ocasionou a redução da produção em muitas empresas e a falência de outras tantas, contribuindo para um aumento na taxa de desemprego e a mudança na forma de organizar a produção do setor daí em diante. Segundo Araújo e Amorim, no artigo *Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de Campinas* (2006, p. 277),

No período de 1993-1995, no Estado de São Paulo o número de falências no setor de vestuário, calçados e artefatos de tecidos aumentou 86,88% e a contribuição do segmento do vestuário para o aumento do desemprego entre os anos 1993-1996 correspondeu a 40,6%. Nesse contexto, somente na segunda metade da década (1994-1996), ocorreu um aumento do número de estabelecimentos confeccionistas, principalmente nos estados em que predominava um maior número de confecções (MG, RJ, SP, PR e SC). Entretanto, é importante ressaltar que este crescimento se verificou principalmente nas pequenas e microempresas<sup>5</sup>.

Da mesma forma, a pesquisa realizada em Campinas, presente no artigo de Ângela Maria Carneiro Araújo e Elaine Regina Aguiar Amorim (2001), demonstra uma tendência gradual de redução do emprego das empresas de porte médio e o fechamento da única grande empresa da região com mais de 500 funcionárias, a partir de 1995.

---

<sup>5</sup> O SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas define o porte das empresas/indústrias segundo o número de funcionários da seguinte forma: microempresa, até 19 funcionários; empresa de pequeno porte, de 20 a 99 funcionários; de médio porte, de 100 a 499 funcionários; de grande porte, acima de 500 funcionários.

Nas médias empresas, de 100 a 499 funcionárias, a redução do emprego aconteceu de forma abrupta, correspondendo a uma diminuição de quase 70% da força de trabalho.

A queda do emprego também é significativa nas empresas entre 50 e 99 empregadas, uma vez que em 1998 a força de trabalho contratada correspondia a cerca de 36% do total registrado em 1990. Nas pequenas empresas com até 49 trabalhadoras, a redução de funcionárias ocorreu em menor proporção, visto que sua participação no volume do emprego do setor cresceu de 40% em 1990 para quase 60% em 1998.

Este aumento, entretanto, sinaliza a fragmentação da produção e é um dado importante para percebermos que, nos anos 1990, as empresas da região realizaram mudanças no modelo de fabricação, fragmentando a produção para oficinas menores com vistas a enfrentar a concorrência dos produtos importados, optando, portanto, pela demissão dos quadros de funcionárias das empresas, e a terceirização de parte da produção para pequenas oficinas ou para o trabalho em domicílio. Muitas dessas novas oficinas foram montadas com os recursos das verbas rescisórias das trabalhadoras demitidas, ou seja, o modelo de terceirização é escolhido para reduzir os custos da produção e enfrentar a concorrência dos produtos importados.

Podemos perceber, com base nos dados, que para enfrentar a concorrência dos produtos importados, com preços mais competitivos e qualidade superior aos produtos nacionais, a estratégia adotada pelas indústrias não foi a de buscar meios tecnológicos que aumentassem a produção e a qualidade dos produtos, como, por exemplo, a compra de maquinários mais modernos para garantir mais agilidade e qualidade de trabalho na fabricação, e sim o formato de subcontratação da força de trabalho, em que as fábricas maiores terceirizam parte da produção para oficinas de costura menores e para o trabalho em domicílio das costureiras, colocando sobre os ombros da classe trabalhadora o ônus desse enfrentamento à concorrência internacional. Ressaltamos que não houve, por parte do Estado, diálogo com o setor de confecções e nenhum subsídio para este enfrentamento ao produto importado. As fronteiras foram abertas sem nenhuma proteção ou fomento à indústria nacional.

Tal modelo de produção terceirizada ganhou reforço quando, em 2016, no Brasil, houve um desmonte das políticas trabalhistas duramente conquistadas em governos anteriores. Ações políticas, econômicas e culturais conservadoras buscaram naturalizar as relações precárias de trabalho a favor do capital. Tentativas de

redefinição do conceito de trabalho escravo, além da regulamentação da terceirização em todo processo produtivo, bem como as reformas trabalhista e previdenciária formam o pacote de maldades e de desmonte dos avanços obtidos pelas trabalhadoras a muito custo. Devido ao processo de terceirização e quarteirização, dentro da cadeia da moda, 98% da produção nacional é realizada por micro e pequenas empresas, com foco em produtos baratos e de baixo valor agregado.

Observou-se que a flexibilização das leis trabalhistas e o aumento da formalização de Microempreendedor Individual (MEI) beneficiaram mais os empregadores que não estão dispostos a garantir condições dignas as trabalhadoras do que promoveram real empoderamento, garantia de direitos trabalhistas e ascensão social para as trabalhadoras. Ou seja, a cultura do “eupreendedorismo”, que é ser empreendedor de si mesmo, mostra a falácia que se tornou o MEI não só na indústria de confecção, mas também em outras áreas como nas escolas particulares que exigem das professoras a “pejotização”. Não é difícil encontrar anúncios de empregos cuja condição *sine qua non* é ser pessoa jurídica (PJ), o que aumentou significativamente o número de microempreendedores individuais para que a partir de um CNPJ seja possível participar desses processos seletivos em um ambiente feroz de busca pelo trabalho.

Soma-se a este discurso do trabalho em domicílio, de ser empreendedora de si mesmo, fundamentos das políticas de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), difundidas nas empresas como uma estratégia de equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. No entanto, desempenhar as atribuições do trabalho em casa tem se mostrado um fator que pode dificultar ainda mais a separação das fronteiras entre o trabalho e o tempo livre. Em outras palavras, o trabalho não só invade a vida familiar como também leva a um aumento na carga e na intensidade. Padilha (2010), em seu artigo *Qualidade de vida no trabalho num cenário de precarização: a panaceia delirante* questiona, com razão: “Qual seria a lógica de conciliar trabalho e vida pessoal levando o labor da empresa (esfera pública) para a casa (esfera privada)? O tema ‘conciliação trabalho-vida pessoal’ sugere uma ruptura entre trabalho e vida, como se vida e trabalho estivessem em dimensões diferentes da existência”.

É evidente que a terceirização da produção da costura, realizada em domicílio, lança as trabalhadoras do setor para a base da pirâmide, sem nenhuma proteção social, em uma total precarização do trabalho. Segundo Padilha (2010),

Podemos definir o trabalho precário como um conjunto de fatores – os quais podem estar ou não combinados – que caracterizam a atividade laboral de inúmeros trabalhadores. Os principais fatores são: a) desregulamentação e perdas dos direitos trabalhistas e sociais (flexibilização das leis e dos direitos trabalhistas); b) legalização de trabalhos temporários, em tempo parcial, e da informalização do trabalho; c) terceirização e quarteirização (“terceirização em cascata”); d) intensificação do trabalho; e) aumento da jornada de trabalho com acúmulo de funções (polivalência); f) maior exposição a fatores de risco para a saúde; g) rebaixamento dos níveis salariais; h) aumento da instabilidade no emprego; i) fragilização dos sindicatos e das ações coletivas de resistência; j) feminização da força de trabalho; k) rotatividade estratégica (para rebaixamento de salários). (*apud* ANTUNES, 2019, p. 377)

Verificamos, portanto, que, na indústria do vestuário, estão presentes praticamente todos os fatores citados por Padilha (2010) que caracterizam o trabalho precário, o que torna esta indústria uma das preferidas do capital patriarcal, com uma correlação de forças entre capital e trabalho assustadoramente desigual. Tal fator se dá também pela facilidade de terceirização de parte da produção neste setor, uma vez que basta uma máquina industrial ou até mesmo semi-industrial e o saber da costureira para que se concretize a externalização da produção, que ocorre sem nenhuma garantia trabalhista. Dessa forma, é nítido que o próprio processo produtivo da indústria da moda está se direcionando para a terceirização e quarteirização, acarretando maior dificuldade na fiscalização das peças produzidas e das empresas e oficinas envolvidas na confecção.

O relatório *Mulheres na confecção: estudo sobre gênero e condições de trabalho na indústria da moda*, produzido pelo Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos (UNOPS), o Ministério Público do Trabalho e a ONU Mulheres destaca:

O segundo grande problema é o pagamento por peça. Você não tem como acabar com o pagamento por peça, este é da essência do sistema do suor. Se o trabalhador ganha por peça, ele virou sócio do empresário. Porque se ele produz e dá certo, ele ganha. Se ele produz e não dá certo, ele não ganha. Então ele está assumindo o risco da empresa, sem ganhar os benefícios de ser empresário. E como é que você tira o pagamento por peça? Não tira, é impossível quase. Isso aí já se tenta há mais de 100 anos no mundo inteiro e não se consegue [tirar]. – Entrevistado(a) especialista do setor. (Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos *et al.*, 2022, p. 58)

Essas situações de precariedade das condições de trabalho são significativas dentro da cadeia de produção do vestuário, especialmente entre mulheres, uma vez que as costureiras são a terceira ocupação com maior número de trabalhadoras resgatadas de situações análogas à escravidão. Apartadas de qualquer lei trabalhista,

ocorre a intensificação e o aumento da jornada de trabalho já que o “salário” das trabalhadoras é medido pela quantidade de peças produzidas, ou seja, o ganho é por peça.

Outro fator é o aumento do risco de problemas de saúde. É comum vermos muitas costureiras trabalharem em ambientes insalubres, sem o equipamento ergonômico adequado e por muitas horas para dar conta dos pedidos do contratante, já que não fazem ideia de quando terão outro pedido. Afinal, é a empresa contratante que distribui o trabalho entre as bancas domiciliares e, por isso, dita o ritmo de produção em consonância com o mercado; o contratante não corre os riscos da sazonalidade do seu próprio negócio. Outros fatores presentes na precarização do trabalho, no setor de confecções, são a fragilização dos sindicatos de trabalhadoras e a feminilização da força de trabalho, conforme entrevista a seguir:

Se você tem que entregar x peças, se você tem que virar a noite, você vira. Você está na sua casa. Na fábrica, não. Você tem horários. Até porque se a empresa não cumpre horário, tem várias coisas que ela cumpre sanções. Em casa, não. A menos que o vizinho reclame do barulho da máquina. E a mulher fica ali e acaba ficando doente. A questão psicológica... Você sabe que hoje tem um estudo do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador em que os maiores números de problemas de depressão e tudo, é nesse setor. – Entrevistado(a) de sindicato do setor de confecção. (Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos *et al.*, 2022, p. 59)

No Distrito Federal, por exemplo, o sindicato que representa as trabalhadoras ficou tão reduzido que precisou se somar ao sindicato de Goiás e Tocantins. Atualmente, tem a sede mais próxima localizada em Goiânia, ou seja, uma trabalhadora do setor no DF, caso necessite de alguma orientação, terá que se deslocar até outro estado para buscar a representação sindical. Quanto à feminilização da força do trabalho, sabemos que o capitalismo patriarcal tem na divisão sexual do trabalho um dos seus pilares, assentado no machismo estrutural. A falsa impressão dessas trabalhadoras de uma pretensa autonomia e uma cultura empreendedora, que não é real, completam o pacote da fórmula perfeita para a narrativa que sustenta a prática do trabalho precarizado no setor.

Segundo artigo de Araújo e Amorim (2001), é possível afirmar que a força de trabalho no setor de confecções é majoritariamente feminina em todas as regiões do país e concentrada nas empresas de pequeno porte (até 99 funcionárias), enquanto a força de trabalho masculina concentra-se, desde 1990, em sua maioria, nas empresas com mais de 250 trabalhadores.

Essa constatação na distribuição de funcionárias por gênero indica que as indústrias tendem a substituir a força de trabalho feminina pela masculina nas empresas que passaram por medidas de modernização, seja tecnológica ou gerencial, em todas as regiões do país. Já a força de trabalho das mulheres é direcionada para as oficinas de costura menores e domiciliares. Fica também evidente a diferença salarial de gênero no setor de confecções e o quanto as indústrias do vestuário pesquisadas privilegiam os homens para os postos hierárquicos mais avançados, como os de gerência e direção, ocasionando, portanto, uma defasagem entre homens e mulheres nas faixas salariais.

Segundo as pesquisadoras Araújo e Amorim (2001, p. 288), na faixa salarial superior a dez salários-mínimos, 0,3% das mulheres e 4,6% dos homens estavam empregados no setor em 1998. Mas em relação ao total de trabalhadores recebendo nesta faixa, divide-se assim: “mulheres correspondiam a 10,5% em 1990 e a 18,9% em 1998, enquanto os homens correspondiam respectivamente a 89,5% e 81,1%”. Também é possível perceber que os homens estão distribuídos de forma mais proporcional em todas as faixas salariais, enquanto as mulheres continuam concentradas nas faixas salariais inferiores de 1,1 a 3 salários.

Ainda, conforme o relatório do Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos *et al* (2022), embora a cadeia produtiva do vestuário seja o segundo setor da indústria de transformação que mais emprega no país, a confecção de artigos do vestuário e acessórios é a divisão da Classificação Nacional de Atividade Econômica (CNAE) que pior remunera as trabalhadoras, com uma média salarial mensal de R\$1.757,21 enquanto a média salarial da indústria de transformação é de R\$3.126,03 (RAIS, 2020). Observa-se, ainda, uma desigualdade entre os salários das trabalhadoras de diferentes raças: as que se autodeclaram brancas possuem uma média salarial de R\$1.902,04 (a maior média entre todas as raças), seguidos pelas amarelas (R\$1.744,07), indígenas (R\$1.632,37), pardas (R\$1.564,18) e negras (R\$1.579,94). Sendo assim, as trabalhadoras pretas e pardas são remuneradas com salários, em média, 18,5% menores que as trabalhadoras brancas. As mulheres são mais mal remuneradas em relação aos homens, 12% menos, recebendo em média 1,56 salários-mínimos enquanto os homens recebem 1,7. (RAIS, 2020 *apud* Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos *et al.*, 2022, p. 22).

Esses valores demonstram a permanência da desigualdade de gênero e raça no setor de confecção, fato que fortalece a exclusão social e econômica das mulheres,

principalmente as negras. Dados publicados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021 destacam o aumento da violência contra meninas e mulheres, sendo que mais de 74% têm idades entre 18 e 44 anos, 89% mortas por companheiros ou ex-companheiros, sendo mais de 60% negras. O que nos leva a crer que a falta de emprego digno e a dependência econômica favorecem a violência contra as mulheres e o feminicídio, principalmente para as mais vulneráveis, que perpassam os fatores de gênero, classe e raça. De acordo com a cartilha sobre direitos das mulheres migrantes e refugiadas costureiras, elaborada em parceria com o Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (CAMI), com o Centro de Estudos Jurídicos Júnior da FGV (CEJUR-FGV) e com o Núcleo de Prática da FGV,

Os desafios do trabalho e as questões de desigualdade precisam ser trabalhados juntos. A importância de olhar para esses desafios de forma interseccional: raça, território e gênero se relacionam com o acesso ao trabalho digno. Teve um levantamento mais recente no Estado de São Paulo que apontava que a média salarial das pessoas negras em cargos de liderança na moda é 26% menor do que a de pessoas brancas. – Representante de organização social sem fins lucrativos, em evento da FGV<sup>6</sup>. (CRUZ. *et al.* 2022, p. 48)

Ou seja, segundo o relatório, entre as refugiadas e migrantes, que representam uma parcela importante das trabalhadoras do setor do vestuário, são apontadas vulnerabilidades que dificultam o acesso a condições dignas de trabalho, tais como a irregularidade na situação migratória e, conseqüentemente, o medo de deportação e punições; a falta de moradia, o não reconhecimento do diploma e até barreiras para acessar serviços simples como os bancários e os de crédito.

Segundo Kergoat *apud* Hirata (2014, p. 65), é preciso “compreender de maneira não mecânica as práticas sociais de homens e mulheres diante da divisão social do trabalho em sua tripla dimensão: de classe, de gênero e de origem (Norte/Sul)”, ou seja, para compreender plenamente a experiência de uma pessoa ou um grupo social, é necessário considerar como essas diferentes dimensões de identidade e opressão se entrelaçam. Por exemplo, a experiência de uma mulher negra da classe trabalhadora não pode ser compreendida apenas olhando para o gênero, a raça ou a classe de forma separada, mas, sim, entendendo como esses fatores se combinam e afetam sua vida de maneira única. Consustancialidade é, segundo Kergoat, um conceito que se refere à ideia de que diferentes formas de

---

<sup>6</sup> Webinar “O papel das costureiras migrantes na indústria da moda”, transmitido em 23 de junho de 2022 pelo YouTube da FGV.

opressão e desigualdade, como classe, sexo e raça, estão interligadas e se constituem mutuamente, em vez de categorias independentes ou hierárquicas, não podendo ser entendidas isoladamente porque se influenciam e se moldam respectivamente, de maneira complexa e interdependente. É importante que, para além das dimensões de sexo e classe, consideremos o componente colonial/racial na expropriação do trabalho.

Uma vez que não são quaisquer pessoas que têm suprido as demandas de reprodução social no globo, mas mulheres pertencentes à classe trabalhadora “racialmente” determinadas advindas de regiões marginalizadas, fronteiriças e historicamente colonizadas. (ALVES, 2021, p. 188)

Tais desigualdades estão presentes nos empregos formais e ainda mais na informalidade, uma vez que há a ausência do cumprimento de qualquer lei trabalhista, sujeitando essas profissionais a condições precárias de trabalho.

Também não surpreende constatar que, para além da desigualdade de gênero, raça e classe no trabalho, podemos acrescentar outra desigualdade no que tange à propriedade, que revela a assimetria que existe entre homens e mulheres, visto que, segundo as pesquisadoras Araújo e Amorim, em Campinas, a maioria das empresas que atendem diretamente o mercado consumidor tem como proprietários homens, enquanto as oficinas de costura, subcontratadas, são majoritariamente de mulheres que ascenderam à proprietárias de pequenas oficinas como consequência do trabalho iniciado em domicílio e continuam sujeitas aos riscos da precarização dessa relação instável e informal atribuída a elas pelas empresas contratantes.

Ainda mais deplorável é constatar que, em Divinópolis, município no centro-oeste de Minas Gerais onde funciona um polo de confecções, a subsunção a que as mulheres estão sujeitas se dá em cadeia. A subcontratação de pequenas oficinas de costura, que subordinam as proprietárias à precariedade do trabalho, é uma realidade no município. Lamentável identificar que essas facções, por sua vez, subcontratam outras costureiras e replicam a submissão à que elas mesmas estão expostas, desqualificando o saber dessas novas costureiras contratadas pelas faccionistas. Pereira e Aranha (2006) afirmam que é “possível perceber que a faccionista reforça o seu saber e ao mesmo tempo a submissão, a dependência da costureira, desqualificando o seu maquinário e seu saber” (*apud* ANTUNES, 2019, p. 350).

Segundo Freire, ao se descobrirem oprimidas, em um primeiro momento, em vez de buscarem a libertação, passam a ser opressoras ou sub-opressoras como

exemplificado na pesquisa com costureiras “proprietárias” das bancas em Divinópolis, uma vez que estão condicionadas a pensar imersas na realidade concreta de contradição onde se formam. Entendem que o ideal de liberdade, na contradição que sempre estiveram, é ser também uma opressora. Importante apontar que não ignoram que são oprimidas, sabem que o são, mas apenas se reconhecem contrárias às outras replicando o modelo opressor que conhecem. Não lutam pela superação dessa realidade, identificam-se com a própria opressora. De acordo com Freire (2022),

Raros são os camponeses que, ao serem “promovidos” a capatazes, não se tornam mais duros opressores de seus antigos companheiros do que o patrão mesmo. Poder-se-ia dizer – e com razão – que isto se deve ao fato de que a situação concreta, vigente, de opressão, não foi transformada. E que, nesta hipótese, o capataz, para assegurar seu posto, tem de encarnar, com mais dureza ainda, a dureza do patrão. Tal afirmação não nega a nossa – a de que, nestas circunstâncias, os oprimidos têm no opressor o seu testemunho de “homem”. (FREIRE, 2022, p. 45)

Isso ocorre porque sua percepção de “homem novo” é individualista, sua aderência a opressora não permite o distanciamento necessário que desperte a consciência de si como sujeita, nem a consciência de classe. Ainda, conforme Paulo Freire (2022),

O “homem novo”, em tal caso, para os oprimidos, não é o homem a nascer da superação da contradição, com a transformação da velha situação concreta opressora, que cede lugar a uma nova, de libertação. Para eles, o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores de outros. (FREIRE, 2022, p. 44)

No entanto, é na educação libertadora o lócus revolucionário dessa transformação, uma vez que, como nos ensina Freire (2022), “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.

Daí a importância de pensar, como educadoras progressistas, que talvez devêssemos começar refletindo sobre de que maneira podemos despertar a consciência crítica, o sentimento de classe dessas trabalhadoras e desenvolver cursos técnicos que partam de uma perspectiva de formação integral, politécnica e omnilateral, com vistas à construção de uma sociedade mais solidária, com justiça social, na qual todas possam se fazer cidadãs por inteiro, de tal maneira que as futuras trabalhadoras se sintam não no mundo, mas com o mundo e com os outros. Não mais como espectadoras, objetos, mas sim como cocriadoras que desempenham o papel de protagonistas da sua história, modificando não apenas a sua realidade como também a do seu entorno, tornando-se agentes de transformação social.

Sendo assim, apresentamos a seguinte questão: como formar integralmente as trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal em cursos técnicos que estimulem a emancipação feminina, pilar importante para combater a violência doméstica e o feminicídio crescente no Distrito Federal?

Posto isto, o objetivo geral desta pesquisa é identificar como as alunas e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB/Campus Taguatinga pretendem atuar no mundo do trabalho, na cadeia produtiva do vestuário, seja como celetistas ou por meio de outras formas de geração de renda, para propor um produto educacional que venha contribuir para a formação integral dessas alunas a fim de colaborar para inserção no mundo do trabalho de forma crítica, aptas a transformarem a sua realidade e a do seu entorno.

Para tanto, os objetivos específicos (OE) visam:

- i) Identificar** como se dá a inserção, na cadeia produtiva do vestuário, no Distrito Federal, das alunas egressas do Curso Técnico em Vestuário do Instituto Federal de Brasília – IFB, Campus Taguatinga;
- ii) Conhecer** as expectativas das alunas do Curso Técnico em Vestuário do Instituto Federal de Brasília – IFB, Campus Taguatinga, com relação a inserção no mundo do trabalho na cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal;
- iii) Discutir** quais são os desafios a serem enfrentados para a inserção no mundo do trabalho das mulheres diante de uma sociedade capitalista e patriarcal;
- iv) Relacionar** as dificuldades de ordem pessoal, cultural, social das estudantes e a proposta da EPT, omnilateral, integrada e politécnica, do Instituto Federal de Brasília – IFB, para construção de um produto educacional que venha a corroborar para a inserção no mundo do trabalho de forma crítica, para que estejam/sejam aptas a transformar a sua realidade e a do seu entorno.

Esta pesquisa é relevante academicamente e socialmente porque poderá orientar professoras da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) que atuam no Curso Técnico de Nível Médio em Vestuário para incluírem em seus programas de cursos ferramentas que auxiliem na formação integral das educandas, cumprindo, assim, com os preceitos de uma educação freireana, libertadora, para a integração das alunas no mundo do trabalho como seres sociais capazes de edificar e ler o mundo para transformá-lo, contribuindo para com a conquista da justiça social.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

O capítulo que trata do referencial teórico organiza-se em quatro seções. A primeira, intitulada **O contexto do vestuário: exploração transvestida de “cuidado” e “eupreendedorismo”**, busca, nas obras de Gramsci, Saviani, Freire, dentre outros e outras autoras, os saberes para o entendimento, sob a perspectiva educacional, acerca da contradição posta entre capital e trabalho.

Na segunda seção, **A violência doméstica e o feminicídio no Distrito Federal**, buscamos relacionar o quanto a falta de renda e emprego digno são fatores que colocam as mulheres em situações de vulnerabilidade, sujeitas à violência doméstica e o feminicídio.

Na terceira seção, **Como a EPT pode auxiliar no combate ao trabalho precarizado**, são apresentados os métodos freirianos dos círculos de cultura, a Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani e a escola unitária de Gramsci para apontar possibilidades de formação das profissionais para a cadeia produtiva do vestuário numa perspectiva crítica e emancipatória que possa fortalecer as trabalhadoras dessa área.

Na última seção deste referencial, **Mercado de trabalho: a economia solidária como uma janela de oportunidade**, com o apoio das ideias de Renato Dagnino, são apresentados novos arranjos produtivos.

### 2.1 O contexto do vestuário: exploração transvestida de “cuidado” e “eupreendedorismo”

A exploração das mulheres no trabalho doméstico e reprodutivo subtrai delas as oportunidades de buscarem empregos melhores, sendo, quase uma regra, o perfil de baixa escolaridade dessas trabalhadoras, o que as impede de alcançar maiores chances no mundo do trabalho. Pedrosa confirma que “nenhuma dentre as costureiras entrevistadas na sua pesquisa<sup>7</sup> havia concluído o ensino fundamental” (PEDROSA *apud* ANTUNES, 2019, p. 350).

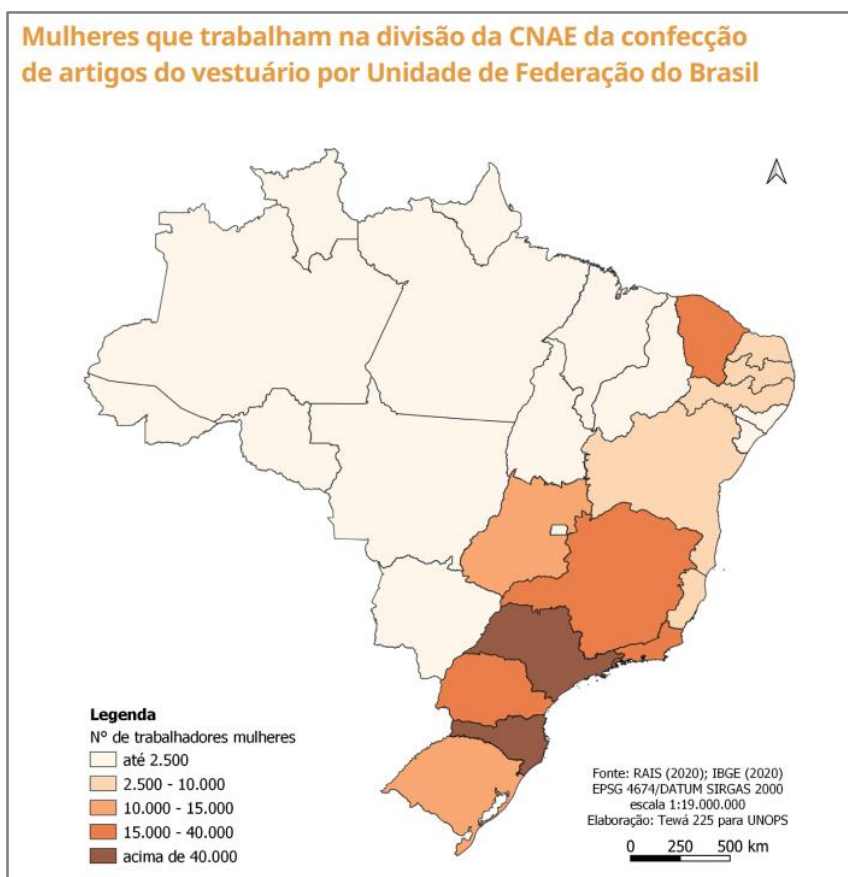
O contexto da exploração e opressão vivenciado pelas trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário contrasta com os dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT), que demonstram a pujança do setor uma vez que, segundo a

---

<sup>7</sup> Pesquisa realizada com costureiras terceirizadas no município de Divinópolis na indústria de confecção.

ABIT, o Brasil representa a quinta e a quarta maior produção mundial da indústria têxtil e de confecção, respectivamente, e que, de acordo com a Associação Brasileira do Vestuário (ABRAVEST), 87% das profissionais que atuam com costura no Brasil são do sexo feminino. Elas são a maioria nas indústrias e no mercado informal de serviços atrelados ao setor.

**Figura 1:** mapa da Classificação Nacional de Atividade Econômica por região



Fonte: RAIS, 2020. Elaborado por. Tewá 225, 2022

No Distrito Federal, segundo pesquisa realizada pela Federação das Indústrias Brasileiras (FIBRA), são 7.586 estabelecimentos industriais fabricantes de vestuário (dados de fevereiro de 2021) dos quais 89% são microempreendedoras individuais, 92% possuem uma funcionária, 88% faturam até R\$500 mil ao ano<sup>7</sup>. No entanto, em visitas a esses estabelecimentos, cujas Regiões Administrativas (RA) de Taguatinga, Ceilândia e Plano Piloto concentram 53% do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), podemos constatar, por meio de relatos dessas micro e pequenas empresárias, que há um verdadeiro “apagão de mão de obra” de trabalhadoras qualificadas para o setor, principalmente das profissões de costureira, modelista,

serígrafa e cortadora. A carência dessas profissionais, mais fortemente da costureira, impacta diretamente nos negócios do segmento, inviabilizando o seu crescimento.

Importante destacar que, nos anos de 1999 e 2003, foram instaurados, no Distrito Federal, o Programa de Apoio ao Empreendimento Produtivo do DF, conhecido como Pró-DF I e Pró-DF II respectivamente. Esses programas se propuseram a outorgar para empresas, inclusive para as confecções, incentivos fiscais e, em alguns casos, concessões de terrenos para instalações de fábricas e subsídios para compra de equipamentos. Em contrapartida, as empresárias se comprometiam a gerar empregos para o setor. No entanto, o não cumprimento da geração de empregos formais pelas empresas que aderiram ao programa é justificada pelas beneficiárias, pelo que denominam de “apagão da mão de obra” (força de trabalho) qualificada.

Contudo, se, por um lado, temos a ausência de trabalhadoras qualificadas para atender às demandas das micro e pequenas empresas do segmento do vestuário no DF, por outro lado, segundo dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) de 2015 revela que 32,5% das mulheres chefes de família monoparentais não possuem nenhuma ocupação econômica, fato este diretamente relacionado à pouca formação – entre homens chefes de família monoparentais, este percentual cai para 19%.

Esses lares brasileiros chefiados por mulheres quase dobraram na última década, saltando de 23% para 40% entre 1995 e 2015. São mais de 71 milhões de famílias, com 42% de mulheres responsáveis pela casa, a maior parte delas solteiras, de acordo com dados da pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)<sup>8</sup>. Essas famílias têm quase o dobro de insegurança alimentar, se comparadas com as famílias chefiadas por homens; 19% contra 11%.

A difícil realidade da falta de oportunidade no mundo do trabalho a que as mulheres (principalmente as com baixa escolaridade) estão entregues as coloca em um estado de vulnerabilidade, sujeitando-as, muitas vezes, a situações de violência doméstica como violência moral, psicológica e/ou patrimonial, podendo escalar para violência física e feminicídio.

---

<sup>8</sup> Disponível em [https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores\\_chefia\\_familia.html](https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html) Acesso em 02/06/2022.

Nesse cenário de vulnerabilidade, faz-se necessário apontar soluções para formação dessas mulheres, de forma a proporcionar a inserção no mundo do trabalho com consciência crítica. A cadeia produtiva do vestuário é uma oportunidade de trabalho e renda para as mulheres no cenário do DF, com verdadeira autonomia.

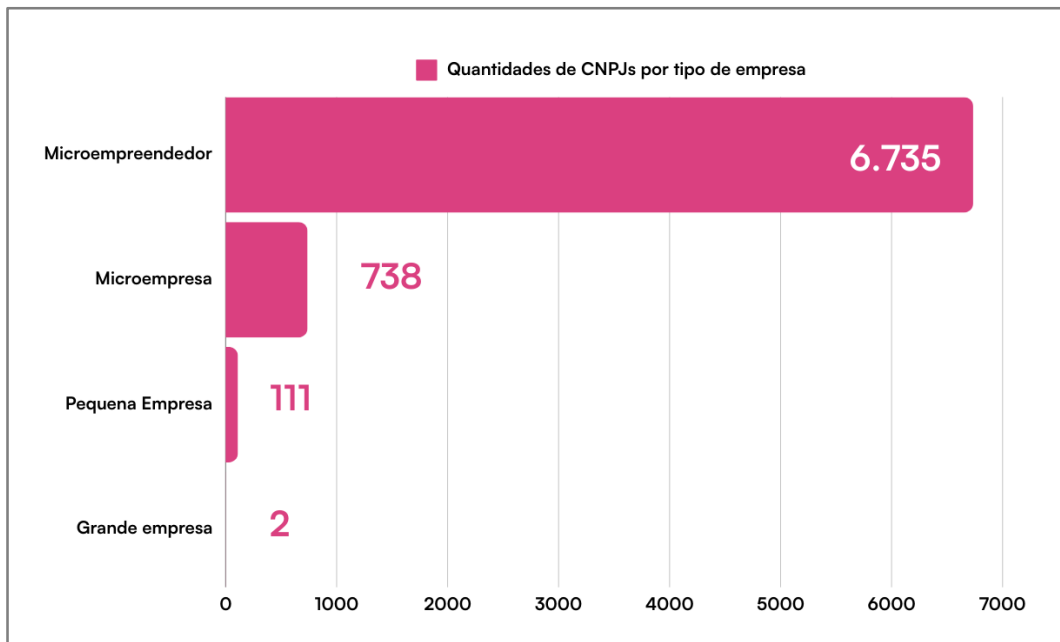
Pelos relatos aqui demonstrados, é fundamental fugir da educação “bancária” citada por Freire, tecnicista e mecânica, e buscarmos “uma educação para a decisão, para responsabilidade social e política” (FREIRE, 2022, p. 19).

Há, portanto, que se modificar essa realidade posta pelo setor produtivo do vestuário, que justifica a não contratação da força de trabalho devido ao “apagão da mão de obra qualificada”. É importante nos debruçarmos juntas, academia, setor produtivo e governo, para apontar caminhos e buscar soluções.

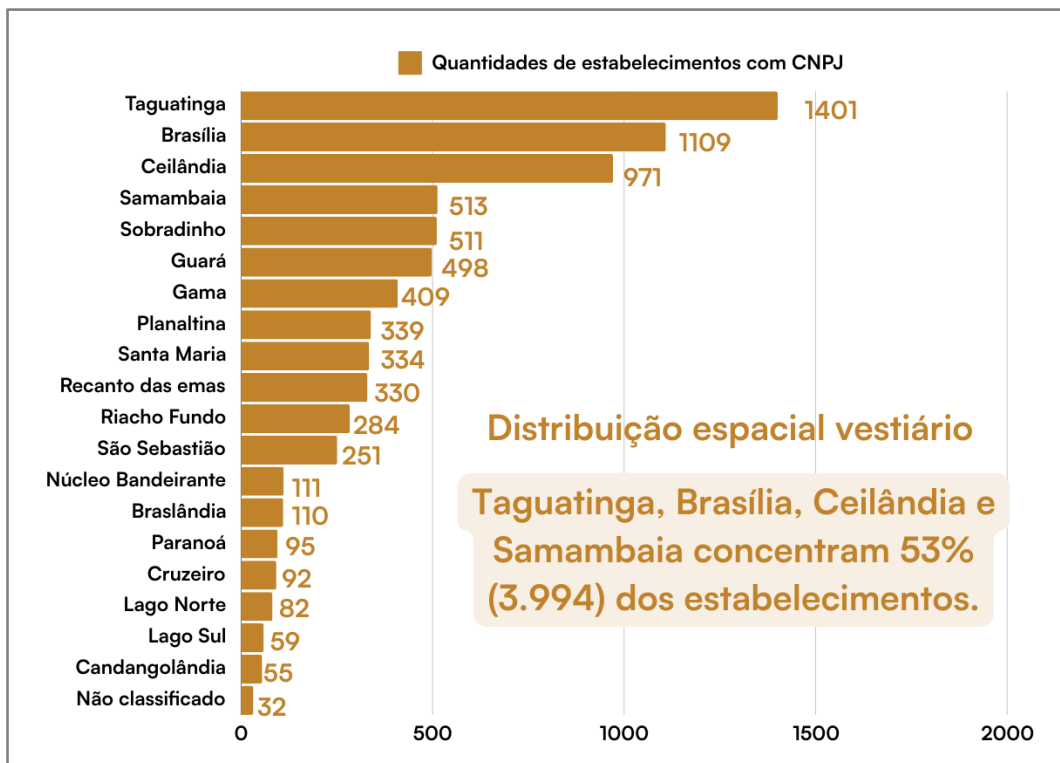
Ressalta-se que, no Distrito Federal, é possível cursar de forma gratuita o Curso Técnico de Nível Médio em Vestuário, do Instituto Federal de Brasília – IFB, campus Taguatinga; os cursos de qualificação profissional em Costureira no Sistema S (SENAI e SENAC), além dos cursos de Corte e Costura e Serigrafia ofertados pela Fábrica Social, equipamento público comandado pela Subsecretaria de Integração de Ações Sociais, subordinada à Secretaria do Trabalho do DF. Tais Instituições formam anualmente uma centena de profissionais da área – apenas para citar o último edital de processo seletivo da Fábrica Social, lançado em novembro de 2022, foram destinadas 413 vagas para alunas no curso de Corte e Costura.

Cabe aqui outra reflexão: por que essas futuras trabalhadoras não ingressam formalmente nas fábricas? O que falta nessas formações para que possamos contribuir efetivamente para a inserção dessas futuras profissionais no mundo do trabalho? Será que, como vimos em outros Estados, essas trabalhadoras também estão optando pelo trabalho em domicílio, como faccionistas, sem nenhuma proteção social? Por que a região Centro-Oeste só fica à frente da Região Nordeste quando se trata de piso, média e teto salarial para a profissão de costureira industrial, ficando atrás das demais regiões Norte, Sudeste e Sul?

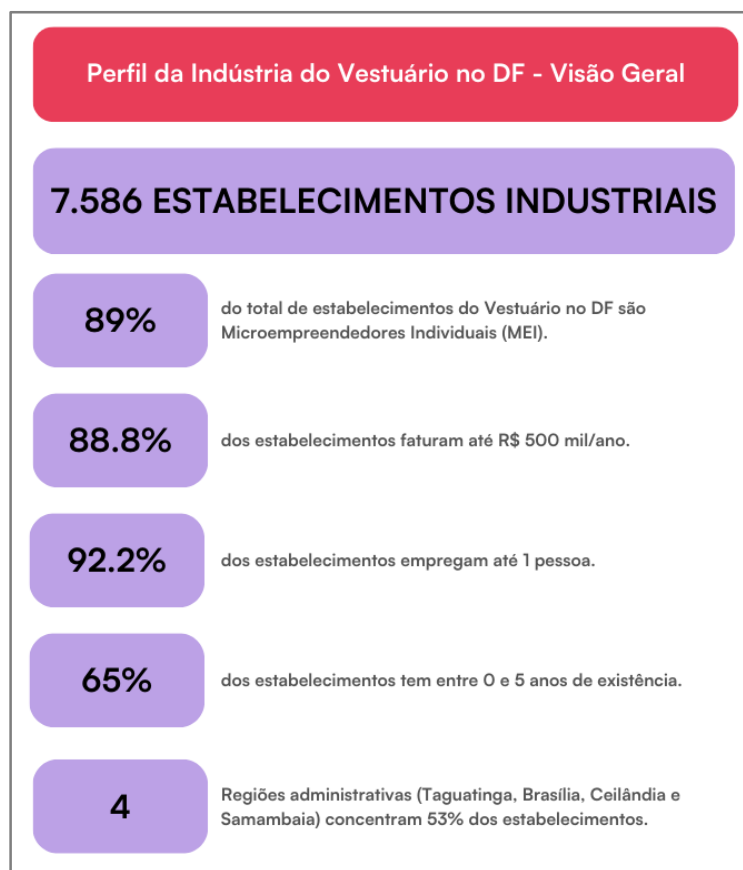
Conforme relatado anteriormente, a FIBRA – Federação das Indústrias Brasileiras, em pesquisa realizada em fevereiro de 2021, informa que o DF contava com 7.586 CNPJs de empresas que confeccionam vestuário e acessórios, sendo mais de 80% de microempendedoras individuais localizadas, em sua maioria, nas Regiões Administrativas de Taguatinga, Ceilândia, Samambaia e Plano Piloto, conforme gráficos abaixo:

**Gráfico 2:** quantidades de CNPJs por tipo de empresa no DF

Fonte: Fibra – Painel da Indústria / Cadastro Industrial (4º trimestre de 2020)

**Gráfico 3:** distribuição das empresas por Região Administrativa (RA)

Fonte: Fibra – Painel da Indústria / Cadastro Industrial (4º trimestre de 2020)

**Gráfico 4:** perfil da indústria do vestuário no DF

Fonte: Fibra – Painel da Indústria / Cadastro Industrial (4º trimestre de 2020)  
Adaptado pela autora

Considerando os dados levantados, reconhece-se que a situação das mulheres que atuam na área da produção de vestuário no DF não é diferente das outras regiões do país. Aqui encontramos as mesmas mazelas: mulheres sem formação acadêmica; mulheres sem emprego celetista; mulheres que exercem jornada simultânea de trabalho; mulheres que realizam o trabalho produtivo e o reprodutivo concomitantemente; mulheres que vivem situação de exploração laboral; mulheres que vivem a submissão ao trabalho laboral porque não têm outra forma de ganhar a vida e sustentar a família; mulheres que se subordinam à situação de violência laboral e afetiva, para se manterem vivas.

Como educadoras de Instituições de Ensino comprometidas com a Educação Profissional e Tecnológica, é preciso apontar caminhos para a formação humana integral das trabalhadoras do Distrito Federal, visando à inserção no mundo do trabalho, na cadeia produtiva do vestuário, seja como celetista ou em outros arranjos produtivos locais para geração de renda digna, proporcionando mecanismos para a

emancipação feminina, pilar importante para combater a violência doméstica e o feminicídio crescente no Distrito Federal.

## **2.2 A violência doméstica e o feminicídio no Distrito Federal**

A Organização das Nações Unidas, a ONU Mulheres (2024), revela que em 2022, mais de 48 mil mulheres e meninas foram mortas por parceiros ou familiares em todo o mundo. O Brasil, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2019, tem a quinta maior taxa de feminicídio do mundo. A taxa é de 4,8 casos para cada 100 mil mulheres. No Distrito Federal, infelizmente, o cenário não é diferente. Segundo os dados da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP/DF), no painel de Monitoramento de Feminicídios no DF<sup>9</sup>, em 2023, 33 mulheres foram vítimas de feminicídio, quase o dobro de vítimas se compararmos com 2022. Em 2024, até o final do mês de setembro, 16 mulheres foram mortas por companheiros ou ex-companheiros, mais da metade dos crimes ocorreu no interior das residências dessas mulheres, cujas vítimas, 93,8%, eram mães, o que aumenta a extensão dessa tragédia causando uma legião de crianças órfãs que, com suas mães mortas e seus pais, muitas vezes os assassinos, presos, se veem em um total desalento, dependendo da compaixão de familiares. De acordo com a Secretaria da Mulher do Distrito Federal (SMDF), o governo do DF disponibiliza atualmente um auxílio mensal equivalente a um salário mínimo para cada criança ou adolescente que tenha perdido a mãe em decorrência de feminicídio. Esse benefício é destinado a menores de 18 anos, podendo ser estendido até os 21 anos em casos de vulnerabilidade social. A SMDF é a responsável por identificar e selecionar as famílias que receberão esse apoio.

Em 2024, o maior índice de feminicídio no Distrito Federal aconteceu na Região Administrativa (RA) Estrutural, cuja renda bruta média é a menor do DF, segundo dados da Pesquisa Distrital de Amostra de Domicílio (PDAD) em 2021. A pesquisa também aponta que é nessa RA onde encontramos a maior população de negras e pardas do DF (75,4%), assim como o menor índice de moradoras (4,6%) com 25 anos ou mais que conseguiram concluir o ensino superior, além de estar na quarta posição de uma lista de 33 Regiões Administrativas do DF no que diz respeito ao tempo feminino dedicado aos trabalhos domésticos, atrás apenas das RAs Brazlândia,

---

<sup>9</sup> <https://femicidio.ssp.df.gov.br/extensions/femicidio/femicidio.html#1>

Samambaia e São Sebastião. Os dados da PDAD (2021) evidenciam a desigualdade de gênero, raça e classe social, reforçando a exclusão social e econômica à que essas mulheres estão expostas, especialmente as mulheres negras. Apontam ainda a falta de formação educacional, os baixos salários e o tempo dedicado pelas mulheres aos afazeres domésticos como fatores que as levam a uma dependência econômica que as coloca em situações de vulnerabilidade, expostas à violência doméstica que, em muitos casos, as transformam em vítimas de feminicídio.

### **2.3 A EPT e a geração de renda no combate ao trabalho precarizado**

Na primeira seção deste referencial teórico foi apresentado o contexto de atuação das trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário, evidenciado a precarização em que muitas se encontram. Diante desse desafio de combater o trabalho precarizado, nesta terceira seção, fez-se necessário buscar os pressupostos teóricos relacionados à função social do ensino que orientaram a pesquisa e, conseqüentemente, a proposta do produto educacional. Nesse sentido, esta seção dialoga com autoras e autores cujas ideias apontam para uma perspectiva emancipatória de formação de trabalhadoras.

Por meio da educação integrada, da politécnica e da educação omnilateral, conceitos imbricados, buscamos, como educadoras progressistas, concretizar o ideal de uma educação socialista e revolucionária que finalmente venha a superar a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, em que o primeiro está destinado à classe das trabalhadoras e a seus filhos e o segundo às elites. É preciso lutar por uma educação libertadora que eleve as trabalhadoras e seus filhos a um nível de conhecimento e capacidade de atuação que é determinado historicamente somente aos que detém os meios de produção (as elites e a burguesia).

Sabemos que, segundo Saviani, no capítulo 9 da obra *O lunar de Sepé* (2014), a escola, originalmente, era algo restrito. A própria origem etimológica da palavra *escola* está ligada ao ócio, onde o conhecimento não necessariamente precisava ser sistematizado, uma vez que, primeiramente, o trabalho era realizado pelos escravos e posteriormente pelos servos, que, fundamentalmente, executavam as tarefas ligadas ao cultivo da terra, um trabalho realizado usando técnicas simples e que, assim sendo, não se fazia necessário o desenvolvimento sistematizado de conhecimentos. Nas Idades Antiga e Média, o trabalho intelectual era destinado ao clero, por isso o

nome de Escolas Monacais, localizadas próximas aos mosteiros que abordavam estudos do Latim e dos temas religiosos. No entanto, a partir do surgimento do capitalismo, faz-se necessária a incorporação de técnicas de produção que deem conta da produção industrial, passando a ser esse conhecimento uma força produtiva. Dessa forma, a ciência, antes potência espiritual, passa a ser uma potência material.

É nesse contexto de transformação da sociedade, de fundamentalmente agrária para urbana, do trabalho rural para o industrial, que o conhecimento das novas técnicas passa a ser uma força produtiva e também um meio de produção. Começa então uma das contradições do capitalismo: “se a sociedade é baseada na propriedade privada dos meios de produção e se a ciência, como conhecimento, é um meio de produção, deveria ser propriedade privada da classe dominante” (SAVIANI, 2014, p. 114). Essa fragmentação destitui o sentimento de pertencimento que a trabalhadora possa ter em relação à sua produção.

Como então garantir às trabalhadoras o conhecimento necessário para que com a sua força de trabalho possa acrescentar valor ao capital? A solução encontrada pelo capital é expropriar o conhecimento das trabalhadoras, sistematizá-lo, elaborar esses conhecimentos e devolvê-los de forma fragmentada. O taylorismo é a expressão típica desse *modus operandi*. Taylor, após observar e medir o tempo e o movimento de como as trabalhadoras produziam, distribui esse trabalho de forma parcelada, de tal maneira que a trabalhadora domine algum tipo de conhecimento, mas não a sua totalidade, e sim apenas o conhecimento suficiente, relativo à parcela de trabalho que lhe cabe realizar. Esse mesmo conceito é aplicado à escola e, segundo Adam Smith, “instrução para os trabalhadores sim, porém em doses homeopáticas” (SMITH *apud* SAVIANI, 2014, p. 116).

É, portanto, nessa conjuntura capitalista burguesa que se concebe o ensino profissionalizante, que deve ser, segundo o capital, fragmentado, cabendo a trabalhadora executar, com o máximo de eficiência, determinadas tarefas para atender ao mercado. Essa mesma concepção irá também determinar a divisão entre aqueles que concebem e controlam o processo de trabalho e aqueles que o executam.

O conceito de politecnia justamente contradiz esse pensamento dicotômico de trabalho manual/trabalho intelectual. Entende-se que não há dissolução entre os saberes manuais e intelectuais, portanto não existe trabalho manual puro, nem trabalho intelectual puro; eles acontecem concomitantemente, com o exercício dos membros e com o exercício mental. Ora, se o homem se constitui a partir do momento

em que age sobre a natureza para transformá-la e ajustá-la às suas necessidades, o homem molda a matéria conforme um objetivo materializado previamente em seu pensamento, e não há o que contestar que o processo do trabalho é uma unidade indissolúvel entre o pensar e o fazer.

O sentido etimológico de “educação politécnica” significa “muitas técnicas”, o que leva alguns autores a optarem por educação tecnológica em substituição à educação politécnica, mas, como diz Ciavatta (2016), as palavras têm história e é com a concepção de “educação politécnica” que foi travada a luta por uma educação de qualidade para as trabalhadoras, uma “educação do futuro”, quando houve a elaboração do primeiro projeto de Lei de Diretrizes Básicas (LDB) em 1980, após a Ditadura. Por isso, é necessário estarmos atentas ao risco de, equivocadamente, entenderem o conceito de politecnicia como a totalidade das diferentes técnicas fragmentadas e considerá-las separadamente. Politecnicia, ao contrário, diz respeito a dominar fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo do trabalho produtivo moderno como um todo, em que, uma vez dominado, a trabalhadora terá a possibilidade de dirigir e/ou controlar quem dirige, não exercendo mais um papel “adestrado” e “mecânico”, cujo fruto é o trabalho alienado que tem como único objetivo garantir o acúmulo do capital e a permanência das relações perversas e desiguais mantidas historicamente por quem detêm os meios de produção interessados em manter o *status quo*. Compartilhamos do pensamento de Saviani (2014) expresso na obra *O lunar de Sepé* onde o autor defende que a educação politécnica proporciona a trabalhadora

condições de desenvolver as diferentes modalidades de trabalho, com a compreensão do seu caráter, da sua essência. Não se trata de um trabalhador adestrado para executar com perfeição determinada tarefa e que se encaixe no mercado de trabalho para desenvolver aquele tipo de habilidade. Diferentemente, trata-se de propiciar-lhe um desenvolvimento multilateral, um desenvolvimento que abarca todos os ângulos da prática produtiva na medida que ele domina aqueles princípios que estão na base da organização da produção moderna. (SAVIANI, 2014, p. 118)

A educação politécnica, portanto, assegura um ensino geral, independentemente da ocupação que cada indivíduo terá na sociedade, destacando que é sobre a base da relação entre trabalho e educação que se desenvolve uma escola média de formação geral, uma escola “desinteressada”, como preconizava Gramsci, criativa e humanista, com a formação do ser humano em sua integralidade

(omnilateralidade) por meio da qual as alunas sejam capazes “de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige” (GRAMSCI, 2001, p. 49).

Marx nos dá pistas das bases para a compreensão da educação politécnica quando cita no texto do *Manifesto* a “unificação da instrução com a produção material”, assim como no texto das *Instruções aos delegados ao Primeiro Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores*, no qual escreve “instrução politécnica que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção”, e em *O Capital* quando enuncia “instrução tecnológica, teórica e prática” (*apud* SAVIANI, 2014, p. 120-121). Podemos concluir, assim, que, para Marx, “ensino tecnológico” e “ensino politécnico” são sinônimos, o que na verdade não é o mais importante, e, sim, a ideia de que, na essência, ambos se referem ao mesmo conteúdo, conforme Ciavatta (2016) ratifica no artigo *Da Educação Politécnica à Educação Integrada: como se escreve a história da Educação Profissional*:

Do sistema fabril, como expõe pormenorizadamente Robert Owen, brotou o germe da educação do futuro que conjugará o trabalho produtivo de todos os meninos além de uma certa idade com o ensino e a ginástica, constituindo-se em método de elevar a produção social e de único meio de produzir seres humanos plenamente desenvolvidos. (MARX, 1980 *apud* CIAVATTA, 2016, p. 8)

Sendo assim, entendemos que o ideário da educação emancipadora preconizada na escola unitária de Gramsci, pensada na Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani e exaltada em profundidade na obra de Freire, com expressão máxima na *Pedagogia do Oprimido*, necessita de condições materiais para fazer o que Ciavatta denomina de “travessia” da educação atual (capitalista) para a educação libertadora (socialista). Nesse sentido, o ensino integrado pode ser essa “ponte” para a formação omnilateral, essencial para a construção da “educação para o futuro” das trabalhadoras e de seus filhos uma vez que

a formação integrada exige que se trate o trabalho como princípio educativo. Para tanto, precisamos da análise marxiana do trabalho como valor de uso e como valor de troca. Como valor de uso, o trabalho é atividade fundante da produção da existência, ontocriativa (LUKÁCS, 1978 *apud* CIAVATTA, 2016, p. 17). Como valor de troca, o trabalho se apresenta nas suas formas históricas, de trabalho assalariado, alienado, no sentido de que o trabalhador é expropriado do tempo de trabalho apropriado pelo dono do capital e não se reconhece no produto do trabalho, no conhecimento e na sociabilidade gerados pelo trabalho coletivo. (MARX, 1980 *apud* CIAVATTA, 2016, p. 17)

O ensino integrado, por conseguinte, deve ser muito mais que apenas uma proposta de articulação entre o ensino médio e a educação profissional. Ele tem como objetivo resgatar a concepção de educação politécnica, de formação omnilateral e de escola unitária, tendo o trabalho como princípio educativo e combatendo o currículo centrado no desenvolvimento de competências com vistas somente à empregabilidade.

Abraçamos o pensamento de Gramsci, de Saviani e de Freire, de que é por meio da educação, mas não somente através dela, que será possível superar a sociedade capitalista e suas conseqüentes mazelas, assumindo as lutas de classes como elemento articulador do processo educativo. É através das lentes desses pensadores que enxergamos a educação intrinsecamente ligada ao processo histórico de construção do ser social, considerando o trabalho como um princípio educativo. Sendo assim, concluímos que a educação é política e a política tem dimensão educativa.

Na sociedade de classes, portanto, na nossa sociedade, a educação é sempre um ato político, dada a subordinação real da educação à política. Dessa forma, agir como se a educação fosse isenta de influência política é uma forma eficiente de colocá-la a serviço dos interesses dominantes. (SAVIANI, 2021, n.p.)

A educação não está apartada das relações de poder, muito pelo contrário; a educação emerge delas. Dessa forma, é possível compreender claramente como as políticas educacionais estão imbricadas com as relações de poder e como são determinantes, seja para manter o *status quo* das classes dominantes, seja para buscar a verdadeira emancipação da classe trabalhadora.

Desde a educação reprodutivista, da Escola Dual, até as teorias não críticas e críticas reprodutivistas apontadas por Saviani, passando pela “educação bancária” criticada por Freire, as classes dominantes têm, nesses modelos de educação, uma ferramenta de opressão das classes trabalhadoras. Sendo assim, se por um lado, o projeto de uma educação reprodutivista e dual visa a manutenção das desigualdades sociais seculares e é mecanismo de continuidade das relações vigentes e da hegemonia das classes dominantes, por outro lado, também é possível que a escola progressista seja o lócus da educação revolucionária, rumo a um modelo de uma sociedade mais solidária, justa e democrática para todas e todos e não apenas para os que detém os meios de produção. Assim, inferimos que, como Gramsci (1999, p. 399) “toda a relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica”.

Contrária à Escola Dual, que incentiva a abordagem de ensino teórico e prático, cabendo às classes menos favorecidas uma educação tecnicista/capacitista, enquanto há uma formação ampla para as classes dominantes, a escola unitária proposta por Gramsci centra-se em uma educação humanística, abrangente e integral, preocupada com a formação omnilateral da educanda, sendo assim, oposta à formação unilateral em que o trabalho alienado e a divisão social do trabalho replicam a perversidade das relações burguesas. A Escola Unitária proposta por Gramsci propõe a formação de indivíduos que se afirmam historicamente, se reconhecem mutuamente em sua liberdade, superando a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual.

É na obra de Saviani *Escola e Democracia* (1983) que são analisadas pelo autor as teorias educacionais, divididas em dois grupos. O primeiro, denominado de teorias não críticas, entende a educação como uma força homogeneizadora que tem como função integrar todos os indivíduos nessa sociedade. Para essas teorias a escola é a instituição responsável por formar o indivíduo segundo as expectativas da sociedade, sem questionar as desigualdades existentes. Entendem a educação como sendo autônoma e buscam compreendê-la a partir dela mesma. O segundo grupo, em que o referido autor denomina de teorias críticas-reprodutivistas, entende uma sociedade que é marcada pela divisão entre classes antagônicas, em que a marginalidade é uma consequência “natural” dessa estrutura social. O grupo que detém maior força se converte em dominante e o mais fraco, em dominado.

Sob esta ótica, a educação é dependente da estrutura social, reforçando a dominação e naturalizando a marginalização, longe de ser um instrumento para a superação das desigualdades sociais. Essas teorias enxergam a escola como um aparelho ideológico do Estado. Para elas, a educação reforça as estruturas de poder existentes, mantendo as classes dominantes no controle e perpetuando a subordinação das classes menos favorecidas. Teorias consideradas “reprodutivistas” porque enfatizam que a educação, por si só, não tem o poder de transformar a sociedade; ela é vista apenas como um reflexo das condições estruturais de um sistema mais amplo. As teorias não críticas incluem a Educação Tradicional (cuja ênfase é no professor), a Escola Nova (cuja ênfase é no aluno) e a Tecnicista (cuja ênfase não é no aluno nem no professor, mas em um técnico, para atender o mercado de trabalho).

Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor – que era, ao mesmo tempo, o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório – e se na pedagogia nova a iniciativa desloca-se para o aluno – situando-se o nervo da ação educativa na relação professor – aluno, portanto relação interpessoal, intersubjetiva, na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais. (SAVIANI, 2021, p. 11)

Saviani nos traz uma importante contribuição ao compartilhar a “teoria para além da curvatura da vara”, publicada no livro *Escola e Democracia* (2021) onde começa a delinear a Pedagogia Histórico-Crítica, propondo-a como uma resposta às limitações das teorias reprodutivistas. Ele reconhece que a educação, sozinha, não é capaz de transformar a sociedade, mas defende que tem um papel fundamental na conscientização e na formação de sujeitos capazes de lutar por mudanças sociais. A Pedagogia Histórico-Crítica, portanto, enfatiza o despertar da análise crítica da realidade e a luta por uma sociedade mais justa.

Os métodos que preconizo mantêm continuamente presente a vinculação entre educação e sociedade. [...] professor e alunos são tomados como agentes sociais. (SAVIANI, 2021, p. 56)

A Pedagogia Histórico-Crítica é aplicada através de um método de ensino proposto em cinco passos: nível de desenvolvimento atual (síncrese); problematização; instrumentalização; catarse; e novo nível de desenvolvimento atual (síntese).

Esse método busca desenvolver o educando a partir do seu conhecimento empírico, da sua impressão imediata da realidade (síncrese), que, por meio da problematização, instrumentalização e catarse, será levado a um novo nível de desenvolvimento que lhe permita ter uma nova dimensão da sua realidade, de forma concreta e sistematizada (sintética).

Eu diria que o ponto de partida do ensino não é a preparação dos alunos, cuja iniciativa é do professor (pedagogia tradicional), nem a atividade, que é iniciativa dos alunos (pedagogia nova). O ponto de partida seria a prática social (primeiro passo), que é comum a professor e alunos. (SAVIANI, 2021, p. 56)

Na zona de desenvolvimento imediato, estão os três passos (problematização, instrumentalização e catarse). Na problematização, são levantados os pontos que precisam ser resolvidos no âmbito da prática social e quais conhecimentos são

necessários para equacioná-los. Já a etapa de instrumentalização tem como objetivo apropriar-se de instrumentos teóricos e práticos necessários para a resolução dos problemas levantados na prática social. O próximo passo, denominado catarse, trata da incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos de efetiva transformação social; a expressão de uma nova forma de entendimento da prática social a que se chegou.

A quinta e última etapa desse método, o novo nível de desenvolvimento atual (síntese), é a própria prática social, não mais compreendida de forma caótica, e, sim, após uma elevação qualitativa. A prática social, mesmo sendo a mesma, uma vez que é dela que surge o ponto de partida, é agora uma prática diferente; o modo de nos situarmos em seu interior foi alterado qualitativamente por meio da intervenção pedagógica. Por isso, para a Pedagogia Histórico-Crítica, a educação é o “ato de produzir direta e intencionalmente em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2021, p. 13).

A educação é, para o autor, a “mediação da prática social global” já que objetiva a promoção do sujeito para que se torne capaz de conhecer os elementos da sua realidade para intervir e transformá-la de forma consciente.

Desta forma, o conhecimento revolucionário não é algo a ser puramente transmitido, mas também construído coletivamente. Nesse sentido, entende-se que é preciso promover a elevação da consciência filosófica da classe trabalhadora (SAVIANI, 1989 *apud* LIMA 2019, p. 180), considerando que ela mesma já possui, em sua vida cotidiana, o acesso ainda mistificado à realidade concreta do real funcionamento do capitalismo. Portanto, uma educação revolucionária tem como um de seus principais elementos as questões trazidas pelos estudantes, que não devem ser negligenciadas, e sim utilizadas como combustível para a formação educacional. (LIMA, 2019, p. 180)

Assim como Saviani e Gramsci, Paulo Freire (2022, p. 52) enfatiza que, para formarmos “homens livres”, se faz necessário, para além do entendimento, a práxis, que, segundo o autor, é a “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Mas como despertar essa “leitura de mundo” nas educandas? Como fazer com que as educandas se sintam “não apenas no mundo, mas com ele”?

Buscamos, na educação libertadora de Freire, que tão bem é apresentada em sua obra, principalmente na *Pedagogia do Oprimido* (2022) escrita logo após o golpe civil-militar de 1964, seguir “na utopia esperançosa de fazer de cada um dos homens

e mulheres *ser mais*”. Por esta utopia que, segundo sua viúva, Nita Freire (2021, p. 31), o autor lutou até seus últimos dias, no sentido de formar “homens para si” e não “para os outros”.

Quando Freire (2022) cita que a *Pedagogia do Oprimido* necessita nascer no seio dos oprimidos, isso o faz sem parecer ingênuo, pois ingenuidade seria supor que os opressores pudessem criar uma pedagogia que libertasse os oprimidos da classe dominante, cuja concepção materialista da existência é o que pauta todas as suas ações. Sendo assim, estamos certas de que não viria, nem poderia vir da classe dominante, a pedagogia que libertasse os oprimidos, que, em síntese, é a “pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação” (FREIRE, 2022, p. 55). Por isso mesmo só pode nascer dos oprimidos, pois

Quem melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade de libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 2022, p. 42-43)

A educação libertadora, que tem na *Pedagogia do Oprimido* sua teoria e método, nasce não ao acaso, mas na realidade dos oprimidos, na luta pela superação da contradição oprimido-opressor, que se dá por meio da conscientização, da reflexão, do desvelamento da realidade e do exercício da práxis, para poder transformar o oprimido, de objeto, em sujeito.

São muitos desafios e um caminhar constante em busca da educação libertadora. A retirada do oprimido do lugar de *coisificação*, em que, durante séculos, foi colocado pelas classes dominantes; a identificação do oprimido com o opressor, uma vez que o que considera “modelo de quem venceu na vida” e por isso se espelha; o olhar atento às lideranças políticas que, apesar de se identificarem com a luta dos oprimidos, o que é legítimo, muitas vezes entendem que a forma de libertá-los é dizer *como fazer* e não descobrir com eles, são apenas algumas das dificuldades no caminho da libertação dos homens e das mulheres.

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como a distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista

e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. (FREIRE, 2022, p. 41)

Para os opressores, as facilidades de perpetuar o modelo de dominação é enorme, a começar pelos mitos, por exemplo, de que a ordem opressora, na verdade, é de liberdade, uma vez que, segundo essa “ordem”, todas são livres para trabalhar onde queiram, se não estão satisfeitas, basta procurar outro emprego. O mito do empreendedorismo, de que todas que queiram podem se tornar empresárias, basta ter “força de vontade”. O mito do direito à educação para todas, quando sabemos que o número de evasão escolar decorrente das desigualdades sociais é enorme. O mito da generosidade da classe dominante, quando o que fazem é assistencialismo, misturado com a culpa cristã. O mito de que a revolução é um pecado contra Deus e tantos mais que afirmam a manutenção perversa da inferioridade “ontológica” dos oprimidos diante da superioridade dos opressores.

Outra facilidade é a de união entre os opressores, que, mesmo divergentes em certas ocasiões, se unificam rapidamente diante de uma ameaça da classe trabalhadora, cuja organização em sindicatos, associações ou qualquer outra modalidade que busque a unidade para discutir os seus interesses vem acompanhada dos medos: de ser demitida, de ser transferida, de perder uma gratificação. É nítido o quanto é mais difícil para a classe oprimida superar essa contradição diante da força desigual entre os donos do capital e os donos da força de trabalho. A questão é que os donos da força de trabalho não têm consciência do seu poder; se eles param o trabalho, a máquina do lucro, a máquina da mais valia também para. Daí a necessidade da inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, para superá-la de forma que, objetivando-a, atuem sobre ela para transformá-la. É preciso, portanto, sair da imersão; é preciso emergir.

A Pedagogia do Oprimido, como pedagogia humanística e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 2022, p. 57)

Essa consciência, para ser efetiva, precisa nascer no seio dos oprimidos, partindo de uma realidade concreta da educanda para que, por meio da problematização, da práxis e de uma relação dialógica, seja desperta para uma nova

“leitura de mundo”, capaz de edificá-lo. Ou seja, “a conscientização não pode parar na etapa do desvelamento da realidade. A sua autenticidade se dá quando a prática do desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação” (FREIRE, 1981, p. 117)

Para Paulo Freire (2022), não bastaria inserir as marginalizadas no seio da sociedade, pois as marginalizadas, as oprimidas, sempre estiveram inseridas, porém sendo “seres para os outros”. A verdadeira emancipação delas se dará quando elas, as oprimidas, ao ganharem consciência crítica por meio de uma educação libertadora, passem a fazer-se “seres para si”.

Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática. Por outro lado, se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica. É neste sentido que a práxis constitui a razão nova da consciência oprimida e que a revolução, que inaugura o momento histórico desta razão, não pode encontrar viabilidade fora dos níveis da consciência oprimida. (FREIRE, 2022, p. 72-73)

Dessa forma, entende-se que a verdadeira emancipação humana tem na escola progressista e democrática o lócus que pode gestar a conscientização necessária para realizar a verdadeira revolução por meio da formação integral das futuras trabalhadoras.

Obviamente não está somente sobre os ombros da escola a transformação e a edificação de uma sociedade justa com oportunidades iguais para todas. Não obstante, está na escola o lócus onde, através de uma educação integrada, omnilateral, politécnica e libertadora, possamos contribuir para que a estudante alcance a sua posição como sujeita protagonista da sua história, atuando na transformação da sua realidade e da sociedade. Só assim será possível construirmos uma sociedade mais solidária, democrática e justa, na qual todas possam se fazer, em comunhão, cidadãos por inteiro.

A educação progressista, democrática, crítica e amorosa é, diante do exposto, um instrumento potente e fundamental na conquista da justiça social. É por meio da práxis, do pensamento reflexivo aplicado à realidade para transformá-la, que esta pesquisa investigou, junto às futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário (alunas, egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB), como estão inseridas ou como pretendem se inserir na cadeia produtiva do vestuário, em meio à contradição

que ocorre no território do DF, para então apontar caminhos, através de um ciclo de oficinas, para auxiliar a formação integral das futuras trabalhadoras dessa cadeia produtiva, de tal forma que possam exercer, por meio do trabalho, sua cidadania por inteiro.

#### **2.4 Mercado de trabalho: a economia solidária como uma janela de oportunidade**

Renato Dagnino (2022), professor no Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp, em seu artigo *Economia solidária e política*, faz uma reflexão e uma provocação aos governos de esquerda quando apresenta três conjunturas e aponta a economia solidária como o que ele chamou de uma “janela de oportunidade”. Ele destaca a alta taxa de desemprego e informalidade no Brasil, onde, no universo de 180 milhões de brasileiros em idade de trabalhar, somente 30 milhões têm carteira assinada, dez milhões são funcionários públicos e cerca de 80 milhões nunca tiveram e muito provavelmente nunca terão emprego formal.

Outro aspecto destacado por Dagnino é a desindustrialização da economia brasileira, a classe proprietária prefere opções rentistas (investimentos financeiros) e agroexportadoras (produção agrícola para exportação) em vez de investir na industrialização. Essa escolha é influenciada pelo contexto ultraliberal e pela hegemonia de seus parceiros internacionais, que ditam as regras do mercado global. A desindustrialização enfraquece a economia nacional, limitando o desenvolvimento tecnológico e a geração de empregos qualificados. Outro ponto ressaltado pelo autor é o protagonismo do agronegócio na economia brasileira. Com a desindustrialização, o agronegócio se torna o setor de maior interesse da classe proprietária, setor que não só contribui significativamente para o crescimento econômico, mas também se beneficia das vantagens do comércio exterior. Esses pontos são interconectados e revelam uma estrutura econômica e social que favorece a concentração de riqueza e poder em uma minoria, enquanto a maioria da população enfrenta desemprego, informalidade, trabalho precarizado e falta de oportunidades.

Dagnino completa sugerindo em forma de questionamento:

Se, sistemática e simultaneamente a uma – inevitável dada a correlação de forças vigente – reindustrialização empresarial, esse governo implementasse uma reindustrialização solidária? Se, junto com a primeira e seu subsídio à geração de emprego e salário, fosse promovida uma outra, baseada no subsídio à geração de trabalho e renda, na propriedade coletiva e na autogestão. Uma reindustrialização que fosse capaz de produzir bens e

serviços de natureza industrial com alguma autonomia em relação ao circuito da acumulação de capital, nas redes de empreendimentos solidários? (DAGNINO, 2022)

Entendemos que a economia solidária (ES) necessita da articulação de três dimensões: econômica, social e política. É na articulação dessas três dimensões que se situa o essencial da economia solidária.

A dimensão econômica se refere à sustentabilidade econômica das iniciativas coletivas. Isso inclui a gestão democrática, a busca por formas de produção sustentáveis e a redistribuição justa dos resultados econômicos entre as participantes. A dimensão social da economia solidária enfatiza as relações humanas e o impacto nas comunidades. A solidariedade, a cooperação e a inclusão social são valores centrais. As iniciativas econômicas solidárias visam fortalecer os laços comunitários, promover a igualdade de gênero e combater a exclusão social. A dimensão política refere-se à capacidade das organizações e dos movimentos de economia solidária de influenciar as estruturas políticas, o que pode incluir, por exemplo, a defesa de políticas públicas que apoiem a ES, a participação em redes de colaboração e a promoção de mudanças institucionais que favoreçam um ambiente econômico mais justo e solidário. A economia solidária busca transformar as relações de poder do sistema capitalista, desafiando modelos dominantes e propondo alternativas baseadas na democracia econômica. Sendo assim, é na intersecção dessas três dimensões – econômica, social e política – o cerne da economia solidária.

Para Paul Singer (1988), renomado economista e um dos principais teóricos da economia solidária no Brasil, a ES surge como uma resposta às crises do trabalho e como uma solução efetiva. No prefácio do livro *Empresa social e globalização – Administração autogestionária: uma possibilidade de trabalho permanente* (1998), Paul Singer escreve:

No bojo da crise do trabalho começou a surgir a solução. [...] Algum milagre? Não, mas grande vontade de lutar, muita disposição ao sacrifício e sobretudo muita solidariedade. É deste modo que a economia solidária ressurge no meio da crise do trabalho e se revela uma solução surpreendentemente efetiva. (SINGER, 1998. p. 31)

Nas palavras de Singer, a economia solidária não é um milagre, mas uma resposta coletiva e organizada às dificuldades enfrentadas pelas pessoas no “mercado” de trabalho. A ES propõe um modelo alternativo que valoriza não apenas os resultados econômicos, mas também o bem-estar social e a inclusão. Coadunamos

do pensamento que a Economia Solidária pode ser um caminho a ser trilhado pelas trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário, por exemplo, em formatos de cooperativas, uma vez que, segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB),

Cooperativismo é um movimento, filosofia de vida e modelo socioeconômico capaz de unir desenvolvimento econômico e bem-estar social. Seus referenciais fundamentais são: participação democrática, solidariedade, independência e autonomia. É o sistema fundamentado na reunião de pessoas e não no capital. Visa às necessidades do grupo e não do lucro. Busca prosperidade conjunta e não individual. Estas diferenças fazem do cooperativismo a alternativa socioeconômica que leva ao sucesso com equilíbrio e justiça entre os participantes. Associado a valores universais, o cooperativismo se desenvolve independente de território, língua, credo ou nacionalidade. (OCB, 2014 *apud* KLEIN, 2014, p. 16)

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), que tem como objetivo proporcionar formação em educação profissional e tecnológica visando tanto à produção de conhecimentos quanto ao desenvolvimento de produtos educacionais por meio da realização de estudos que integrem os saberes do mundo do trabalho (BRASIL, 2021, p. 4). Está inserida na linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Os procedimentos metodológicos aplicados a esta pesquisa procuram identificar como estudantes e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB/Taguatinga pretendem atuar no mundo do trabalho, na cadeia produtiva do vestuário, seja como celetistas ou por meio de outras formas de geração de renda, para propor um ciclo de oficinas com o objetivo de oferecer às estudantes do curso atividades complementares que contribuam para a formação integral a fim de colaborar para inserção no mundo do trabalho de forma crítica, aptas a transformarem a sua realidade e a do seu entorno.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, é considerada de natureza aplicada, visto que busca soluções para o problema levantado.

Para a coleta de dados, foram aplicados questionários com o corpo docente e coordenador, além das alunas do último semestre e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB/Taguatinga e trabalhadoras do setor do vestuário (costureiras). Também trabalhamos com a análise de dados de dois grupos focais diferentes: alunas do último semestre do Curso Técnico em Vestuário e egressas do mesmo curso. Os critérios de inclusão foram alunas e egressas dos anos de 2022 e/ou 2023 do Curso Técnico em Vestuário. Estão excluídos da pesquisa as demais alunas do campus Taguatinga não pertencentes ao Curso Técnico em Vestuário ou que não estejam no último ano, assim como egressas que não tenham se formado entre os anos de 2022 e 2023.

Os resultados oriundos dos questionários e dos grupos focais foram utilizados como base para o planejamento das oficinas. Vale ainda destacar que os temas geradores das oficinas foram definidos após o primeiro encontro com estudantes e egressas, uma vez que, nesse momento, foi realizada a dinâmica do Mapa da Vida, descrita na próxima seção.

Para auxiliar na análise dos dados, utilizamos os *softwares* Survio e Atlas.ti. O primeiro, além de coletar as respostas dos questionários, gerou gráficos que nos ajudaram a sistematizar e comparar os resultados dos grupos respondentes: alunas e egressas do Curso Técnico; docentes e coordenador do curso, e trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal. O segundo *software* Atlas.ti nos permitiu, seguindo a metodologia de Bardin (2016), organizar as respostas e depoimentos, codificá-los e categorizá-los para então fazermos a interpretação dos dados qualitativos. O *software* propiciou também redes de conexão entre determinadas categorias relevantes, no caso desta pesquisa, Trabalho e Família, além de gerar nuvens de palavras onde a centralidade das mesmas demonstra sua relevância nos depoimentos dos grupos pesquisados. O apoio dos *softwares* foi fundamental para sistematizar as informações coletadas dos grupos pesquisados e posterior análise desses dados de forma qualitativa.

**Quadro 1:** metodologia de pesquisa

<b>Abordagem</b>	Qualitativa – Pois propõe analisar como as estudantes e egressas do Curso Técnico em Vestuário do IFB/Campus Taguatinga pretendem atuar no mundo do trabalho, na cadeia produtiva do vestuário, seja como celetistas ou por meio de outras formas de geração de renda, visando auxiliar na formação humana integral das estudantes para geração de emprego e renda, pilar importante na emancipação feminina.		
<b>Método</b>	Estudo de caso		
<b>Natureza</b>	Aplicada, pois está em busca de soluções a respeito do problema levantado		
<b>Técnica da pesquisa</b>	Bibliográfica e pesquisa documental	Grupo focal: escuta das discentes e egressas; Aplicação de questionários as discentes, egressas, docentes, coordenador do curso e costureiras de Brasília-DF	Gravação e elaboração de relatórios com o resumo das informações e impressões colhidas pelo grupo focal, e questionários

<b>Instrumentos</b>	Pesquisa em base de dados, repositórios, bibliotecas e documentos institucionais	Roteiro de grupo focal (Apêndice C)	Questionários aplicados (Apêndices D, E e F)
<b>Fonte de dados</b>	Secundário	Primário	Primário
<b>Levantamento e coleta de dados</b>	Base de dados, repositórios e bibliotecas; Arquivos disponibilizados no sítio do IF, do MEC e pesquisas na Internet	Agendamento e aplicação do roteiro de questões norteadoras com Grupo Focal 1 e 2 (presencial ou <i>Google Meet</i> )	Agendamento e aplicação do questionário (presencial ou envio de questões via <i>software</i> Survio)
<b>Tipo de material</b>	Artigos, dissertações, teses e livros; documentos institucionais do IFB	Gravação e elaboração de relatórios com o resumo das informações colhidas pelo grupo focal	Informações e impressões colhidas através dos questionários aplicados
<b>Registro de dados</b>	Fichamentos, resumos e produções de artigo	Anotações, gravações e transcrições	Sistematização das respostas obtidas dos questionários aplicados
<b>Análise dos dados</b>	Leitura em profundidade e reflexão orientada	Análise de conteúdo	

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

### 3.1 Contexto do desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida com estudantes do Curso Técnico em Vestuário ofertado no campus Taguatinga do Instituto Federal de Brasília. Sendo assim, torna-se importante conhecer o perfil profissional apresentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Sobre o perfil profissional, o Plano de Curso destaca:

As políticas, os programas e as práticas pedagógicas do Instituto Federal de Brasília – Campus Taguatinga – deverão propiciar condições para que os egressos da Educação Profissional subsequente ao Nível Médio apresentem um perfil caracterizado por competências básicas e profissionais que lhes permitam desenvolver com segurança suas atribuições profissionais e lidar com contextos caracterizados por mudanças, competitividade, necessidade permanente de aprender, rever posições e práticas, desenvolver e ativar valores, atitudes e crenças, analisar tendências de mercado, elaborar estratégias de negócios e de marketing adequadas a cada caso, utilizando conceitos administrativos, econômicos e comerciais. (p. 18)

Ainda no Perfil Profissional, o documento ressalta que, após a conclusão do percurso curricular (1.200h) e o estágio (160h), a técnica em vestuário deverá apresentar as competências profissionais gerais da área profissional da indústria, previstas na Resolução CNE/CEB nº. 04/99 de 5 de maio de 1999<sup>10</sup> que institui as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.

Salientamos também que as competências gerais das técnicas em vestuário constantes no perfil profissional no Plano de Curso do Instituto Federal de Brasília estão em conformidade com o perfil profissional de conclusão do curso Técnico em Vestuário do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos do Ministério da Educação (CNCT), conforme correlação elaborado no quadro a seguir:

**Quadro 2:** comparativo competências – CNCT e do PPC do Curso Técnico em Vestuário/IFB

<b>SEGUNDO O CATÁLOGO NACIONAL DE CURSOS TÉCNICOS – CNCT, A TÉCNICA EM VESTUÁRIO SERÁ HABILITADA PARA:</b>	<b>SEGUNDO O PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO TÉCNICO EM VESTUÁRIO DO IFB, AS COMPETÊNCIAS GERAIS DAS TÉCNICAS EM VESTUÁRIO SÃO:</b>
Supervisionar o processo de confecção do produto conforme padrões de qualidade	Aplicar normas técnicas de qualidade, saúde e segurança no trabalho e técnicas de controle de qualidade e ambiental no processo industrial
Analisar e definir a melhor sequência de montagem do produto, de acordo com a forma de execução e as características da matéria-prima	Elaborar ficha técnica de produto, ferramentas e acessórios
	Desenvolver projetos de manutenção, de instalações e de sistemas industriais, caracterizando e determinando aplicações de materiais, acessórios,

<sup>10</sup> Íntegra disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/RCNE\\_CEB04\\_99.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/RCNE_CEB04_99.pdf)

	dispositivos, instrumentos, equipamentos e máquinas
Propor e analisar métodos de trabalho dos processos fabris de vestuário	Elaborar projetos, cálculos, dimensionamento e <i>layout</i> , correlacionando-os com as normas técnicas e com os princípios científicos e tecnológicos
Determinar o tempo-padrão das operações e dimensionar recursos necessários ao atendimento das demandas de clientes	Aplicar métodos, tempos e processos na produção, instalação e manutenção
Supervisionar a utilização de máquinas de costura industrial e equipamentos	Elaborar planilhas de custos de fabricação e de manutenção de máquinas e equipamentos, considerando a relação custo-benefício
Organizar o fluxo de produção	Conhecer processos de produção fabril
Supervisionar a execução de plano de manutenção	Aplicar normas técnicas e especificações de catálogos, manuais e tabelas em projeto, em processo de fabricação, na instalação de máquinas e de equipamentos e na manutenção industrial
	Projetar melhorias nos sistemas convencionais de produção, instalação e manutenção, propondo incorporação de novas tecnologias
Controlar estoques de produtos acabados	Administrar, planejar e controlar processo, máquinas e pessoal
Apoiar a equipe de desenvolvimento de produto em função das características operacionais da produção interna ou externa	Coordenar e desenvolver equipes de trabalho que atuam na instalação, na produção e na manutenção, aplicando métodos e técnicas de gestão administrativa e de pessoas
	Conhecer os sistemas de organizações industriais, seu ambiente externo e interno

As habilidades elencadas, no perfil profissional da egressa, constam na página 18 do Plano de Curso de Educação Profissional Técnico de Nível Médio em Vestuário, quais sejam:

*desenvolver bom relacionamento com as pessoas; aceitar e enfrentar desafios; ser cordial; ter espírito de pesquisa; ter espírito de iniciativa e liderança; usar o bom senso nas decisões; ter espírito empreendedor; ser criativo, crítico e responsável; ser dinâmico, flexível e criativo na resolução de problemas; ter autonomia; gerenciar equipes de trabalho e propor ideias inovadoras; trabalhar em equipe; comunicar e apresentar estudos, conclusões e pareceres técnicos; promover relacionamentos interpessoais; desenvolver postura proativa, ética e profissional; solucionar problemas e sugerir alternativas de maneira abrangente; ter disposição para mudanças; buscar constantemente o autodesenvolvimento.* (grifos nossos)

Essas habilidades poderão ser desenvolvidas de forma transversal ao longo da formação. Nesse sentido, propomos como Produto Educacional um ciclo de oficinas denominado Cirandas-Cidadãs, detalhado mais adiante, como apoio às docentes no desenvolvimento integral das estudantes, futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário. No que tange as habilidades propostas no Plano de Curso Técnico de Nível Médio em Vestuário, o produto educacional está alinhado a esses objetivos conforme quadro a seguir:

**Quadro 3:** habilidades do perfil profissional do Plano de Curso, conteúdo e etapas do Produto Educacional

<b>Habilidades no perfil profissional do Projeto Pedagógico de Curso</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Etapa do Produto Educacional</b>
<b><i>Desenvolver bom relacionamento com as pessoas</i></b>	Empatia no trato com as pessoas; Respeito à diversidade;	I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia
	Colaboração no desenvolvimento do trabalho em equipe;	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho
<b><i>Aceitar e enfrentar desafios</i></b>	Protagonismo na transformação social do mundo;	III – Transformando palavras em mensagem

<b><i>Ter espírito de iniciativa e liderança</i></b>	Protagonismo na transformação social do mundo;	III – Transformando palavras em mensagem
<b><i>Ser criativo, crítico e responsável</i></b>	Criatividade e Autenticidade;	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho
<b><i>Ser dinâmico, flexível e criativo na resolução de problemas</i></b>	Criatividade e Autenticidade;	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho
<b><i>Ter autonomia</i></b>	Protagonismo na transformação social do mundo;	III – Transformando palavras em mensagem
<b><i>Propor ideias inovadoras</i></b>	Criatividade e Autenticidade;	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho
<b><i>Trabalhar em equipe</i></b>	Empatia no trato com as pessoas; Respeito à diversidade;	I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia
	Colaboração no desenvolvimento do trabalho em equipe;	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho
<b><i>Promover relacionamentos interpessoais</i></b>	Empatia no trato com as pessoas; Respeito à diversidade;	I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia
	Colaboração no desenvolvimento do trabalho em equipe;	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho
<b><i>Desenvolver postura proativa</i></b>	Protagonismo na transformação social do mundo;	III – Transformando palavras em mensagem
<b><i>Ética profissional</i></b>	Respeito à diversidade;	I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia

	Comprometimento com os princípios de sustentabilidade;	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho
<b><i>Solucionar problemas e sugerir alternativas de maneira abrangente</i></b>	Comprometimento com os princípios de sustentabilidade;	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho
<b><i>Buscar constantemente o autodesenvolvimento</i></b>	Cidadão consciente de seu contexto social;	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho
	Protagonismo na transformação social do mundo.	III – Transformando palavras em mensagem

### 3.2 Pesquisa de campo

A pesquisa de campo proporcionou uma compreensão aprofundada das expectativas, desafios e intenções das alunas e egressas do curso Técnico em Vestuário para geração de emprego e renda na cadeia produtiva do vestuário no Distrito Federal, permitindo a captura de nuances e dinâmicas sociais que não seriam facilmente percebidas apenas nas pesquisas bibliográficas.

Começamos realizando, no dia 25 de agosto de 2023, uma breve apresentação sobre a pesquisa para o coordenador do Curso Técnico de Nível Médio em Vestuário, do Instituto Federal de Brasília – IFB/campus Taguatinga. Nesse primeiro encontro, propusemos realizar grupos focais, que seriam efetuados, primeiramente, com as e os docentes e a coordenação do curso e, na sequência, com as alunas do último semestre e alunas egressas. Porém, nas semanas seguintes a esse primeiro contato, foi diagnosticado que a dinâmica do campus não favorecia realização do grupo focal com um número expressivo de docentes, pois as e os docentes ministram diversas disciplinas do curso Técnico em Vestuário, sendo bastante difícil conciliar a agenda de todas e todos. Sendo assim, em uma segunda reunião com o coordenador do curso, ficou decidido que enviaríamos um questionário para que pudessemos coletar as impressões do corpo docente e da coordenação acerca do tema: expectativas das alunas e egressas do curso Técnico em Vestuário com relação à inserção na cadeia

produtiva do vestuário, pela ótica do corpo docente. O questionário consta no **Apêndice D** e os resultados no **Capítulo 4: Análise dos dados obtidos**.

Após esses dois encontros com a coordenação do curso, foi possível realizar mais um encontro preparatório para aplicação do grupo focal com as egressas. Dessa vez tivemos a colaboração de duas professoras. As duas docentes realizam, com um grupo de alunas egressas, um trabalho de confecção de máscaras e aventais, iniciado na pandemia de Covid-19 e distribuído para rede pública de saúde do DF, que permanece até hoje. Como esse trabalho acontece no IFB/Taguatinga, às quartas-feiras, pela manhã, com pausa para um café às 10h, foi possível, no dia 8 de novembro de 2023, conhecer as alunas egressas envolvidas antes da aplicação da dinâmica do Mapa de Vida e da coleta de dados por meio do grupo focal, uma maneira de começar a aproximação das participantes da pesquisa no contexto da investigação.

Foi com este grupo de seis mulheres, com o apoio de duas docentes, que realizamos o Mapa de Vida e aplicamos, no dia 6 de dezembro, o grupo focal para coleta de dados das 8:30 ao meio-dia. Para tanto, utilizamos uma sala com mesas grandes e largas. Na primeira mesa, foram colocados os itens para um lanche coletivo e os presentes para uma confraternização de fim de ano nos moldes de amigo oculto, do qual também participei. Em outra mesa, mais ao fundo da sala, foram disponibilizados materiais didáticos para a construção do Mapa de Vida: folhas ofício A4, canetas e lápis coloridos, revistas, cola, fita adesiva e tesoura.

As alunas, ao entrarem na sala de aula, eram recebidas ao som do videoclipe, projetado em datashow, da música “Maria, Maria” interpretada só por mulheres. Cada uma recebeu uma pasta, com seu nome escrito em um crachá, contendo o passo a passo da dinâmica do Mapa de Vida e do grupo focal. Por eu ter tido previamente a oportunidade de estar com o grupo para um lanche e, na ocasião, uma das professoras ter me concedido a palavra para que eu me apresentasse e introduzisse o tema da pesquisa, nós já nos conhecíamos, o que ajudou bastante, pois não éramos estranhas, mas mulheres conectadas pelo fio da costura, olhando para este setor como uma oportunidade de potencializar o sonho de cada uma de nós.

Expliquei sobre o material contido na pasta, como seria a dinâmica da nossa atividade e que, nesse primeiro momento, falaríamos de fatos importantes que nos trouxeram até ali e como queríamos estar daqui há alguns anos. Falamos um pouco da música, cuja inspiração para os autores Milton Nascimento e Fernando Brant foi uma mulher humilde que morava perto do trilho do trem em Minas Gerais, que criava

seus filhos sozinha e que, apesar das diversidades, sempre valorizou a educação deles. Perguntei se essa era ainda uma realidade brasileira e o porquê. Falamos das políticas públicas de moradia como o programa “Minha Casa Minha Vida” e qual seria o motivo do governo optar por financiar o imóvel desse programa no nome da mulher e não do homem. E assim fomos fazendo um aquecimento para, seguindo o roteiro, cada uma ir construindo o seu Mapa de Vida.

Explicamos que, no fundo da sala, estavam disponíveis os materiais didáticos e que elas eram livres para fazer o Mapa como quisessem. Poderiam escrever um poema, fazer uma colagem, desenhar ou escrever um texto que as representasse; que o objetivo era que expressassem seus sonhos, o que as impulsionava, o que era relevante para elas. Esclarecemos que as perguntas colocadas no exercício eram norteadoras e que não necessariamente precisariam ser respondidas, que serviam como reflexão. Explicamos também que o Mapa poderia ser apresentado pela autora para as demais colegas do grupo ou, caso a autora preferisse, depositar anonimamente em uma caixa e ser apresentada ao grupo pela mediadora, ou ainda optar por colocar na caixa e não ser apresentada ao grupo, apenas de conhecimento da pesquisadora.

Nesse grupo, todas, sem exceção, quiseram apresentar e dividir o Mapa de Vida com as demais integrantes, o que demonstra a confiança entre elas, muito provavelmente por estarem juntas há anos nesse trabalho, dividindo alegrias e tristezas. Esta confiança é uma força que mantém o grupo unido e certamente contribui para o êxito do trabalho realizado por elas. A cada apresentação, fomos anotando no quadro as palavras-chaves que se repetiam nas narrativas. As mais relevantes foram: independência, trabalho, aprendizagem, família, local apropriado de trabalho, ateliê, estudo, formação, dignidade, saúde física e mental. Após essa primeira etapa (e imbricada com ela) vieram automaticamente as questões norteadoras que constavam no roteiro do grupo focal e, dessa forma, fomos conseguindo extrair de que maneira as alunas egressas lidavam com as questões do dia a dia, por exemplo, emprego, renda, família, divisão sexual do trabalho, flexibilização e precarização do trabalho, e as expectativas que vislumbravam dentro do setor do vestuário.

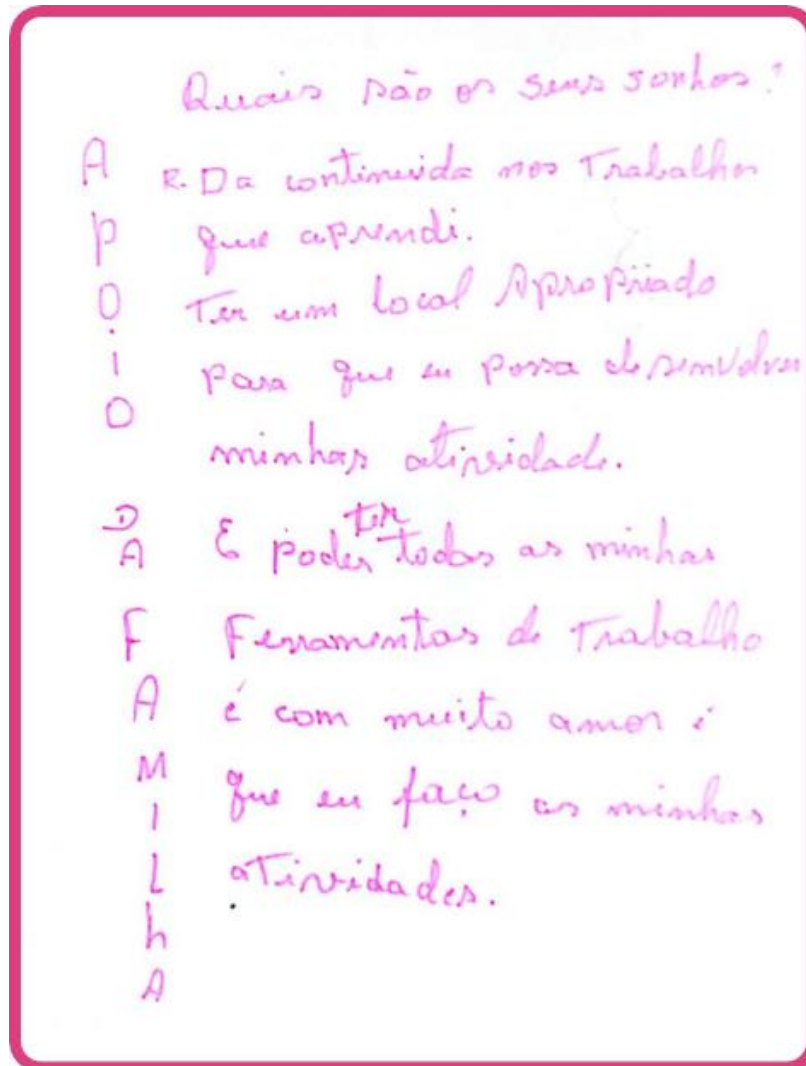
Surgida a questão do etarismo em alguns relatos, o tema precisou ser abordado.

**Imagem 1:** montagem com as fotos das alunas egressas trabalhando na construção do Mapa de Vida, da apresentação da dinâmica e das palavras-chaves anotadas no quadro durante o exercício com o grupo focal 1



Fonte: Acervo de pesquisa da autora (2023)

**Imagem 2:** Mapa de Vida construído pela aluna egressa do Grupo Focal 1



Fonte: Acervo de pesquisa da autora (2023)

A segunda coleta de dados por meio do grupo focal ocorreu em 15 de dezembro de 2023 e contou com dez integrantes, sendo oito alunas e dois alunos do último período do curso Técnico em Vestuário. Essa etapa teve o apoio de outra professora, recém contratada pela Instituição.

Os grupos focais, propositadamente, foram conduzidos com estudantes do último período e alunas egressas em separado, visando compreender as diferentes perspectivas das que já se formaram e das que estão na expectativa, uma vez formadas, de ingressarem no mundo do trabalho.

Essa estratégia permitiu a identificação de temas recorrentes, divergências e convergências de opiniões, enriquecendo a compreensão da dinâmica social presente na rotina dessas estudantes e alunas egressas.

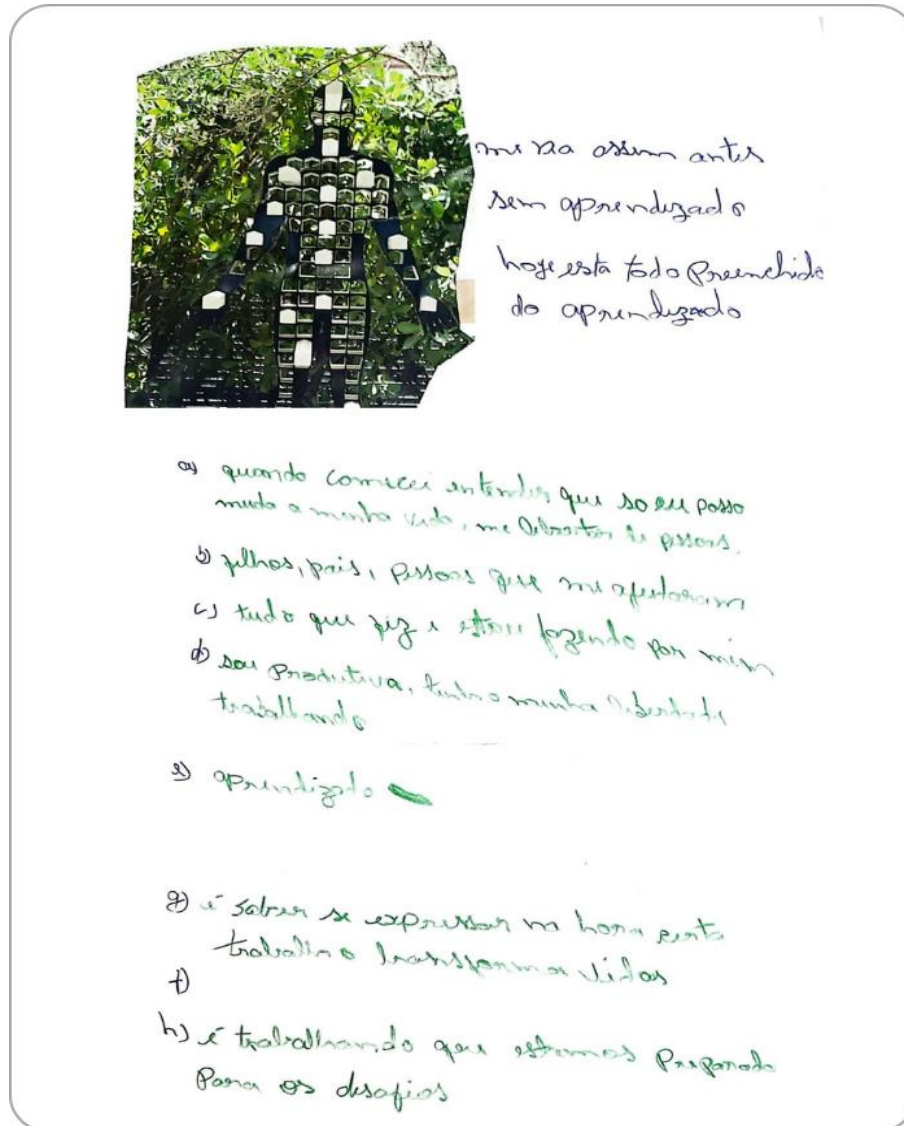
É importante ressaltar que todas as participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Anexo 7.1, reforçando o comprometimento em conduzir a pesquisa de maneira ética e transparente, demonstrando respeito pelos direitos e o bem-estar das participantes.

Diferentemente do primeiro grupo, estávamos juntas pela primeira vez. Dessa forma, foi importante iniciarmos com uma breve apresentação sobre a minha trajetória profissional e pessoal, a importância da pesquisa e como se deu a escolha do tema, ao longo da disciplina Seminário de Pesquisa, no primeiro semestre do Mestrado. Pedi para que todas se apresentassem rapidamente e tive uma grata surpresa ao constatar que muitas estavam no curso do IFB para aprofundar o conhecimento no setor do vestuário/moda, pois haviam vislumbrado a possibilidade de trabalharem com moda em cursos de formação inicial e continuada do Senac – DF, cursos estes que foram desenvolvidos e ofertados no período em que tive a oportunidade de coordenar os produtos educacionais do eixo Produção Cultural e Design do segmento moda daquela Instituição no período de 2016 a 2021.

Percebi que alguns desses cursos foram uma fresta em uma janela por onde as alunas puderam enxergar a possibilidade de fazerem desse setor um caminho profissional. Algumas relataram que o curso de consultoria de imagem, por exemplo, as ajudou a resgatar a autoestima e as levaram a procurarem outras formações nesse segmento.

Após a apresentação, iniciamos o Mapa de Vida, seguindo as mesmas orientações que foram dadas ao grupo anterior. Nesse grupo, três integrantes optaram por não apresentar o Mapa e colocaram na caixa que disponibilizamos, sem nome, para ser lido pela mediadora. Os relatos desse grupo expressam a consciência acerca da exploração do trabalho no setor do vestuário e a vontade de serem criadoras de seus produtos ou de trabalharem em outras profissões da cadeia produtiva do vestuário, como os de criação ou gestores de ESG – sigla que em inglês para *Environmental, Social and Corporate Governance* (em português, Ambiental, Social e Governança Corporativa), um conjunto de boas práticas que, se implementadas nas organizações, visam não apenas comprovar a solidez da empresa, mas também assegurar o crescimento sustentável, evidenciando a preocupação com o meio ambiente e o bem-estar social.

**Imagem 3:** Mapa da Vida (frente e verso) de uma aluna que optou em construir de forma anônima o seu trabalho, no Grupo Focal 2



Acervo de pesquisa da autora (2023)

Na imagem acima, temos o Mapa de Vida de uma das alunas do último semestre do curso Técnico em Vestuário – Grupo Focal 2, que optou por colocar o resultado do seu trabalho desenvolvido na dinâmica na caixa que disponibilizamos, sem se identificar. É possível observar que a aluna anônima procura responder às perguntas que estavam no roteiro do Mapa de Vida como facilitadoras para a dinâmica. Dessa forma, achamos importante reproduzi-las a seguir, juntamente com as respostas da aluna para melhor entendimento. Fica evidente, na representação dessa estudante, a superação da opressão, por meio do aprendizado, do trabalho e a conquista de um estado de liberdade.

**a) Quais os principais fatos importantes de sua vida?**

R: Quando eu comecei a entender que só eu posso mudar a minha vida, me libertar das pessoas.

**b) Quais são as pessoas significativas?**

R: Filhos, pais, pessoas que me ajudaram.

**c) Quais são os seus sonhos?**

R: Tudo que fiz e que estou fazendo por mim.

**d) Como você se vê agora e daqui há um ano?**

R: Sou produtiva, tenho a minha liberdade, trabalhando.

**e) Destaque suas experiências na escola.**

R: Aprendizado.

**f) Quais valores norteiam sua vida?**

Não respondeu.

**g) Por que trabalho? E trabalhando, transformo o mundo?**

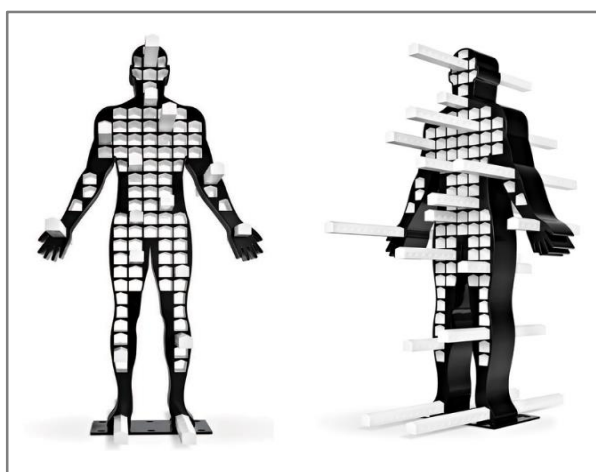
R: É saber se expressar na hora certa. Trabalho transforma vidas.

**h) Trabalhadoras(es) na cadeia produtiva do vestuário: quais os sonhos e desafios?**

R: É trabalhando que estamos preparadas para os desafios.

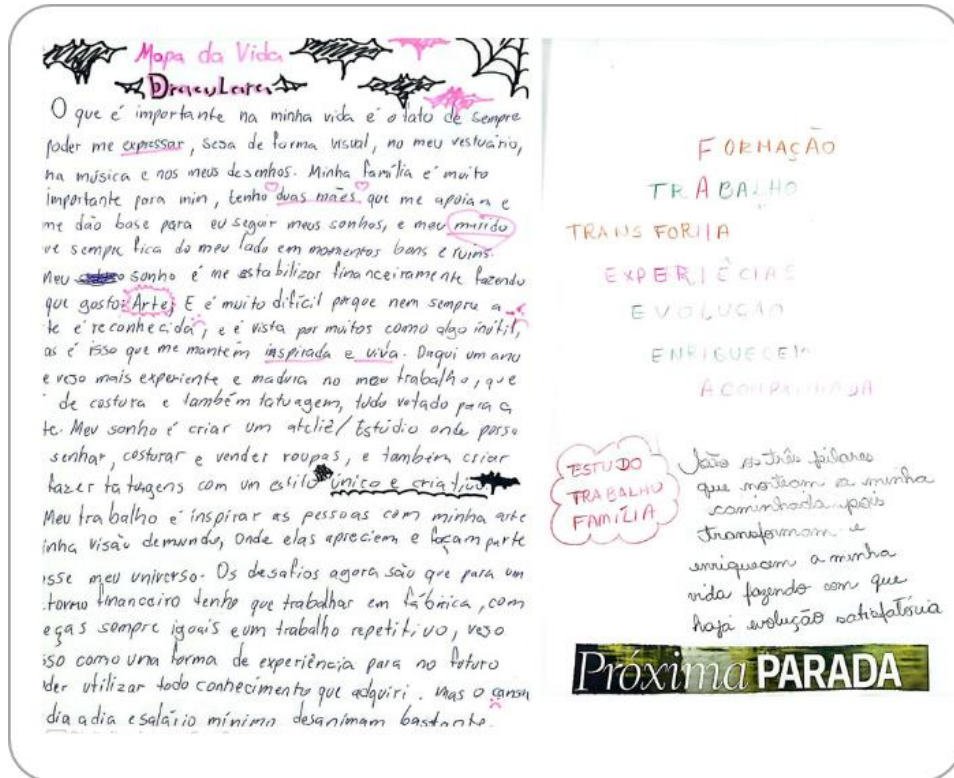
No verso da folha A4, a aluna colocou uma figura que encontrou na revista. Trata-se de uma escultura da silhueta do corpo humano, de 2012, denominada Hotel, do artista cubano Alexandre Arrechea. A escultura tem vários espaços vazados, alguns preenchidos. A aluna escreveu ao lado da imagem “me via assim antes, sem aprendizado, agora está todo preenchido de aprendizado”.

**Imagem 4:** escultura Hotel do artista Alexandre Arrechea e detalhe (2012)



Fonte: <http://alexandrearrechea.com/works/hotel/>

**Imagem 5:** Mapas de Vida de duas alunas do Grupo Focal 2 que se identificaram e apresentaram o trabalho da dinâmica desta forma



Acervo de pesquisa da autora (2023)

É possível perceber que as alunas se expressaram com bastante liberdade, ora por meio de recortes, desenhos ou no formato de cartas.

Após essa etapa e, a partir dela, com a construção do produto educacional, começamos a aplicar um ciclo de oficinas denominado Cirandas-Cidadãs. Constituídas de três etapas, totalizando 12h, divididas da seguinte forma: Etapa I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia (400 minutos), tem como objetivo refletir sobre a identidade e os papéis sociais; Etapa II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho (200 minutos), buscou abordar o mundo do trabalho, o contexto histórico, a divisão sexual do trabalho; Etapa III – Transformando palavras em mensagem (200 minutos), dedicada à idealização de uma peça conceitual e artística de vestuário que represente a reflexão do papel social das trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário.

Seguindo a Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani, inspiradas na Pedagogia Libertadora de Freire e nos pensamentos de Gramsci para a escola unitária, as atividades foram desenvolvidas dentro das etapas da sequência didática contemplando as cinco fases da Pedagogia Histórico-Crítica, como destacamos no quadro a seguir:

**Quadro 4:** Pedagogia Histórico-Crítica e as atividades da sequência didática do Produto Educacional

<b>Pedagogia Histórico-Crítica Saviani</b>	<b>Etapa do Produto Educacional</b>	<b>Aula</b>	<b>Atividades</b>
<p><b>Nível de desenvolvimento atual – Síncrise</b></p> <p><i>Esse é o ponto de partida, onde se busca compreender o conhecimento prévio que as alunas têm sobre o tema a ser estudado. Consiste na identificação das experiências e percepções que as estudantes já possuem.</i></p>	<p>I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia</p>	<p>1</p>	<p><b>1.</b> Sensibilização e apresentação do projeto: recepção dos alunos, com o videoclipe da composição de Milton Nascimento e Fernando Brant “Maria Maria” interpretada por mulheres;</p> <p><b>2.</b> A sala de aula estará com as cadeiras posicionadas no formato de roda de conversa e com a letra da música sobre cada mesa;</p> <p><b>3.</b> Enquanto se sentam e assistem o clipe, é feita a chamada para identificar as alunas pelos nomes;</p> <p><b>4.</b> Divide-se a turma em dois grupos. O Grupo 1 responderá à pergunta: “Para vocês, qual a mensagem da letra desta composição?” O Grupo 2 responderá à pergunta: “Como vocês enxergam a interpretação desta canção realizada pelas atrizes que fazem o clipe? Por que são só mulheres?”</p>

		<p><b>5.</b> Após esta dinâmica de grupo, voltando para o formato de roda de conversa, cada grupo irá expor suas impressões acerca da obra. Abre-se um debate de como as mulheres são vistas na sociedade e se a composição de 1978 permanece ou não atual;</p> <p><b>6.</b> Após o debate, será apresentada a história da música em questão;</p> <p><b>7.</b> Intervalo;</p> <p><b>8.</b> Ainda no formato de roda de conversa, duplas de estudantes farão o exercício: em uma folha A4 em branco completarão frases sobre sua dupla, usando apenas as observações de modo intuitivo: “Se você fosse um estilo musical, seria...”, “Se você fosse uma cor, seria...”, “Se você fosse uma palavra, seria...”, “Se você fosse um sentimento, seria...”, “Se você fosse um símbolo, seria...” Depois da estudante completar as frases sobre a sua dupla, ela completará sobre si mesma e então irão comparar as respostas. Não existe</p>
--	--	---

		<p>certo nem errado, algumas declarações vão estar alinhadas e outras não. A intenção é perceber como somos vistos e como nos vemos, quais mensagem passamos por meio da nossa comunicação verbal e não verbal;</p> <p><b>9.</b> Explicação do percurso que culmina com a exposição do projeto <i>Eu, ela, nós: trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário</i>, conforme quadro explicativo; Solicita-se às estudantes que tragam para próxima aula um objeto, poema, música, quadro, foto etc. que comunique a sua identidade.</p>
		<p>4</p> <p><b>1.</b> Reflexão sobre os movimentos feministas e a arte como forma de manifestação;</p> <p><b>2.</b> Em formato de roda de conversa, cada estudante fará um resumo da resposta à pergunta da aula anterior: “De que maneira os movimentos feministas mudaram a sociedade em que vivemos? Quais avanços tivemos e quais, na sua opinião, ainda faltam?”</p>

<p><b>Problematização</b></p> <p><i>Nessa fase, os conhecimentos prévios das alunas são questionados de forma a estimular uma visão crítica, levando-as a perceber contradições e lacunas no conhecimento que possuíam. A problematização desperta o interesse e a necessidade de buscar explicações mais aprofundadas e fundamentadas.</i></p>	<p>I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia</p>	<p>2</p>	<p>1. Reflexão sobre o conceito de identidade e papel social: boas-vindas aos estudantes; Solicitar que os alunos coloquem sobre a mesa o objeto, poema, música, foto etc. trazido de casa e que comunique a sua identidade;</p> <p>3. Solicitar para que cada estudante explique o porquê da escolha do objeto que traduz a sua identidade: “Quem é você?” Apresente-se para a turma;</p> <p>4. Solicitar a cada estudante que fotografe, com celular, o objeto trazido e compartilhe no grupo para a montagem de <i>moodboard</i> na próxima aula.</p>
		<p>3</p>	<p>2. Apresentação de partes do documentário: <i>Feministas: o que elas estavam pensando?</i> Faz-se algumas considerações e orientações; Exibe-se parte do documentário;</p> <p>3. Para a próxima aula, provocar a reflexão: “De que maneira os movimentos feministas mudaram a sociedade em que vivemos? Quais</p>

			avanços tivemos e quais, na sua opinião, ainda faltam?”
		4	5. Reflexão em formato de roda de conversa, sobre o modelo capitalista de produção na cadeia produtiva do vestuário: “A moda é a filha predileta do capitalismo?” Exposição dialogada sobre novos modos de fazer moda.
<p><b>Instrumentalização</b></p> <p><i>Nessa fase apresenta-se o conteúdo sistematizado, em que se ensina de forma estruturada, aprofundando os conceitos e informações necessárias para compreender o problema identificado na etapa anterior. A instrumentalização é essencial para que as alunas adquiram novos saberes que lhes permitam superar suas concepções anteriores.</i></p>	I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia	2	<p>5. Assistir ao vídeo “Qual é a sua identidade?” da antropóloga Lilia Moritz Schwarcz (3’58”);</p> <p>6. Explicar o conceito de papel social;</p> <p>Solicitar que escrevam em uma folha A4 quais os papéis sociais que exercem atualmente, no dia a dia; Questionar a naturalização dos papéis sociais levantados mostrando a diferença desses papéis em outros momentos históricos e em outras culturas; Provocar a turma com a pergunta: “O papel social te define?”; Explicar que o papel social fala sobre alguém, mas não a define.</p>

		4	<p><b>1.</b> Reflexão sobre os movimentos feministas e a arte como forma de manifestação;</p> <p><b>2.</b> Em formato de roda de conversa, cada estudante fará um resumo da resposta à pergunta da aula anterior: “De que maneira os movimentos feministas mudaram a sociedade em que vivemos, quais avanços tivemos e quais, na sua opinião ainda faltam?”</p> <p><b>3.</b> A professora fará uma breve exposição dialogada sobre alguns dos movimentos feministas na moda;</p> <p><b>4.</b> Assistir ao trailer do documentário <i>True Cost</i> legendado (4’36’’).</p>
	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho	5	<p><b>1.</b> Exposição dialogada sobre a cadeia produtiva do vestuário em números: realidades e contradições do setor no Distrito Federal;</p> <p><b>2.</b> Divisão sexual do trabalho. Apresentação dos vídeos <i>1ª Mostra de economia feminista e solidária</i> (2’16’’);</p> <p><b>3.</b> <i>Economia solidária e a vida das mulheres: a experiência da Amesol</i> (7’56’’);</p>

			4. Reflexões acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho produtivo, trabalho reprodutivo; Estabelecer relações com a temática da violência contra a mulher.
	III – Transformando palavras em mensagem	7	1. Apresentação de materiais têxteis; Pesquisa de materiais têxteis;
<p style="text-align: center;"><b>Catarse</b></p> <p><i>Nessa fase é um momento de síntese em que as alunas reorganizam e reinterpretam seus conhecimentos, integrando o que aprenderam com suas vivências anteriores. É um processo de internalização crítica, onde elas conseguem perceber como o novo conhecimento adquirido transforma sua visão sobre o tema estudado.</i></p>	I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia	3	1. Montagem do <i>moodboard</i> de identidade da turma.
	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho	5	5. Os estudantes escreverão uma palavra ou frase curta que expresse como se sentiram no contexto da divisão sexual do trabalho, levando-se em conta a identidade da turma, os papéis sociais como estudantes e futuros trabalhadores da cadeia produtiva do vestuário e os novos modelos de negócios da indústria da moda; Produção de escopo, da ideação do projeto.
<p style="text-align: center;"><b>Novo nível – Síntese</b></p> <p><i>Nessa fase as alunas aplicam e refletem sobre o que aprenderam,</i></p>	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho	6	1. Apresentação pela turma do escopo do projeto de ideação que leve em conta a

<p><i>transformando sua compreensão inicial de maneira consciente e crítica na realidade em que estão inseridas. Nesse último passo está o objetivo da Pedagogia Histórico-Crítica: a educação voltada para a transformação social.</i></p>			<p>identidade da turma, os papéis sociais como estudantes e futuros/as trabalhadores/as da cadeia produtiva do vestuário e os novos modelos de negócios da indústria da moda;</p> <p><b>2.</b> Trabalho em grupo para conclusão do escopo do projeto contendo o <i>moodboard</i> de identidade da turma e a ideação do produto final.</p>
	<p>III – Transformando palavras em mensagem</p>	7	<p><b>2.</b> Desenvolvimento dos croquis com a ideação do produto;</p>
		8	<p><b>1.</b> Elaboração da apresentação da ideação do produto, levando à reflexão do papel social das trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário para estudantes do Curso Técnico de Nível Médio em Vestuário do campus Taguatinga; Divulgação do trabalho apresentado em diversas mídias.</p>

Iniciamos a aplicação do produto educacional com alunas do último semestre do curso Técnico em Vestuário do IFB/CTAG nos dias 5 e 7 de julho de 2024; na semana de retorno às aulas após a greve dos Institutos Federais, e antes de entrarem de férias do dia 8 a 20 de julho. No período de retorno das estudantes ao campus, segundo a docente, a missão era propiciar um acolhimento e não propriamente a retomada dos conteúdos previstos no Plano de Curso, uma vez que o período letivo

seria interrompido em função de férias já pactuadas anteriormente. Dessa forma, o momento foi bastante oportuno para aplicação do produto educacional, pois tivemos espaço na agenda do campus apesar do número de alunas participantes em função da conjuntura.

No primeiro dia, em uma turma de 12 estudantes, tivemos a presença de seis e, no segundo dia, de quatro alunas. A participação nas atividades propostas foi bastante aderente, gerando discussões aprofundadas quanto ao papel social das mulheres, o mundo do trabalho, entre outros temas que propusemos nas oficinas. Discussões profícuas a tal ponto que, no segundo dia, as alunas estavam cogitando a possibilidade de formarem uma cooperativa de trabalho em moda.

Ficou bastante evidente que estávamos trabalhando com dois grupos bastante distintos de alunas, um grupo com a faixa etária mais elevada, com um viés religioso bastante expressivo, que, apesar de alguns dogmas, ouviu com atenção e participou das atividades propostas com tranquilidade e de forma colaborativa e, outro grupo, cuja faixa etária era de 25 e 26 anos, que se colocou com entusiasmo nas discussões acerca da igualdade de gênero. O segundo grupo contava com alunas que foram criadas por mulheres que se separaram e que são referência para suas filhas pela capacidade de resiliência e força, ficando muito claro o quanto elas não querem repetir a história das mães, muitas vezes permeadas por situações de violência doméstica.

Em função de termos dois dias disponibilizados para a aplicação do Produto Educacional, realizamos, no primeiro e no segundo dia, as atividades das 13:30 às 18:30, totalizando 10h de atividades, 2h a menos do que proposto no produto educacional. Em função de a turma estar mais reduzida, porém, foram suficientes para seguir todos os passos da sequência didática.

Na atividade de montagem do *moodboard*<sup>11</sup>, em que a sequência didática solicitava que as alunas trouxessem objetos que simbolizassem a identidade de cada uma, foram colocados sobre a mesa livros, lenços, fotos de família, batom vermelho, incenso e instrumentos de costura. Chamou-nos atenção, particularmente, o livro *Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida* do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que, segundo o sítio *Amazon* (2024), que comercializa o item, “desenvolve uma crítica acerca da inteligência artificial e defende o sólido e tangível, reflete sobre o silêncio que se perde no ruído da informação”. O autor fala do império do igual, da intolerância

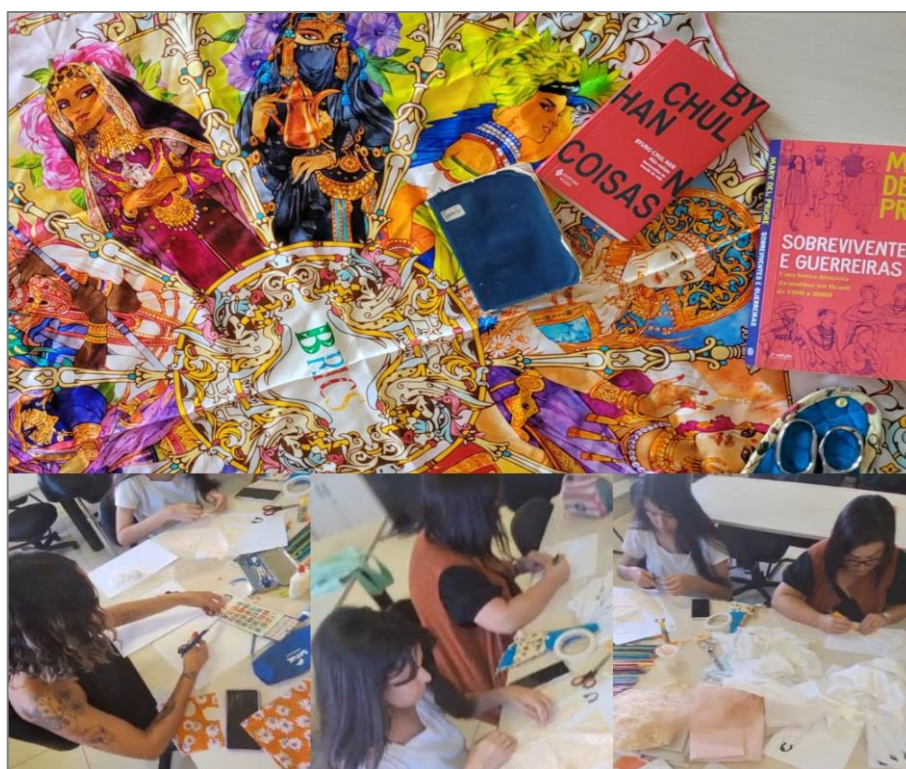
---

<sup>11</sup> O *moodboard* é uma ferramenta que reúne elementos visuais como imagens, vídeos, vetores, ilustrações e amostras de objetos, para representar um conceito ou traduzir a essência de um projeto.

com o diferente, o que foi muito rico na discussão sobre identidade que estávamos abordando.

Foram explicados por elas o porquê de terem escolhido tais objetos e assim puderam expressar os papéis sociais exercidos por cada uma, concluindo que não é apenas um papel, mas diversos e múltiplos. Ora o batom vermelho simboliza o protagonismo da mulher que expressa nos lábios em evidência a sua fala, ora os instrumentos de costura simbolizam a mulher que produz, trabalha e cria com o seu saber e suas ferramentas o pensar e o fazer, que são indissociáveis.

**Imagem 6:** moodboard montado na mesa com objetos de referências das alunas e fotos das alunas trabalhando na criação de croquis para Etapa III



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Após a aplicação do produto educacional, encaminhamos a avaliação para o corpo docente e coordenação do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.

Dos seis docentes convidados, cinco responderam ao questionário que foi enviado por e-mail e por aplicativo de mensagem. A avaliação completa consta no **item 5.2 – Avaliação do Produto Educacional.**

## 4. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

O processo de análise de dados procurou seguir uma abordagem sistemática, utilizando a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) para a análise dos grupos focais. Sendo assim, seguimos as fases:

- i) Organização da análise:** estruturamos os dados, organizando-os de maneira que facilite a compreensão e a subsequente análise;
- ii) Codificação:** atribuímos códigos aos trechos dos textos selecionados. Identificando temas, conceitos ou padrões emergentes nos dados. A utilização do *software* Atlas.ti facilitou esse processo, permitindo que a codificação acontecesse de forma organizada;
- iii) Categorização:** agrupamos os códigos em categorias mais amplas. Tais categorias são conceitos abrangentes que representam temas recorrentes nos dados. Essa etapa ajuda a simplificar a análise e identificar padrões;
- iv) Tratamento e interpretação dos resultados:** realizamos a interpretação dos resultados à luz das referências bibliográficas, o que contribuiu para uma compreensão mais aprofundada dos dados coletados na pesquisa de campo.

Dessa forma, adotamos uma abordagem sistemática visando aumentar a validade e a confiabilidade dos resultados da pesquisa qualitativa. Procuramos documentar cuidadosamente cada passo do processo para permitir a replicação e a revisão por outros pesquisadores e utilizamos os *softwares* Atlas.ti e Survio para sistematizar a análise.

Não foi possível realizar o grupo focal com as e os docentes e o coordenador do curso. Aplicamos então um questionário online sobre a percepção destas e destes quanto às expectativas das alunas acerca da inserção no mundo do trabalho. Também foi importante aplicarmos o questionário sobre o mercado de trabalho às profissionais de costura do Distrito Federal. Tais impressões estão colocadas adiante.

### 4.1 Questionários: docentes e coordenador do curso Técnico em Vestuário IFB-CTAG

O questionário sobre como as/os docentes e o coordenador do curso Técnico em Vestuário do IFB campus Taguatinga percebem as expectativas das alunas e egressas para atuarem na cadeia produtiva do vestuário foi realizado com nove dos onze docentes, sendo um deles também coordenador do curso.

A pesquisa ficou disponível por 138 dias pela plataforma <https://my.surveio.com/>. Os tópicos abordados incluem desde quais das 22 disciplinas são ministradas pelo corpo docente, assim como os motivos que as/os docentes e o coordenador avaliam para a evasão do curso. 66,7% apontaram a insatisfação com a grade curricular por parte das alunas como a principal razão para evasão. Também no questionário, cuja íntegra está disponível no **Apêndice D – Questionário: coordenador de curso e docentes**, estão contemplados os interesses profissionais das alunas, pretensões salariais e questões como se já trabalham ou não no setor, se trabalham e estudam, se só estudam, se estudam e realizam tarefas domésticas.

Chamou a atenção que, para um curso vespertino, apenas um docente respondeu que as alunas só estudam. 50% das docentes apontam que as alunas estudam e realizam trabalhos domésticos.

**11. Na maioria, as alunas:**

*Múltipla escolha. Respostas: 6. Não respondido: 0.*

Resposta	Respostas	%
Só estudam	1	16,7%
Estudam e realizam os trabalhos domésticos	3	50,0%
Estudam e trabalham fora de casa	1	16,7%
Já trabalham na área de formação	1	16,7%
Empreendem na área de formação	1	16,7%
Pretendem trabalhar na área de formação	1	16,7%
Pretendem empreender na área de formação	3	50,0%
Outra	0	0,0%

Também é possível perceber uma certa incoerência entre as respostas das perguntas 11 e 14, em que a questão 11 o respondente afirma que 50% das alunas querem empreender no setor, em contradição com a questão 14, que manifesta, segundo o corpo docente, o interesse por parte das alunas de atuarem como modelista (83,3%), costureiras (66,7%) e apenas 33,3% como empresárias.

**14. Dentre as profissões abaixo, as alunas demonstram mais interesse em atuarem como:**

*Múltipla escolha. Respostas: 6. Não respondido: 0.*

<b>Resposta</b>	<b>Respostas</b>	<b>%</b>
Costureiro(a)	4	66,7%
Modelista	5	83,3%
Chefe de Planejamento e Controle de Produção	0	0,0%
Empresária do setor	2	33,3%
Outra	0	0,0%

O perfil profissional do Plano de Curso destaca:

A aluna formada será capaz de supervisionar o processo de confecção do produto conforme padrões de qualidades, sequência de montagem do produto, considerando as diversas formas de execução e as características de matéria-prima especificada. Será uma profissional empreendedora, capaz de desenvolver atividades ou funções típicas da área, segundo os padrões de qualidade e produtividade requeridos pela natureza do trabalho técnico, observadas as normas de segurança e higiene do trabalho e de preservação ambiental. (p. 18)

Quando cita o mercado de atuação, o Plano de Curso informa que poderá atuar no setor de confecção ou cooperativas que desenvolvam produtos de vestuário em geral, podendo exercer, entre outros, os seguintes cargos ou funções: assistente de produção; auxiliar de modelagem; coordenador do planejamento e controle de produção; supervisor de produção; coordenador do setor de qualidade; empreendedor em negócios de modelagem, risco e confecção de produtos.

Tais dados nos leva a crer que se faz necessário atualizar o Plano de Curso Técnico em Vestuário do IFB de tal forma que reflita as necessidades do mundo do trabalho e o desejo de atuação das alunas, o que já tem sido providenciado uma vez que a instituição passará a ofertar o curso Técnico em Modelagem em substituição ao Técnico em Vestuário.

Também é importante citar que, segundo a última convenção coletiva entre os sindicatos patronal e trabalhista, foram negociados os pisos das seguintes categorias conforme tabela abaixo.

**Quadro 5:** salários por categorias acordado na convenção coletiva 2023/2024

<b>Categoria</b>	<b>A partir de 01/05/2023</b>
Auxiliar de produção (auxiliar de costura, auxiliar de corte e auxiliar de serigrafia)	R\$1.325,00
Costureira industrial I	R\$1.357,00
Costureira industrial II (no domínio de suas funções)	R\$1.566,00
Cortador	R\$1.693,00
Modelista	R\$2.038,00
Serígrafo	R\$1.529,00 mais adicional de insalubridade, conforme legislação e NR-15

Fonte: SINDIVESTE-DF (2024)

Percebe-se que a categoria de gerente de produção, profissional chave na boa gestão de uma confecção, cujas competências o curso Técnico em Vestuário do IFB se propõe a desenvolver, sequer tem o salário colocado em pauta na negociação salarial. E ainda, ao analisar os valores acima, fica claro o porquê do desinteresse das alunas e egressas em atuarem como costureira ou modelista e, por isso, preferirem empreender na área. Os baixos salários também justificam o que os empresários do setor chamam de “apagão de mão de obra”.

**Figura 2:** nuvem de conceitos gerada a partir da análise das respostas das e dos docentes e coordenador do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG

Fonte: Software Atlas.ti. Dados da pesquisa (2023)

Ao analisarmos a nuvem de palavras gerada a partir das respostas das e dos docentes e do coordenador do Curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG, percebemos que na centralidade das respostas está a palavra *vestuário* e na sequência a palavra *alunos*, duas palavras que concentram o seu fazer profissional.

Ainda analisando a nuvem, em ordem de grandeza, vemos a palavra *modelagem* em maior destaque que a palavra *costura*, o que reforça a concepção do corpo docente para propor descontinuar o curso Técnico em Vestuário e ofertar o Técnico em Modelagem. Mais adiante faremos uma comparação entre as nuvens de palavras geradas a partir das respostas dos três grupos que responderam ao questionário: docentes e coordenador do curso, alunas e egressas, e trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal.

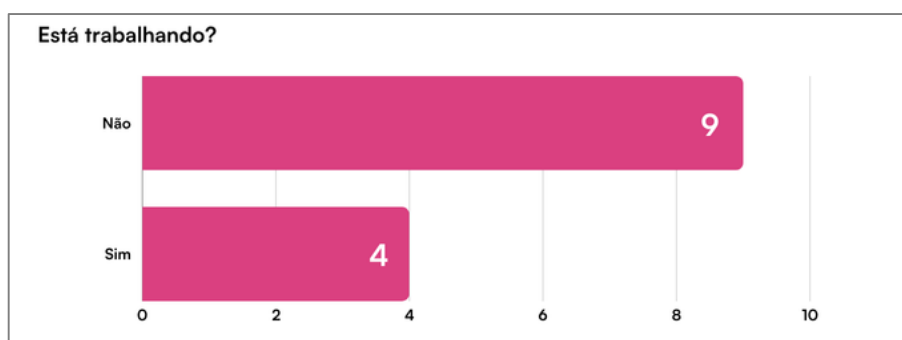
#### 4.2 Questionários: alunas egressas e formandas do curso Técnico em Vestuário IFB-CTAG

A pesquisa realizada com estudantes do último ano e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB ficou disponível por 28 dias pela plataforma <https://my.surveio.com/>. Cinco alunas egressas e oito alunas do último semestre responderam ao questionário, totalizando 13 participantes.

As perguntas buscaram averiguar a situação profissional, a satisfação com a renda e se trabalham no mercado formal ou informal. O questionário demonstrou uma diversidade de respostas com relação à idade, o que demonstra um largo espectro de interessadas pelo curso, dos 20 aos 59 anos, e uma similaridade com relação à forma de trabalho e a satisfação com a renda adquirida. A íntegra dos resultados está no **Apêndice E – Questionário: alunas egressas e do último semestre**.

Na pergunta acerca do trabalho, *se as alunas e egressas estão trabalhando*, nove respondem que não e quatro, sim. Dessas quatro, três possuem contrato de trabalho via CLT e uma trabalha por conta própria.

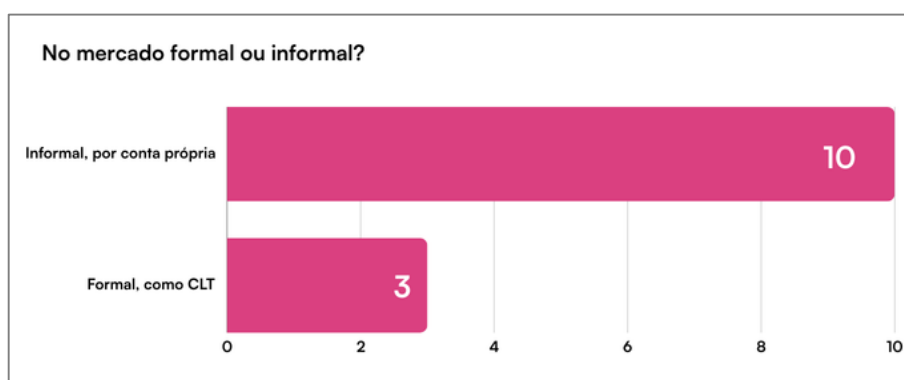
**Gráfico 5:** gráfico gerado a partir das respostas das alunas do último semestre e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG



Fonte: Software Survio. Dados da pesquisa (2023)

Quando a pergunta seguinte, *se estão trabalhando no mercado formal ou informal*, dez das treze mulheres questionadas responderam que no mercado informal e apenas três no mercado formal. Ou seja, das quatro que responderam que sim trabalham, apenas as três que são contratadas através da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) consideram ter um trabalho formal. Uma entrevistada, apesar de ter respondido que estava trabalhando, considera o seu trabalho como informal por não ter CLT.

**Gráfico 6:** gráfico gerado a partir das respostas das alunas do último semestre e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG



Fonte: Software Survio. Dados da pesquisa (2023)

Percebemos que essa realidade não se diferencia de uma geração para outra, uma vez que as respondentes estão entre 25 e 59 anos aproximadamente.

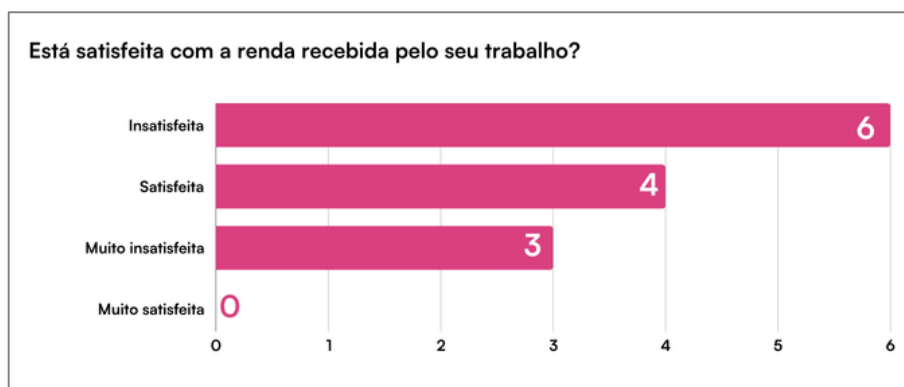
**Figura 3:** nuvem gerada a partir das respostas das alunas do último semestre e egressas do Curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG



Fonte: Software Survio. Dados da pesquisa (2023)

Também ao serem perguntadas o quanto estão satisfeitas ou insatisfeitas com a renda obtida com o seu trabalho, 70% se dizem insatisfeitas/muito insatisfeitas.

**Gráfico 7:** gráfico gerado a partir das respostas das alunas do último semestre e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG



Fonte: Software Survio. Dados da pesquisa (2023)

Das quatro alunas e/ou egressas que responderam que estão satisfeitas, apenas uma trabalha com carteira de trabalho assinada (CLT), o que reforça a insatisfação das trabalhadoras do setor com os baixos salários mediante as intensas horas trabalhadas em atribuições repetitivas e muitas vezes em ambientes insalubres. As outras três respondentes que assinalaram estarem satisfeitas trabalham por conta própria. Em comum as quatro, o estado civil; todas solteiras.

**Figura 4:** nuvem de conceitos gerada a partir da análise das respostas das alunas e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG



Fonte: Software Atlas.ti. Dados da pesquisa (2023)

Ao analisarmos a nuvem de palavras gerada a partir das respostas ao questionário aplicado para as alunas e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG, vemos na parte central da nuvem, que denota maior relevância no discurso proferido por esse grupo, a palavra *curso* e, em uma dimensão muito próxima, as palavras *estudantes* e *vestuário*. Desse modo, podemos constatar que o grupo de alunas e egressas ainda se identifica como estudantes e pretende continuar os estudos, no setor do vestuário, como um caminho na busca por melhores oportunidades. Na zona periférica da nuvem aparecem palavras que indicam interesses e anseios expressos nos discursos como *lar*, *união*, *salário*, *submissão*,

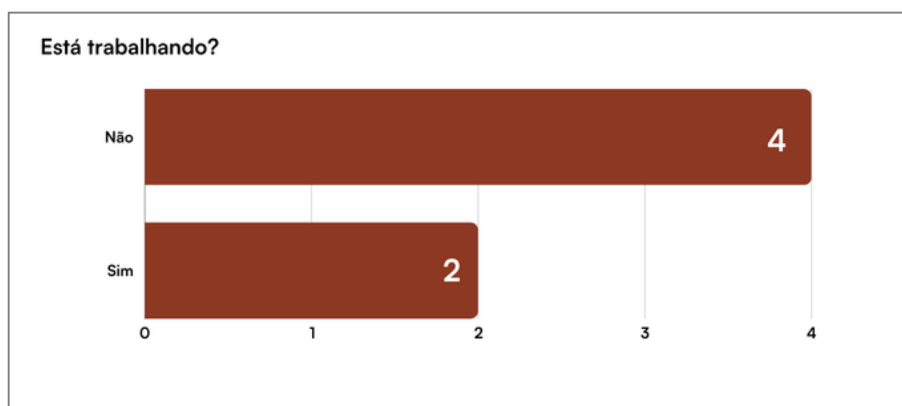
*inacabadas, incompletas*. Tais palavras reforçam o que a pesquisa aponta como centralidade na vida laboral das mulheres: a tentativa de conciliar os trabalhos produtivo e reprodutivo e a constatação que essa equação traz desgastes que levam a projetos inacabados, incompletos e situações de submissão.

### 4.3 Questionários: costureiras de Brasília

A pesquisa foi realizada com costureiras do setor do vestuário por meio do grupo denominado Costureiras de Brasília no Facebook. São profissionais que atuam no mundo do trabalho, não são alunas nem egressas do IFB. Apesar de o grupo se apresentar com mais de sete mil membros, apenas seis participantes responderam. Todavia, é possível perceber que as situações evidenciadas nos questionários respondidos pelas alunas e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB se perpetuam no mundo do trabalho das trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário.

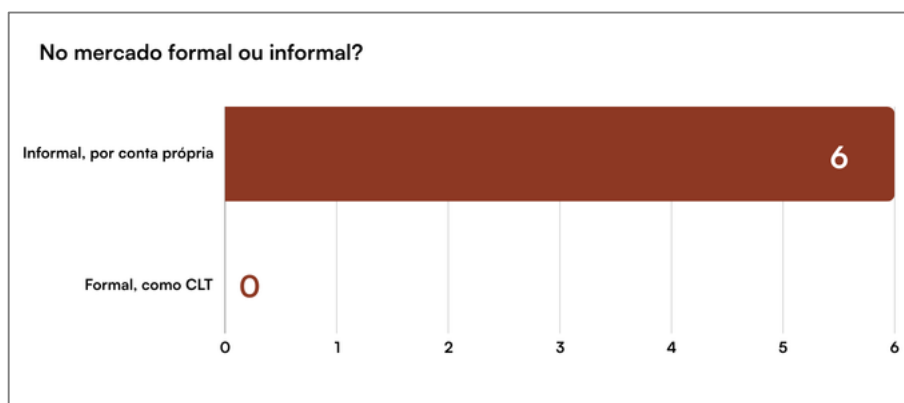
Quando as costureiras do Grupo Costureiras de Brasília respondem se estão ou não trabalhando, assim como as entrevistadas anteriormente, a maioria também diz que não, o que denota o quanto o trabalho por conta própria não é visto como trabalho por essas trabalhadoras.

**Gráfico 8:** gráfico gerado a partir das respostas das profissionais do setor – costureiras



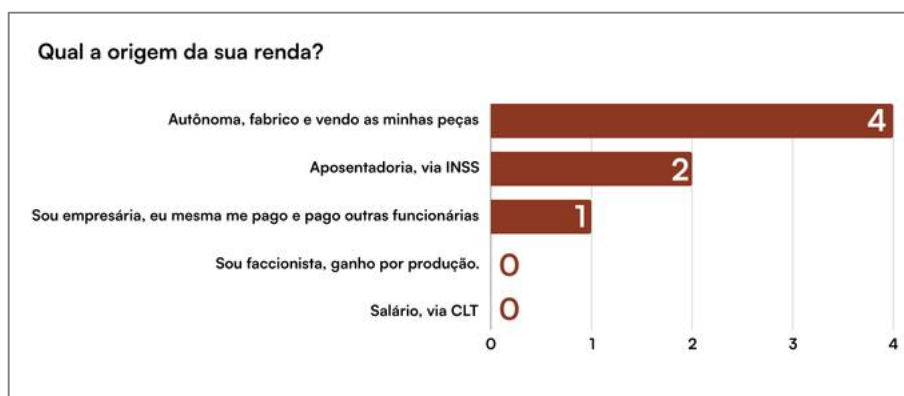
Fonte: *Software Survio*. Dados da pesquisa (2023)

Ao serem perguntadas se trabalham no mercado formal ou informal, 100% responderam informal (por conta própria). Mais uma vez, esse dado evidencia o quanto o trabalho autônomo é visto, percebido e sentido por elas como um trabalho sem vínculo, apesar de também prestarem serviço como costureira externa ou como faccionista para outras confecções.

**Gráfico 9:** gráfico gerado a partir das respostas das profissionais do setor – costureiras

Fonte: *Software Survio*. Dados da pesquisa (2023)

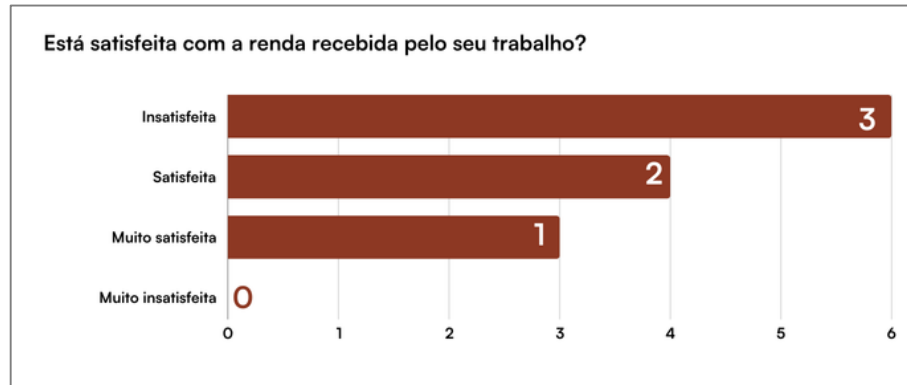
Ao serem perguntadas qual a origem da renda, vimos que a grande maioria é autônoma, apenas uma é faccionista e duas são aposentadas que complementam a renda com o trabalho de costureira.

**Gráfico 10:** gráfico gerado a partir das respostas das profissionais do setor – costureiras

Fonte: *Software Survio*. Dados da pesquisa (2023)

Da mesma forma que as alunas e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB ao serem questionadas se estão satisfeitas ou não com a renda obtida pelo seu trabalho, as trabalhadoras que responderam ao questionário também se sentem insatisfeitas/muito insatisfeitas (66%). As duas que se disseram satisfeitas com a renda obtida são uma microempresária que terceiriza parte da produção e outra aposentada que complementa a renda com o trabalho de costureira, ou seja, esta última não depende dessa renda obtida com a costura para despesas básicas.

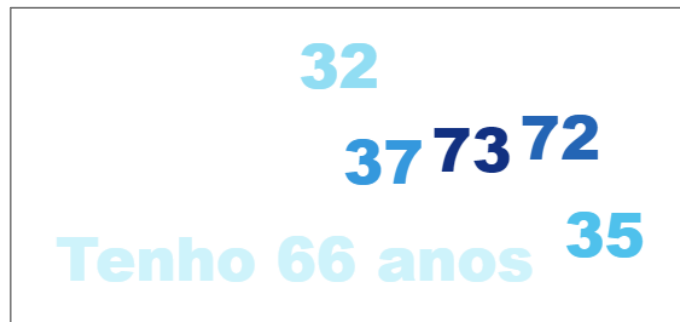
**Gráfico 11:** gráfico gerado a partir das respostas das profissionais do setor – costureiras



Fonte: *Software Survio*. Dados da pesquisa (2023)

Também é possível perceber que a questão geracional que vimos nos questionários respondidos pelas alunas e egressas se repete aqui. A diferença da faixa etária, que nas trabalhadoras flutua entre os 30 e 70 anos, nas alunas e egressas está entre os 20 e 60 anos, o que nos leva à seguinte conclusão: existe perpetuação da precarização do trabalho na cadeia produtiva do vestuário.

**Figura 5:** nuvem gerada a partir das respostas das profissionais do setor – costureiras



Fonte: *Software Survio*. Dados da pesquisa (2023)

**Figura 6:** nuvem de conceitos gerada a partir da análise das respostas das trabalhadoras do Grupo Costureiras de Brasília-DF



Fonte: *Software Atlas.ti*. Dados da pesquisa (2023)

A nuvem de palavras gerada a partir das respostas do questionário aplicado ao Grupo Costureiras do Distrito Federal traz em destaque as palavras *vestuário* e *costureiras*. Tal centralidade representa o setor onde atuam – o vestuário e a profissão que exercem – de costureiras, que é como elas se veem e onde se sentem inseridas. Nas palavras localizadas nas áreas periféricas da nuvem estão representadas atribuições e preocupações que fazem parte do dia a dia dessas mulheres: *fabrico*, *vendo*, *trabalhadoras*, *salário*, *produtiva*, *faccionista*, entre outras.

**Figura 7:** comparativo entre as nuvens de palavras geradas a partir das análises das respostas das e dos **docentes e coordenador** do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG; das **alunas e egressas** do curso e das **trabalhadoras Costureiras de Brasília-DF**, respectivamente



Fonte: Software Atlas.ti. Dados da pesquisa (2023)

Ao compararmos as três nuvens de palavras geradas a partir das respostas dos questionários aplicados aos distintos grupos, verificamos que a palavra *vestuário* aparece com destaque nos três, com maior centralidade no Grupo 1 (docentes e coordenador do curso); e no Grupo 3 (costureiras). Esta evidência nos leva a crer que o setor do vestuário, por ser matéria-prima do fazer profissional nesses dois grupos, apareça com essa relevância. Já no Grupo 2 (alunas e egressas do curso), a palavra *vestuário* aparece na mesma dimensão da palavra *estudantes*, pois é como esse grupo se enxerga e, na centralidade da nuvem de palavras desse grupo, a palavra *curso* ressalta o desejo de permanecerem na trilha do aprendizado como ferramenta para alcançar melhores oportunidades de trabalho.

#### 4.4 Grupo Focal 1: egressas do curso Técnico em Vestuário IFB-CTAG

Nos relatos dos grupos focais com alunas egressas e alunas do último semestre do Curso Técnico em Vestuário do IFB foram discutidos temas como sonhos, experiências de vida, experiências na escola, no trabalho e os desafios na cadeia produtiva do vestuário. Participantes compartilharam suas vivências e adversidades, valores tais quais independência, trabalho, aprendizagem, saúde, dignidade e família foram destaques. Além disso, foram abordados temas como a

importância do trabalho na vida pessoal, questões como emancipação feminina, condições de trabalho na indústria têxtil e expectativas no mundo do trabalho para estudantes de moda.

Alguns casos de sucesso, como os do estado de Goiás com a instalação de Centros Tecnológicos do Vestuário, que permitiram o acesso às costureiras à equipamentos modernos para otimização de etapas da confecção como o enfiar e o corte e que, a partir dessa iniciativa, trouxeram melhorias dos processos de trabalho para costureiras autônomas, além de se tornarem locais de convivência. Essas iniciativas, realizadas em cidades no entorno do Distrito Federal, foram lembradas e citadas pelos grupos.

Tais espaços de produção trouxeram uma evolução nos processos de trabalho, gerando uma renda maior para as mulheres da região, como é o caso de Pontalina-GO, que se tornou um polo de confecção de *lingerie* com a venda de produtos para todo o Brasil e para o exterior.

As questões norteadoras para a coleta de dados com os grupos focais vieram do exercício anterior, realizado em formato de roda de conversa para construção do Mapa de Vida e foram escritas no quadro branco: Por que trabalho? Trabalhando, transformo o mundo? Trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário: quais os sonhos e desafios? Quais valores norteiam sua vida? Como você se vê daqui a um ano?

No Grupo Focal 1, com alunas egressas, a professora participante destacou a importância de projetos de extensão do IFB e o território onde as alunas estão inseridas. Desde a pandemia de Covid-19, esse grupo de alunas se reúne todas as quartas-feiras para continuar produzindo aventais e máscaras destinados à doação. É perceptível o quanto a socialização e o fazer colaborativo movem essas alunas egressas a se manterem no projeto. Na pausa para o café, cada uma contribui para a fatura da mesa; além de tempo para o lanche, é um momento para compartilhar conquistas, sonhos e dificuldades, com afeto e muita solidariedade.

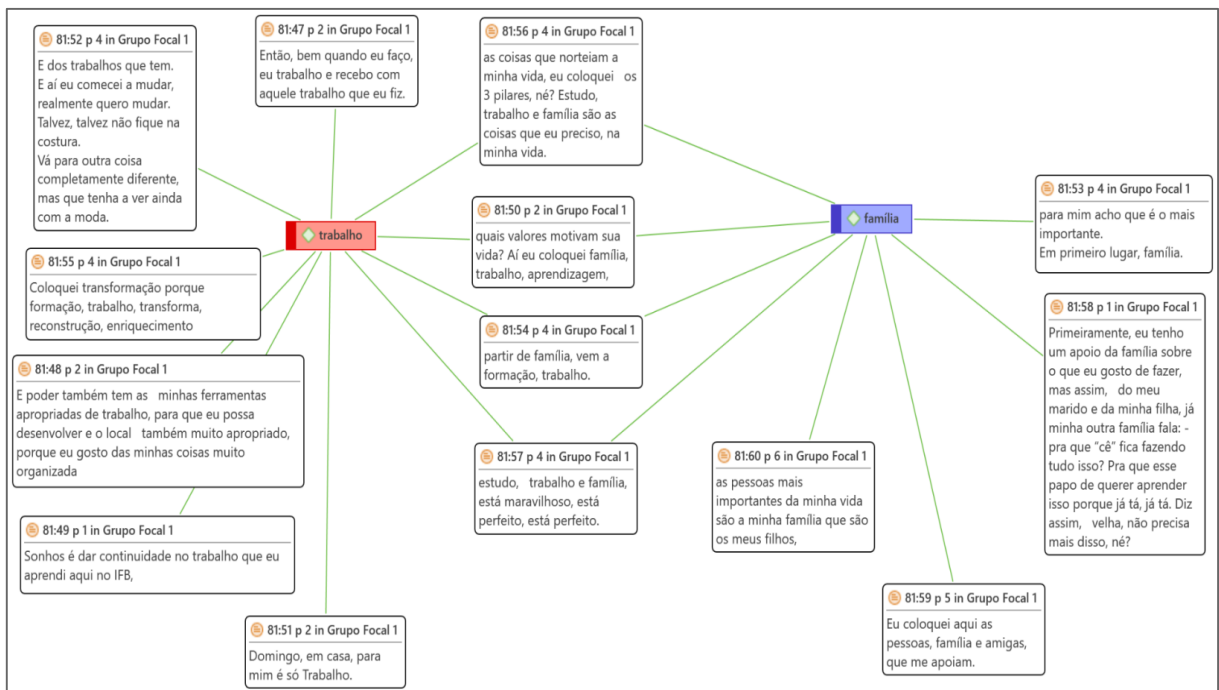
Ao analisarmos a nuvem de palavras geradas a partir dos relatos do grupo, nos chama atenção a importância do espaço para trabalhar, mas, para além disso, é visível que esse “espaço” é muito mais que um espaço físico com máquinas e equipamentos colocados de forma organizada. Tão importante quanto o espaço físico, como nos ensina Freire (2022), é também o espaço para serem seres de si e não para



mulheres em conciliar os trabalhos reprodutivo e produtivo e a percepção que essa dupla tarefa afeta a saúde, preocupação bastante evidenciada nos depoimentos.

Ainda, ao analisarmos as falas do Grupo Focal 1, percebemos que, ao focar nos conceitos sobre trabalho e família, as citações assinaladas com a codificação Trabalho vêm quase sempre acompanhadas da palavra Família e vice-versa. Sendo assim, é possível constatar que os fatores trabalho e família andam juntos, nesta tentativa de conciliar ambos. Na figura abaixo, cuja rede gera a conexão entre as categorias Trabalho e Família, podemos ver 14 citações das quais 4 referem-se a Trabalho e Família juntos, enquanto 6 apenas a Trabalho e 4 apenas a Família. Destaque especial para a citação de uma aluna egressa que diz: “Domingo em casa pra mim é só trabalho”. Fica claro como esses ambientes de casa e local de trabalho quase nunca se separam, nem mesmo aos domingos, reforçando a cultura patriarcal a qual essas mulheres estão imersas.

**Figura 9:** rede gerada para a categoria Trabalho e Família a partir da análise das respostas do Grupo Focal 1 das alunas egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG



Fonte: *Software Atlas.ti*. Dados da pesquisa (2023)

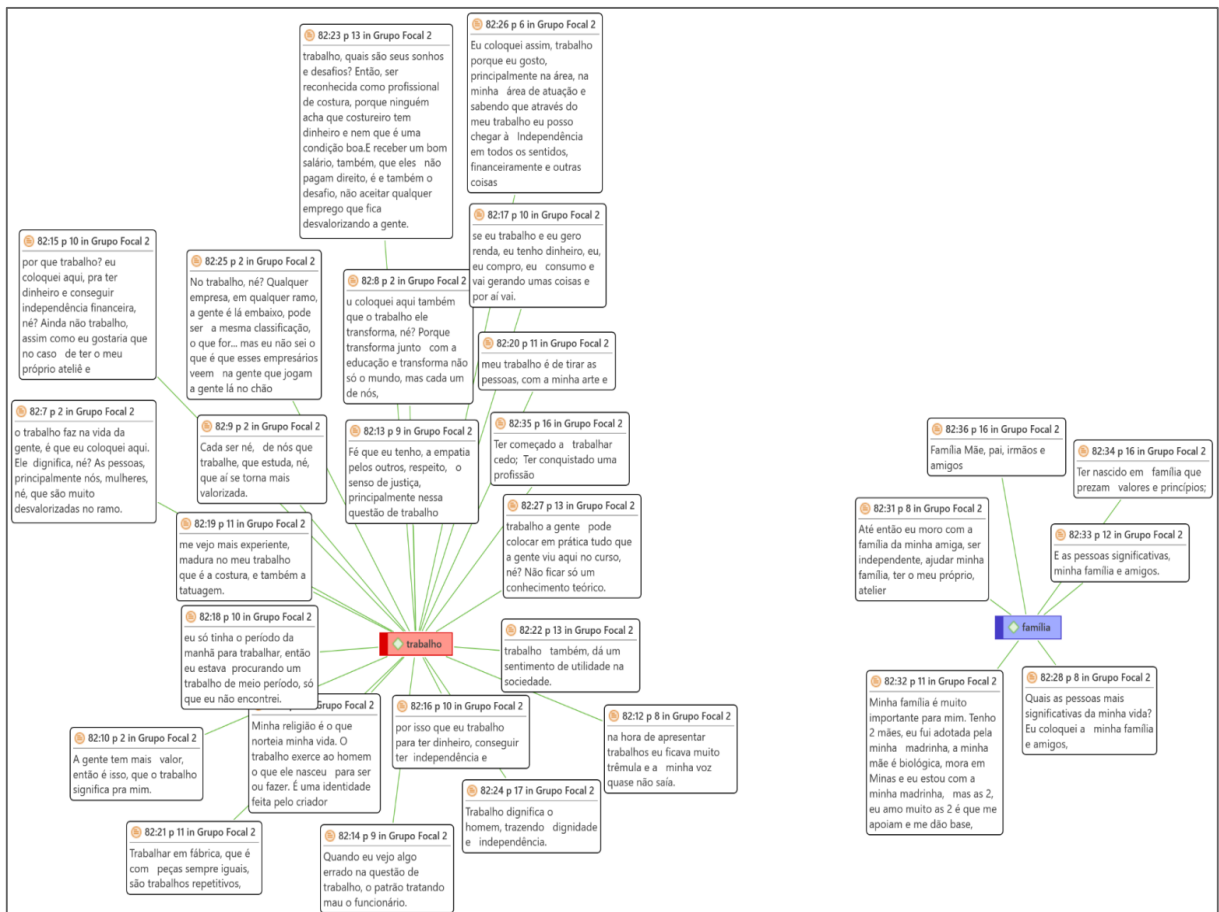
A rede ainda nos permite coletar importantes aspectos dos depoimentos, sendo o mais importante deles o valor dado à família para essas mulheres, evidenciadas em citações como “As pessoas mais importantes da minha vida são a minha família, que são os meus filhos” ou “Pra mim acho que é o mais importante. Em primeiro lugar a família”. Até quando falam de trabalho essa categoria aparece em citações quase

sempre em segundo plano, como no exemplo de uma aluna egressa que diz “A partir da família, vem a formação, o trabalho”. Já o peso dado à Família no Grupo Focal 2 é bastante diferente do Grupo Focal 1, como veremos a seguir e entenderemos o porquê.

### 4.5 Grupo Focal 2: alunas do último ano do curso Técnico em Vestuário IFB-CTAG

Diferentemente do Grupo Focal 1, o Grupo Focal 2 foi composto por alunas do último semestre do Curso Técnico em Vestuário. Ao nos debruçarmos sobre as categorias Trabalho e Família, como fizemos na análise dos dados do Grupo Focal 1, percebemos nos relatos que, em nenhuma das citações, a palavra *trabalho* aparece acompanhada da palavra *família* e vice-versa. Também chamou a atenção que a categoria Família aparece em um número muito menor que a categoria Trabalho. Trabalho aparece em 22 citações, enquanto Família é citada apenas 6 vezes.

**Figura 10:** rede gerada para a categoria Trabalho e Família a partir da análise das respostas do Grupo Focal 2 das alunas do último semestre do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG



Buscando entender o porquê dessa diferença entre os dois grupos, procuramos investigar se existia um tempo considerável entre a conclusão do curso pelas alunas do Grupo Focal 1 em comparação com as alunas do último semestre, participantes do Grupo Focal 2, o que não se confirmou. Entre o grupo de alunas egressas, a maioria havia finalizado o curso em julho de 2023 e das alunas do último semestre, em dezembro de 2023.

Analisamos então a questão geracional, que pode sinalizar para uma mudança comportamental entre os grupos, uma vez que, no primeiro grupo, a média de idade é de 47 anos e no segundo grupo, 34 anos. De fato, o espaço de uma geração é considerado, tradicionalmente, como um intervalo de cerca de 20 a 30 anos, período comum para a ocorrência das relações parentais. No entanto, com os avanços tecnológicos, calcula-se que essa duração tenha sido reduzida para aproximadamente dez anos. As gerações são classificadas conforme o período de nascimento de cada pessoa, sendo a divisão mais amplamente aceita: *Baby Boomers* (1946-1964), Geração X (1965-1980), *Millennials* ou Geração Y (1981-1996), Geração Z (1997-2012) e Geração Alpha (a partir de 2012).

Nos dois grupos temos integrantes de todas as gerações, com exceção das gerações nascidas entre 1946-1964 e a partir de 2012, ou seja, não se trata de comportamentos diferentes em função das gerações, uma vez que os dois grupos possuem integrantes dos mesmos grupos geracionais. O que se percebe entre os Grupos 1 e 2 é que no Grupo 1 a maioria das egressas já é casada, apenas uma é solteira e outra participante é divorciada com filhos, enquanto que no Grupo 2 praticamente a totalidade de alunas são solteiras, apenas uma é casada. Certamente essa diferente condição entre os grupos explica o fato de que entre um grupo e outro há uma mudança de comportamento na relevância dada à questão familiar no que tange o mundo do trabalho, como podemos verificar nas citações destacadas nas Figuras 8 e 9 quando analisamos as categorias Trabalho e Família. Enquanto que na rede construída a partir dos depoimentos do Grupo Focal 1, como analisado anteriormente, o valor atribuído à Família é evidenciado nas citações, revelando a importância dessa categoria, manifestado tanto na frequência das menções – feitas isoladamente ou em associação com a categoria Trabalho – quanto no peso significativo dado à família, refletido nas próprias citações.

Ao analisarmos a rede gerada a partir dos depoimentos do Grupo Focal 2, o tom dado à Família é bastante diferente. Seja porque as duas categorias (Trabalho e

Família) não aparecem juntas em nenhuma citação, seja porque a categoria Trabalho é citada 22 vezes, ao passo que a categoria Família apenas seis. Também, a natureza do contexto em que são feitas as citações são bastante diversas entre o Grupo 1 e o Grupo 2. Enquanto o primeiro destaca Família como sendo o valor mais importante, o segundo enfatiza Família em outro contexto, segundo os depoimentos “Até então eu moro com a família da minha amiga, ser independente, ajudar a minha família, ter meu próprio atelier” ou “Minha família é muito importante pra mim. Eu tenho duas mães. Fui adotada pela minha madrinha. Minha mãe biológica mora em Minas, mas as duas são muito importantes pra mim, são a minha base, quem me apoia”. Ou seja, a família aqui aparece como sendo estímulo para que a aluna trabalhe, abra seu próprio atelier para ajudar a família, ou ainda, a família se revela como sendo um motivo de gratidão às duas mães, que são a base para a aluna.

Já a categoria Trabalho para o Grupo Focal 2 se apresenta nas citações como um caminho para alcançar um futuro com mais oportunidades, presentes em citações como “O trabalho, ele dignifica né, as pessoas, principalmente nós mulheres que são muito desvalorizadas no ramo” ou “Trabalho porque eu gosto, principalmente na minha área de atuação, e sabendo que através do meu trabalho eu posso chegar à independência em todos os sentidos, financeiramente e em outras coisas”. Fica evidente que a diferença, ao analisarmos as redes geradas entre os Grupos 1 e 2 quando fazemos o cruzamento entre as categorias Trabalho e Família, é que as mulheres ao assumirem a sua família, ao se casarem e ao terem filhos passam a dar maior relevância a esta unidade familiar e buscam conciliar os trabalhos produtivo e reprodutivo, cujo resultado dessa equação já é sabido, a exaustão de tantas mulheres.

A Figura 11 (abaixo) corrobora para essa análise. Podemos ver na centralidade da nuvem de palavras, a partir dos depoimentos do Grupo Focal 2, a palavra *curso* em destaque, assim como *faculdade*, sinaliza o desejo das alunas de continuarem a formação no setor do vestuário. *Sonhos*, *dinheiro*, *desafios*, *filhos*, *voz* são palavras que aparecem em uma dimensão mais afastada, mas que percebemos fazer parte do universo dessas mulheres como um desejo, algo a ser alcançado. As demais palavras da nuvem que estão em regiões periféricas também fazem parte de sentimentos, impressões e preocupações que permeiam o dia a dia dessas mulheres.



Quadro 6: principais achados

<p><b>Tema:</b> Alunas egressas do curso Técnico em Vestuário não têm interesse em ingressar formalmente no mundo do trabalho na cadeia produtiva do vestuário.</p>		
<p><b>Problema:</b> Como formar integralmente as trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal em cursos técnicos que estimulem a inserção no mundo do trabalho e, conseqüentemente, a geração de emprego digno e renda, pilares importantes para emancipação feminina, condição fundamental no combate à violência doméstica e ao feminicídio crescente no Distrito Federal.</p>		
<p><b>Objetivo Geral:</b> Identificar como as alunas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG pretendem atuar no mundo do trabalho, na cadeia produtiva do vestuário para propor um produto educacional que venha contribuir para a formação integral dessas alunas, a fim de colaborar para a inserção no mundo do trabalho de forma crítica, aptas a transformarem a sua realidade e a do seu entorno e que gere emprego digno e renda, pilar importante no combate à violência doméstica e o feminicídio.</p>		
Objetivo específico	Instrumentos utilizados	Principais achados
<p>Identificar como se dá a inserção, na cadeia produtiva do vestuário, no Distrito Federal, das alunas egressas do Curso Técnico em Vestuário do Instituto Federal de Brasília – IFB, Campus Taguatinga;</p>	<p>Aplicação de questionários e coleta de dados por meio de grupo focal com alunas do último ano e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.</p> <p>Aplicação de questionários com trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário no DF (costureiras).</p>	<p>As alunas e egressas não têm interesse em entrar formalmente na cadeia produtiva do vestuário devido aos baixos salários, ao trabalho repetitivo e intenso, além de, parte delas, as que são casadas e/ou com filhos, terem uma falsa impressão de que poderão trabalhar em casa conciliando os trabalhos domésticos (reprodutivos) e o trabalho produtivo, garantindo nesse modelo precarizado de trabalho uma melhor qualidade de vida. Essa falsa impressão reforça a ideia de que a mulher pode acumular o trabalho produtivo e reprodutivo. Esta “aceitação” impede a desconstrução de uma prática social de que a mulher deve acumular o trabalho reprodutivo com o produtivo, e que ao homem</p>

		<p>não cabe a responsabilidade de partilhar das responsabilidades domésticas.</p> <p>Tal desejo de trabalharem por conta própria se confirma como uma falácia, uma vez que, ao analisarmos os questionários aplicados a trabalhadoras costureiras do DF apontam o quanto estão insatisfeitas com esse formato de trabalho, que nada mais é que um falso empreendedorismo.</p>
<p>Conhecer as expectativas das alunas do Curso Técnico em Vestuário do Instituto Federal de Brasília – IFB, Campus Taguatinga, com relação a sua inserção no mundo do trabalho na cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal;</p>	<p>Aplicação de questionários e coleta de dados por meio de grupo focal com alunas do último ano e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.</p>	<p>Tanto as alunas do último semestre quanto as egressas do curso técnico de vestuário do IFB-CTAG, manifestaram não terem interesse em trabalharem com a produção de vestuário devido aos baixos salários e a falta de reconhecimento da profissão. Para as alunas e egressas casadas e/ou com filhos, a família aparece fortemente como prioridade, daí o desejo de empreenderem em casa na tentativa de conciliarem os afazeres domésticos (reprodutivos) e o trabalho produtivo, o que confirma a cultura patriarcal em que estão imersas. Já as solteiras pensam em trabalhar em outras áreas da cadeia produtiva do vestuário como em empresas que estejam atentas à sustentabilidade socioambiental, por exemplo; manifestam conhecimento de novos formatos de trabalho como modelos cooperativados e associativos. Quando citam a categoria família, citam o aspecto</p>

		de que o trabalho será um instrumento para trazer independência para outras mulheres da família, como mães e avós. Ambos os grupos possuem o entendimento de que o trabalho traz dignidade e que o aprendizado é o caminho para alcançar seus objetivos pessoais.
Discutir quais são os desafios a serem enfrentados para a inserção no mundo do trabalho das mulheres diante de uma sociedade capitalista e patriarcal;	Pesquisa bibliográfica; Aplicação de questionários e coleta de dados por meio de grupo focal com alunas do último ano e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.	É na divisão sexual do trabalho que está a essência das relações desiguais e de poder dos homens sobre as mulheres; interessa ao sistema capitalista a cultura patriarcal, eles não são sistemas autônomos e sim o mesmo sistema.  A decisão das trabalhadoras desse setor, principalmente as casadas e/ou com filhos, de empreenderem nos seus próprios domicílios, está assentada na cultura patriarcal e no sistema capitalista onde estão imersas, que institucionaliza a estrutura social vigente.
Estabelecer a relação entre as dificuldades de ordem pessoal, cultural, social das estudantes e a proposta da EPT, omnilateral, integrada e politécnica, do Instituto Federal de Brasília-IFB, para construção de um produto educacional, que venha a corroborar para a inserção no mundo do trabalho de forma crítica, aptas a transformarem a sua	Pesquisa documental; Aplicação de questionário com coordenador do curso e docentes, alunas e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG.	Existe um distanciamento entre o perfil profissional do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG e o desejo manifestado pelas alunas e egressas. O perfil do curso foca bastante no trabalho de Planejamento e Controle da Produção – PCP, ao passo que as alunas e egressas não manifestam o interesse de trabalharem com a produção de vestuário neste formato de “chão de fábrica”. O curso Técnico em Vestuário está sendo descontinuado para implementação do Técnico em

realidade e a do seu entorno.		Modelagem. O conteúdo de QVT que é ofertado no Plano de Curso é a ponta do <i>iceberg</i> de questões mais profundas que precisam encontrar abrigo na EPT e que o produto educacional denominado <i>Cirandas-Cidadãs</i> busca contribuir através de reflexões sobre os seguintes temas: trabalho e renda, autonomia, identidade, papéis sociais, cidadania, a mulher no mundo do trabalho e a divisão sexual do trabalho para citar alguns.
-------------------------------	--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A pesquisa também confirma que o ambiente de negócios da cadeia produtiva do vestuário é propício à precarização do trabalho; demonstra que a constituição da família e o nascimento dos filhos reforçam esse comportamento do trabalho em domicílio, acentuado também pelos baixos salários e as intensas horas trabalhadas em atividades repetitivas; assinala que as estudantes solteiras priorizam o trabalho, não que a família não seja importante, mas veem no trabalho a chance de melhorar a condição de vida da família como um todo, buscando empreender no setor ou trabalhar na cadeia produtiva em atividades que envolvem gestão e criação e não a produção; ressalta que, apesar do diferente peso dado à família entre as estudantes casadas e solteiras, ambas desejam conciliar vida profissional e vida pessoal; buscam uma atividade que lhes traga independência financeira, trabalho e dignidade em um espaço apropriado. O produto educacional desenvolvido a partir desta pesquisa trouxe reflexões quanto aos papéis sociais dessas futuras trabalhadoras com desdobramentos para pensarem em novos arranjos produtivos locais.

## 5. PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional começou a ser concebido durante o processo de coleta de informações com docentes, alunas e egressas do Curso Técnico em Vestuário do campus Taguatinga do IFB e aperfeiçoado, posteriormente, por meio das análises dos dados desses grupos e dos questionários respondidos pelas profissionais do setor do vestuário – costureiras. Sendo assim, propusemos um ciclo de três oficinas diferentes de até 4h cada uma, cuja proposta foi aplicada como atividades complementares.

O conteúdo programático começou a ser construído na primeira atividade, uma roda de conversa para investigação dos temas geradores. Esta foi a primeira ação realizada com alunas do último ano e egressas do curso. Uma vez descobertos os temas geradores, seguindo a metodologia freireana, por meio da problematização, do diálogo, da realidade codificada e decodificada, foram então estruturadas as oficinas fazendo uso das metodologias ativas.

No primeiro momento – Roda de Conversa – utilizamos o Mapa da Vida, instrumento adotado no Programa Mulheres Mil<sup>12</sup>, realizado nos Institutos Federais – IFs<sup>13</sup>.

Inspiradas pela Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani (2021) que propõe que a educação seja um meio de conscientização e transformação social, focando na análise crítica da realidade e na formação de indivíduos conscientes de seu papel na luta por mudanças sociais, buscamos como objetivo dessa primeira Roda de Conversa, durante a qual será construído o Mapa da Vida, criar oportunidade e espaço para o compartilhamento de experiências e vivências das alunas e egressas, que serão registradas pelo grupo e valorizadas pelo coletivo. Nessa atividade, as participantes assumem o protagonismo, como autoras de sua história, inseridas na comunidade. Nessa construção, são estimuladas a organizarem a narrativa, facilitando com que cada uma visualize sua trajetória, desenvolvendo a capacidade de fazer os recortes mais significativos da sua jornada, destacando os principais fatos, pessoas, conquistas e rupturas.

---

<sup>12</sup> O Programa Nacional Mulheres Mil foi instituído nacionalmente em 2011 e é fruto dos resultados positivos gerados por uma iniciativa piloto de mesmo nome, criada em 2007 pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC).

<sup>13</sup> Os IFs foram escolhidos para executarem este programa por promoverem uma cultura de inovação e inclusão no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica – EPT, a partir das características, experiências e necessidades de cada território e de suas populações.

(...) esse instrumento constitui importante estratégia para criar vínculos e, ao mesmo tempo, permitir a reflexão sobre de que maneira as histórias de cada uma são individuais e coletivas. Afinal, fazem parte de um contexto histórico e socioeconômico comum. (BRASIL, SETEC, 2011, p. 15)

O roteiro para execução do Mapa da Vida, inspirado no Guia Metodológico do Programa Mulheres Mil, está localizado em **Apêndice B: Roteiro para roda de conversa – Mapa de Vida**.

Definidos os temas geradores, foram criadas as oficinas tendo como orientação a pedagogia freireana e a Histórico-Crítica de Saviani. Para tanto, elaboramos os roteiros de aplicação das oficinas, no modelo de sequência didática, de tal modo que tenha sido possível desenvolvê-las seguindo o roteiro de aplicação.

Inspiradas no método de Freire adotado nos Círculos de Cultura, que se propôs a combater o analfabetismo através de uma educação que levasse o homem e a mulher a refletir sobre sua ontológica vocação de ser sujeito, as oficinas foram construídas tomando como ponto de partida situações concretas das educandas e estruturadas a partir de questionamentos na busca de soluções para essas contradições. A metodologia de ensino e aprendizagem utilizada reconhece e valoriza as vivências ricas de significados das participantes e a avaliação da aprendizagem contínua, permanente e formativa.

Oportunamente, nesse primeiro momento, foram coletadas informações das participantes (alunas e egressas) por meio de um questionário com a finalidade de traçar o perfil do público e elaborar as oficinas, levando-se em consideração essas características a fim de proporcionar uma maior aderência aos conteúdos ofertados. Das informações coletadas: nome; idade; naturalidade; residência; estado civil; Empregada ou desempregada? No mercado formal ou informal? Apresenta renda? Individual ou coletiva? Qual a origem? Qual o nível de satisfação (muito satisfeita, satisfeita, insatisfeita, muito insatisfeita)?

Lembramos que os conteúdos das oficinas têm/tiveram como objetivo auxiliar as e os docentes do Curso Técnico de Nível Médio em Vestuário na formação integral das alunas do IFB – campus Taguatinga, com o intuito de apoiá-las/os na preparação das educandas para, uma vez no mundo do trabalho da cadeia produtiva do vestuário, sintam-se aptas a transformarem a sua realidade e, conseqüentemente, a do seu entorno, proporcionando, em parte, os mecanismos para a emancipação feminina, pilar importante para o combate da violência doméstica e o feminicídio crescente no

DF, uma vez que a força de trabalho desse setor é composta majoritariamente por mulheres.

Pretendemos que essa formação auxilie na conscientização da importância da geração de emprego e renda dessas alunas para uma verdadeira autonomia no mundo do trabalho e para exercerem plenamente a cidadania.

Sabemos que a construção do conhecimento necessita de um processo articulado de ações e é uma importante jornada, ainda mais desafiadora, quando nos propomos atuar na Educação Profissional e Tecnológica, uma vez que a formação integral na EPT extrapola o conhecimento teórico e preconiza a formação omnilateral do aluno para atuar no mundo do trabalho.

Esse desafio só é possível se andarmos de mãos dadas com os autores que nos abastecem com as suas obras e pavimentam o caminho a ser percorrido, onde o ponto de partida é sempre a aluna e o seu conhecimento prévio e o ponto de chegada a formação integral da estudante, tendo o objetivo educativo o nosso foco, passo a passo. É ele o objetivo educativo para onde nossos olhos estão voltados na construção desse produto educacional, mas não basta ter o objetivo educativo claro, construído levando-se em conta as dimensões cognitivas e de conhecimento (taxonomia de Bloom); é necessário, no planejamento, lançarmos mão dos tipos de aprendizagem que traremos para cada objetivo educativo, qual metodologia mais adequada, que materiais educativos serão mais aderentes e quais os instrumentos e critérios de avaliação.

Partimos do conceito de Ramos (2004), de que ciência, trabalho e cultura são dimensões indissociáveis para construir um conhecimento que seja permanente, significativo como a teoria de Ausubel (2018), aplicável à vida como defende Dewey, onde “o que é aprendido, sendo aprendido fora do lugar real que tem na vida, perde com isso o seu sentido e o seu valor” (DEWEY, 1978, p. 27) e, principalmente, como nos ensina Freire (2022), estimulando o pensamento crítico para que a aluna possa ser sujeita e não apenas receptora de uma verdade absoluta. Sendo assim, o objetivo do produto educacional aqui apresentado é o roteiro de um ciclo de oficinas, denominado Cirandas-Cidadãs, que se interconectam e buscam proporcionar às alunas do Curso Técnico de Nível Médio em Vestuário a reflexão acerca do papel da mulher trabalhadora inserida na cadeia produtiva do vestuário que, segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil, é a segunda que mais emprega no país e é majoritariamente constituída por mulheres, também frequentemente atacada como

ambiente propício ao trabalho precarizado, além de ser a segunda que mais polui, segundo a organização sem fins lucrativos *Global Fashion Agenda*. Esse ciclo de oficinas proposto visa, portanto, apresentar situações que contribuam para a conscientização do papel das estudantes, enquanto seres sociais, no mundo do trabalho, inseridas futuramente na cadeia produtiva do vestuário, expressando essa compreensão por meio da concepção de uma peça de vestuário conceitual para uma futura exposição no campus Taguatinga denominada *EU, ELAS, NÓS: trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário*.

As Cirandas-Cidadãs são constituídas de três etapas, totalizando cerca de 12h, divididas da seguinte forma: Etapa I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia (400 minutos), trata de identidade e papéis sociais; Etapa II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho (200 minutos), aborda o mundo do trabalho, o contexto histórico e a divisão sexual do trabalho; Etapa III – Transformando palavras em mensagem (200 minutos), dedicada à idealização de uma peça conceitual e artística de vestuário que represente a reflexão do papel social das trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário.

As etapas I e II apoiam-se no componente História do Vestuário, que tem na sua base teórica a consolidação do capitalismo, a Revolução Industrial, as revoluções burguesas e os movimentos operários. A etapa III, de conclusão do ciclo de oficinas Cirandas-Cidadãs, apoia-se no componente Materiais Têxteis. Foram trabalhados conteúdos conceituais (saber), procedimentais (saber fazer) e atitudinais (ser). As avaliações serão diagnósticas (conhecimento prévio do aluno), formativas (durante a realização das atividades) e somativas (ao final da última etapa com a idealização da peça conceitual e artística do vestuário).

Importante ressaltar que o ciclo de oficinas Cirandas-Cidadãs busca contribuir com a formação integral da aluna, desenvolvendo o espírito crítico para uma leitura de mundo que lhe permita transformar a sua realidade e contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e com justiça social, pois, como nos ensina Freire (2019), a educação não é neutra, é uma ferramenta de “prática pela liberdade” em que as pessoas, sendo educadas de forma crítica, podem transformar a sua realidade e participar da construção do mundo.

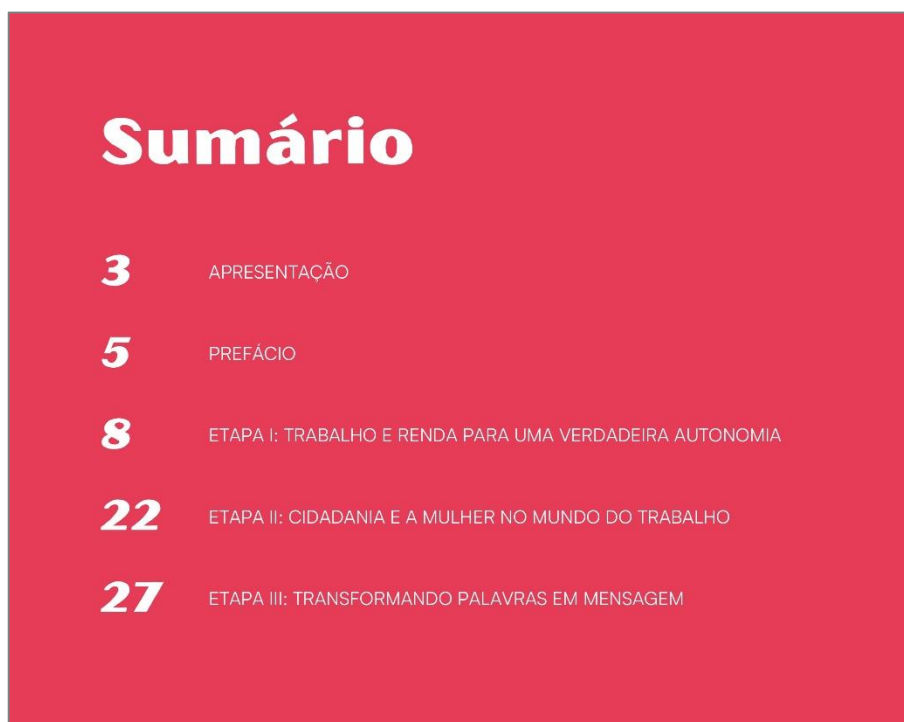
**Quadro 7:** etapas das oficinas Cirandas-Cidadãs

Etapa	Módulo	Componente Curricular	Carga Horária Semestral
I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho	I	História do Vestuário	50h
III – Transformando palavras em mensagem	I	Materiais Têxteis	50h

Fonte: elaborado pela autora (2023)

**Figura 13:** capa do produto educacional

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

**Figura 14:** índice do produto educacional

Sumário

<b>3</b>	APRESENTAÇÃO
<b>5</b>	PREFÁCIO
<b>8</b>	ETAPA I: TRABALHO E RENDA PARA UMA VERDADEIRA AUTONOMIA
<b>22</b>	ETAPA II: CIDADANIA E A MULHER NO MUNDO DO TRABALHO
<b>27</b>	ETAPA III: TRANSFORMANDO PALAVRAS EM MENSAGEM

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

### 5.1 Ciclo de oficinas Cirandas-Cidadãs

O nome Cirandas-Cidadãs surgiu inspirado em um vídeo de Nélio Spreá, divulgado pelo Instituto Alana, uma organização da sociedade civil (sem fins lucrativos) que, segundo a sua página na internet (2024) “trabalha com programas próprios, projetos e parcerias para assim garantir condições para o desenvolvimento integral da infância em seus diferentes espaços de vivência”. No vídeo, um professor discorre sobre a brincadeira de roda, que é muito mais do que simplesmente uma atividade lúdica, é uma poderosa metáfora para a vida em sociedade. Na roda, todos os participantes estão interligados, movendo-se juntos em um mesmo ritmo e direção. Isso reflete a importância do coletivo, onde cada indivíduo contribui para o sucesso ou para o fracasso do grupo. O vídeo nos levou à obra de Edgar Morin.

De acordo com Morin (2000), no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, “todo desenvolvimento verdadeiramente humano consiste no desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (MORIN, 2000, p. 55). O autor ressalta entre os sete saberes necessários à educação, à compreensão humana. Esse saber enfatiza a importância de aprendermos a compreender não apenas a nós mesmas, mas umas as outras. Morin nos ensina que essa compreensão mútua é

fundamental para lidarmos com a complexidade das interações humanas e sociais. Além disso, o autor propõe uma visão holística do mundo, argumentando que ele é um todo indivisível no qual as partes estão interconectadas, ou seja, as “partes se encontram no todo e o todo se encontra em cada uma das partes” (MORIN, 1991, 2003, 2007 *apud* SILVA, 2011, p. 244). Assim, cada indivíduo não é apenas um elemento isolado, mas uma parte integrante de um sistema maior, influenciando e sendo influenciado pelo contexto no qual está inserido.

Isso envolve não apenas o autoconhecimento individual, mas também a consciência de nossas conexões e interações com o mundo ao redor. Ao entendermos nossas próprias experiências, emoções e perspectivas, somos capazes de desenvolver empatia e compreensão em relação aos outros. Tal pensamento vai ao encontro da proposta do produto educacional aqui exposto, em que não basta apenas o autoconhecimento; a maneira pela qual exerço o meu papel social é muito importante. Ao reconhecer que somos parte de um todo indissociável, somos incentivadas a buscar relações mais profundas e significativas umas com as outras, assim como a entender melhor nosso papel e o impacto dentro do contexto social.

Morin (2000) nos convida a não apenas explorar nossa própria identidade e experiências, mas também a expandir nossa compreensão para abranger as complexas redes de interações que definem nossa existência coletiva. O produto educacional nasce para auxiliar nessa busca, na construção da verdadeira autonomia, cidadania e para inspirar futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário a serem senhoras de si e não dos outros, transformando a sua realidade e a do seu entorno. Acreditamos que esse movimento só é possível se for gerado e realizado de forma colaborativa.

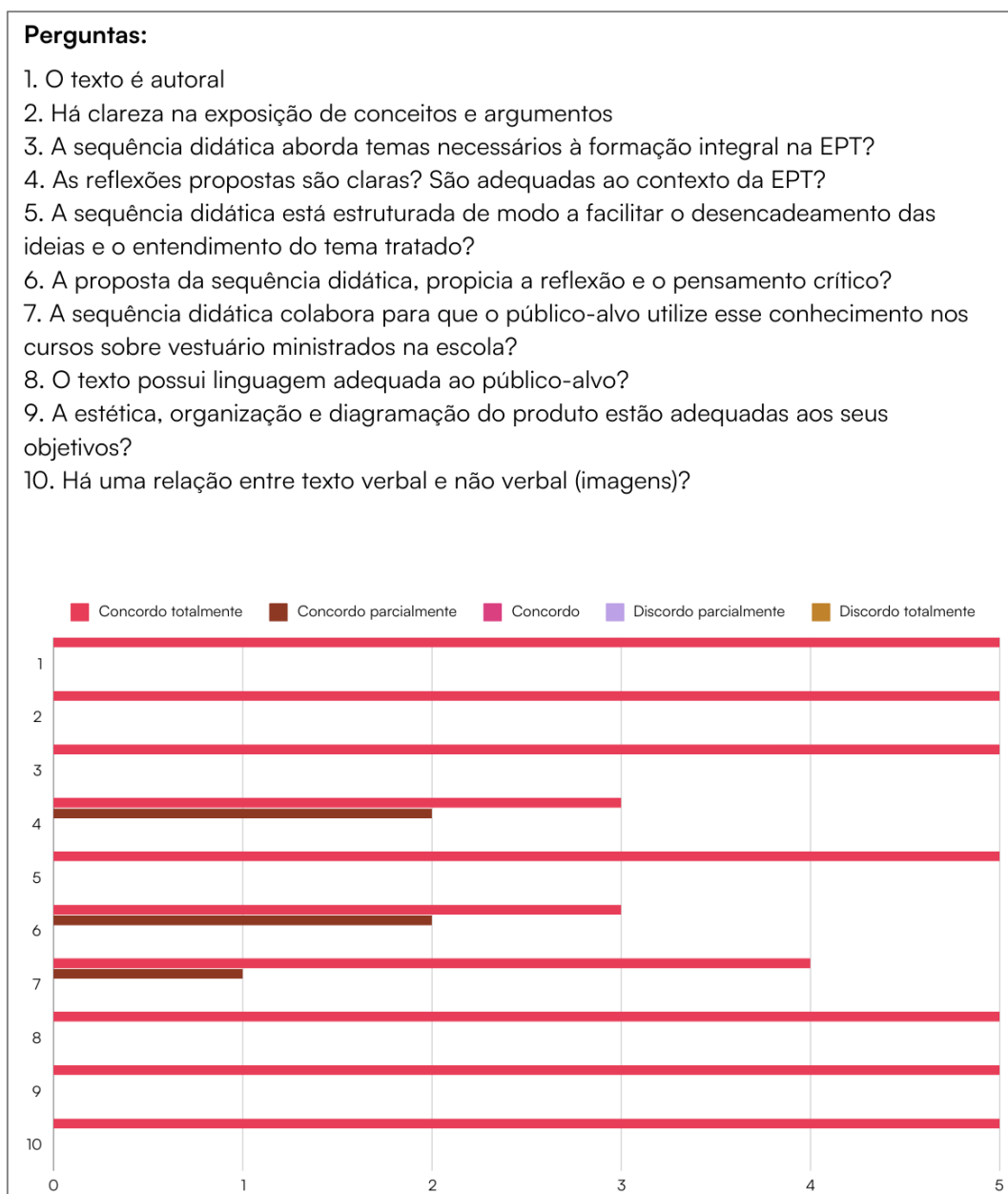
## **5.2 Avaliação do Produto Educacional**

Para avaliação do produto educacional, os docentes do curso receberam o *ebook* *Cirandas-Cidadãs* em formato PDF e o *link* do questionário de avaliação desenvolvido no Google Docs. A avaliação contou com questões divididas em três blocos: Bloco 1 – Eixo Conceitual (3 questões) no qual foram analisados os conteúdos e a pertinência de sua seleção ao produto educacional; Bloco 2 – Eixo Pedagógico (4 questões) no qual foram analisadas a adequação das atividades ao público-alvo e aos

objetivos; e Bloco 3 – Eixo Comunicacional no qual foram avaliados a apresentação do produto educacional.

No gráfico a seguir, pode-se observar as respostas obtidas por meio do formulário enviado as/os docentes do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG para a avaliação e considerações das mesmas.

**Gráfico 12:** respostas obtidas nas 10 perguntas fechadas referentes à avaliação do Produto Educacional



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A avaliação das e dos docentes acerca do Bloco 2 – Eixo Pedagógico trouxe algumas reflexões, uma vez que parte das respostas foi *concorda parcialmente* em três das quatro perguntas do eixo, ou seja, as respostas não foram unânimes quanto

à escolha da opção concordo plenamente como podemos observar no Gráfico 11. Com base nas demais respostas, pode-se afirmar que o produto Cirandas-Cidadãs obteve resultados bastante positivos na avaliação. Sendo assim, entendemos que sua aplicabilidade pode servir como base de incentivo para a elaboração e/ou adaptação de conteúdos transversais que busquem a formação integral e omnilateral das estudantes do curso Técnico em Vestuário e outros destinados a cadeia produtiva do vestuário na EPT em seus diferentes níveis e modalidades.

O produto educacional poderá ser utilizado em sua forma original ou adaptado, conforme a necessidade percebida pelo corpo docente com relação à formação das alunas, em diversos contextos, podendo fomentar debates sobre a inserção das alunas no mundo do trabalho na cadeia produtiva do vestuário, buscando melhores oportunidades de emprego e renda. Esperamos que o resultado educacional obtido funcione como um exemplo capaz de influenciar e orientar outros processos de ensino e aprendizagem.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida vem reforçar o que, na prática, esta pesquisadora vivencia desde os 18 anos, quando começou a trabalhar no setor do vestuário: o cenário de precarização do trabalho onde a cadeia produtiva do vestuário está imersa. A pesquisa amplia o entendimento dos fatores que levam a esta conjuntura. Eles são diversos, mas todos têm como pilar de sustentação a cultura patriarcal e o domínio do capital, ou seja, a exploração simultânea do trabalho produtivo e reprodutivo desenvolvido pelas mulheres que atuam no setor.

A pesquisa contou com momentos de profunda consternação ao percebermos nos relatos o quanto, nos vemos diante de quadros entranhados em nossa cultura que nos faz achar que não avançamos na busca pela igualdade de gênero, apesar das lutas seculares que travamos para a verdadeira autonomia das mulheres. Em outros momentos, nos víamos diante de mulheres que expressavam a sua indignação perante a situações precárias de trabalho, tais como permanecer em uma máquina de costura, um trabalho repetitivo, em jornadas exaustivas, muitas vezes em ambientes insalubres, em troca de salários baixos ou ganhando por peça produzida sem nenhuma proteção social. Essas mulheres verbalizaram a decisão de não mais permanecer nesse lugar, e querer sim buscar alternativas para se sentirem valorizadas.

Elas nos incentivaram a seguir em frente com o coração repleto de esperança de que é possível construirmos uma sociedade mais justa para nós, mulheres trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário. Ainda, os relatos de mulheres que, por vezes, pareciam presas no visgo da cultura patriarcal, sob o jugo do capital, ascenderam a nossa consciência acerca da importância de trazermos para o ciclo de oficinas os temas que captamos ao longo da pesquisa para serem debatidos: cidadania, autonomia, identidade, trabalho produtivo e reprodutivo. Se faz necessário mergulhar nessa temática para despertarmos corações e mentes sobre a importância do nosso papel, como trabalhadoras, na sociedade e nas diversas formas de nos organizarmos, na certeza de que só conseguiremos avançar se seguirmos juntas. Daí o nome do ciclo de oficinas Cirandas-Cidadãs, uma proposta de produto educacional, inspiradas na Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani e na educação libertadora de Freire e Gramsci. Apresentamos a sequência didática dividida em três etapas:

- Etapa I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia;
- Etapa II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho;
- Etapa III – Transformando palavras em mensagem.

Abaixo, o quadro que relaciona as etapas da Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani com as atividades desenvolvidas nas aulas; as três etapas que compõem o produto educacional Cirandas-Cidadãs. Por meio deste, buscamos colaborar com uma educação que seja conscientizadora e de transformação social, despertando nas alunas a análise crítica da realidade para formação de cidadãos conscientes de seu papel na luta por mudanças sociais.

**Quadro 8:** etapas da Pedagogia Histórico-Crítica no produto educacional

<b>Pedagogia Histórico-Crítica Saviani</b>	<b>Etapa do Produto Educacional</b>	<b>Aula</b>	<b>Atividades</b>
<p><b>Nível de desenvolvimento atual – Síncrese</b></p> <p><i>Esse é o ponto de partida, onde se busca compreender o conhecimento prévio que as alunas têm sobre o tema a ser estudado. Consiste na identificação das experiências e percepções que as estudantes já possuem.</i></p>	I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia	1	1 a 9
<p><b>Problematização</b></p> <p><i>Nesta fase, os conhecimentos prévios das alunas são questionados de forma a estimular uma visão crítica, levando-as a perceber contradições e lacunas no conhecimento que possuíam. A problematização desperta o interesse e a necessidade de buscar explicações mais</i></p>	I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia	2	1, 3 e 4
		3	2 e 3
		4	5

<i>aprofundadas e fundamentadas.</i>			
<p><b>Instrumentalização</b></p> <p><i>Nesta fase, apresenta-se o conteúdo sistematizado, em que se ensina de forma estruturada, aprofundando os conceitos e informações necessários para compreender o problema identificado na etapa anterior. A instrumentalização é essencial para que as alunas adquiram novos saberes que lhes permitam superar suas concepções anteriores.</i></p>	I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia	2	5 e 6
		4	1 a 4
	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho	5	1 a 4
	III – Transformando palavras em mensagem	7	1
<p><b>Catarse</b></p> <p><i>Nesta fase, é um momento de síntese em que as alunas reorganizam e reinterpretam seus conhecimentos, integrando o que aprenderam com suas vivências anteriores. É um processo de internalização crítica, onde elas conseguem perceber como o novo conhecimento adquirido transforma sua visão sobre o tema estudado.</i></p>	I – Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia	3	1
	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho	5	5
<p><b>Novo nível – Síntese</b></p> <p><i>Nesta fase, as alunas aplicam e refletem sobre o</i></p>	II – Cidadania e a mulher no mundo do trabalho	6	1 e 2

<p><i>que aprenderam, transformando sua compreensão inicial de maneira consciente e crítica na realidade em que estão inseridas. Nesse último passo está o objetivo da pedagogia histórico-crítica: a educação voltada para a transformação social.</i></p>	<p>III – Transformando palavras em mensagem</p>	7	2
		8	1

Foi importante constatar fatos relevantes, tal como o distanciamento do perfil profissional proposto pelo Curso Técnico em Vestuário do desejo de atuação das alunas, uma vez que o curso prepara profissionais que venham atuar na confecção de vestuário, especialmente exercendo a função de planejamento e controle da produção, enquanto as estudantes participantes da pesquisa expressam a vontade de trabalhar como empresárias do setor, na área de criação de empresas ou especialistas em ESG (*Environmental, Social and Corporate Governance*) – conjunto de boas práticas que, se implementadas nas organizações, visam não apenas comprovar a solidez da empresa, mas também assegurar o crescimento sustentável, evidenciando a preocupação com o meio ambiente e o bem-estar social.

Outro dado perceptível na pesquisa é que, independentemente da faixa etária, as estudantes desejam um local apropriado para o trabalho, para terem os instrumentos e ferramentas organizados. Uma diferença considerável se dá ao analisar a importância da categoria Família para as participantes casadas ou divorciadas com filhos em comparação com as solteiras, entre as quais a categoria Trabalho aparece de forma muito mais relevante.

Ao analisar as palavras-chaves dos relatos, nos dois grupos, vocábulos como *sonhos, saúde, liberdade, filhos, independência, trabalho, aprendizagem* nos levam a crer que continuamos em busca de uma atividade econômica que permita o equilíbrio entre vida profissional e pessoal, um dos preceitos da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), uma das disciplinas do curso Técnico em Vestuário do IFB-CTAG, ofertada no Módulo I – Formação Básica, cuja competência descrita no Projeto Pedagógico do Curso compreende “conhecer formas e procedimentos para promoção da qualidade de vida no trabalho”.

Cabe aqui ressaltarmos que a QVT deve ser um fim e não um meio de gerar mais produtividade e mais valia, como bem descreve Padilha (2010) em seu artigo *Qualidade de vida no trabalho num cenário de precarização: a panaceia delirante*. Delirante porque, se ainda não conseguimos sequer superar questões primárias e seminais no combate à precarização do trabalho, como pensar em dar um passo sólido na direção da qualidade de vida no trabalho? Não seria, portanto, a QVT atualmente proposta nas empresas muito mais uma maquiagem, com aulas de yoga, espaço de descompressão e convivência, do que atitudes reais na busca de realmente gerar qualidade de vida para as trabalhadoras?

Pensamos que os Centros Tecnológicos do Vestuário, em funcionamento nas cidades do entorno do Distrito Federal, no estado de Goiás, podem ser um lócus para a melhoria da qualidade do trabalho para as profissionais do setor do vestuário, uma vez que, nesses espaços, poderão ter acesso a tecnologias avançadas tanto em *softwares* como em maquinários, o que não teriam sozinhas em suas facções, em condições precárias de trabalho. Esses locais poderiam potencializar o ganho obtido por elas em suas facções para que possam vir a ser, de fato e de direito, empresárias do setor em novos arranjos produtivos locais, utilizando os preceitos da Economia Solidária. Segundo dados do Cadastro Nacional de Economia Solidária (CADSOL), existem atualmente no Brasil 20.670 empreendimentos que atuam nesse formato, do qual participam quase um milhão e meio de trabalhadoras.

Importante destacar que na 2ª Reunião Técnica do Grupo de Trabalho sobre Emprego, do G20 Brasil, realizada em Brasília (DF) entre os dias 27 e 28 de março de 2024, as *ecobags* distribuídas às participantes foram confeccionadas pela Rede do Algodão Agroecológico Solidário, do qual fazem parte 700 cooperadas que são agricultoras familiares, tecelãs, artesãs e costureiras de cinco estados do país. Pensar soluções novas para velhos problemas se faz urgente.

O fato é que a cadeia produtiva do vestuário apresenta problemas complexos cujas soluções não são simples, envolvem nesta equação variantes que precisam estar em sinergia como o poder público, o setor produtivo e a academia no conceito da tríplice hélice<sup>14</sup>. Precisamos aproximar a formação educacional profissional e

---

<sup>14</sup> Modelo de inovação em que a universidade/academia, a indústria e o governo, como esferas institucionais primárias, interagem para promover o desenvolvimento por meio da inovação.

tecnológica dos desejos e sonhos das estudantes, assim como da realidade posta nesta pesquisa pelas mesmas.

Para tanto, será necessário romper os muros da escola e integrar ensino, pesquisa e extensão, na prática, com formações transversais que venham a impactar os territórios, trazendo soluções para problemas reais, partindo, primeiramente, de nós mesmas, como professoras da EPT, a consciência de que a desigualdade de gênero está enraizada nas estruturas econômicas e sociais.

Quando falta renda e/ou emprego digno, as desigualdades só aumentam para as mulheres, especialmente as pertencentes a grupos marginalizados, sempre as mais afetadas pela precarização do trabalho, recebendo salários mais baixos e tendo menos acesso a empregos de qualidade, o que as coloca em situações de vulnerabilidade, sujeitas à diversas formas de violência que, em muitos casos, acabam em feminicídio.

Foi impactante ler de um presidente de sindicato laboral que a forma de retirar as mulheres da exploração vivenciada na cadeia produtiva do vestuário é retirá-las da cadeia produtiva do vestuário, uma vez que, quando uma consegue ascender, outra em situação vulnerável ocupará o seu lugar; se não uma mulher negra periférica, será uma migrante e assim consecutivamente.

A solução para o combate ao trabalho precarizado das mulheres no setor do vestuário passa por diálogos e políticas que revisem as estruturas atuais que favorecem esta precarização, como a flexibilização e a terceirização do trabalho, para citar algumas das práticas neste setor e em outros. No que compete à EPT, um caminho seria investir em uma formação integral, omnilateral e politécnica, pilares importantes para combater esta situação, colaborando para que mulheres desse setor tenham igual acesso a oportunidades econômicas.

Despertar consciência para lutar por políticas públicas que promovam a igualdade de gênero é crucial. Exigir que as leis que garantem licença-maternidade e paternidade sejam de fato cumpridas, lutar por creches acessíveis e punição de discriminação de gênero no local de trabalho ajudariam a criar um ambiente mais igualitário.

Para ir além das mudanças estruturais, é necessária uma mudança cultural. Lutar pela igualdade de gênero é, de fato, combater todas as formas de desigualdade. Em um setor onde a maior parte da força de trabalho é feminina, é necessário

considerar as especificidades e necessidades das mulheres, bem como as múltiplas vulnerabilidades às quais estão expostas.

Reafirmamos que só avançaremos em uma melhoria para o setor do vestuário quando conseguirmos colocar, na mesma mesa de debate, o poder público, a iniciativa privada e a academia, cujo ponto de partida são os problemas trazidos pelas alunas e trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário e o ponto de chegada o equilíbrio entre trabalho e capital, discussão sem a qual o setor continuará sendo um ambiente propício para o trabalho precarizado, com produtos de baixa qualidade, sem valor agregado, caminhando para o abismo.

É importante continuar insistindo em trazer o debate à tona, propor novos arranjos, despertar corações e mentes, porque, “só se aprende a caminhar, caminhando” e sempre, sem perder de vista, o objetivo de uma sociedade mais justa e igualitária para todas.

## 7. REFERÊNCIAS

ALTOÉ, A. P. (2019). **O Estado e a Cidadania Feminina: Vozes das “Mulheres Mil”**. *Revista Cantareira*, (24). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27864>

ALVES, Clarissa Cecilia Ferreira. **O trabalho reprodutivo sob o capital: mulheres, classe e raça no trabalho doméstico e no cuidado**. Minas Gerais: Letramento, 2021.

ANTUNES, Ricardo (org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e exploração da vida**. São Paulo: Boitempo, 2006.

ARAUJO, Ângela Maria Carneiro; AMORIM, Elaine Regina Aguiar. “Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de Campinas”. *In: Cadernos Pagu*. Campinas: IFCH/ Unicamp, v. 17/18, 2001, p. 267-310.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4.ed. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. MEC. Disponível em: <http://cnct.mec.gov.br/cursos/curso?id=201>. Acesso em: 2 de março de 2023.

BRASIL. **Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça**. GPP – GeR: módulo II. Maria Luiza Heilborn, Leila Araújo, Andreia Barreto (orgs.): CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

BRASIL. **Guia Metodológico do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito do Mulheres Mil**. SETEC/MEC. Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/areas-de-atuacao/ept/mulheres-mil/GuiaMulheresmil.pdf> Acesso em: 16 de março de 2023.

BRASIL. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) *et al.* 4ª ed. Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf> Acesso em: 16 de março de 2023.

BRASIL. **Portaria nº. 1.015 de 21 de julho de 2011**. Instituiu o Programa Nacional Mulheres Mil. Diário Oficial da União, n.140, p. 38, 22 de julho de 2011.

CÂMARA DOS DEPUTADOS; Brasil tem a quinta maior taxa de feminicídio no mundo; 14/03/2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/XKE6j>. Acesso em: 28 de outubro de 2024.

CASTRO, Mary Garcia. “Marxismo, feminismos e feminismo marxista: mais que um gênero em tempos neoliberais”. *In: Crítica Marxista*, Campinas: Unicamp, n.11, 2000, p. 98-108.

CHABAUD, Danielle; FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. “Sobre a autonomia relativa da produção e da reprodução”. *In*: KARTCHEVSKY, Andrée [et al]; tradução de Sueli Tomazini Cassal. **O sexo do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p.113-129.

CIAVATTA, M. “Ensino Integrado, Politécnica e Educação Omnilateral: Por que lutamos?” *In*: **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte: UFMG, v.23, n.1, 2014, p. 187-205.

CIAVATTA, M. “Da Educação Politécnica à Educação Integrada: como se escreve a história da Educação Profissional” *In*: **X Seminário Nacional do HISTEDBR**. Campinas: Unicamp, 2016. p. 1-22.

COMBES, Daniele; HAICAULT, Monique. Produção e reprodução: relações sociais de sexos e de classes. *In*: KARTCHEVSKY, Andrée [et al]; tradução de Sueli Tomazini Cassal. **O sexo do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 23-43.

DAGNINO, Renato. Economia solidária e política. **A terra é redonda**, 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/economia-solidaria-e-politica/> Acesso em: 31 de março de 2024.

DAGNINO, Renato. Tecnociência solidária e plataformação da sociedade. **A terra é redonda**, 2024. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/tecnociencia-solidaria-e-plataformizacao-da-sociedade/> Acesso em: 31 de março de 2024.

DAGNINO, Renato. Cientificismo, produtivismo, inovacionismo e empreendedorismo. **A terra é redonda**, 2024. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/cientificismo-produtivismo-inovacionismo-e-empresendedorismo> Acesso em: 31 de março de 2024.

DAGNINO, Renato. A agenda do ensino de economia. **A terra é redonda**, 2024. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-agenda-do-ensino-de-economia> Acesso em: 2 de abril de 2024.

DEL PRIORE, Mary. Operárias e trabalhadoras. *In*: DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2020, p. 131-138.

DEWEY, JOHN. **Vida e Educação**. 10ª ed. Introdução de Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1978.

FARAH, Marta. “Gênero e políticas públicas”. *In*: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12 (1): p. 47-71, janeiro-abril, 2004.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, Silvia. “Caça às bruxas, passado e presente e o medo do poder das mulheres”. Tradução Catarina Barros. *In: Cadernos de leituras*, Belo Horizonte, 63: p. 2-5, maio, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

FGV CeDHE. **Cartilha sobre direitos das mulheres migrantes e refugiadas costureiras**. Centro de Direitos Humanos e Empresas da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2022.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 59ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 83ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira, Vol. II, 2001.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira, Vol. I, 1999.

HIRATA, Helena. “Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais”. *In: Tempo Social*. São Paulo, USP, Vol. 26, 2014, p. 61-73.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. “A classe operária tem dois sexos”. *In: Revista Estudos Feministas*. IFCS/UFRJ, CFH/UFSC. 1999, Vol. 7, p. 93-100.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. “A divisão sexual do trabalho revisitada”. *In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (org.) traduzido por Clevi Rapkiewicz. As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: Editora Senac, 2003, p. 111-123.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB). **Minuta PDI 2024-2030**. Brasília-DF: IFB, julho de 2023. Disponível em: [https://diretorios.ifb.edu.br/diretorios/1827/arquivos/download/PDI\\_2024-2030\\_p%C3%B3s\\_CS\\_-\\_Ajustado\\_-\\_Google.pdf](https://diretorios.ifb.edu.br/diretorios/1827/arquivos/download/PDI_2024-2030_p%C3%B3s_CS_-_Ajustado_-_Google.pdf) Acesso em: 27 de julho de 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL IPEDF. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio – PDAD 2021. Disponível em: [https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/PDAD\\_2021-Apresentacao\\_RAs.pdf](https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/PDAD_2021-Apresentacao_RAs.pdf). Acesso em: 20 de outubro de 2024.

KERGOAT, Danièle. “Em defesa de uma sociologia das relações sociais: da análise crítica das categorias dominantes à elaboração de uma nova conceituação”. *In*: KARTCHEVSKY, Andrée [et al]; tradução de Sueli Tomazini Cassal. **O sexo do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 79-93.

KLEIN, F. **Estado, empresas e desenvolvimento: princípios normativos de organização do cooperativismo**. Tese (Mestrado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014, p. 16.

KUENZER, Acácia Z. **Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 6ª ed, 2002.

LIMA, F. **Emancipação humana e educação escolar: perspectivas para a formação de professores**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2019, p.180.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. “Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças”. *In*: **Crítica Marxista**, São Paulo, Boitempo, Vol. 1, n.11, 2000, p. 89-97.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias da Aprendizagem**. Rio de Janeiro: LTC, 2023.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NEVES, Magda de Almeida; PEDROSA, Célia Maria. “Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções”. *In*: **Sociedade e Estado**, Brasília, Vol. 22, n.1, janeiro/abril 2007, p. 11-34.

OLIVEIRA, Aline Lourenço de; STAMPA, Inez. “Fashionismo às avessas: trabalho de costureiras nos bastidores da moda na cidade do Rio de Janeiro”. *In*: **Anais do 16º encontro nacional de pesquisadores em serviço social**, Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, 2018, p. 1-20.

ONU Mulheres Brasil; Cinco fatos sobre o feminicídio; 24/10/2024; Disponível em: <https://encurtador.com.br/NgBQM>. Acesso em: 28 de outubro de 2024.

PADILHA, Valquíria. Qualidade de vida no trabalho num cenário de precarização: a panaceia delirante. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, Vol. 7, n.3, nov.2009/fev.2010, p. 549-563.

PEREIRA, Rosângela Maria; ARANHA, Antônia Vitória Soares. “O saber das costureiras faccionistas da indústria de confecção de Divinópolis”. *In*: **Trabalho e**

**Educação**, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2006, p. 102-115.

RAMOS, Marise. **Concepção do ensino médio integrado à educação profissional**. Natal: Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. “Rearticulando gênero e classe social”. *In*: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 183-210.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. “Trabalho Feminino e Capitalismo”. *In*: **Anais do IX Congress of Ethnological and Anthropological Sciences**. Chicago, 1973, p. 118-163.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 44ª ed. São Paulo: Autores associados, 2021.

SAVIANI, Dermeval. “Politécnica e formação humana” *In*: SAVIANI, Dermeval. **O lunar de Sepé: paixão, dilemas e perspectivas na educação**. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 109-124.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 12ª ed. São Paulo: Autores associados, 2021.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *In*: **Educação e Realidade**, Vol. 15, n.2, jul./dez. 1990, p. 71-99.

SECRETARIA DE ESTADO DA MULHER – SMDF. Auxílio financeiro para órfãos do feminicídio. Disponível em: <https://www.mulher.df.gov.br/auxilio-financeiro-para-orfaos-do-femicidio/> Acesso em: 28 de outubro de 2024.

SILVA, Bruno Pedroso Lima. “A teoria da complexidade e o seu princípio educativo: as ideias educacionais de Edgar Morin”. *In*: **Polyphonía**, Vol. 22 n.2, jun./dez. 2011, p. 242-254.

SINGER, Paul. Prefácio. *In*: ANTEAG. **Empresa social e globalização: Administração autogestionária: uma possibilidade de trabalho permanente**. São Paulo: ANTEAG, 1998.

SOUSA, C. “Teoria da aprendizagem significativa na prática docente”. *In*: **Revista Espacios**, Vol. 39, n.23, 2018, p. 27-38.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. “Experiências de mulheres, destinos de gênero”. *In*: SOUZA-LOBO, Elizabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 1991.

SPREÁ, Nélio. **Tecnologia de ponta**. Curitiba, 15 ago. 2023. Instagram: @neliosprea. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cv-jm0rsYiB/?igsh=Znd6d25rbzhzOTU0> Acesso em: 28 de maio de 2024.

SUCUPIRA, Fernanda. “Divisão sexual do trabalho e o tempo cotidiano das mulheres de baixa renda”. *In: Ideias – Rev. Inst. Filos. Ciênc. Hum.* Campinas: Unicamp, Vol. 7, n.1, jan./jul. 2016, p. 15-40.

UNOPS – Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos *et al.* **Mulheres na Confecção**: estudo sobre gênero e condições de trabalho na indústria da moda, São Paulo: UNOPS, 2022. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/09/2022-09-relatorio-mulheres-confeccao.pdf>. Acesso em: 2 de junho de 2024.

## 8. APÊNDICES

### Apêndice A: produto educacional – ciclo de oficinas Cirandas-Cidadãs





CICLO DE OFICINAS

# CIRANDAS-CIDADÃS

VERÔNICA FIALHO GOULART  
VERUSKA RIBEIRO MACHADO

BRASÍLIA - 2024

# Sumário

- 3** APRESENTAÇÃO
- 5** PREFÁCIO
- 8** ETAPA I: TRABALHO E RENDA PARA UMA VERDADEIRA AUTONOMIA
- 22** ETAPA II: CIDADANIA E A MULHER NO MUNDO DO TRABALHO
- 27** ETAPA III: TRANSFORMANDO PALAVRAS EM MENSAGEM

# Apresentação

## **Prezado(a) Leitor(a),**

O Produto Educacional que apresento a vocês nasceu ao longo da minha pesquisa: *EU, ELAS, NÓS: Trabalhadoras na Cadeia Produtiva do Vestuário*, realizada no Instituto Federal de Brasília - IFB, campus Taguatinga, tendo como foco o curso técnico de nível médio em vestuário.

Este produto foi desenvolvido ao longo do meu Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, oferecido pela Rede Federal, no programa ProfEPT, sob a orientação da Profa.Dra. Veruska Ribeiro Machado, gerado e produzido a partir de uma pesquisa de campo.

Ao longo da análise e a partir das minhas próprias experiências como professora e trabalhadora da cadeia produtiva do vestuário desde os 18 anos, percebi a necessidade de propor, como atividades complementares à formação das alunas, temas transversais que abordassem cidadania, autonomia, mercado de trabalho, trabalho doméstico, divisão sexual do trabalho e novas formas de organização do mundo do trabalho, como os conceitos da economia solidária.

Diante dessa constatação, a partir de uma dinâmica similar ao Mapa de Vida, que busca a reflexão sobre de que maneira as histórias de cada uma são individuais e/ou coletivas, fomos desenhando os temas geradores para formatar o Produto Educacional, que é uma sequência didática para o ciclo de oficinas denominado Cirandas-Cidadãs.

O nome Cirandas-Cidadãs surge fazendo alusão à brincadeira de roda. Muito mais do que um simples divertimento, essa atividade é uma poderosa metáfora da vida em sociedade. Na roda, todas as participantes estão interligadas, movendo-se juntas em um mesmo ritmo e direção. Isso reflete a importância do coletivo, porque entendemos que cada indivíduo não é apenas um elemento isolado, mas uma parte integrante de um sistema maior, influenciando e sendo influenciada pelo contexto no qual está inserida.

O Produto Educacional almeja auxiliar o corpo docente do curso técnico de nível médio em vestuário na formação integral das alunas, na construção da verdadeira autonomia e na conquista da cidadania, para que possam desenvolver as futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário a serem “senhoras de si”, e não mais apenas dos outros.

Desejamos que este material auxilie e promova a discussão sobre aspectos importantes do universo laborativo das estudantes, futuras trabalhadoras do mundo da moda, tendo na sua formação um pilar importante para a conquista da verdadeira autonomia.

**Boa leitura! Sigamos juntas!**

## Sobre a autora

### Verônica Fialho Goulart

É graduada em Design de Moda, pós-graduada em educação, mestranda no mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica pelo IFB. Coordenou os cursos do Eixo de Produção Cultural e Design no Senac - DF e o Plano Diretor de Moda do Núcleo Norte e Centro Oeste. Atualmente é assessora de estratégia e governança, na Secretaria Executiva do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e coordenadora nacional do projeto de cooperação internacional, em parceria com a UNESCO.



[veronica.goulart@outlook.com](mailto:veronica.goulart@outlook.com)



## Sobre a orientadora

### Veruska Machado Ribeiro

É graduada em Letras, mestra e doutora em Educação pela Universidade de Brasília. Docente de Língua Portuguesa de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no IFB. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, atua na linha Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.



[veruska.machado@ifb.edu.br](mailto:veruska.machado@ifb.edu.br)



# Prefácio

Prezadas professoras da Educação Profissional e Tecnológica e demais profissionais da Educação, considerando que a educação profissional das alunas proposta pelo IFB leve em conta a formação omnilateral, politécnica e integrada, buscamos neste Produto Educacional trabalhar de tal maneira que desperte nestas estudantes, futuras trabalhadoras, o sentimento de pertencimento ao mundo, com o mundo e com os outros, e não sejam apenas espectadoras-objetos, mas cocriadoras que desempenham o papel de protagonistas da sua história, modificando a sua realidade e, conseqüentemente, a do seu entorno, tornando-se agentes de transformação social e cidadãs por inteiro.

Imbuídas desse espírito, propomos, por meio deste Produto Educacional, despertar reflexões que inspirem novas formas de organização entre as estudantes, futuras trabalhadoras, no mundo do trabalho, com base na verdadeira autonomia, na conquista da cidadania e na busca soberana por emprego e renda

A construção deste Produto Educacional considerou além do plano de curso e documentos técnicos do IFB, os dados coletados na pesquisa etnográfica realizada com alunas, egressas, docentes e coordenador do curso técnico de nível médio em vestuário do campus Taguatinga do IFB, bem como o questionário realizado com profissionais costureiras do Distrito Federal.

O estudo realizado reforça o cenário de precarização do trabalho na cadeia produtiva do vestuário e amplia a compreensão das causas que conduzem a essa situação. São fatores variados, mas todos têm como base a cultura patriarcal e o domínio do capital.

Acreditamos que só conseguiremos modificar esse cenário se seguirmos juntas. Daí o nome Cirandas-Cidadãs para a proposta do Produto Educacional: um ciclo de oficinas que aborda temas como autonomia, trabalho, cidadania e novos modos de fazer moda, incluindo, os conceitos da Economia Solidária (ES), que ao contrário do modelo capitalista, organiza-se em torno de valores humanos, promovendo relações baseadas na reciprocidade e adotando formas comunitárias, em vez de focar na acumulação do capital através de relações competitivas visando interesses individuais.

Portanto, parte do trabalho reflete essas preocupações e procura oferecer ao corpo docente do IFB subsídios que possam ajudar, por meio da formação das estudantes, mecanismos de reflexões que venham contribuir para o rompimento dos ciclos de expropriação da força de trabalho na cadeia produtiva do vestuário aos quais as mulheres, majoritariamente, são submetidas.

A seguir as etapas do ciclo de oficinas denominado Cirandas-Cidadãs.

## Etapas e a Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani

Ao longo das atividades propostas em cada aula, você encontrará uma etiqueta, conforme a tabela abaixo, que indica qual fase da Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani está sendo desenvolvida. As fases são as seguintes:

	<p><b>Nível de desenvolvimento atual — Síncrise</b></p> <p>Esse é o ponto de partida, onde se busca compreender o conhecimento prévio que as alunas têm sobre o tema a ser estudado. Consiste na identificação das experiências e percepções que as estudantes já possuem.</p>
	<p><b>Problematização</b></p> <p>Nessa fase, os conhecimentos prévios das alunas são questionados para estimular uma visão crítica, levando-as a perceber contradições e lacunas no conhecimento que possuem.</p>
	<p><b>Instrumentalização</b></p> <p>Nessa fase apresenta-se o conteúdo sistematizado, em que se ensina de forma estruturada, aprofundando os conceitos e informações necessários para compreender o problema identificado na etapa anterior. A instrumentalização é essencial para que as alunas adquiram novos saberes que lhes permitam superar suas concepções anteriores.</p>
	<p><b>Catarse</b></p> <p>Nessa fase é um momento de síntese em que as alunas reorganizam e reinterpretam seus conhecimentos, integrando o que aprenderam com suas vivências anteriores. É um processo de internalização crítica, no qual elas conseguem perceber como o novo conhecimento adquirido transforma sua visão sobre o tema estudado.</p>
	<p><b>Novo nível — Síntese</b></p> <p>Nessa fase, as alunas aplicam e refletem sobre o que aprenderam, transformando conscientemente sua compreensão inicial e desenvolvendo uma visão crítica da realidade em que estão inseridas. Nesse último passo está o objetivo da pedagogia histórico-crítica: a educação voltada para a transformação social.</p>

# ETAPA I

## Trabalho e renda para uma verdadeira autonomia



A primeira etapa desta sequência didática tratará da temática identitária. Quem sou eu? Como quero ser vista? Quais papéis sociais exerço atualmente? Ter esse entendimento é crucial para a formação da profissional, a fim de que ela possa construir o seu percurso como cidadã autônoma e ser a dona do seu destino, realizando escolhas de forma consciente, em consonância com o seu EU. Que esta descoberta e consciência da sua identidade sejam um sinal de alerta para além dos muros da escola, quando o “mercado de trabalho” pressionar para ajustes e concessões, muitas vezes voltados apenas aos interesses econômicos de uma sociedade alicerçada em bases capitalistas/patriarcais.

Entender quem somos, o que queremos e com o que nos identificamos é fundamental para a realização de inclinações profissionais coerentes e satisfatórias, de acordo com os papéis sociais que julgamos importantes. Como na obra literária “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll “*para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve*”. Portanto, priorizar caminhos de forma consciente é assumir nosso lugar no mundo e protagonizar nossa história.

Para esta etapa, são sugeridas quatro aulas duplas de 50 minutos, totalizando 400 minutos (cerca de 8h), divididas em dois encontros de 4h cada. A etapa não exige conhecimentos prévios e está coerente com o componente curricular História do Vestuário, constante no módulo I do curso Técnico de nível médio em vestuário. Nesta etapa, após trabalharmos conceitos de identidade e papéis sociais, serão utilizadas algumas bases tecnológicas da disciplina, como a Consolidação do Capitalismo, a Revolução Industrial e os Movimentos Operários, com a intenção de proporcionar às estudantes momentos de reflexão, tais como: de que forma se veem inseridas nesse contexto, como futuras profissionais da indústria do vestuário, como “seres para si” ou “seres para os outros”. Assim como nos ensina Paulo Freire em sua pedagogia libertadora, que tem como princípio a emancipação dos oprimidos e a formação de ‘homens e mulheres livres’.



Como a cadeia produtiva do vestuário é formada majoritariamente por mulheres, o primeiro encontro traz um vídeoclipe com a música “Maria Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, interpretada por algumas atrizes. Convidamos as estudantes para refletirem sobre a letra dessa música, escrita em 1978. Ainda é atual? Por que só mulheres a interpretam? De que forma essa obra representa ou não as mulheres nos dias de hoje? Essa dinâmica visa sensibilizar para o papel da mulher na sociedade e iniciar a discussão sobre a divisão sexual do trabalho, que ocorrerá de forma mais profunda na etapa II. Ainda nesta etapa, utilizando metodologias ativas, as estudantes farão exercícios em dupla, rodas de conversa e construções de murais, com o objetivo de trazer a importância da comunicação verbal e não verbal para a construção da sua identidade; de como nos vemos e como somos vistas, além dos papéis sociais que exercemos. Traremos debates e reflexões sobre esses papéis sociais, que falam sobre nós em determinado contexto histórico, mas não nos definem. Também será apresentado/sugerido o percurso do ciclo de oficinas - Cirandas-Cidadãs e, como essa primeira etapa tem um caráter bastante reflexivo, é importante que seja dada ênfase ao projeto de produto final a ser construído coletivamente pela turma, bem como as entregas e seus cronogramas.

É igualmente relevante que nesse primeiro contato, tenhamos um ambiente acolhedor, no qual as alunas se sintam ouvidas e protagonistas desse percurso por meio do qual “aprendam a caminhar, caminhando”. A docente deve configurar-se como uma mediadora aberta a uma escuta amorosa, pois “não há educação sem amor” (Freire, 2019). No entanto, valorizá-las não significa concordar inteiramente com elas, mas estabelecer uma relação de seriedade e respeito aos conhecimentos trazidos pelas alunas, gerando um ambiente de confiança mútua, fundamental para a aprendizagem.





## ETAPA 1 - TRABALHO E RENDA PARA UMA VERDADEIRA AUTONOMIA

### Duração

400 minutos - 4 aulas duplas de 50 minutos

### Objetivos da Aula

Compreender o conceito de identidade; do papel social, de que forma comunicamos a nossa identidade e de que maneira estamos atuando no nosso entorno. Conhecer os movimentos feministas nas artes como forma de expressão individual e exercício do papel social. Refletir sobre o modelo capitalista na cadeia produtiva do vestuário.

### Conteúdo(s)

#### Conceituais:

Identidade e papéis sociais;  
O modelo capitalista de produção;  
Os movimentos feministas nas artes.

#### Procedimentais:

Narrativas visuais, orais e textuais sobre si,  
seu contexto e seu lugar no mundo.

#### Atitudinais:

Empatia no trato com as pessoas;  
Respeito à diversidade.

### Recursos

Sala de aula, papel, caneta, caixa de som,  
computador, projetor multimídia, vídeos, laboratório  
de informática.

### Avaliação

Diagnóstica e formativa.



1 a 9

# 1ª AULA

(100 MINUTOS)

## Atividades

1

### Sensibilização e apresentação do projeto:

Recepção das alunas, com o videoclipe da composição de Milton Nascimento e Fernando Brant, Maria Maria, interpretada por mulheres.

2

A sala de aula estará com as cadeiras posicionadas no **formato de roda de conversa** e com a letra da música sobre cada mesa.

3

Enquanto se sentam e assistem o clipe, é feita a chamada para identificar as alunas pelos nomes.

4

Divide-se a turma em dois grupos.

O **grupo 1** responderá à pergunta:

Para vocês, qual a mensagem da letra desta composição?

O **grupo 2** responderá à pergunta:

Como vocês enxergam a interpretação desta canção realizada pelas atrizes que fazem o clipe? Por que são só mulheres?



5

Após esta dinâmica de grupo, voltando para o formato de roda de conversa, cada grupo irá **expor suas impressões acerca da obra**. Abre-se um debate de como as mulheres são vistas na sociedade e se a composição de 1978 permanece ou não atual.

6

Após o debate, será apresentada a história da música em questão

7

Intervalo

8

Ainda no formato de roda de conversa, duplas de estudantes farão o exercício à seguir: em uma folha A4 em branco completarão frases sobre sua dupla, usando apenas a observação de modo intuitivo:

“Se você fosse um estilo musical, seria”...

“Se você fosse uma cor, seria”...

“Se você fosse uma palavra, seria”...

“Se você fosse um sentimento, seria”...

“Se você fosse um símbolo, seria”...

Depois da estudante completar as frases sobre a sua dupla, ela completará sobre si mesma e então irão comparar as respostas. Não existe certo nem errado, algumas declarações vão estar alinhadas e outras não. A intenção é perceber como somos vistas e como nos vemos, que mensagem passamos por meio da nossa comunicação verbal e não verbal.

9

Explicação do percurso que culmina com a exposição do Projeto (EU, ELAS, NÓS: trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário conforme quadro explicativo);

Solicita-se as estudantes que tragam para próxima aula um objeto, poema, música, quadro, foto, etc que comunique a sua identidade.

## Papéis

### Papel da aluna

- Assistir o vídeo, analisar e refletir acerca do conteúdo e como foi ou não impactada pela obra;
- Responder a chamada e iniciar a leitura do texto;
- Participar do trabalho em grupo, buscando respostas para as questões colocadas;
- Participar da roda de conversa, expondo os pontos de vista do grupo, escutando e refletindo sobre as colocações dos grupos;
- Participar da atividade em dupla, refletindo e fazendo considerações a respeito de como nos vemos e como somos vistas, sobre a comunicação verbal e não verbal, sobre a construção de uma imagem e de uma identidade;
- Compreender o percurso do projeto, expor dúvidas quando necessário;
- Fazer contribuições para o projeto;

### Papel da professora

- Colocar o vídeo para as alunas assistirem enquanto entram na sala que estará em formato de roda de conversa;
- Fazer a chamada e pedir aos estudantes que leiam a letra da música;
- Dividir a turma em dois grupos e distribuir as perguntas para cada grupo;
- Observar a participação das estudantes nos debates em grupos;
- Estar à disposição para esclarecer dúvidas dos grupos;
- Coordenar a roda de conversa de forma que todas participem com suas considerações e reflexões dentro do tempo estimado;
- Apresentar a história da música Maria Maria, seu contexto nos anos 70 até os dias atuais;
- Fazer o intervalo após esta atividade;

## Papéis

### Papel da aluna

- Compreender o exercício da próxima aula que será trazer um objeto, poema, música, quadro, foto, filme, que a represente como uma comunicação da sua identidade.

### Papel da professora

- Coordenar a dinâmica em dupla, distribuindo o material necessário para a execução, papel em branco A4 e colocar no quadro branco as frases que deverão ser completadas pelas duplas;
- Fazer as considerações necessárias para despertar a importância da comunicação verbal e não verbal, de como somos vistos e como nos vemos;
- Expor o percurso do Projeto e lançar o desafio;
- Motivar a participação das estudantes;
- Esclarecer como serão as avaliações, a dinâmica do percurso;
- Responder as dúvidas que surjam;
- Mediar as sugestões de forma a estabelecer o acordo pedagógico com foco no objetivo educacional.
- Explicar o exercício da próxima aula que será trazer um objeto, poema, música, quadro, foto, filme, que a represente como uma comunicação da sua identidade.

## 2ª AULA

(100 MINUTOS)



1, 3 e 4



5 e 6

### Atividades

1

#### Reflexão sobre o conceito de identidade e papel social:

Boas-vindas as estudantes; solicitar que as alunas coloquem sobre a mesa o objeto, poema, música, foto, etc, trazido de casa, que comunique a sua identidade;

2

Realizar a chamada;

3

Solicitar para que cada estudante explique o porquê da escolha do objeto que traduz a sua identidade;

Quem é você?

Apresente-se para a turma;

4

Solicitar a cada estudante que fotografe, com o celular, o objeto trazido e o compartilhe no grupo, para a montagem de um *moodboard* na próxima aula.

5

Assistir ao vídeo “Qual é a sua identidade?” da antropóloga Lilia Moritz Schwarcz (3’58”)

6

Explicar o conceito de **papel social**;

Solicitar que escrevam em uma folha A4, quais os papéis sociais que exercem atualmente, no dia a dia;

Questionar a naturalização dos papéis sociais levantados mostrando a diferença desses papéis em outros momentos históricos e em outras culturas;

Provocar a turma com a pergunta aberta: O papel social te define?

Explicar que um papel social fala sobre alguém, mas não a define.



Clique para assistir

### PARA SABER MAIS

Indicação de filme: O sorriso de Monalisa



### Papéis

#### Papel da aluna

- Colocar o objeto, poema, música, quadro, fotografia, etc, sobre a mesa;
- Explicar o porquê da escolha do objeto trazido para compreensão da identidade;
- Apresentar-se para a turma;
- Assistir ao vídeo "Qual é a minha identidade?" e responder às perguntas geradoras de reflexão feitas pela docente; compreender o conceito de papel social;
- Listar os papéis sociais que atuam cotidianamente atualmente;
- Compreender os papéis sociais como estruturas mutantes na sociedade;
- Compreender a identidade como algo variável, dinâmico.

#### Papel da professora

- Pedir as estudantes que coloquem os objetos, poema, música, fotografia, etc, em cima da mesa;
- Solicitar que expliquem o porquê da escolha desse item para definir a identidade e que se apresentem para turma;
- Realizar o exercício antes, para exemplificar a dinâmica, cada estudante não deve passar de 3 min;
- Explicar que faremos fotografias dos itens trazidos para a criação de um *moodboard* de identidade da turma que será feito na próxima aula;
- Coordenar as fotos, ajudar nas produções e envios para o grupo da turma;
- Colocar o vídeo "Qual é a sua identidade?" e explicar na sequência o conceito de papel social;
- Pedir para que listem os papéis sociais exercidos atualmente pelas estudantes no seu dia a dia;
- Escrever no quadro branco os papéis sociais que mais se repetem entre as estudantes;
- Explicar que os papéis sociais são variáveis, que dependem do momento histórico e da cultura;
- Explicar a desnaturalização dos papéis sociais, principalmente no que se refere à questão do gênero.

# 3ª AULA

(100 MINUTOS)



2 e 3



1

## Atividades

1

Montagem do *moodboard* de identidade da turma.

2

Apresentação de partes do documentário: *Feministas: O Que Elas Estavam Pensando?*  
Faz-se algumas considerações e orientações;  
Exibe-se parte do documentário;

3

Para a próxima aula provocar a reflexão: “De que maneira os movimentos feministas mudaram a sociedade em que vivemos, quais avanços tivemos e quais, na sua opinião ainda faltam?”

## Para saber mais:

### Documentário:



Feministas: O que elas estavam pensando

### Filmes sobre igualdade de gênero na Netflix:



Incréditável



Eu não sou um homem fácil

 [Clique para assistir](#)

## Papéis

### Papel da aluna

- Participar da montagem do *moodboard* de identidade da turma;
- Assistir o documentário conforme orientação do docente.

### Papel da professora

- Coordenar a montagem do *moodboard* de identidade da turma;
- Apresentar o documentário: "Feministas: O Que Elas Estavam Pensando?"
- Exibir parte do documentário;
- Solicitar que elaborem um texto para aula seguinte, respondendo: De que maneira os movimentos feministas mudaram a sociedade em que vivemos, quais avanços tivemos e quais, na sua opinião ainda faltam?

# 4ª AULA

(100 MINUTOS)



5



1 a 4

## Atividades

1

Reflexão sobre os movimentos feministas e a arte como forma de manifestação;

2

Em formato de roda de conversa, cada estudante fará um resumo da resposta à pergunta da aula anterior: De que maneira os movimentos feministas mudaram a sociedade em que vivemos, quais avanços tivemos e quais, na sua opinião ainda faltam?

3

A professora fará uma breve exposição dialogada sobre alguns dos movimentos feministas na moda;

4

Assistir ao trailer do documentário "True Coast" legendado (4'36");

5

Reflexão em formato de roda de conversa, sobre o modelo capitalista de produção na cadeia produtiva do vestuário. A moda é a filha predileta do capitalismo?  
Exposição dialogada sobre novos modos de fazer moda.

### Para saber mais:

#### Documentário:



O verdadeiro custo

#### Vídeo Criável:



Doc. Criável



## Papéis

### Papel da aluna

- Participar manifestando a sua resposta à pergunta: De que maneira os movimentos feministas mudaram a sociedade em que vivemos, quais avanços tivemos e quais, na sua opinião ainda faltam?;
- Assistir e participar da exposição dialogada sobre os movimentos feministas na moda;
- Assistir ao trailer do documentário legendado “*True Coast*” e participar da roda de conversa expondo suas considerações e escutando as das colegas;
- Assistir e participar da exposição dialogada sobre novos modos de fazer moda;
- Participar da roda de conversa sobre o tema fazendo as suas considerações e escutando o ponto de vista das colegas.

### Papel da professora

- Solicitar as estudantes que em formato de roda de conversa, façam individualmente um resumo do texto que trouxeram que procura responder a pergunta: De que maneira os movimentos feministas mudaram a sociedade que vivemos, quais avanços tivemos e quais, na sua opinião ainda faltam?
- Recolher os textos para lê-los na íntegra e dar o feedback por escrito na aula seguinte;
- Exposição dialogada sobre os movimentos feministas na moda;
- Apresentar o documentário “*True Coast*” e exibí-lo para as estudantes;
- Coordenar o debate sobre o modelo capitalista de produção na indústria do vestuário: A moda é a filha predileta do capitalismo?
- Apresentar uma exposição dialogada sobre novos modos de se fazer moda.

## ETAPA II

### Cidadania e a mulher no mundo do trabalho





## ETAPA 2 - CIDADANIA E A MULHER NO MUNDO DO TRABALHO

### Duração

200 minutos — 2 aulas duplas de 50 minutos

### Objetivos da Aula

Conhecer e refletir acerca do modelo capitalista de produção; a organização da cadeia produtiva da moda, suas contradições e possibilidades; a divisão sexual do trabalho e os movimentos feministas nas artes.

### Conteúdo(s)

#### Conceituais:

- A cadeia produtiva da moda em números;
- A divisão sexual do trabalho;
- Os movimentos feministas nas artes;

#### Procedimentais:

- Narrativas visuais, orais e textuais sobre si, seu contexto e seu lugar no mundo.
- Ideação de um projeto de produto de vestuário conceitual.

#### Atitudinais:

- Empatia no trato com as pessoas;
- Respeito à diversidade;
- Criatividade e Autenticidade;
- Colaboração no desenvolvimento do trabalho em equipe;
- Cidadã consciente de seu contexto social;
- Comprometimento com os princípios de sustentabilidade;

### Recursos

Sala de aula, papel, caneta, caixa de som, computador, projetor multimídia, vídeos.

### Avaliação

Diagnóstica e formativa.

# 5ª AULA

(100 MINUTOS)



1 a 4



5

## Atividades

1

Exposição dialogada sobre a cadeia produtiva do vestuário em números: Realidades e contradições do setor no Distrito Federal;

2

Divisão sexual do trabalho Apresentação dos vídeos "1ª mostra de economia feminista e solidária"(2'16")

3

e "Economia solidária e a vida das mulheres: a experiência da Amesol". (7'56")

4

Reflexões acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho produtivo, trabalho reprodutivo; Estabelecer relações com a temática da violência contra a mulher;

5

As estudantes escreverão uma palavra ou frase curta que expresse como se sentiram no contexto da divisão sexual do trabalho, levando-se em conta a identidade da turma, os papéis sociais como estudantes e futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário e os novos modelos de negócios da indústria da moda; Produção de escopo, da ideação do projeto.



## Para saber mais:

### Vídeos: Princípios da Economia Solidária

Episódio 1



Episódio 2



Episódio 3



Episódio 4



Episódio 5



## Papéis

### Papel da aluna

- Em formato de roda de conversa, assistir e participar sobre temas acerca do setor do vestuário, realidades e contradições no Distrito Federal;
- Divisão sexual do trabalho;
- Assistir e participar de debate sobre a divisão sexual do trabalho;
- Escrever em uma folha de papel, uma palavra ou frase curta que expresse como se sentiu nesse contexto de divisão sexual do trabalho, trabalho produtivo e reprodutivo;
- Participação em grupo da produção do escopo de ideação do projeto, levando-se em conta a identidade da turma, os papéis sociais como estudantes e futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário e os novos modelos de negócios da indústria da moda.

### Papel da professora

- Realizar a exposição dialogada sobre a cadeia produtiva do vestuário em números, realidades e contradições do setor no Distrito Federal;
- Divisão sexual do trabalho;
- Apresentar dois vídeos sobre Economia Feminista e Solidária;
- Provocar reflexões acerca da divisão sexual do trabalho, trabalho produtivo e reprodutivo e a relação com a violência contra a mulher;
- Exemplificar uma frase para o exercício de escrever uma palavra ou frase curta que expresse como se sentiram no contexto da divisão sexual do trabalho, por exemplo, a frase: Cansada de estar cansada.
- Coordenar a produção do escopo do projeto e ideação levando-se em conta a identidade da turma, os papéis sociais como estudantes e futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário, os novos modelos de negócios da indústria da moda;
- Sugerir que as frases e/ou palavras escritas no exercício anterior façam parte do *moodboard* da turma.



1 e 2

# 6ª AULA

(100 MINUTOS)

## Atividades

1

Apresentação pela turma do escopo do projeto de ideação que leve em conta a identidade da turma, os papéis sociais como estudantes e futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário e os novos modelos de negócios da indústria da moda;

2

Trabalho em grupo para conclusão do escopo do projeto contendo o *moodboard* de identidade da turma e a ideação do produto final.

### Papel da aluna

- Apresentar juntamente com a turma o escopo da ideação do projeto final contendo o *moodboard* de identidade da turma, a ideação do produto final.

### Papel da professora

- Auxiliar na elaboração do projeto final, contendo o *moodboard* de identidade da turma e a ideação do produto final.

## ETAPA III

### Transformando palavras em mensagem





## ETAPA 3 - TRANSFORMANDO PALAVRAS EM MENSAGEM

### Duração

200 minutos — 2 aulas duplas de 50 minutos

### Objetivos da Aula

Executar representação do produto do vestuário de forma conceitual e artística levando à reflexão do papel social das trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário.

### Conteúdo(s)

#### Conceituais:

- Materiais têxteis e produtos do vestuário;

#### Procedimentais:

- Escolha de materiais têxteis;
- Apresentação de representação do projeto de produto de vestuário;

#### Atitudinais:

- Empatia no trato com as pessoas;
- Respeito à diversidade;
- Criatividade e Autenticidade;
- Colaboração no desenvolvimento do trabalho em equipe;
- Cidadã consciente de seu contexto social;
- Comprometimento com os princípios de sustentabilidade;
- Protagonismo na transformação social do mundo.

### Recursos

Internet, lousa, pincel para quadro branco, caixa de som, computador, projetor multimídia, papel, canetas, lápis coloridos, retalhos de tecidos, tesoura de tecido e de papel.

### Avaliação

Somativa

# 7ª AULA

(100 MINUTOS)



1

2

## Atividades

1

Apresentação de materiais têxteis;  
Pesquisa de materiais têxteis;

2

Desenvolvimento dos croquis com a ideação do produto

## Para saber mais

### Apostila: Introdução à Tecnologia Têxtil



### Papel da aluna

- Participar da pesquisa de materiais têxteis;
- Selecionar os materiais necessários para o projeto idealizado;
- Realizar o croqui do produto idealizado.

### Papel da professora

- Apresentar materiais têxteis adequados para o projeto idealizado;
- Auxiliar na escolha dos materiais têxteis necessários;
- Apoiar na construção do croqui do produto idealizado.

# 8ª AULA

(100 MINUTOS)

## Atividades

1

Elaboração da apresentação da ideação do produto, levando à reflexão do papel social das trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário para as estudantes do curso técnico de nível médio em vestuário do campus Taguatinga;  
Divulgação do trabalho apresentado em diversas mídias.

### Papel da aluna

- Realizar a apresentação da ideação do produto levando à reflexão do papel social das trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário;
- Colaborar na divulgação do trabalho apresentado em diversas mídias.

### Papel da professora

- Auxiliar na elaboração da apresentação da ideação do produto, levando à reflexão do papel social das trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário;
- Fomentar a divulgação do trabalho apresentado no maior número possível de mídias.



CICLO DE OFICINAS

# Cirandas Cidadãs

Brasília

2024

## Apêndice B: roteiro para roda de conversa – Mapa de Vida

Roteiro de questões norteadoras para roda de conversa com egressas e alunas do último semestre inspirado no Guia Metodológico do Programa Mulheres Mil<sup>15</sup>.

**Quadro 9:** sequência de atividades para construção do Mapa da Vida

Atividades	Papel do aluno	Papel do professor
<p>Sensibilização e apresentação da atividade:</p> <p>Recepção dos alunos/as e egressos/as, com a música de fundo, Maria Maria, interpretada por mulheres e composta por Milton Nascimento e Fernando Brant;</p> <p>A sala de aula estará com as cadeiras posicionadas no formato de roda de conversa;</p> <p>Enquanto se sentam, e ouvem a música, é feita a chamada para identificar os/as participantes pelos nomes, crachás com o nome serão entregues para cada um/a;</p> <p>Neste formato de roda de conversa, cada estudante, construirá seu mapa da vida, conforme instruções à seguir: em uma folha A4 em branco, os/as alunos/as e egressos/as, utilizando imagens de jornais, revistas e canetas coloridas (que estarão disponíveis em uma mesa no centro da Roda de Conversa), construirão o mapa da vida, que será explicado anteriormente pelo/a professor/a;</p> <p>O/a professor/a explicará que o mapa de vida será construído por meio de imagens, frases, palavras, utilizando o material disponível. Para facilitação desta construção, serão colocadas no quadro branco algumas perguntas para reflexão, tais como:</p> <p>a) Quais os principais fatos importantes de sua vida?  b) Quais as pessoas significativas?  c) Quais são os seus sonhos?  d) Como você se vê agora e daqui há um ano?  e) Destaque suas experiências na escola.  f) Quais valores norteiam sua vida?  g) Por que trabalho? e trabalhando, transformo o mundo?  h) Trabalhadoras/es na cadeia produtiva do vestuário: quais os sonhos e desafios? Em seguida, pedir que, em grupos de três a quatro alunos/as e egressos/as, os participantes compartilhem suas histórias;</p> <p>Solicitar a cada participante que relate o seu mapa da vida. Pedir ao grupo que levante pontos comuns e distintos entre os diversos mapas apresentados;</p> <p>Fazer o registro dos temas recorrentes que aparecem no mapa da vida dos /as participantes, com objetivo de desvelar os temas geradores.</p>	<p>Responder a chamada;</p> <p>Participar do trabalho, buscando construir o mapa da vida a partir das questões colocadas fazendo uso dos materiais disponíveis;</p> <p>Participar do compartilhamento mapa da vida, expondo os seus pontos de vista ao grupo, escutando e refletindo sobre as colocações dos demais;</p> <p>Compreender o objetivo da atividade, expor dúvidas quando necessário, fazer contribuições para o exercício e para a descoberta dos temas geradores comuns ao coletivo.</p>	<p>Colocar a música Maria Maria composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, de fundo para os/as alunos/as e egressos/as ouvirem enquanto entram na sala que estará em formato de roda de conversa;</p> <p>Fazer a chamada;</p> <p>Explicar a atividade, lançar o desafio e motivar a participação dos/as participantes; Disponibilizar entre os participantes do grupo, papel, canetas coloridas e imagens de revistas, jornais que serão utilizadas na atividade;</p> <p>Solicitar para que cada participante faça o mapa da vida, usando imagens, cores e desenhos para ilustrar a produção; Explicar que as perguntas, colocadas no quadro, são para serem refletidas, facilitando o trabalho a ser desenvolvido e não necessariamente para serem respondidas;</p> <p>Colocar as seguintes perguntas no quadro:</p> <p>a) Quais os principais fatos importantes de sua vida?  b) Quais as pessoas significativas?  c) Quais são os seus sonhos?  d) Como você se vê agora e daqui há um ano?  e) Destaque suas experiências na escola.  f) Quais valores norteiam sua vida?  g) Por que trabalho? e trabalhando, transformo o mundo?  h) Trabalhadoras/es na cadeia produtiva do vestuário: quais os sonhos e desafios?</p> <p>Observar a participação dos estudantes nos debates em grupos;</p> <p>Estar à disposição para esclarecer dúvidas dos grupos; Coordenar a Roda de conversa de forma que todos participem com suas considerações, reflexões dentro do tempo estimado;</p> <p>Fazer as considerações necessárias para despertar a importância desta construção individual e em conjunto;</p> <p>Responder as dúvidas que surjam;</p> <p>Mediar as sugestões de com foco no objetivo educacional que é a construção dos temas geradores;</p>

Fonte: elaborado pela autora (2023)

<sup>15</sup> Integra do Guia Metodológico do Programa Mulheres Mil pode ser encontrado no endereço eletrônico [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=%2011834-Guia-metodologico-setec-pdf&category\\_slug=outubro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=%2011834-Guia-metodologico-setec-pdf&category_slug=outubro-2012-pdf&Itemid=30192).

## Apêndice C: roteiro para Grupo Focal 1 e 2

Roteiro e questões norteadoras para o Grupo Focal 1 e 2 (alunas do último semestre e egressas do Curso Técnico em Vestuário do IFB – Campus Taguatinga):

Convido você a participar do nosso grupo focal, o qual será um instrumento de coleta de dados utilizados na pesquisa *EU, ELAS, NÓS: trabalhadoras na cadeia produtiva do vestuário*. A autoria é da mestrandia Verônica Theml Fialho Goulart, aluna do programa de pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, sob orientação do Profa. Dra. Veruska Ribeiro Machado.

O objetivo geral da pesquisa é **identificar como as alunas e egressas do curso Técnico em Vestuário do IFB/Campus Taguatinga pretendem atuar no mundo do trabalho, na cadeia produtiva do vestuário, seja como celetistas ou por meio de outras formas de geração de renda, para propor um produto educacional que venha contribuir para a formação integral destas alunas a fim de colaborar para inserção no mundo do trabalho de forma crítica, aptas a transformarem a sua realidade e a do seu entorno.**

Para participar do grupo focal a senhora deverá:

- i. aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- ii. estar presente em local, data e horário proposto por meio do convite enviado via e-mail.

Este roteiro apresenta as etapas dos grupos focais com o objetivo de IDENTIFICAR COMO AS EGRESSAS DO CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM VESTUÁRIO DO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA – IFB, CAMPUS TAGUATINGA pretendem atuar no mundo do trabalho, na cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal, como celetistas ou por outras formas de geração de renda, além de COMPREENDER AS SUAS EXPECTATIVAS com relação a essa atuação no mundo do trabalho, na cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal.

O conteúdo para o grupo focal será dividido em apresentação, diagnóstico, operacionalização e avaliação. Para não se tornar muito cansativo, as atividades serão divididas em momentos, cada qual terá duração específica conforme quadros abaixo:

**Quadro 10:** descrição dos momentos do Grupo Focal 1

<b>Grupo Focal 1</b>			
IDENTIFICAR COMO AS EGRESSAS DO CURSO Técnico de Nivel Médio Subsequente em Vestuário do Instituto Federal de Brasília - IFB, Campus Taguatinga, pretendem atuar e quais as expectativas das mesmas ao ingressarem no mundo do trabalho na cadeia produtiva do vestuário, do Distrito Federal.			
<b>APRESENTAÇÃO</b>			
<b>ATIVIDADE</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>ESTRATÉGIA</b>	<b>TEMPO</b>
Apresentação da pesquisadora	Situar os participantes da minha trajetória pessoal e profissional	Breve relato da minha história pessoal e profissional.	5 minutos
Apresentação dos objetivos, do planejamento e da metodologia da pesquisa	Esclarecer os objetivos do grupo focal, sua realização e a metodologia a ser utilizada.	Projeção de material e conversa a respeito do assunto.	5 minutos
<b>DIAGNÓSTICO</b>			
<b>ATIVIDADE</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>ESTRATÉGIA</b>	<b>TEMPO</b>
Diagnóstico	Conhecimentos prévios dos participantes sobre o tema;  Diagnóstico das atividades desenvolvidas pelas egressas que visem emprego e renda.	Questões sobre o conhecimento prévio sobre as ações de diálogo com o setor produtivo. Que formações podem auxiliar na compreensão da temática. Como se dá a formação das alunas do curso Técnico em vestuário do IFB, para inserção no mundo do trabalho. Como se dá a relação das estudantes do curso Técnico em vestuário do IFB com a cadeia produtiva do vestuário.	60 minutos
<b>OPERACIONALIZAÇÃO</b>			
<b>ATIVIDADE</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>ESTRATÉGIA</b>	<b>TEMPO</b>
Conhecer	Conhecer os desafios para a inserção e geração de renda das egressas do curso Técnico de nível médio subsequente em vestuário na cadeia produtiva do vestuário no Distrito Federal.	Discutir os desafios que são enfrentados pelos/as egressas a respeito da formação para inserção e geração de renda no mundo do trabalho da cadeia produtiva do vestuário.	30 minutos
<b>AValiação</b>			
<b>ATIVIDADE</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>ESTRATÉGIA</b>	<b>TEMPO</b>
Avaliação	Possibilitar <i>feedback</i> sobre o grupo focal contribuindo para o aperfeiçoamento da pesquisa.	Breve diálogo a respeito das impressões dos participantes sobre o tema.	20 minutos

Fonte: elaborado pela autora (2023)

**Quadro 11:** descrição dos momentos do Grupo Focal 2

Grupo Focal 2			
IDENTIFICAR COMO AS ALUNAS DO CURSO Técnico de Nível Médio Subsequente em Vestuário do Instituto Federal de Brasília - IFB, Campus Taguatinga, pretendem atuar e quais as expectativas das mesmas ao ingressarem no mundo do trabalho na cadeia produtiva do vestuário, do Distrito Federal.			
APRESENTAÇÃO			
ATIVIDADE	OBJETIVO	ESTRATÉGIA	TEMPO
Apresentação da pesquisadora	Situar os participantes da minha trajetória pessoal e profissional	Breve relato da minha história pessoal e profissional.	5 minutos
Apresentação dos objetivos, do planejamento e da metodologia da pesquisa	Esclarecer os objetivos do grupo focal, sua realização e a metodologia a ser utilizada.	Projeção de material e conversa a respeito do assunto.	5 minutos
DIAGNÓSTICO			
ATIVIDADE	OBJETIVO	ESTRATÉGIA	TEMPO
Diagnóstico	Conhecimentos prévios dos participantes sobre o tema; Diagnóstico das atividades desenvolvidas pelas egressas que visem emprego e renda.	Questões sobre o conhecimento prévio sobre as ações de diálogo com o setor produtivo. Que formações podem auxiliar na compreensão da temática. Como se dá a formação das alunas do curso Técnico em vestuário do IFB, para inserção no mundo do trabalho. Como se dá a relação das estudantes do curso Técnico em vestuário do IFB com a cadeia produtiva do vestuário.	60 minutos
OPERACIONALIZAÇÃO			
ATIVIDADE	OBJETIVO	ESTRATÉGIA	TEMPO
Conhecer	Compreender as expectativas das alunas do curso de Educação Profissional Técnico de Nível Médio Subsequente em Vestuário do Instituto Federal de Brasília - IFB, Campus Taguatinga, com relação a sua inserção no mundo do trabalho e geração de renda na cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal;	Discutir com alunos/as quais os desafios, as possibilidades e as expectativas dos estudantes do curso Técnico de nível médio subsequente em vestuário para inserção no mundo do trabalho e geração de renda na cadeia produtiva do vestuário.	30 minutos
AVALIAÇÃO			
ATIVIDADE	OBJETIVO	ESTRATÉGIA	TEMPO
Avaliação	Possibilitar <i>feedback</i> sobre o grupo focal contribuindo para o aperfeiçoamento da pesquisa.	Breve diálogo a respeito das impressões dos participantes sobre o tema.	20 minutos

Fonte: elaborado pela autora (2023)

**Apêndice D: questionário – coordenador e docentes do Curso Técnico em Vestuário IFB-CTAG**

**Docentes do curso Técnico de nível médio  
subsequente em Vestuário**

## Geral



Nome da pesquisa

**Docentes do curso Técnico de nível médio subsequente em Vestuário**



Autor Verônica Theml Fialho Goulart



Idioma



Português Brasileiro



URL da pesquisa

<https://www.surveio.com/survey/d/F6M1J4L4M8Y9T5Z2D>



Primeira resposta

23/10/2023

Última resposta

08/03/2024



Duração

138 dias

## Resultados

### 1 Por favor nos conte seu nome completo

Texto de resposta , respostas 6 x, Não respondido 0 x

- Adriano Sérgio Bezerra de Oliveira
- Alexandre Guimarães Rodrigues
- Fernanda Lorena Nogueira Soares
- Juliana Aragão Lemes da Costa
- Juliana Rangel de Moraes Pimentel
- Moema Carvalho Lima

### 2 Nos informe seu CPF

Texto de resposta , respostas 6 x, Não respondido 0 x

- 012.276.284-39
- 34541003805
- 708.691.031-72
- 71469842149
- 87317524468
- 89051181191

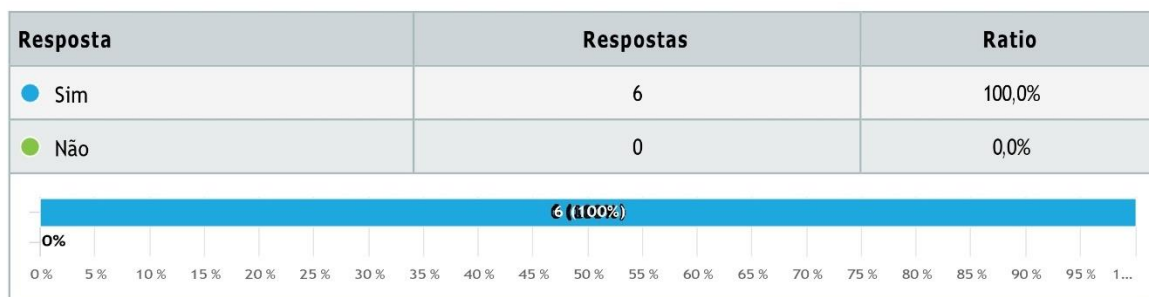
### 3 Seu melhor e-mail

Texto de resposta , respostas 6 x, Não respondido 0 x

- alexandre.rodrigues@ifb.edu.br
- fernandalorena.lorena@gmail.com
- juliana.pimentel@ifb.edu.br
- moemacarvalho@gmail.com
- 1958300@ifb.Edu.br
- 2181253@etfbsb.com.br

#### 4 Você concorda com o Termo de Consentimento abaixo?

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



#### 5 Você é responsável por ministrar qual ou quais disciplina(s) que fazem parte da grade curricular do curso técnico em vestuário do IFB ?

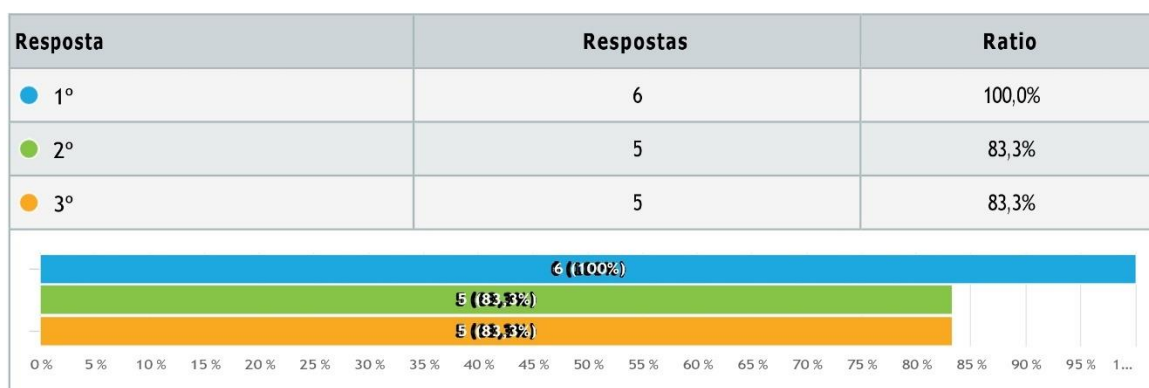
Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x

Resposta	Respostas	Ratio
● MATERIAIS TÊXTEIS E PRODUTOS	2	33,3%
● MODELAGEM FEMININA	1	16,7%
● HISTÓRIA DO VESTUÁRIO	2	33,3%
● INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA	1	16,7%
● TECNOLOGIA DA CONFECÇÃO	1	16,7%
● COMUNICAÇÃO TÉCNICA	0	0,0%
● DESENHO DO VESTUÁRIO	2	33,3%
● QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO	0	0,0%
● EMPREENDEDORISMO TÉCNICO	2	33,3%
● PLANEJAMENTO E CONTROLE DE QUALIDADE NA PRODUÇÃO	0	0,0%
● MODELAGEM COMPUTADORIZADA	1	16,7%
● COSTURA INDUSTRIAL	2	33,3%
● MODELAGEM TRIDIMENSIONAL	2	33,3%
● OFICINA DE PRODUÇÃO DE VESTUÁRIO	1	16,7%

PROCESSOS TEXTEIS	3	50,0%
● INTRODUÇÃO À GESTÃO AMBIENTAL	1	16,7%
● LABORATÓRIO DE CRIATIVIDADE TRIDIMENSIONAL	2	33,3%
● COSTURA: TEMPOS E MÉTODOS	1	16,7%
● MODELAGEM MASCULINA E INFANTIL	1	16,7%
● SEGURANÇA NO TRABALHO	0	0,0%
● INGLÊS TÉCNICO	0	0,0%
● INFORMÁTICA APLICADA AO VESTUÁRIO	1	16,7%

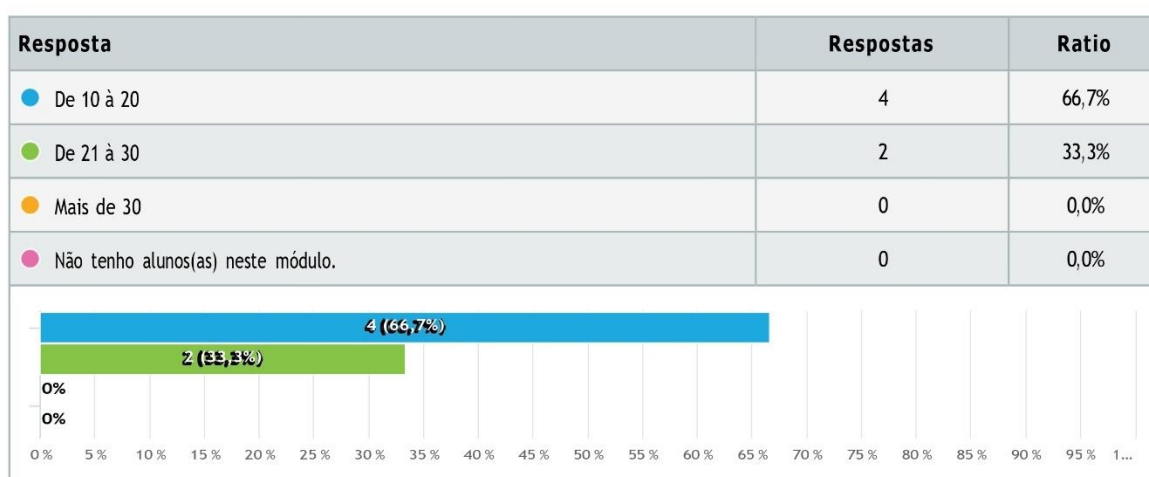
## 6 Você tem alunos(as) em quais módulos do curso?

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



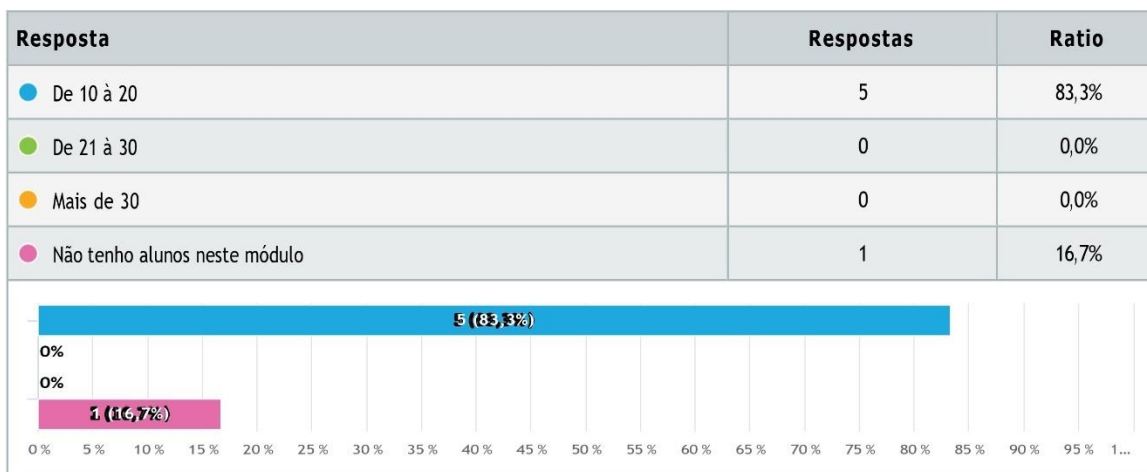
## 7 Quantos alunos você tem no 1º módulo?

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



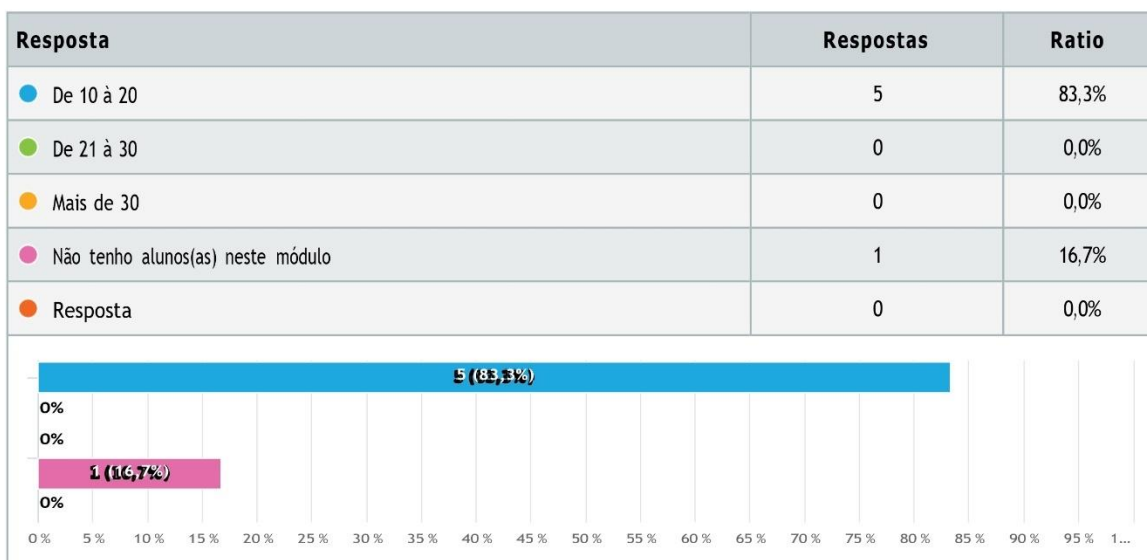
## 8 Quantos alunos(as) você tem no 2º módulo

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



## 9 Quantos alunos você tem no 3º módulo?

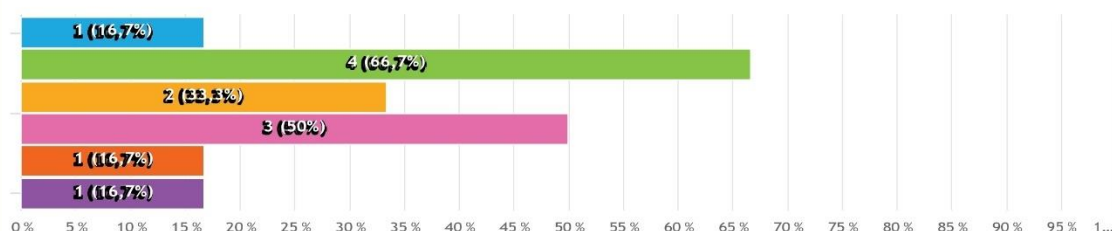
Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



## 10 Na sua opinião, qual ou quais são os motivos que levam os(as) alunos(as) não concluírem o curso ?

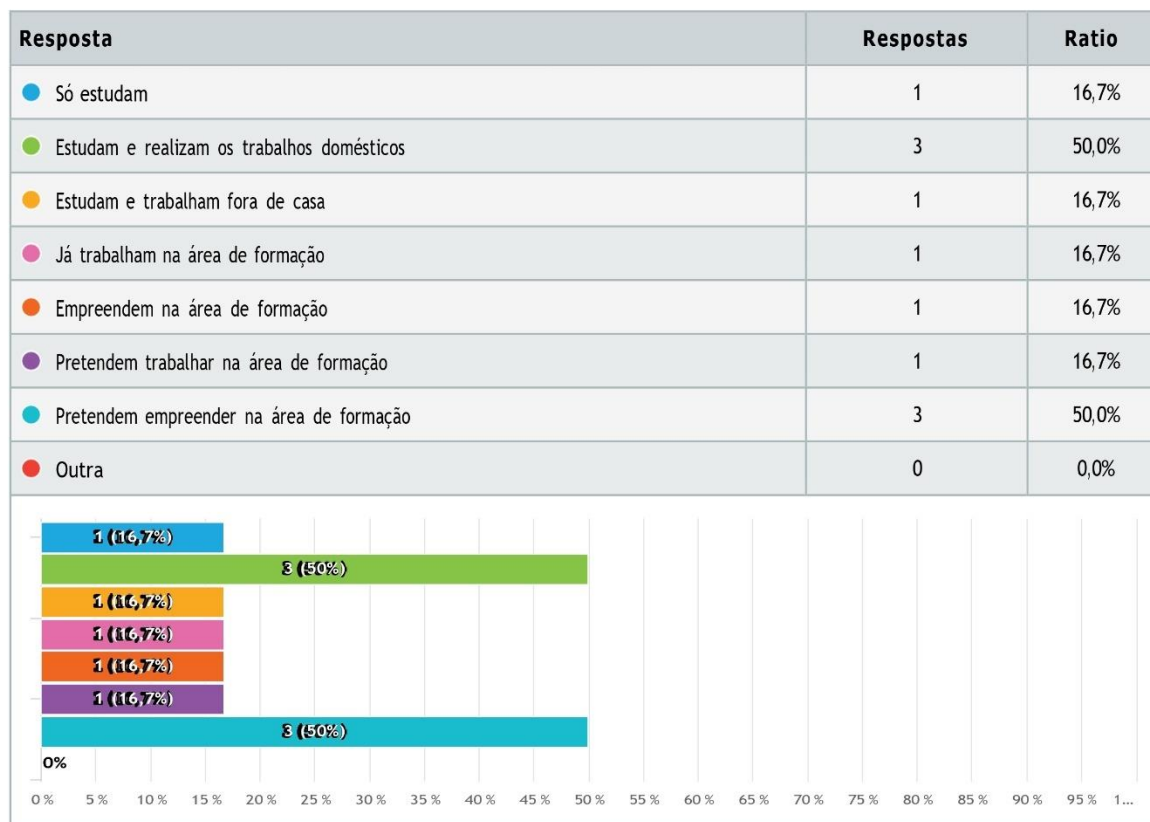
Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x

Resposta	Respostas	Ratio
● Falta de auxílio estudantil	1	16,7%
● Insatisfação com a grade curricular	4	66,7%
● Falta de perspectiva profissional	2	33,3%
● Conciliar o estudo com o trabalho produtivo	3	50,0%
● Conciliar o estudo com o trabalho doméstico (reprodutivo)	1	16,7%
● Outra	1	16,7%



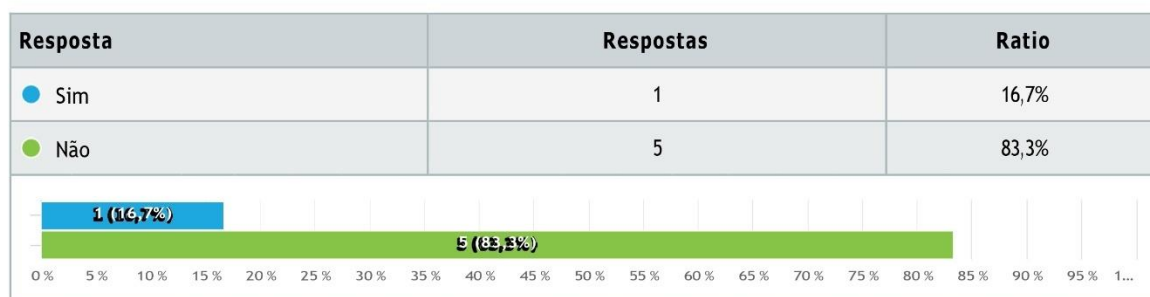
## 11 Na maioria, os(as) alunos(as)

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



## 12 Os(as) alunos(as) revelam qual a pretensão salarial e/ou de ganho como empreendedor(a), dentro da cadeia produtiva do vestuário?

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



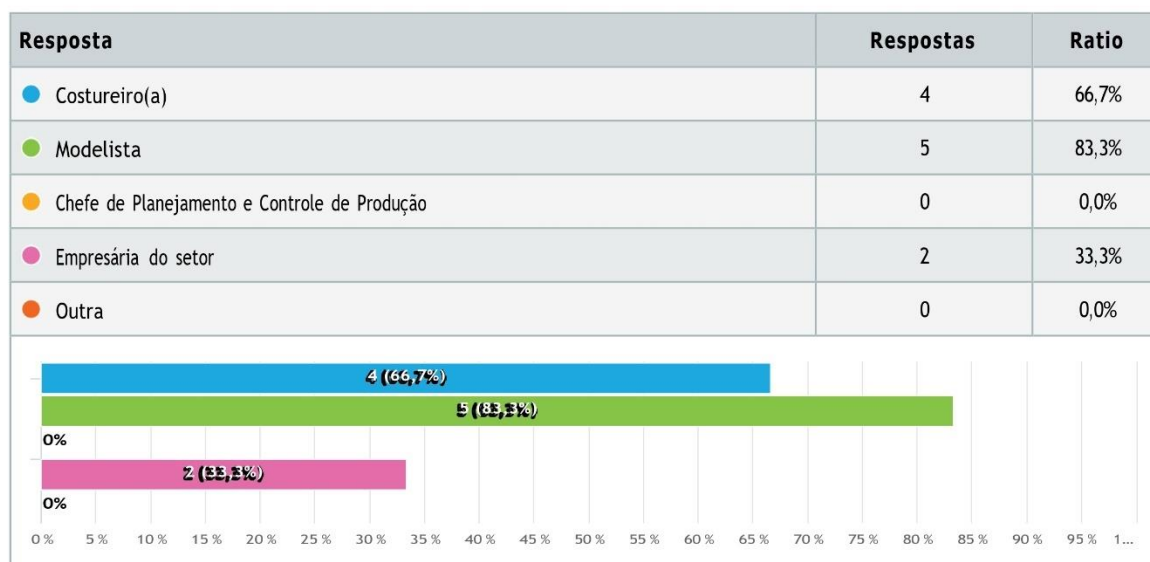
### 13 Se sim, qual a faixa de pretensão salarial e/ou remuneração?

Texto de resposta , respostas 6 x, Não respondido 0 x

- N
- Não revelam
- Não se aplica
- Nunca me revelaram.
- 10000
- 3 salários

### 14 Dentre as profissões abaixo, os(as) alunos(as), demonstram mais interesse em atuarem como

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



## Apêndice: Pesquisa

### Alunos e Egressos na Cadeia Produtiva do Vestuário

1 Por favor nos conte seu nome completo

2 Nos informe seu CPF

3 Seu melhor e-mail

4 Você concorda com o Termo de Consentimento abaixo?

Instruções da pergunta: *O (a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: "EU, ELAS NÓS: TRABALHADORAS NA CADEIA PRODUTIVA DO VESTUÁRIO" sob responsabilidade da Profa. Veruska Ribeiro Machado, e aluna Verônica Theml Fialho Goulart, do programa de pós-graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica - ProfePT. O objetivo desta pesquisa é: investigar como se dá a formação integral das futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal, para poder contribuir na inserção destas no mundo do trabalho, proporcionando, assim, mecanismos para a emancipação feminina, pilar importante no combate à violência doméstica e ao feminicídio crescente*

Sim     Não

## 5 Você é responsável por ministrar qual ou quais disciplina(s) que fazem parte da grade curricular do curso técnico em vestuário do IFB?

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

- MATERIAIS TÊXTEIS E PRODUTOS
- MODELAGEM FEMININA
- HISTÓRIA DO VESTUÁRIO
- INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA
- TECNOLOGIA DA CONFECÇÃO
- COMUNICAÇÃO TÉCNICA
- DESENHO DO VESTUÁRIO
- QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO
- EMPREENDEDORISMO TÉCNICO
- PLANEJAMENTO E CONTROLE DE QUALIDADE NA PRODUÇÃO
- MODELAGEM COMPUTADORIZADA
- COSTURA INDUSTRIAL
- MODELAGEM TRIDIMENSIONAL
- OFICINA DE PRODUÇÃO DE VESTUÁRIO
- PROCESSOS TÊXTEIS
- INTRODUÇÃO À GESTÃO AMBIENTAL
- LABORATÓRIO DE CRIATIVIDADE TRIDIMENSIONAL
- COSTURA: TEMPOS E MÉTODOS
- MODELAGEM MASCULINA E INFANTIL
- SEGURANÇA NO TRABALHO
- INGLÊS TÉCNICO
- INFORMÁTICA APLICADA AO VESTUÁRIO

## 6 Você tem alunos(as) em quais módulos do curso?

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

- 1º    2º    3º

### 7 Quantos alunos você tem no 1º módulo?

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

- De 10 à 20     De 21 à 30     Mais de 30     Não tenho alunos(as) neste módulo.

### 8 Quantos alunos(as) você tem no 2º módulo

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

- De 10 à 20     De 21 à 30     Mais de 30     Não tenho alunos neste módulo

### 9 Quantos alunos você tem no 3º módulo?

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

- De 10 à 20     De 21 à 30     Mais de 30     Não tenho alunos(as) neste módulo     Resposta

### 10 Na sua opinião, qual ou quais são os motivos que levam os(as) alunos(as) não concluírem o curso ?

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

- Falta de auxílio estudantil     Insatisfação com a grade curricular     Falta de perspectiva profissional     Conciliar o estudo com o trabalho produtivo
- Conciliar o estudo com o trabalho doméstico (reprodutivo)
- Outra

### 11 Na maioria, os(as) alunos(as)

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

- Só estudam     Estudam e realizam os trabalhos domésticos     Estudam e trabalham fora de casa     Já trabalham na área de formação
- Empreendem na área de formação     Pretendem trabalhar na área de formação     Pretendem empreender na área de formação
- Outra

12 Os(as) alunos(as) revelam qual a pretensão salarial e/ou de ganho como empreendedor(a), dentro da cadeia produtiva do vestuário?

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

Sim \_\_\_ Não

13 Se sim, qual a faixa de pretensão salarial e/ou remuneração?

14 Dentre as profissões abaixo, os(as) alunos(as), demonstram mais interesse em atuarem como

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

Costureiro(a) \_\_\_ Modelista \_\_\_ Chefe de Planejamento e Controle de Produção \_\_\_ Empresária do setor

Outra

**Apêndice E: questionário – alunas do último semestre e egressas do curso Técnico em Vestuário IFB-CTAG**

**Estudantes do último ano e egressas do curso  
Técnico em Vestuário IFB**

## Geral



Nome da pesquisa

Estudantes do último ano e egressas do curso Técnico em Vestuário IFB



Autor



Idioma



Português Brasileiro



URL da pesquisa

<https://www.surveio.com/survey/d/A8R6N8J3Y0R9W7Q6L>

Primeira resposta

11/03/2024

Última resposta

07/04/2024



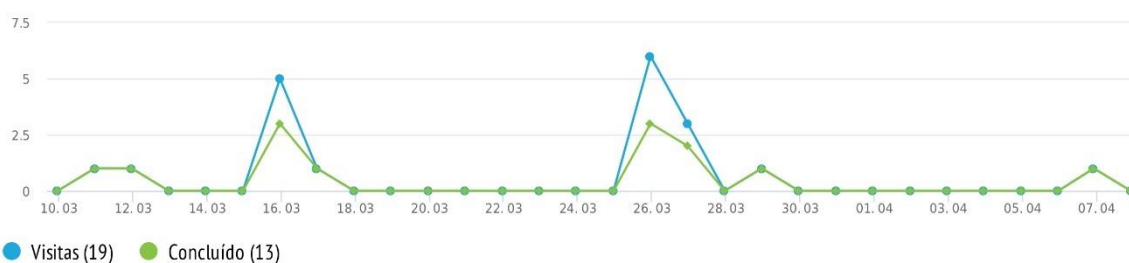
Duração

28 dias

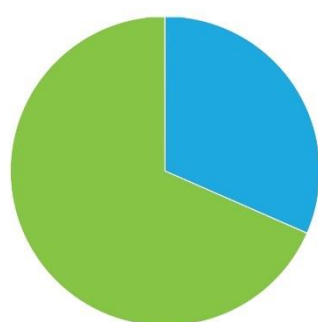
## Visitas do questionário



### Histórico de visitas (11/03/2024 – 07/04/2024)

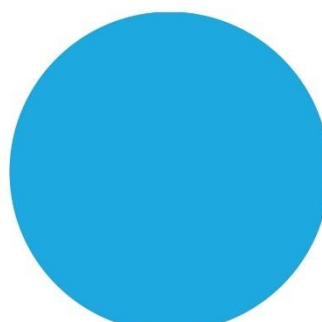


### Total de Acessos



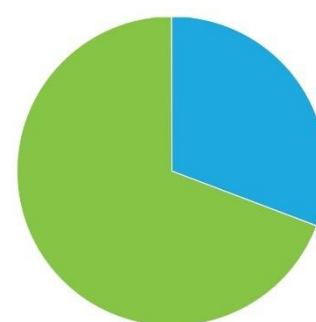
- Apenas mostrando (31,6 %)
- Concluído (68,4 %)
- Incompleto (0,0 %)

### Fontes de visitas



- Link direto (100,0 %)

### Tempo médio de realização



- 1-2 min. (30,8 %)
- 2-5 min. (69,2 %)

## Resultados

### 1 Qual seu nome?

*Texto de resposta , respostas 13 x, Não respondido 0 x*

- Ana Lara Oliveira Simão
- Andrerlete Santos
- Caroline Evelins da Silva dos Santos
- Cleide Evaristo Ricardo do Vale
- Daizy Mendes Bata
- Elda Urias
- Elizier Fernandes de Oliveira
- Geiza Maria Amorim Carvalho
- Gislaine Pires de Souza
- Maria Luiza
- Mirela
- Rosane kalita Borel Gomes
- Suzana Stella Zinga Amélia

### 2 Sabemos que a idade é só um número, mas para efeito de pesquisa, você pode nos dizer a sua?

*Texto de resposta , respostas 13 x, Não respondido 0 x*

- 20
- (3x) 25
- 26
- 28 anos
- 29
- 42
- 48
- 50
- 57
- 58 anos
- 59

### 3 Você nasceu em que cidade?

*Texto de resposta , respostas 13 x, Não respondido 0 x*

- Araioses Maranhão
- Brasília
- (2x) Brasília

## Estudantes do último ano e egressas do curso Técnico em Vestuário IFB

- Brasília-DF
- Ceilândia
- Floriano PI
- Fortaleza - CE
- Itaituba PA
- Luis Gomes rn
- Penalva MA
- Santa Inês-Ma
- Vazante MG

4 É morador (a) de que Região Administrativa? Não precisa saber o número, só o nome. Por exemplo: Taguatinga, Samambaia, etc...

*Texto de resposta , respostas 13 x, Não respondido 0 x*

- Águas claras
- (2x) Ceilândia
- Ceilandia norte
- Ceilandia Norte
- Guara
- Não
- Planaltina
- Samambaia Norte
- Samambaia Norte
- (3x) Taguatinga

5 Qual seu estado civil?

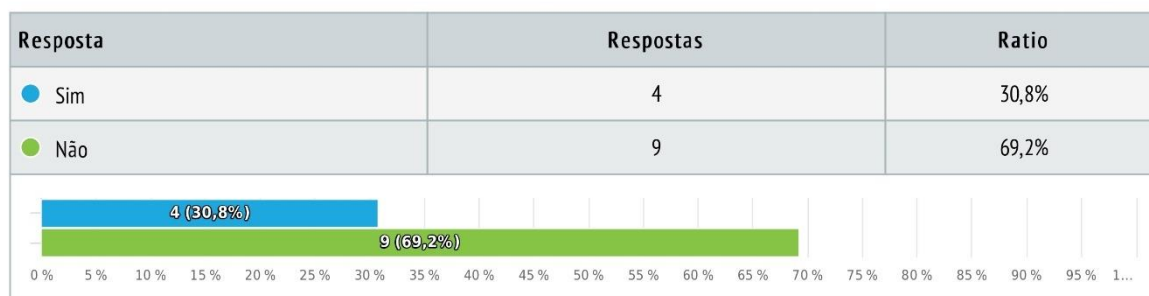
*Texto de resposta , respostas 13 x, Não respondido 0 x*

- (2x) Casada
- Divorciada
- (3x) Solteira
- (3x) Solteira
- Solteira
- Solteiro
- Solteiro
- União estável

## Estudantes do último ano e egressas do curso Técnico em Vestuário IFB

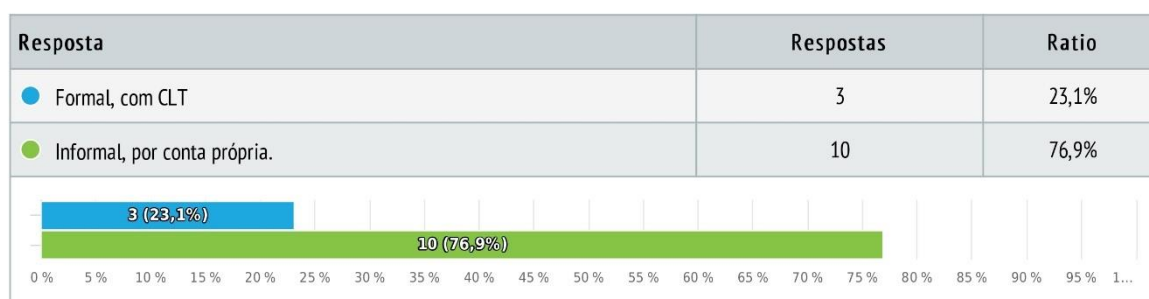
## 6 Está trabalhando ?

Múltipla escolha , respostas 13 x, Não respondido 0 x



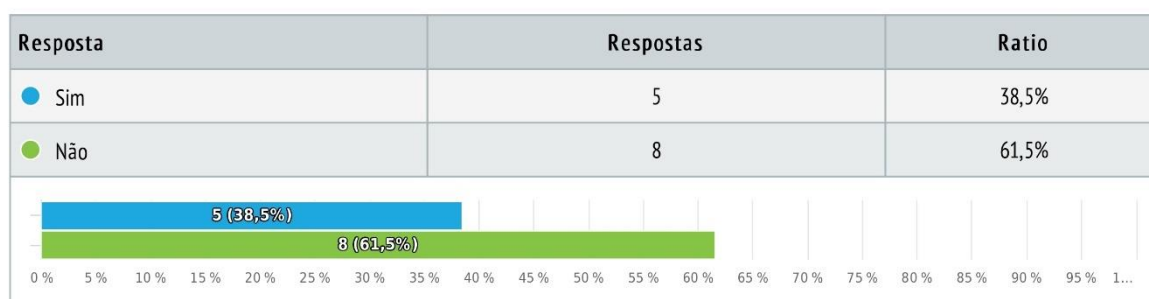
## 7 No mercado formal ou informal? Assinale abaixo por favor.

Múltipla escolha , respostas 13 x, Não respondido 0 x



## 8 Tem renda própria?

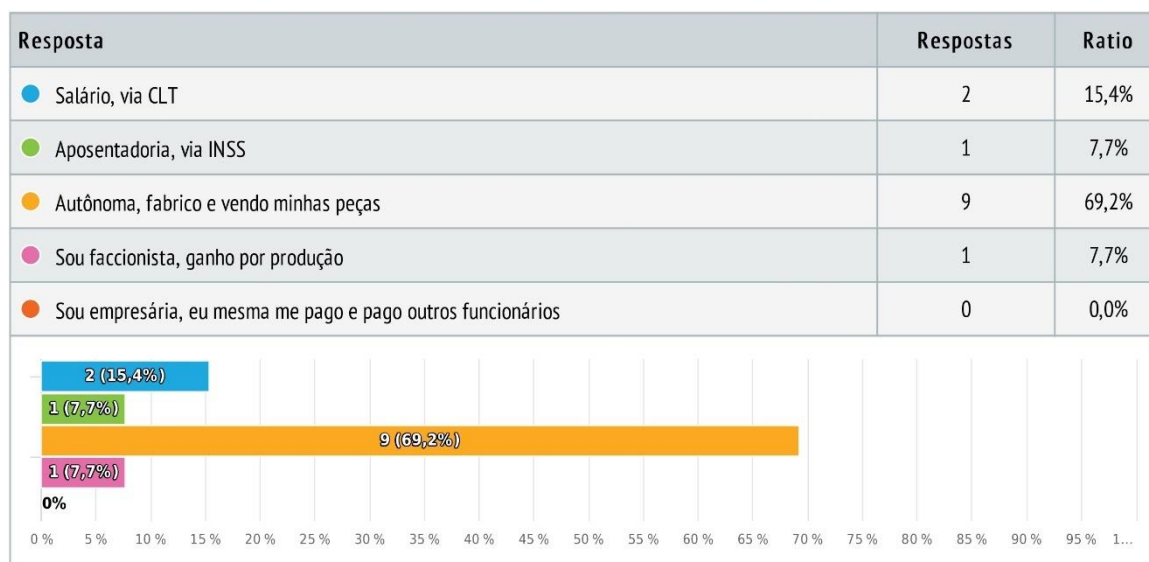
Múltipla escolha , respostas 13 x, Não respondido 0 x



## Estudantes do último ano e egressas do curso Técnico em Vestuário IFB

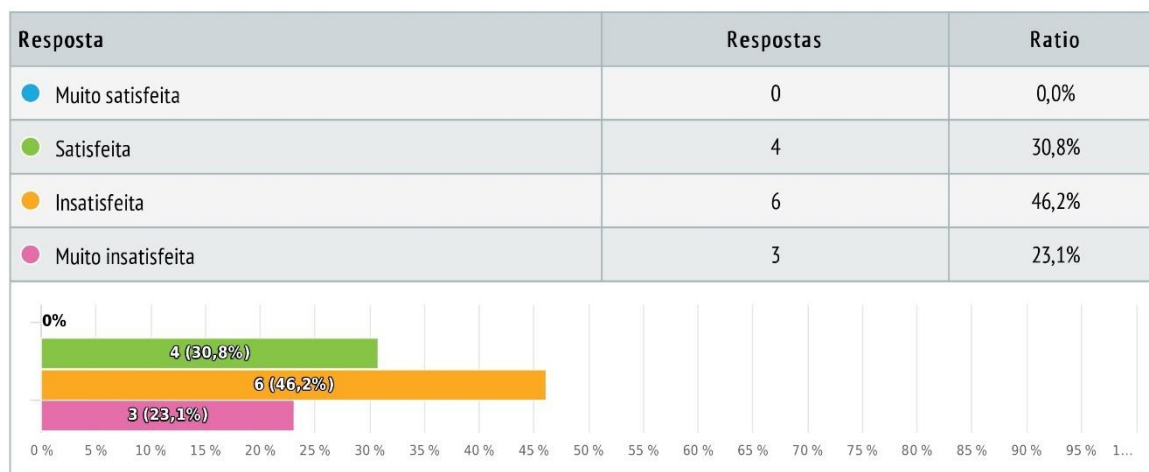
## 9 Qual a origem da sua renda?

Múltipla escolha , respostas 13 x, Não respondido 0 x



## 10 Está satisfeita com a renda recebida pelo seu trabalho?

Múltipla escolha , respostas 13 x, Não respondido 0 x



## Preferências de pesquisa



Permitir submissões múltiplas?



Permitir retornar às questões anteriores?



Mostrar os números das perguntas?



Receber notificações de respostas por e-mail?



Proteger por senha?



Restringir IP?

## Apêndice: Pesquisa

Estudantes do último ano e egressas do curso Técnico em Vestuário IFB

1 Qual seu nome?

2 Sabemos que a idade é só um número, mas para efeito de pesquisa, você pode nos dizer a sua?

3 Você nasceu em que cidade?

4 É morador (a) de que Região Administrativa? Não precisa saber o número, só o nome. Por exemplo: Taguatinga, Samambaia, etc...

### 5 Qual seu estado civil?

### 6 Está trabalhando ?

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

Sim  Não

### 7 No mercado formal ou informal? Assinale abaixo por favor.

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

Formal, com CLT  Informal, por conta própria.

### 8 Tem renda própria?

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

Sim  Não

### 9 Qual a origem da sua renda?

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

Salário, via CLT  Aposentadoria, via INSS  Autônoma, fabrico e vendo minhas peças  Sou faccionista, ganho por produção  
 Sou empresária, eu mesma me pago e pago outros funcionários

### 10 Está satisfeita com a renda recebida pelo seu trabalho?

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

Muito satisfeita  Satisfeita  Insatisfeita  Muito insatisfeita

**Apêndice F: questionário – costureiras de Brasília**

**Pesquisa com o setor do vestuário -  
Costureiras**

## Geral



Nome da pesquisa

Pesquisa com o setor do vestuário - Costureiras



Autor



Idioma



Português Brasileiro



URL da pesquisa

<https://www.surveio.com/survey/d/E0A0F6A9E7Z6X7C5D>

Primeira resposta

17/03/2024

Última resposta

02/04/2024



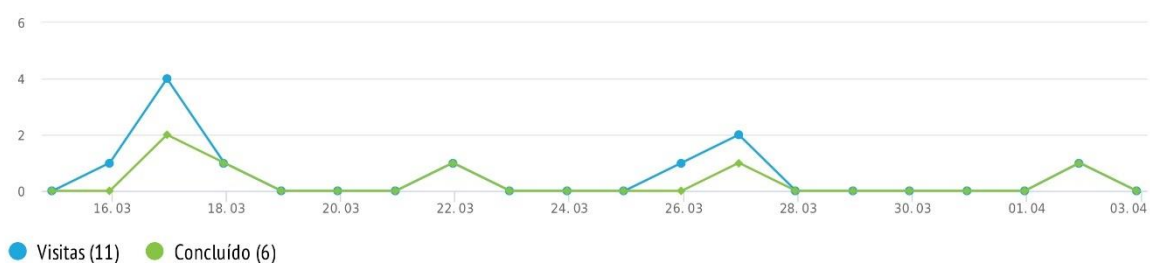
Duração

17 dias

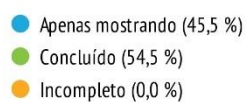
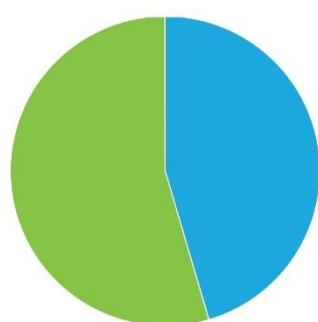
## Visitas do questionário



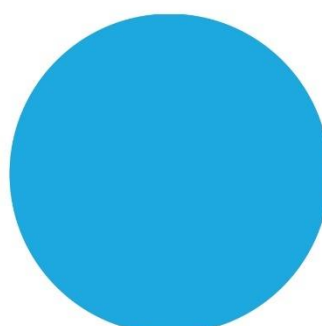
### Histórico de visitas (17/03/2024 – 02/04/2024)



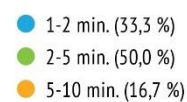
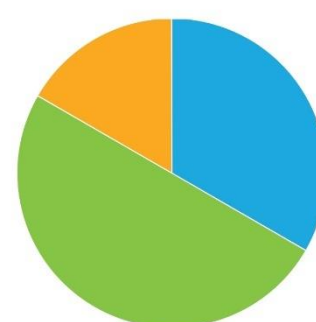
### Total de Acessos



### Fontes de visitas



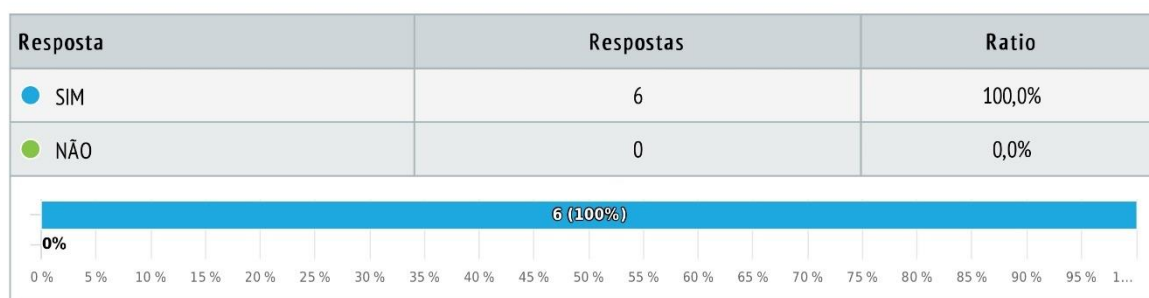
### Tempo médio de realização



## Resultados

1 Olá costureiras do DF, meu nome é Verônica e trabalho com vestuário há 40 anos. Estou fazendo uma pesquisa no Instituto Federal de Brasília, no campus Taguatinga que se chama: EU, ELAS, NÓS: TRABALHADORAS NA CADEIA PRODUTIVA DO VESTUÁRIO. Espero, com essa pesquisa, ajudar os professores do Curso Técnico em Vestuário do IFB a melhorarem a formação que é oferecida gratuitamente lá. Se você topar responder a minha pesquisa vai me ajudar muito e eu prometo colocar o meu trabalho finalizado aqui, no grupo do Facebook, para compartilhar os resultados com vocês. Sua identidade permanecerá em sigilo. Você topa fazer parte desta pesquisa?

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



## 2 Qual seu nome?

Texto de resposta , respostas 6 x, Não respondido 0 x

- Izabela
- Justo
- Lorena
- maria
- Maria Caetana De Souza Ribeiro
- Maria Luiza de Souza

3 Sabemos que a idade é só um número, mas para efeito de pesquisa, você pode nos dizer a sua?\*

Texto de resposta , respostas 6 x, Não respondido 0 x

- Tenho 66 anos
- 32
- 35
- 37
- 72
- 73

#### 4 Você nasceu em que cidade?\*

*Texto de resposta , respostas 6 x, Não respondido 0 x*

- (2x) Brasília
- caxias,ma
- NANUQUE MG
- Nasci em Ribamar - MA
- Ribamar

#### 5 É morador (a) de que Região Administrativa? Não precisa saber o número, só o nome. Por exemplo: Taguatinga, Samambaia, etc...\*

*Texto de resposta , respostas 6 x, Não respondido 0 x*

- estrutural
- Taguatinga
- (3x) Taguatinga
- Valparaíso de Goiás

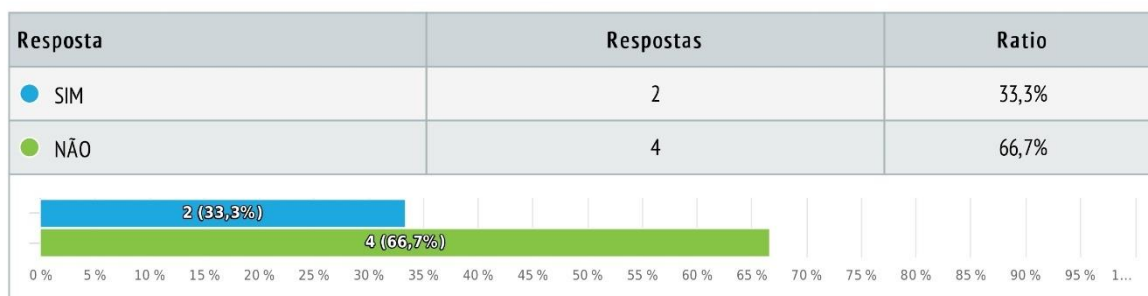
#### 6 Qual seu estado civil?\*

*Texto de resposta , respostas 6 x, Não respondido 0 x*

- (2x) Casada
- solteira
- (2x) Solteira
- Solteiro

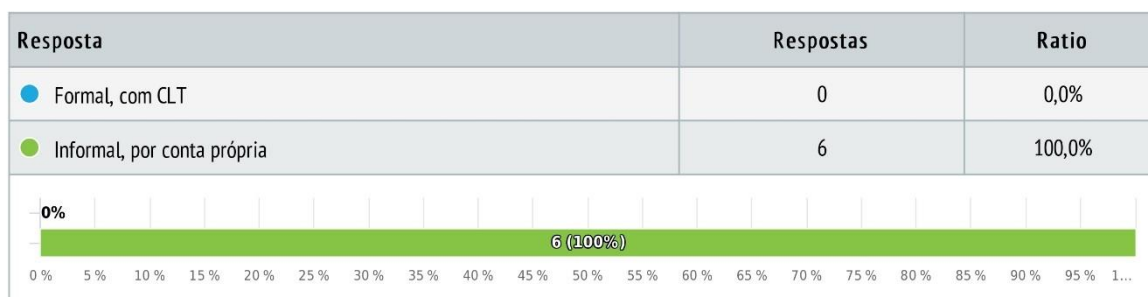
### 7 Está trabalhando ?\*

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



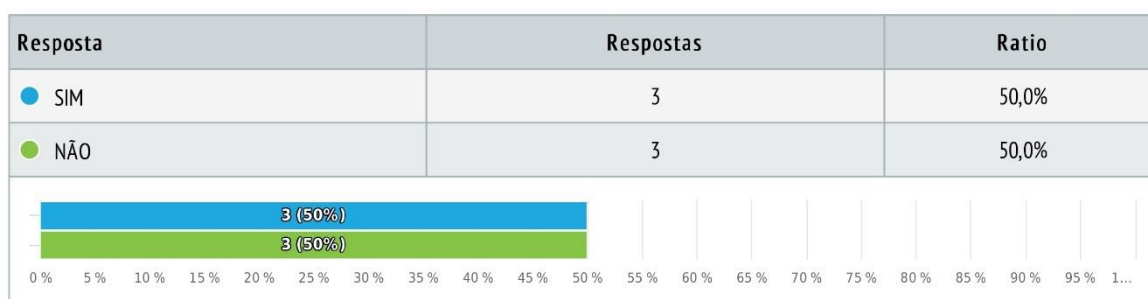
### 8 No mercado formal ou informal? Assinale abaixo por favor.\*

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



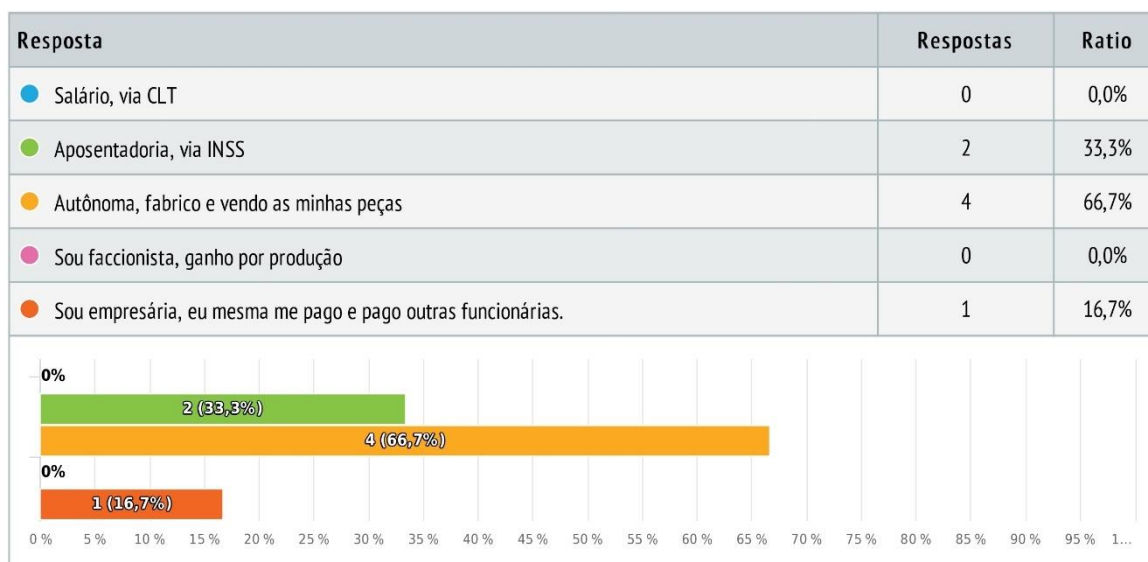
### 9 Tem renda própria?\*

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x



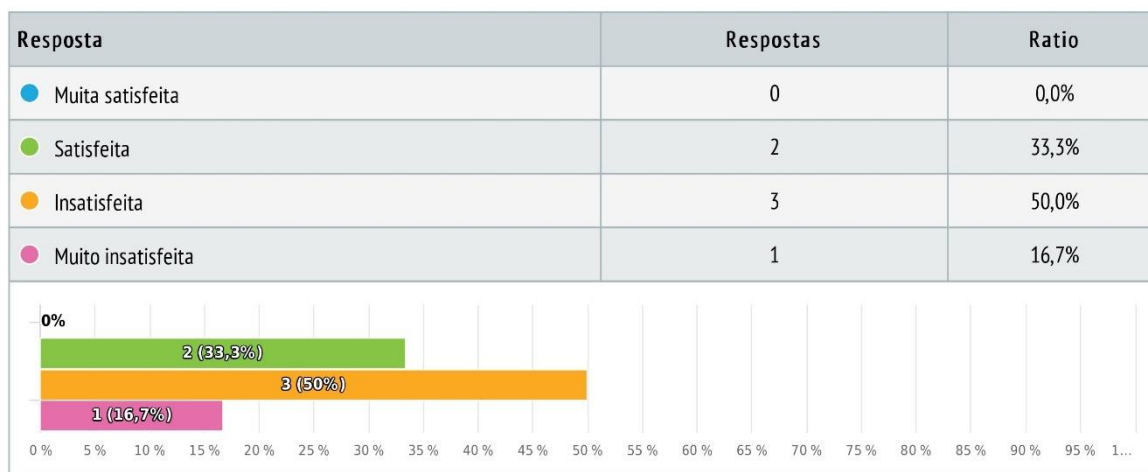
## 10 Qual a origem da sua renda?\*

Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x





## 11 Está satisfeita com a renda recebida pelo seu trabalho?\*



Múltipla escolha , respostas 6 x, Não respondido 0 x





## Preferências de pesquisa

-  Permitir submissões múltiplas? 


---

-  Permitir retornar às questões anteriores? 


---

-  Mostrar os números das perguntas? 


---

-  Receber notificações de respostas por e-mail?

---

-  Proteger por senha?

---

-  Restringir IP?

## Apêndice: Pesquisa

### Pesquisa com o setor do vestuário - Costureiras

1 Olá costureiras do DF, meu nome é Verônica e trabalho com vestuário há 40 anos. Estou fazendo uma pesquisa no Instituto Federal de Brasília, no campus Taguatinga que se chama: EU, ELAS, NÓS: TRABALHADORAS NA CADEIA PRODUTIVA DO VESTUÁRIO. Espero, com essa pesquisa, ajudar os professores do Curso Técnico em Vestuário do IFB a melhorarem a formação que é oferecida gratuitamente lá. Se você topa responder a minha pesquisa vai me ajudar muito e eu prometo colocar o meu trabalho finalizado aqui, no grupo do Facebook, para compartilhar os resultados com vocês. Sua identidade permanecerá em sigilo. Você topa fazer parte desta pesquisa?

SIM  NÃO

2 Qual seu nome?

3 Sabemos que a idade é só um número, mas para efeito de pesquisa, você pode nos dizer a sua?\*

4 Você nasceu em que cidade?\*

5 É morador (a) de que Região Administrativa? Não precisa saber o número, só o nome. Por exemplo: Taguatinga, Samambaia, etc...\*

6 Qual seu estado civil?\*

7 Está trabalhando ?\*

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

SIM  NÃO

8 No mercado formal ou informal? Assinale abaixo por favor.\*

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

Formal, com CLT  Informal, por conta própria

9 Tem renda própria?\*

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

SIM  NÃO

### 10 Qual a origem da sua renda?\*

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

- Salário, via CLT       Aposentadoria, via INSS       Autônoma, fabrico e vendo as minhas peças       Sou faccionista, ganho por produção
- Sou empresária, eu mesma me pago e pago outras funcionárias.

### 11 Está satisfeita com a renda recebida pelo seu trabalho?\*

Instruções da pergunta: *Selecione uma ou mais respostas*

- Muita satisfeita     Satisfeita     Insatisfeita     Muito insatisfeita

## **Apêndice G: transcrição Grupo Focal 1 – alunas egressas do curso Técnico em Vestuário IFB-CTAG**

Data: 06/12/2023

Mediadoras: Mestranda Verônica Theml Fialho Goulart e Profa. Juliana Rangel

Participantes:

1. Caroline Evelina da Silva dos Santos
2. Geiza Maria Amorim Carvalho
3. Rosane Berel Gomes
4. Cleide Evaristo Ricardo do Vale
5. Gislaine Pires de Souza
6. Maria Luiza de Souza

Após dinâmica do Mapa de Vida e explicação sobre o grupo focal, começamos a coleta de informações, provocadas pelas seguintes questões:

- a) Quais os principais fatos importantes de sua vida?
- b) Quais as pessoas significativas?
- c) Quais são os seus sonhos?
- d) Como você se vê agora e daqui há um ano?
- e) Destaque suas experiências na escola
- f) Quais valores norteiam sua vida?
- g) Por que trabalho? e trabalhando, transformo o mundo?
- h) Trabalhadoras/es na cadeia produtiva do vestuário: quais os sonhos e desafios?

### **1ª: Geiza Maria**

Primeiramente, eu tenho um apoio da família sobre o que eu gosto de fazer, mas assim, do meu marido e da minha filha, já minha outra família fala: pra que “cê” fica fazendo tudo isso? Pra que esse papo de querer aprender isso porque já tá, já tá. Diz assim, velha, não precisa mais disso, né? Igual ela falou aí ó, meu marido tem uma situação melhor e tudo mais assim, tem o que eu preciso, mas é a gente que sente falta daquilo que a gente produz, sim. Então eu gosto de fazer pra eu ter o meu próprio.

É dinheirinho, como ela acabou de falar aí, né? E assim, a filha dela tem o mesmo assim, modo de ver da minha filha que ela também não se preocupa de

negócio de casamento para ter um futuro melhor. Para ter filhos, né? Então, assim, ela tem, tipo assim, a independência também dela, coisa dela também, mas ela é cobrada por isso, porque não tem namorado, que não tem marido, porque não quer ter filhos. Então assim, tem hora que ela diz assim, eu não sei por que esse pessoal...

O pensamento, ainda da época deles, né? Então, assim, esses que nascem nesse período não tem mais esse objetivo, né? Eu tenho que me casar, eu tenho que ter filho, mas ela é muito cobrada por isso e ela não gosta, né?

Sonhos é dar continuidade no trabalho que eu aprendi aqui no IFB, né? E ter também um local apropriado para que eu possa desenvolver as minhas atividades, que eu gosto muito de fazer só as coisinhas que muitos aqui já conhecem. E poder também tem as minhas ferramentas apropriadas de trabalho, para que eu possa desenvolver e o local também muito apropriado, porque eu gosto das minhas coisas muito organizadas e eu moro em apartamento, então assim eu tenho minhas coisas ali.

Eu escolhi um canto ali da minha sala, depois vou mandar a foto pra vocês, como é que eu dei logo o meu jeitinho? Então assim, eu tenho muita vontade de ter um local pra eu ter assim minhas coisas que eu gosto de tudo muito organizado, por isso que eu tenho meio aquelas caixas, né? Os retalhos que separo dos tecidos em outro local e assim eu não tenho espaço para isso, né? Mas assim, eu tenho muita vontade de ter esse local para que eu possa fazer as minhas atividades, mais tranquila, né? Aí você, ah, mas tu não precisa disso. Eu falei, eu gosto de fazer, eu gosto de ter o meu próprio, né? E a gente fica assim, depende muito dos outros, tenho ali tudo em mão.

Então, bem quando eu faço, eu trabalho e recebo com aquele trabalho que eu fiz. Então é isso. O meu ponto de vista, assim nas minhas atividades, é isso que eu quero ter para minha atividade, para o futuro. Só como disse, só a Deus pertence. Eu também passei por um acidente. Então, assim, eu gosto de fazer assim o que eu tenho para fazer hoje, eu quero terminar hoje, porque eu não sei o amanhã. O que aconteceu comigo às vezes também, e eu ainda foi pior nem conto, porque se não vai nem. Mas assim, eu gosto de fazer. Eu gosto de quando eu faço e recebo tudo ali pela minha atividade. Pra mim é uma satisfação muito grande.

**Mediadora Verônica**

E a próxima, quer ler ou quer que alguém leia? Luíza? Vamos lá, Luiza?

**2ª: Luíza**

É, quais valores motivam sua vida? Aí eu coloquei família, trabalho, aprendizagem, né? Eu, mas eu gosto muito de aprender coisas novas. Eu gosto de aprender, muito. Aí, a segunda é assim, como você se vê agora... Eu comecei a trabalhar muito cedo. Não tenho assim vontade de pegar dentro de casa, eu gosto de casa, mas assim, né? Algumas vezes, passava roupa, lava, organizar a casa, tudo. Bom, ter as coisas organizadas é ótimo, mas assim eu não fui criada assim, eu fui desde cedo, por causa do meu pai que era doente, né, minha mãe saia pra trabalhar e todo mundo teve que já começar a lutar. Então eu de manhã, já aprendi a sair, trabalhar e voltar pra casa e agora, chega a idade. A gente vai aparecendo umas coisas. E a última notícia que eu tive foi a pior, porque, até então, quando era astros, artrose, osteoporose, aí a gente vai levando, né? Tá, tá tudo bem, graças a Deus é, a gente está tirando de letra. Mas ela não chegou uma, né? Aí todo mundo, "Ah, não sei o que? Você precisa parar, porque você já aposentou. Agora ela tem que ficar em casa. Fica em casa!" Todo mundo já fala da idade.

Eu costumo ir a uma loja né? Funciona aqui, uma confecção e eu vou para costurar com ela, de segunda a sábado. Domingo, em casa, para mim é só trabalho. Comecei aqui na quarta-feira. (Luiza é voluntária em um projeto do IFB, campus Taguatinga, que começou na pandemia fazendo máscara e avental para os hospitais e que continua). Aí quarta já não vou também na confecção. Segunda, terça, quinta e sexta, mas é aí, tá, mas tá bom, eu gosto daquela gente.

Eu gosto de trabalhar, eu gosto de fazer as coisas, né? Mas o meu problema agora foi a paulada que levei, porque eu fui no oftalmologista pra tratar e ela disse, você precisa, você tem catarata, você precisa de cirurgia. Eu faço pra você por R\$4.000 cada olho.

Aí, tá? Então "cê" vai para a rede pública, e eu fui para a rede pública.

Meu salário é o mínimo é, e aí não dá para fazer essas coisas todas. E comecei a fazer pedido. Consegui a consulta, aí quando eu cheguei lá no médico, aqui vem a notícia triste. Ele falou assim, você tá bem? Quando eu entrei no consultório eu falei, para mim, eu estou bem, Hum, aí ele começou a fazer exames, eu expliquei, eu estou

aqui por esse motivo. Eu fui trocar os óculos e seria um problema de catarata. Tem que fazer uma cirurgia a eu não tenho dinheiro para pagar, por isso eu estou aqui?

Aí ele disse: Ah, então vamos ver. Entrei e ele começou a fazer os exames e eu olho de lá e tal, e foi mudando daqueles aparelhos. Aí quando chegou no último, ele disse: Você espera aí, eu vou pegar um aparelho ali na outra sala pra ver a sua pressão. Nunca me disseram que você tem glaucoma? Falei que não e ele falou, você tem glaucoma e está em alto grau. E nós vamos esquecer essa história da catarata, porque você pode ficar cega.

Disse que isso muda. Você vai ficar cega a qualquer hora, né? Com pressão, né. Tá muito alta.

Com esse problema, agora ele passou o remédio, a cirurgia de catarata não pode fazer. Tem que primeiro fazer parar pressão, para regular. E depois fazer a cirurgia.

### **Mediadora Verônica**

Você vai estar bem, vou te contar uma história. Oh, minhas 2 irmãs têm pressão alta nos olhos. É genético, aí a mais velha, mesmo ela usando colírio, mesmo ela usando sempre para controlar a pressão, ela desenvolveu um glaucoma e aí ela teve que fazer uma cirurgia. Ela fez cirurgia nas duas vistas e está ótima agora, viu? Você vai fazer e vai ficar boa. Não é fácil. Dá medo mesmo, né? Qualquer coisa na vista a gente fica assustada, né? E ela também. O médico falou a mesma coisa, olha, se não fizer, você corre o risco de ficar cega. Foi uma paulada pra gente, mas ela fez e tá ótima. Depois vou te mostrar a foto dela, não diz nem que operou a vista.

### **3ª: Rosane**

A matéria sobre o meio ambiente, eu vi como o mundo da moda é gigantesco quando eu era focada só em Estilismo, costura, aquela coisa de superficial, mas agora, essa matéria dá pra aprofundar mais pra ver os outros segmentos da moda. E dos trabalhos que tem. E aí eu comecei a mudar, realmente quero mudar. Talvez, talvez não fique na costura. Vá para outra coisa completamente diferente, mas que tenha a ver ainda com a moda.

E a outra questão é ser independente né? Como é importante para nós mulheres, mais ainda não é.

**Mediadora Verônica**

Obrigada, Rosane. Agora, Cleide.

**4ª: Cleide**

É, é isso aí. Coloquei, Família, Uhum, né? Que para mim acho que é o mais importante. Em primeiro lugar, família. Aí a partir de família, vem a formação, trabalho. Importante para a minha vida, né? Que também transforma. Coloquei transformação porque formação, trabalho, transforma, reconstrução, enriquecimento e para responder a última pergunta do futuro, né? Eu coloquei assim acompanhada, Hum, não quero ficar sozinha porque está sempre acompanhado dos filhos, de alguém, né?

**Mediadora Verônica**

Gosta de gente?

**Cleide**

Gosto! Ter pessoas perto de mim. É, as coisas que norteiam a minha vida, eu coloquei os 3 pilares, né? Estudo, trabalho e família são as coisas que eu preciso na minha vida. Porque transformam, enriquecem e fazem uma evolução satisfatória na vida da gente, na nossa trajetória.

**Mediadora Verônica**

São essas 3 coisas, que fazem isso?

**Cleide**

Para mim, fazem mudança, para mim, amigos, sim, com certeza eu quero, estudo, trabalho e família, está maravilhoso, está perfeito, está perfeito.

**Mediadora Verônica**

Obrigada, obrigada por estarem aqui.

**5ª: Carol**

Eu coloquei aqui as pessoas, família e amigas, que me apoiam.

Quais são meus sonhos? É trabalhar em algo que eu gosto, meus pais terem uma vida tranquila, estar financeiramente estabilizada.

Agora e daqui a um ano, ter a experiência corporativa para eu mudar minha vida e espero me aperfeiçoar nessa área e trabalhar.

### **Mediadora Verônica**

É trabalho, como aparece o trabalho, né, gente? Como todo mundo fala do trabalho, né? Como o trabalho é importante, mesmo. Agora, quem vai? Depois da Carol?

### **6ª: Gislaine**

Eu vou cortar um pedacinho, tá? Eu sou muito emotiva. Não adianta....

### **Mediadora Verônica**

Eu também. Eu sou manteiga derretida, como se diz.

### **Gislaine**

É aos 14 anos, eu arrumei um namorado e foi o primeiro namorado e fui morar com ele. E aí é sem o consentimento dos meus pais, né? Que era o primeiro namorado. O sonho do pai é que a filha estude, trabalhe...E aí é eu peguei a mochilinha, e fui embora com ele. Não contei para ninguém. Aí ficou todo mundo doido atrás. Eu deixei uma carta escrita que tinha ido para São Paulo e fui embora para Goiânia e meus pais me acharam um mês depois.

Aí, minha filha..., quer voltar pra dentro de casa? Não, pai, não quero. Quero morar com o namorado.

Aí, aos 15 anos, eu fui mãe de meu primeiro filho e aos 18 eu tive o segundo. Só que tive aí o pedido do meu pai para ele (marido), que era que eu não parasse de estudar. E aí assim foi, e eu tive uma rede de apoio muito boa, porque eu sempre tive minha mãe, meus irmãos, para cuidar dos meus filhos, para eu trabalhar, para estudar. Então aí eu terminei o ensino médio. Eu fiz faculdade de administração e eu sempre trabalhei. Eu trabalhei de carteira assinada 20 anos. Eu tive 2 empregos, só um eu fiquei 13 anos e o outro eu fiquei 7 anos aí, como eu já tinha 20 anos que eu trabalhava fora, eu falei assim, eu vou parar um pouquinho.

E aí eu falei, vou ficar um ano descansando, só que aí que a gente se dá mal nesse um ano .... porque já tinha mais de 40 anos. Aí tá... quando eu fiquei assim, um ano fora, quando eu tentei voltar pro mercado de trabalho, aí estava no meio da pandemia.

Aí eu fui lá nas pessoas que podiam me ajudar e tal, e ninguém conseguiu me ajudar, porque na verdade eles estavam demitindo, né? Na pandemia, suspendendo o contrato, essas coisas. E eu, nunca, dependi de homem pra viver, mesmo indo morar com ele muito novinho. Eu sempre trabalhei, eu falei, e agora? O que que eu vou fazer da minha vida sem trabalho? Aí eu falei, ah, vou montar uma loja, uma lojinha pra mim com o dinheiro ainda tinha sobrado, né? E aí montei a loja, comecei trabalhar e não vai muito boa das pernas e tal. Eu falei aí as minhas coisas vêm de São Paulo, vêm de Goiânia, né? Aí eu falei, ah, vou aprender a costurar, hum, eu nunca me imaginei na vida porque eu trabalhei no serviço público como terceirizado e depois trabalhei numa concessionária. Então é outra coisa total, outra realidade totalmente.

Quando precisava de qualquer costura na roupa eu mandava pra quem costura, nunca pensei que eu posso costurar um dia na minha vida. E aí hoje, eu já fiz curso de costureira, de modelista no Senac e estou finalizando o meu curso de técnico de vestuário aqui, né?

E aí eu, pretendo crescer profissionalmente, tenho o sonho de crescer com meu negócio. E hoje eu vivo às custas do meu marido né? Que eu não tinha vivido ainda, e eu pretendo poder viver financeiramente do meu, do meu trabalho, as pessoas mais importantes da minha vida são a minha família que são os meus filhos, eu tenho uma netinha de 5 anos.

E o trabalho. É muito importante para a nossa subsistência não somente para isso, mas também para se sentir útil, tanto na sociedade quanto no nosso lar. Eu tenho aprendido muitas coisas novas aqui na escola. Nunca imaginei costurar na minha vida, né? Como eu já tinha falado, eu estou bem feliz por poder costurar, tem preenchido o meu tempo. Tem sido uma terapia e eu me vejo futuramente uma grande empreendedora, podendo ajudar pessoas a transformar suas vidas, assim como a costura também tem transformado a minha.

**Mediadora Verônica**

Quantos planos maravilhosos, hein? Você continua com o seu negócio ou você precisou fechar? Continua com o seu negócio?

**Gislaine**

Hoje já estou fazendo algumas coisinhas, colocando lá também já estou conseguindo produzir alguma coisa. Planejo a loja num lugar maior e levar todas as minhas máquinas para lá. Vou continuar pedindo as coisas que vem pronta, mas eu também pretendo confeccionar.

**Mediadora Verônica**

Ótimo, uma boa estratégia, muito bom, muito bem, parabéns.

**Profa. Juliana**

E assim, foi bom escutar todo mundo, porque a fala de todo mundo está dentro da minha, ou seja, a minha fala também está dentro da fala de todas. Então como você falou de rede, né? Como nós, mulheres, a gente está tão conectada, né? Nos desejos, nas vontades, nos valores. E eba, mulherada emotiva, então assim.

É, vai ser por isso que eu vou ser bem objetiva mesmo, porque está tudo muito dentro da fala do que já foi falado, né?

Então, como eu coloquei aqui, quais os principais fatos importantes na sua vida? Eu coloquei que é a minha infância, a minha adolescência. Esses fatos foram tão importantes para a Juliana de agora, né? E um fato muito importante que vai ao encontro da Independência, que é a minha faculdade, que me deu o meu ofício, que é a profissão que eu amo tanto. E, obviamente, assim não é. Eu não me formei em pedagogia nem licenciatura, me formei em engenharia têxtil e essa profissional que eu me vejo. Então assim, a professora foi a consequência do que eu desenvolvi dentro da faculdade, né, que depois foi o fato do despertar de Opa! se eu não estudar, eu não vou ser independente, eu queria almejava a Independência, né? Então, como só depende da gente, eu passei a gostar muito de saber conhecer cada aprendizagem, né? Que vocês falaram? É essa aprendizagem contínua.

Então eu sinto essa vontade também de compartilhar, né? Então eu coloquei isso, né? Quais os principais fatos importantes na vida? A minha infância, minha

adolescência e a minha faculdade. A formação, né? A minha formação que deu a profissão que eu amo tanto, né? As pessoas significativas na minha vida é pai, mãe, irmãs e meu marido, meu companheiro, né? Uhum. Aí hoje. Quais são os seus sonhos? Ah, eu coloquei. Acho que foi o que muita gente colocou aqui, ter meu atelier de arte, olha que delícia...Quando a gente tem umas coisinhas que ali é o local apropriado, né? Ter o nosso cantinho para organizar as nossas coisas e ser produtiva, né? Então o meu sonho hoje é esse, é ter o meu atelier, ter o meu propósito.

E como você, como você se vê agora e daqui a um ano? Bom uma coisa que eu coloquei aqui que vai também ao encontro de muitas das falas que eu percebi que todas nós, embora a gente tenha sonho, que as meninas são mais novas e que quer ainda chegar na Independência financeira, é a fala vem de uma maneira tão leve que eu acho que todos nós aqui, todas nós aqui, estamos bem realizadas. Eu fiquei bem feliz de ouvir os relatos e o quão satisfeitas todas nós somos, apesar dos pesares, porque viver não é fácil, é todo dia, tem que matar muitos leões.

Então eu coloquei aqui, né, que aí é também ser a pessoa grata, né? A Luiza falou de um fato que aconteceu com ela, a Geiza externalizou, você também no fato recente, e eu também, de um fato bem recente. Assim está sendo esse semestre um semestre bem ativo, mas eu, semana passada, eu me afastei um pouco do IFB, falei para os meus colegas, para os alunos, e para o meu chefe, né? Que é o coordenador Alexandre: Olha a semana que vem, eu não vou estar no IFB, eu me afastei do IFB para cuidar das minhas atividades na UnB. Uhum, faço doutorado lá. E foi assim essencial porque lá eu estava estudando coisas que eu amo. Até postei ontem no Instagram, um trabalho que eu apresentei. Então assim, quão satisfeita eu vi que quando eu estou estudando, né? E a profissão de professor? Ela dá essa satisfação também, porque a gente trabalha estudando, porque a gente ensina, todo o tempo, tá estudando. Então eu coloquei aqui como você se vê agora? Eu botei bem, feliz, grata e realizada porque foi também essa semana que eu precisei me afastar das atividades do trabalho que estavam me deixando muito estressada. Foi ver que eu não tenho absolutamente nada para reclamar, é o fato de que quando você tem saúde e que você está fazendo coisas, então teu propósito é fundamental para que a gente não entre em depressão. Eu já cheguei nessa conclusão E ser bem feliz, grata e realizada simplesmente pelo fato número 1, que é a saúde, sim, saúde, né? Dinheiro vai e vem, a gente perde e ganha sempre, mas a gente tem saúde e isso eu aprendi com a morte da minha avó, uma pessoa bem significativa. E ela sempre falava isso. Saúde em

primeiro lugar, sim. Quando ela morreu, que eu vi a finitude de perto, uma mulher que sempre trabalhou. Eu disse realmente, saúde é a coisa mais importante, porque a minha avó quando foi embora, ela foi embora por falta de saúde e não por falta de qualquer outra coisa, porque isso ao longo da vida dela inteira ela sempre teve, né? Vamos dizer o dinheiro, pra que a gente tenha os nossos bens, né? Conforto e então isso sempre foi assim. Não que não seja importante, porque dá dignidade também, né, mas quando ela perdia, ela tinha saúde e o trabalho e o conhecimento para correr atrás. Então quando eu vi ela indo embora e que ela não levou nada do que ela acumulou financeiramente pro caixão, não tem nada mais importante na vida do que saúde. Então por isso que eu coloquei isso bem feliz, grata e realizada porque estou com saúde e não posso reclamar de absolutamente nada.

E daqui a um ano espero estar mais experiente, madura, porque não tem outra coisa melhor na vida que a gente se sentir experiente, inclusive para essas adversidades, né? Quando aparecem, como é que a gente encara esse problema? Então é saúde mental física.

Destaque, destaque suas experiências na escola, eu vou colocar aqui que eu sempre fui esforçada, não era isso? meus destaques da escola é correr atrás. Só depende de mim na escola, em algum momento, essa chave virou. Eu comecei a me ver contente ao receber instruções sobre conteúdo. Então, conhecimento é algo que me dá vontade de viver, aprender que a gente sabe que é muito campo, então na minha profissão, se eu quiser ir para agronomia, tem um leque imenso para saber sobre as fibras têxteis naturais. Sim, né?

Eu vou para construção civil, que é onde eu estou fazendo doutorado. Eu vi que o resíduo têxtil dá um reforço no solo, que é importante para a fundação, que é meu Deus!!!! Então assim, conhecimento, ele é infinito e é algo que me deixa com gás para viver. Então, para saber mais, eu sou curiosa. Curiosidade, pensei, que valores que norteiam a vida né? Fugindo um pouco da do clichê, mas não, mas não fugindo tanto que a honestidade, né? Então a honestidade e aí engloba moral, ética, né? A honestidade, eu acho que é um valor que me deixa de pé assim eu, eu, eu tenho essa exigência comigo mesmo, e aí não sendo inflexível de que às vezes a gente não possa mentir de vez em quando, então não é nada a ver com isso.

Porque com a maturidade a gente sabe que às vezes mentir um pouquinho pra não machucar o outro é essencial. Então sim, né? É um pouco de jogo de cintura. A gente aprende que isso é delicadeza, que isso é um cuidado que isso é né? Então,

assim, a honestidade não tem nada a ver com de vez em quando mentir um pouquinho, tem a ver com você ser sincera com os seus valores, princípios e tudo mais, né?

E por que trabalho? Porque dignifica o ser humano que eu acho que é o que vai ao encontro do que todo mundo fala aqui, né? A gente quer Independência, a gente quer dignidade, sim, trabalho, ele dignifica, é a dignidade, é um valor muito importante, né, que o trabalho faz, né? Então todo mundo falou aqui que gosta do dinheirinho. Muito bom, mas, o que dignifica a gente? a gente tem tudo, não falta nada, né? Tem um companheiro bacana que dá, que acolhe, mas o que que nos dignifica né? É que esse é essa palavra que ficou vulgar. O empoderamento é excesso, né? O trabalho transforma o mundo? Não sei se transforma o mundo, mas sei que transforma a mim.

O trabalho me transforma diariamente. É, e aqui para fechar. Trabalhadores na cadeia produtiva quais os sonhos, desafios? Então, estudar e aprender mais sobre essa área, então, assim, quais são os sonhos e desafios? Eu acho que eu, eu me sinto bem realizada dentro da área, porque eu consigo fazer isso aqui, que é aprender muito, não é?

Então, quando eu comecei a trabalhar junto com a Juliana foi assim outra pessoa que é muito curiosa e que se encontra muito na área. E a gente troca muito, então trabalhar com tecidos e então, assim, a agregação de conhecimento é algo que me deixa muito realizada e eu, eu, eu me vejo muito realizado por isso, né? Estudar, aprender mais sobre essa área. O desafio sempre é alcançar o que para mim como sucesso. Então deixa eu ver aqui só como quais são os desafios então, assim, o que é sucesso para mim? Sucesso, por isso que eu digo que eu sou uma pessoa de sucesso, porque como eu queria, é ter a profissão que eu tenho hoje, estar onde eu estou hoje. Eu me considero de sucesso, né? Então, alcançar a meta ali que ela é amanhã. Então essa meta do meu atelier eu deixo para ter o gás para poder levantar todos os dias, porque essa é a minha meta. Quando eu atingir essa, eu vou ter atingido um sucesso. Aí eu já quero e traço o outro, né? Por aí vai, então o meu sucesso é sempre o que eu traço de meta ali e seja algo alcançável. Isso para mim também é muito inteligente da minha parte, entendeu? Eu não quero ser uma pessoa frustrada, então é ótimo. Boto metas que para mim eu consigo realizar, né?

Então conhece-te, eu consigo, eu sou capaz de ir até aqui, sou, então sou e agora, será que eu sou capaz, né? Então não coloco uma meta inalcançável. Eu não quero. Não quero me frustrar, não quero me sentir incapaz. Isso não tem nada a ver

com: Ah, não! você não é capaz. A gente sabe que por isso que o conhece-te, é importante. Que a gente tem que saber que a gente é bom em algumas coisas e para outras coisas, como a Gi, que não costurava nada e agora já faz tanta coisa, porque são habilidades e outras competências, você não dá conta de saber de tudo e ter competência para tudo, né? Então é ter essa consciência, é importante para não ter nenhum tipo de sentimento ruim de não conseguir fazer isso.

### **Mediadora Verônica**

Muito bem, maravilha. São várias palavras-chaves mesmo, né? No relato de todo mundo, né? Nós mulheres como um todo: independência, trabalho local, ateliê, aprendizagem, família, estudo, formação, saúde física e mental, dignidade, né? O quanto são questões importantes.

Eu vou passar rapidinho para vocês um pouquinho, o que é que é o trabalho de pesquisa, para vocês entenderem assim o quanto está sendo importante para esse trabalho de pesquisa essa manhã. A gente começa o mestrado. É sem ter ainda exatamente o que você vai pesquisar. Então você vai para uma disciplina chamada seminário de pesquisa, onde você constrói um memorial e nesse memorial é que você vai contando um pouco da sua história, porque tem o que é que é importante e no final deste memorial a gente faz uma apresentação da gente para a turma e no meu saiu as lembranças guardadas no inconsciente que vem à tona nesse processo.

Então aqui sou eu, é a minha foto na minha carteira de trabalho, viu, gente? Dá para reconhecer, que sou eu? (risadas). Não dá para reconhecer? Aqui sou eu aos 17 anos, quando eu assinei a carteira de trabalho, então no final do trabalho do memorial, vieram para cada um de nós, as palavras chaves, e para mim não foi diferente.

Algumas palavras-chaves para mim foram: trabalho, mulher, liberdade, cadeia produtiva da moda e políticas públicas, né? Então, o quanto isso está lincado com a minha história, né? Como que eu, “a garota que foi salva pelo trabalho” o nome do meu memorial, porque realmente, como eu falei um pouquinho antes para vocês, né? Foi o trabalho que me permitiu sair de casa. E essa frase do educador, o Paolo Nosella sobre o mundo da Liberdade, ele diz: A Liberdade, como um reluzente ouro, olha como ele trata, né? É enterrada no cascalho do trabalho, quer dizer, lá no trabalho, lapidando aquele cascalho que você chega no ouro do cascalho, que é a sua liberdade, né, que

passa a brilhar quando o trabalho se torna eficiente, humano, doce, em harmonia e fecundo.

Então, não é um trabalho qualquer, né? É um trabalho que gera frutos, um trabalho que transforma a sua realidade e, querendo ou não, a realidade da sua família, da sociedade, de quem está no entorno.

A professora colocou aqui o quanto foi importante a formação, quanto ela correu atrás, para que ela conseguisse. É ter essa formação para ela, hoje ela virou uma professora e eu tenho certeza de que ela é uma inspiração para muitas outras pessoas. Então, independente do que ela fez para a vida dela, para a família dela, ela, mesmo sem pensar em fazer isso, ela faz isso, porque é isso, o trabalho sendo eficiente, sendo humano, sendo doce, sendo harmônico, ele vai gerar frutos. Ele vai ser fecundo, não é?

Então, aqui eu fiz um videozinho, que fala um pouquinho da cadeia produtiva da moda. Vejam o quanto a cadeia produtiva da moda é transversal, né? Ela fala da Independência da mulher. Ela fala da dos microempreendedores, ela é uma frente ambientalista, ela é uma frente antirracista, ela é diversa, ela é inclusiva, né? Ela combate à violência de gênero, ela é uma frente feminista, então, o quanto a moda, essa cadeia produtiva da moda, onde o vestuário não é só a costura, só a modelagem onde estão inseridas, mas como a Rosana falou, né? É importante, o quanto ela é transversal.

Então o setor de confecções do vestuário é formado majoritariamente por mulheres e falando disso é importante, então, que a gente olhe para algumas questões que eu falei aqui da cultura patriarcal, né? De opressão, da mulher, da divisão sexual, do trabalho. O quanto ainda está atribuído a nós, à cultura do cuidado, do cuidado da casa, o cuidar da família, sempre muito atribuído às mulheres.

Nos últimos anos aqui, houve um salto, de aumento de lares chefiados por mulheres, né? Casas que são monoparentais, chefiadas por mulheres. Elas têm o dobro da insegurança alimentar das casas que são chefiadas por homens. Mas isso por que será? porque lá os homens, eles têm, além de uma ocupação econômica, muitos são pedreiros, pintores, eletricitas. É eles vão para a construção civil.

E eles conseguem crescer dentro da construção civil. Eles entram como ajudante de pedreiro. Daqui a pouco é pedreiro. Daqui a pouco eletricitista, daqui a pouco ele é mestre de obras, né? É e no caso das mulheres, muitas vezes não acontece isso. Muitas vezes faz um curso e até por essa divisão sexual do trabalho,

vai para dentro de casa, para trabalhar em casa, fazendo uma costura, mas para olhar o marido, olhar o filho, olhar, às vezes o neto, né?

Então, com essa divisão na sociedade, acontece que na hora que há uma separação e a mulher se vê sozinha, tendo que arcar com as despesas da casa, ela não esteve inserida no mercado de trabalho. Então, para ela, fica mais difícil e aí, por isso essa insegurança alimentar que numa família chefiada por homens é em torno de 11% e no lar chefiado por mulheres é 19%. Quer dizer quase o dobro, né? Então a falta de oportunidades no mundo do trabalho, que acontece muito para nós mulheres por conta da baixa escolaridade... Ainda bem que a colega ali não parou de trabalhar, mas se casou cedo, teve filho cedo, mas ela conseguiu estudar, trabalhar, não é uma realidade muito comum. É saiu da curva, né? E então, para nós, sempre é mais suado.

Aqui é o número de horas média que os homens se dedicam nas tarefas domésticas. E nós, né? Então assim. É desproporcional mesmo, ainda é uma questão cultural e quando a gente dentro de casa tem que ficar assim, ensinando mesmo, né? A gente vira, para eles, a chata, por exemplo, lá em casa eu tenho na geladeira escrito "Trabalho doméstico é para todos", né? Embora eu tenha consciência que mesmo estando escrito lá mesmo eu falando mesmo eu pedindo, eu tenho consciência que eu faço mais, ainda faço mais. A cultura, é a coisa mais difícil de mudar numa sociedade, né?

### **Luiza**

E eles foram criados assim, né? Então e nós de outro jeito. Então é um embate constante, né? Mas a gente não pode desistir e assim meu marido faz as coisas, ele cozinha, ele vai lá, lava a louça, ele diz, ó, lavei a louça, hein, "tô" te ajudando! Não, não tá me ajudando, eu fiz o almoço, um lava, o outro vai lá e cozinha, se o outro cozinha, o outro vai lá e lava tem que dividir, não é?

É fala, então, obrigada. Eu falei, eu não cozinho pra você?

### **Mediadora Verônica**

É, mas é constante, né? É cansativo, tem dia que a gente vai lá e faz porque dá mais preguiça ter que falar, mas o ideal é que a gente tenha essa força, né? De ir educando, e eu percebo também é o meu marido, é 10 anos mais velho, está com 67

anos, é de outra geração, vem de outra criação, então você tem que ter paciência mesmo pra ir reeducando, né, reeducando.

Bom, aí aqui fala isso que eu mostrei pra vocês, né, do arranjo familiar, que aumentou bastante. Olha o número de casas chefiadas por mulheres aqui no DF. Gente é 32,5 % casas que são chefiadas por mulheres. É, então, o tema da pesquisa, como que a gente forma integralmente as futuras trabalhadoras, nós, da cadeia produtiva do vestuário aqui no DF para essa inserção no mundo do trabalho, né? É proporcionando mecanismo para essa emancipação feminina que a gente falou tanto que é importante, né? A dignidade, o trabalho, o dinheiro pilar, é importante para combater, inclusive, violência doméstica, o feminicídio. A gente vê aqui no Distrito Federal os números, assim escalando. No Brasil como um todo, saiu agora o Atlas da violência. Uma coisa absurda! E aí alguns dados importantes aqui. Olha, segundo a associação brasileira da indústria têxtil, a Abit, o Brasil representa a quinta e a quarta maior produção mundial da indústria têxtil de confecção, gera mais de 1,3 milhões de empregos diretos, 8 mil de indiretos, dos quais mais de 60% são dos trabalhadores do gênero feminino, mais da metade são de mulheres negras, né? Aqui no DF, são mais de 7000 CNPJs que produzem vestuário. E aqui no DF, tiveram 2 incentivos, né? O PRODF 1 e o PRODF 2, que deu recurso para que as pessoas comprassem maquinário, para que as pessoas conseguissem, inclusive, áreas para montarem suas confecções e a contrapartida é que gerassem emprego e renda para essa força de trabalho, no entanto, o que acontece é que os empresários alegam que existe o tal do apagão da força de trabalho, das costureiras, que não existe costureiras para trabalhar. E a gente olha que, por um lado, se tem um monte de CNPJ que produz vestuário e existiu um incentivo que deu recurso para essas pessoas abrirem seus negócios, se elas deveriam, como contrapartida, contratar e gerar renda para a indústria do vestuário, elas colocam que não tem, que elas não geram, porque elas não têm essa força de trabalho qualificada.

E se a gente tem cursos bons, como do IFB, como do sistema S, e ainda, apesar das ressalvas, os da Fábrica Social, que existe formação de costureira lá também. Por que será que essa conta não bate? Tem mercado, as mulheres que se formam não vão para esse mercado de trabalho. A pesquisa tenta apontar alguns caminhos, é isso que a gente já está levantando aqui. Essa cultura patriarcal que muitas mulheres se formam, mas acham que tem que trabalhar dentro de casa, porque a responsabilidade do cuidado da família, ainda é exclusivamente dela.

Isso é uma questão, outra, são os baixos salários aqui do centro-oeste, que se, comparados com o salário do sul, né, são muito aquém. Então a mulher fala, poxa, para eu ir trabalhar, bater ponto de 8 da manhã às 18:00, para ganhar pouco? Eu prefiro trabalhar na minha casa, fazer alguma coisa que eu vou tirar mais que isso é uma conta que também é feita, né? E que aí se precisa levar em consideração outras questões. Realmente é? Se você olhar dinheiro por dinheiro, sim, mas se você olhar que você trabalhando em casa, você não tem nenhuma proteção, né? Trabalhista, você não tem uma carteira assinada, você não tem um fundo de garantia, você não tem férias, você não pode ficar doente, né? E que daqui a muitos anos talvez você tenha um problema de saúde que você não segura mais, trabalhar dentro de casa sem essa proteção social é uma coisa para ser pensada, né?

Então aqui são os números da indústria, mas o que eu chamo a atenção é que é uma indústria tão poderosa que gera tanto recurso, por que é que ela tem que pagar tão mal? Por que a gente não tem uma união de classe? Porque o próprio sindicato daqui agora tá lá em Goiás, não tem nem mais sindicato de costureira aqui? Juntou com Goiás, foi lá pra Goiânia, né? Então algumas coisas que a gente precisa, se a gente quer trabalhar na área e quer melhorar, trabalhando na área, a gente tem que começar a pensar nessas questões e tentar nos organizar de alguma maneira, seja como entidade de classe, seja como uma cooperativa, seja como incubadora, que aí vai gerar, vai ser uma empreendedora. E aí, como empreendedora, na hora que eu contratar uma costureira, eu vou procurar pagar melhor a minha costureira, porque eu não vou repetir o que fizeram comigo, né?

Bom, então por que essas futuras trabalhadoras não ingressam formalmente no mundo do trabalho? Como contribuir para a formação que possa efetivamente inserir as futuras profissionais da cadeia produtiva do vestuário no mundo do trabalho? Será que essas trabalhadoras optam pelo trabalho em domicílio, como faccionista sem proteção social por estarmos inseridas nessa cultura tão patriarcal que nós nos sentimos responsáveis pela nossa família, né? Por mais que a gente vá lá falar com o marido, pra lavar a louça também, mas a gente ainda sente que a nossa atribuição, né?

Então o problema da pesquisa é esse, né? Como? Como formar integralmente para estimular essa emancipação feminina, não é? Reconhecer como os estudantes, né, do curso técnico, se inserem ou não na cadeia produtiva, né? Como oferecer os estudantes atividades complementares, né? Que façam a gente refletir, pensar em

caminhos. Ah, será que se a gente propor um formato de uma incubadora, para que cada uma de nós seja uma empreendedora social? O que é que a empreendedorismo social ou cooperativismo né pensar nessas questões?

Aqui é o referencial teórico, né? Aqui os procedimentos metodológicos essa primeira etapa a gente está aqui na terceira etapa, que é esse grupo focal que a gente está fazendo aqui com vocês hoje. E, no grupo focal, a gente está é buscando essas respostas, né? Quais são as expectativas de vocês? Como vocês se veem no mercado, né? Eu percebo que muitas se colocam dessa maneira, né? De empreender, de ser autônoma, de correr atrás do seu recurso ou trabalhar como a Rosana, né, Rosane?

Como a Rosane colocou, né? E você falou dessa questão do meio ambiente e a gente fez aqui até, né? Naquela apresentação sobre ESG, né? Que é sobre ser socialmente ecologicamente sustentável, com governança e transparência, né? Então as empresas, de forma geral, elas hoje vão para a bolsa de valores e elas valem mais, em cima do que está lá na bolsa de valores, em função do que ela consegue demonstrar de que ela é socialmente e ambientalmente sustentável e responsável e tem uma governança responsável, que é esse conceito do ESG. Então é um mercado também para um profissional da área da moda, muito importante.

E o desenvolvimento do produto educacional que aí vem depois de tudo isso que eu vou ter que fazer e aqui a bibliografia que eu quis mostrar assim para vocês, vocês entenderem um pouquinho o que é que é o imbróglgio que eu estou que não é fácil, não é? (risadas), mas é de tentar apontar alguns caminhos, assim passo a passo, que é o roteiro dessas questões, né?

Que a gente já fez na realidade, né? Que é a apresentação da pesquisadora. Eu já falei pra vocês, né? Vou resumir.

Meu nome é Verônica, eu trabalho no mercado de moda desde os 17 anos, com 13 eu já fazia pulseira pra vender com 17, tive a carteira assinada. Comecei como vendedora de modo, fui vendedora, depois subgerente, gerente, supervisora de venda, compradora, estilista. Fui representante comercial por 8 anos de várias fábricas, de jeans, de tecido plano, de malharia, de camiseta e até vender o fio. Depois eu tive a minha confecção, tive loja multimarca, tive a minha marca, a Teodora.

A apresentação da pesquisa, o objetivo, são esses conhecimentos prévios, do tema que a gente falou, entender essas expectativas de vocês que já deu para a gente ver. Deixa eu só perguntar agora, como é que vai ser o fechamento? Então é o

tempinho só que eu vou pegar umas coisinhas, porque aí vocês vão assinar o termo e aí a gente encerra, tá? Sobre o tema das expectativas dos estudantes e egressos do curso.

Questões sobre esse conhecimento prévio que a gente viu. Queria ouvir de vocês um pouquinho mais assim. A Rosana eu já consegui entender que ela curtiu muito no curso essa questão do meio ambiente e que você está vendo uma outra expectativa, que não é só a costura e a modelagem na produção, a Gislaine eu também já consegui entender que ela está vendo no curso uma possibilidade de agregar um negócio que ela já tem para que ela tenha mais recurso, né? Também já consegui entender.

Também entendi que é uma coisa para conciliar com a tua família, com as questões que você, você não pensa em empreender, nem ir para dentro do chão de fábrica, não é? É por aí, não é Geiza? Poder conciliar não é a mesma coisa, às vezes não é isso. Luiza já é mais de ir para a rua, quer trabalhar fora né.

### **Luiza**

É trabalhar lá na confecção, sair de manhã e eu volto de noite. É, e o que é bom mudar a postura que eu gosto, né? É porque está sempre conhecendo coisas novas.

### **Mediadora Verônica**

E Carol, como é que você se vê nessas possibilidades infinitas que temos?

### **Carol**

Eu tenho vontade de aprender também, de empreender também, de ter uma marca e assim, de produzir em casa, eu penso a minha, né? Tipo quando comecei o curso eu pensava muito em fazer alguma coisa assim, artesanato, bolsas. Aí hoje eu já penso mais em fazer roupas, sob medida, mais ateliê.

### **Mediadora Verônica**

É isso, gente? Então assim, o que é que será que vai ser o nosso futuro aqui no Distrito Federal? Realmente a gente olha isso, de um lado, 7586 CNPJs, produzindo vestuário, que diz que não cresce porque não tem força de trabalho. Do

outro lado existem sim, pessoas se formando, mas que não se veem nesse chão de fábrica. Tirando Luiza, que gosta desse dia a dia da confecção, as demais não se veem inseridas lá na fábrica, né? E acredito que não se veem em função de algumas questões que a gente consegue pontuar, né? Essa questão de tentar conciliar com o trabalho de casa, com ter mais qualidade de vida para estar perto dos filhos, dos netos, dependendo da fase que a vida já chegou, né? Agora, para quem é mais jovem que ainda, tem que correr atrás, as meninas pretendem empreender, ou pensam em trabalhar numa outra área dentro vestuário como a Rosane. Então, o que a gente vê é que realmente, para a costura, para se sentar na máquina de costura e passar o dia costurando num modelo de indústria, como tem muito no Sul, né? A gente não tem muito esse perfil aqui mesmo? O perfil, é se eu aprender, eu prefiro ir para casa, montar um pequeno negócio, trabalhar sob medida porque vai ganhar mais, né?

### **Geiza**

Você faz suas coisas em casa, para a hora que quer, o problema de se inserir no mercado é justamente o salário que oferecem, né? Nosso salário é muito baixo, né? Eu pensava muito também de fazer fora, mas depois que eu sofri um acidente, utilizar a outra mão, né? Então, aí já pra mim, pra trabalhar na indústria não tem como.

### **Mediadora Verônica**

Nas regiões de Santa Catarina, os salários de uma costureira chegam a R\$3.000,00 e poucos. Outra coisa, quando o estado não dá creche por exemplo, as próprias indústrias, as grandes, eles fazem. Creche para as mães, elas chegam, deixam os filhos sob cuidado, ali perto, entendeu? Tipo empresas grandes mesmo. Agora existem algumas coisas que estão acontecendo aqui no nosso entorno, então acho que é legal divulgar para vocês. Em Goiás, em várias prefeituras pequenas, muito menores do que Brasília, o governador de Goiás, o Caiado, fez centros tecnológicos em que a costureira pode ir lá e aí leva a modelagem, bota lá no quadro, do software Audaces. Existem outros softwares hoje, como Valentina e tal, mas lá no caso, eles usaram a Audaces, então eles fizeram um investimento.

A costureira, vai fazer essa camiseta? Ela leva a modelagem, bota lá no quadro, aí do quadro, joga pro computador, o computador calcula lá conforme a grade, tamanho cores e tal, sai o risco lá, ela leva para casa, bota lá, a largura da mesa dela,

ela leva para casa e já corta ali. Ela tem um aproveitamento muito bom do tecido, uma perda pequena que também para o meio ambiente é importante.

A outra coisa que acontece é se ela não quiser levar para casa. E ela quiser cortar lá, também tem uma mesa de corte, ela já sai de lá com os fardos todos fechadinhos, ela vai pra casa, pra fechar, entendeu? Então isso que ele fez lá em Goiás proporcionou uma melhora na produção. Essas mulheres que trabalham em casa foram crescendo, e à medida que isso foi crescendo, evoluindo fábricas vieram e fizeram estruturas perto dessas cidades, né? E aí elas, hoje já montaram só distribuidoras, assim para botar etiqueta e despachar, porque o resto, tudo elas estão distribuindo nessas pequenas oficinas que usam essa estrutura que o estado fez lá. Então é um modelo também interessante para se propor, né?

A produção dessas fábricas gera mais empregos, gera renda e tudo mais, não é? Então é isso, pessoal. Queria agradecer muito mesmo o tempo de vocês.

Foi muito importante para mim, pedir para vocês assinarem.

Para eu poder levar, vocês podem ficar com a pastinha se quiserem. A única coisa que eu preciso é esse termo de consentimento aqui assinado.

### **Luiza**

(explicando como é remunerada pela confecção que trabalha)

Qualquer valor que seja a peça, ela (dona da fábrica) tira 30% pra loja, pra ela.

### **Mediadora Verônica**

Aí. Espera aí, você na verdade vai lá, trabalha por peça, e sobre esse valor da calça, ela bota um valor em cima pra vender???

Gente, não tenho palavras para agradecer. Vocês não sabem o quanto é importante para mim, porque eu passei com 17 anos para UFRJ, tive que parar de estudar depois de 1 ano e meio porque eu já estava trabalhando e não consegui conciliar, sabe? E aí eu estava em psicologia na época, aí fui fazendo faculdade do jeito que deu. Me formei com mais de 40 anos agora, estou com 57, fazendo o meu Mestrado, antes fui procurar formação na área de educação, uma especialização em educação. E aí fui para o mestrado agora, foram 3 anos para passar no mestrado aqui, no Instituto Federal também.

**Profa. Juliana Rangel**

Ó, muitíssimo obrigada por esse ano, o mês de novembro foi bem apertado, né? Porque como eu falei lá no grupo apareceram várias intercorrências de trabalho que estavam até fora do nosso planejamento, enfim, então esse semestre foi realmente conturbado, mas que no final das contas é sempre muito produtivo, né? As coisas dão certo, mais uma coisa que eu acho que é quão bom é esse projeto em todos os sentidos, a gente passou 3 semanas seguidas sem se ver e na última semana estamos aqui fazendo esse balanço e essa atividade.

## **Apêndice H: transcrição Grupo Focal 2 – alunas do último semestre do Curso Técnico em Vestuário IFB-CTAG**

Data: 15/12/2023

Mediadora: Verônica Theml Fialho Goulart

Participação: Profa. Fernanda Lorena

Participantes:

1. Mirela da Silva Paulo
2. Daizy Mendes
3. Ana Lara Oliveira Simão
4. Elda Urias
5. Thiago Gonçalves Neto
6. Suzana
7. Natan
8. Maria Luiza
9. Andrerlete
10. Eliziê

### **1ª: Eliziê**

Eu sou a Eliziê, aluna do curso Técnico de Vestuário, terceiro ano (semestre), e aqui vou responder uma pesquisa.

Quais eram os fatos importantes, né, da minha vida? Hoje? É abrir um ateliê infantil.

Aí as pessoas significativas nessa minha trajetória seriam meus colaboradores e os meus clientes, lógico.

### **Mediadora Verônica**

Ah, você tem alma de empresária, hein.

### **Eliziê**

Sonho, né? É conquistar mesmo, independência financeira através desse meu empreendimento, né? E hoje eu me vejo em busca desse sonho e daqui a um ano, esse desse sonho se realizar, né?

O que preocupa é saber que vou perder minha Liberdade, que eu tenho assim, acho que só no começo porque no começo a gente tem que abrir mão de várias coisas, das viagens, principalmente das minhas viagens, né, que eu amo.

### **Mediadora Verônica**

Onde você gosta tanto de ir?

### **Eliziê**

Natal. Isso aí, vai me prender um pouco, quando a gente abre empreendimento. Lógico que vai, né? A gente não pode fazer muitas extravagâncias, porque senão, não segue em frente. Então, vai ser uma das coisas que eu vou sentir muito ao abrir esse negócio.

Sobre o trabalho, o que o trabalho faz na vida da gente, é que eu coloquei aqui. Ele dignifica, né?

As pessoas, principalmente nós, mulheres, né, que são muito desvalorizadas no ramo. No trabalho, né? Qualquer empresa, em qualquer ramo, a gente é lá embaixo, pode ser a mesma classificação, o que for... mas eu não sei o que é que esses empresários veem na gente que jogam a gente lá no chão, mas eu vou abrir o meu ateliê e eu vou dar prioridade, valorizar cada uma que for lá no meu ateliê trabalhar comigo.

Aí eu coloquei aqui também que o trabalho ele transforma, né? Porque transforma junto com a educação e transforma não só o mundo, mas cada um de nós, né? Cada ser né, de nós que trabalha, que estuda, né, que aí se torna mais valorizada. A gente tem mais valor, então é isso que o trabalho significa pra mim.

Aí, meus desafios, sonho, né? É conseguir ser reconhecida, transformar o meu ateliê em uma cadeia produtiva. É isso que eu planejo daqui a uns 5 anos. Foi isso.

### **Mediadora Verônica**

Muito obrigada, com esse astral. Com essa determinação. Não tenho dúvida que eu vou ainda conhecer esse ateliê de roupa infantil, viu. Parabéns, siga em frente mesmo.

**Eliziê**

Eu não sabia nada de costura e minha mãe, desde os 13 anos de idade, que minha mãe costurou para sustentar 11, 11 não, 15 irmãos. E como ela era a mais velha, minha avó, a primeira coisa, quando ela terminou a quarta série, ela deu uma máquina pra ela, então ela começou a trabalhar e nós, filha dela, ela nunca ensinou a nós para trabalhar, nada, e nós temos um irmão que trabalha, aprendeu por conta própria, trabalha, tem o ateliê dele e eu, depois de caduca resolvi, mas depois de caduca eu resolvi aprender a costura e amo, amo!

**Mediadora Verônica**

É porque é aquilo que eu falei, né? Os sonhos que a gente tem, eles não envelhecem com a gente, eles ficam lá. E por que, que você acha que a sua mãe nunca quis ensinar vocês?

**Eliziê**

Eu acho que é porque ela é, eu acho assim, até um dia, até um dia desse eu dizia, menina, minha mãe, a senhora nunca ensinou a gente! Eu fui aprender a costurar agora com outras pessoas de fora. Minha mãe é fina, bordava, fazia roupa de noiva, tudo ela fazia, modela, costura de mão cheia. Olha para você vê, ela já vê o modelo aonde ela for e faz, ela não teve esses cursos, não teve esse curso que eu estou tendo, né? É uma coisa dessas. Dela mesmo. É, aí eu falei, até pra ela esses dias, né? Porque ela nunca ensinou a gente? calada, estava, calada ela deu como resposta, mas eu acho foi porque ela achou que ela sofreu muito, porque ela trabalha desde criança pra fora. Ela não queria que nós tivéssemos aquela vida, né?

Uhum, acho que foi isso, essa perturbação que ela viveu. É muita coisa, e não queria repetir, né? com os filhos, mas eu vim atrás sozinha.

Eu faço bonecas assim, Hum, muitas coisas, eu estou apaixonada e resolvi fazer a filinha e a bebê. Eu tô fazendo curso e aqui eu aprendi demais que eu não sabia nem botar umas linhas na máquina. Eu nem sabia nada.

**Mediadora Verônica**

Mas é pra vir sem saber mesmo, aí sai sabendo.

**Eliziê**

Mas hoje eu tô me formando, com certeza que aprendi alguma coisa. Pois é gente é essa a minha experiência de vida.

**Mediadora Verônica**

Que bom, fico muito feliz. Obrigada por compartilhar. Muito obrigada.

**Mediadora Verônica**

Sempre diga seu nome.

**2ª: Eida**

Desafio, desafio constante.

**Profa. Fernanda**

Vocês. Vocês estão terminando o curso, né? É uma finalização. Tem que se soltar mesmo.

**Eida**

Mesmo porque esse lugar que pra mim, está sendo observada, é muito difícil. Eu falo que eu sou uma pessoa tímida, não gosto desse lugar, de me expor.

**Mediadora Verônica**

Ser o centro da atenção né? mas bonita desse jeito, meu Deus do céu!

**Profa. Fernanda**

Com esse cabelão, né?

**Eida**

É que chama atenção né, mas vamos lá, eu quero aprender, eu quero me desafiar.

**Mediadora Verônica**

Diga o nome para ficar na gravação, só dizer seu nome para ficar aqui registrado.

### **Elda**

Elda Urias. Eu fiz aqui um resuminho básico, mas que os meus colegas já conhecem um pouco da minha história, né? Nós estamos 4 semestres juntos ou juntas, não é?

Eu coloquei, assim: Brasília, 15/01/2023 como se fosse uma carta, né? Hum, olá, sou casada, mãe de 5 filhos, sim! estudante Técnico em Vestuário do IFB, estudante técnico em produção de moda do Senac. Meu casamento e o nascimento de cada um dos meus filhos são os fatos mais importantes na minha vida.

O meu sonho? Sim, eu fui só resumindo, né? Colocando a resposta, produzir muito, recurso financeiro, ser rica, porque a gente vai desejando, vai acontecendo.

Trabalhar com que o meu coração sorria, trabalhar com o que eu amo. E daqui a 1 ano, eu me vejo mais feliz do que eu estou hoje porque eu cheguei aqui muito triste, chorando o tempo inteiro em casa, só lavando, limpando, cuidando de filhos. Então eu cheguei aqui assim. Só que o Natan (outro aluno) acabou de me falar que hoje eu estou outra pessoa, que bom. E eu estou gostando muito da minha versão atual. É, eu me vejo formada e capaz de exercer o que eu aprendi ao longo desses cursos. Acredito que minha experiência.... ah gente, tô nervosa.

### **Mediadora Verônica**

Fica não, tá lindo! Olha quem cria 5 filhos, é capaz de fazer qualquer coisa. (risadas), não é?

### **Elda**

Acredito que minha experiência na escola é conhecer novas pessoas, novos relacionamentos aos quais estava acostumada. Fiquei dona de casa por longos 15 anos. Minha religião é o que norteia minha vida. O trabalho exerce ao homem o que ele nasceu para ser ou fazer. É uma identidade feita pelo criador. Pelo criador. E para finalizar, meu sonho é modelar e produzir roupas e me sentir uma costureira raiz igual a mãe da Eliziê, de olhar para a peça e modelar e costurar e vestir, né?

E eu acho que o meu desafio hoje seria acreditar em mim mesma. Eu acho que eu ainda tenho esse bloqueio, né? Então eu preciso me desbloquear, acreditar em mim, saber que eu sou capaz, que eu nasci para isso e fazer.

### **Mediadora Verônica**

Muito bem, arrasou. Muito bem!

### **Profa. Fernanda**

Linda Elda.

### **Mediadora Verônica**

E é isso, quem cria 5 filhos, meu amor.... costurar, ficou fácil, então parabéns, parabéns mesmo.

### **3º: Thiago**

Então, meu nome é Thiago, todo mundo me conhece, eu fui, eu fui responder e à medida que fui respondendo, fiz o meu texto né.

Então a primeira é, quais são os principais fatos importantes da sua vida? Eu meio que dei uma resumidinha só, eu comecei a trabalhar bem cedo, praticamente aos 9 anos de idade, sempre onde eu morava. Eu morava num prédio e embaixo tinha um sacolão e aí eu e meus amigos é, tinha uma lojinha que chamava acho que era balão mágico lá no Bandeirante. Tinha uns brinquedinhos muito legais, né? Então a gente carregava, empurrava os carrinhos até os carros, e a gente ganhava dinheiro, né? E a gente comprava as nossas coisas. Então eu comecei a trabalhar nessa idade, mais ou menos, 9, 10 anos por aí. Aí eu coloquei assim, ó, sempre gostei de estudar porque sempre tive a certeza de que me levaria para um futuro mais promissor. Fiz vários cursos na área da arte, né, profissionalizando e algumas áreas como beleza, fotografia, música e a moda chamou minha atenção desde a saída do ensino médio. Eu fiz vestibular para 2 faculdades de moda, né? E não tive êxito. Uma faliu e a outra não teve turma que foi na UNIEURO, tanto que hoje em dia não tem mais esse curso. É, fiquei sabendo do IFB através de um amigo e consegui entrar pelo sorteio do Técnico em Vestuário e o próximo passo será o design de moda. Aí eu achei essa frase que hoje eu acho que serve pra mim, que é no passo certo, que é um foco, né?

**Mediadora Verônica**

No passo certo, agora, se o foco é da moda.

**Thiago**

A segunda é, quais as pessoas significativas? Eu coloquei minha mãe em alguns amigos porque eu recebo muita força, né, dos meus amigos.

A outra pergunta, é quais são os seus sonhos? Aí eu coloquei assim os meus sonhos, né? É consegui cursar a faculdade de moda, enfim, depois a gente se manter a, é montar a minha marca e loja, né? Com meu nome e as minhas criações e estudar fora, como eu gosto muito de alfaiataria, eu tenho vontade de estudar fora, né? Na França e na Itália, né, que são os países que têm alfaiataria desenvolvida.

**Mediadora Verônica**

Inglaterra também.

**Thiago**

A próxima pergunta, como você se vê agora e daqui a 1 ano? Eu coloquei assim cursando a faculdade, agora o ano passe muito rápido, né? Ter bastante peças produzidas, tanto modeladas e costuradas por mim lógico. E as pessoas utilizando minhas peças, que eu acho que é o maior privilégio assim de quem trabalha com nessa área é criar, né? Você modelou, você criou e uma pessoa está utilizando? Sim, seria sensacional mesmo e coloquei trabalhando bastante na área da moda, né? Porque como eu, arroteei bastante antes de chegar na moda, hoje eu tenho 41 anos, então o meu foco é trabalhar bastante nessa área.

Aí eu coloquei assim a outra pergunta, destaque suas experiências na escola, eu coloquei as melhores experiências possíveis, porque tudo começa através da escola. Eu pontuei algumas coisas que é a educação. Comunicação, que é isso que a gente está fazendo agora, né? Sim, conhecimento e o convívio e respeito. E coloquei também. Vixe, não tô entendendo a minha letra. (risadas)

É a próxima pergunta, quais os valores que você tem em sua vida? Aí eu coloquei. Os valores são liberdade, peguei o gancho, porque eu acho que com liberdade a gente pode tudo, coloquei respeito como troca, né? Então se eu te respeito, você me respeita, isso aí é tudo, é a chave, né? Aí eu coloquei amizade e

educação são os valores assim que norteiam. Aí a próxima pergunta, diz assim, por que trabalho e trabalhando transforma o mundo? Eu coloquei assim, trabalho porque eu gosto, principalmente na área, na minha área de atuação e sabendo que através do meu trabalho eu posso chegar à Independência em todos os sentidos, financeiramente e outras coisas. E para transformar o mundo, eu coloquei que depende muito das circunstâncias, eu não sei se o meu, se o meu trabalho pode mudar o mundo, mas... ou não, né de repente pode também. Por isso que eu coloquei, depende. E a próxima é trabalhando na cadeia produtiva de vestuário. Quais são os desafios? Aí eu coloquei como sonho é ter a minha marca, né! E loja e trabalhando com alfaiataria desconstruída.

Gosto muito dessa área, e desafio? Eu acho que é o principal, por isso que eu coloquei só um que é o financeiro né?

### **Mediadora Verônica**

Sobreviver do seu trabalho.

### **Thiago**

Exatamente, tanto a área da moda e outras, se não tiver a área financeira muito bem executada é difícil.

Mediadora Verônica

Maravilha, parabéns, Muito bom, obrigada. (palmas)

Eu amei essa saia já é uma criação de alfaiataria. Essa saia está muito linda.

Diga seu nome, por favor.

### **4ª: Andrerlete**

Eu me chamo Andrerlete, eu coloquei assim, respostas bem objetivas, então a primeira aqui, quais seriam as os principais fatos importantes na minha vida? Eu coloquei meu batismo quando eu decidi passar para igreja Adventista do sétimo dia, foi o dia ou um dos dias mais importantes da minha vida, o sorriso, tipo, não saía do meu rosto, aí outros, outro, saí da casa da minha família, eu sou do estado do Maranhão, então eu saí de lá, fui para Goiânia, passei um tempo com minha irmã mais velha, depois vim pra cá né para aprender a costurar, era para passar 6 meses, mas isso, já passou mais de 1 ano. Hoje eles falam que eu sou, eu sou, como eles falam,

uma escrava de luxo, escrava não, uma prisioneira de luxo. Eles falam que eu sou prisioneira de luxo, que eu posso até ir ali, mas eu tenho o que voltar.

Outros fatos também são importantes, foi entrar no curso aqui do IFB, porque foi um curso muito importante. A primeira vez que eu tentei, aí já fui chamada, então eu fiquei muito feliz com essa oportunidade também foi fazer o curso e concluir o curso de consultoria de imagem lá no Senac, do Jessé Freire, conclui esses dias. Dois cursos muito importantes para minha vida. Eu entendi realmente o que é que eu queria para minha vida. Eu sempre gostei muito dessa questão de criatividade. Sempre tive o sonho de aprender a costurar. Então essas 2 áreas se encontraram e eu me encontrei no meu caminho. Eu até cheguei a falar lá no curso durante, que é a primeira vez que eu ia para um lugar que eu ia com vontade mesmo de aprender que eu me sentia bem de estar ali aprendendo com os meus colegas, porque nos outros que eu já tentei, tipo, era um fracasso. Eu estava lá meio só cumprindo tabela.

### **Mediadora Verônica**

Quem foi seu professor lá?

### **Anderlete**

Lá a Eliane Marquezine.

### **Mediadora Verônica**

A Eliana. Ah, já sei quem é também, ela mora em Santa Maria.

### **Andrerlete**

Aí outra coisa. Outros fatos importantes foi a persistência na conclusão das classes, pra vocês entenderem é que eu faço parte da minha igreja, de um grupo de que cuida de adolescente de 10 a 15 anos, que chama é chamado desbravadores, e neste clube as crianças, elas cumprem classes de acordo com a idade delas, de 10 é a classe de amigos, por exemplo e por aí vai.

Eu, quando eu entrei, quando eu repatriei, eu tinha 17 anos, então quem entra a partir de 16 anos já entra na liderança, então eu já entrei na liderança, então eu não tive tempo de fazer as classes acompanhando as idades certinho, então eu tive que fazer todas as classes ao mesmo tempo, que são 10 classes, são 5 regulares e 5

avançadas. Tipo fazia um tempinho que eu estava tentando, a terceira vez que eu estava tentando concluir esse caderno, porque toda vez eu mudava de estado, veio pandemia, acontecia alguma coisa e não dava pra concluir e finalmente, agora esse último final de semana eu fui investida em classe de agrupados. Fiquei muito feliz com isso, porque são muitos requisitos, muito especialidades de relatório, então isso foi um fato muito importante na minha vida.

Outra que eu comecei a aprender a fazer aula de teclado. Meu sonho é aprender a tocar piano. Outro fato também foi a visita na no estádio Mané Garrincha, onde eu fui assistir ao jogo do Flamengo. Eu sou flamenguista. (risadas)

Já assisti ao jogo dele, no estádio, então eu consegui e outro foi passar pelo processo de autoconhecimento e autoestima. Então, a partir do momento que eu vim morar em Goiânia, começou esse processo que eu vim percebendo algumas coisas pesquisando, fui construindo esse autoconhecimento, resgatando essa minha autoestima e o curso de consultoria de imagem então... tudo veio e ficou concluído e ficou selado entendeu? E hoje eu sou uma nova pessoa.

A segunda aqui. Quais as pessoas mais significativas da minha vida? Eu coloquei a minha família e amigos, né? Porque são pessoas que eu amo, são pessoas que eu admiro, que eu quero ter por perto e que muitas eu tenho como inspiração. O caso da minha mãe é.

A próxima é quais são os seus sonhos? Eu coloquei aqui, alguns deles são, aprender a tocar piano, acabei de comentar, ter o meu próprio piano e não e não é qualquer piano não quero um piano de cauda.

### **Mediadora Verônica**

Opa, assim que é bom, vamos sonhar grande!

### **Andrerlete**

Sim, é ter o meu próprio veículo, meu carro, morar sozinha. Até então eu moro com a família da minha amiga, ser independente, ajudar minha família, ter o meu próprio, atelier de costura, ser bem-sucedida profissionalmente e escrever meu livro, intitulado me chame pelo meu nome.

**Mediadora Verônica**

Ahhh, gostei do nome!

**Andrerlete**

E o próximo é que vem perguntando aqui como você se vê há daqui 1 ano, né? Eu coloquei, me vejo como uma pessoa estabilizada profissionalmente e morando sozinha.

Aprendi a colocar metas, mais acessíveis para ficar sempre com o pé no chão e não ficar frustrada depois.

Outra é que a letra E né, destaque, suas experiências na escola. Eu coloquei que algumas delas porque são muitas, né? E algumas das minhas experiências que eu posso destacar que eu tive na escola, foi que ainda no antes de entrar, exatamente no fundamental, fundamental, menor ainda, eu não dancei a minha valsa de formatura. Eu, eu ensaiei, participei do ensaio, tinha vestido, tinha tudo. No dia da apresentação, tinham montado um palco lá a gente subiu e bem na hora faltou energia. Então eu fiquei com aquilo que, tipo, faltou? E eu tenho essa vontade de dançar uma valsa, sabe, tem que realizar isso aí.

Outras experiências foram que eu era uma pessoa bem tímida embora ainda eu seja um pouco e principalmente na hora de apresentar trabalhos eu ficava muito trêmula e a minha voz quase não saía. Então em determinado momento, ali da transição do fundamental maior para o ensino médio, eu tomei uma decisão que eu iria mudar, ia ser diferente. Eu não ia mais deixar, tipo me fazerem de bestinha assim na sala de aula, e que eu ia melhorar nessa questão da apresentação e da minha voz. Então hoje eu posso, eu considero que minha voz já está um pouco, bem mais firme assim, mas a minha voz, não saia mesmo, então agora minha voz tá bem mais firme e nas apresentações, geralmente é o pelo menos o que os professores. falam, né? Eu costumo me destacar na hora das apresentações.

**Mediadora Verônica**

Que bom!

**Profa. Fernanda**

Superação né?

**Mediadora Verônica**

É isso aí.

**Andrerlete**

Outro fato que aconteceu também foi que eu aprendi que é a pessoa que faz a roupa e não o contrário, não é a roupa que faz a pessoa, e isso eu aprendi fundamental, com uma professora de português, ela sempre falava: olha, não é a roupa que faz a pessoa, a pessoa que faz a roupa, não importa , você pode estar vestindo , uma roupa mais simples do mundo, se você tiver postura, você saber como agir, como falar, que, às vezes você tem uma pessoa ali que tá na roupa mais cara de grife, mas é uma pessoa mal educada, ignorante, não tem uma boa postura, não tem uma voz, firme audível, não consegue passar uma mensagem, nem receber a mensagem um do outro. Então eu guardei essa frase e eu sempre fiquei com isso na minha cabeça.

Também e desde que cancelei a faculdade de administração, a universidade, foi a primeira faculdade que eu passei né, federal, na verdade, eu cancelei, não era o que eu queria, mas de alguma forma eu me sentia presa para continuar, porque em determinado momento eu li na agenda da minha mãe que um dos sonhos dela, um sonho dela, é que uma das filhas, ela tem 5 filhos, 4 meninas e um menino. Uma das filhas fosse administradora, tipo, logo, eu tinha caído na faculdade de administração. Nossa! Eu ficava assim, com peso na consciência. Eu quero desistir, como vou falar pra ela? Só que eu acabei desistindo. Usei de algumas situações como desculpa também, mas consegui cancelar aí depois de um tempo passei para a faculdade de pedagogia junto com a minha irmã. Aí eu cursei ainda 2 anos, 50% do curso e também não era o que eu queria, tranquei e vim embora. Foi quando eu saí definitivamente da casa dos meus pais.

E então esses foram alguns fatos que aconteceu na minha carreira.

Os valores que norteiam a minha vida são: a fé, né? Fé que eu tenho, a empatia pelos outros, respeito, o senso de justiça, principalmente nessa questão de trabalho. Quando eu vejo algo errado na questão de trabalho, o patrão tratando mau o funcionário. Eu fico muito revoltada. Às vezes eu penso assim, nossa, dá vontade de fazer uma faculdade de direito, ser advogada, ia ser uma advogada nojenta, ou eu ia aborrecer e alguém ia me mandar matar, porque eu ia denunciar tanta coisa.

Mas eu vejo, principalmente em nossa área de costura, né? Às vezes, as pessoas querem pagar 2 reais numa peça para fechar. Eles não valorizam. Tipo, e eu fico com vontade de denunciar e com vontade de procurar os direitos.

### **Mediadora Verônica**

Sim, trabalho análogo a escravidão, né?

### **Andrerlete**

Sim, olha que eu ouvi uns relatos esses dias, de umas venezuelanas que vieram pro Brasil a convite, né? Pra trabalhar justamente na área da costura, que elas recebiam só pra sobreviver ali. Só pra pagar aquela dívida porque já veio dívida, elas já vieram endividadas e mal conseguiam guardar um pouquinho. Então eu fico muito revoltada com essas questões trabalhistas. Então eu sempre fui de justiça, é forte a honestidade, a humildade, a ética e a liberdade também é algo que eu gosto muito.

E aqui, a gente, por que trabalho? eu coloquei aqui, pra ter dinheiro e conseguir independência financeira, né? Ainda não trabalho, assim como eu gostaria que no caso de ter o meu próprio ateliê e também com a consultoria, que foi algo que eu me encontrei bastante. Então no momento, é por isso que eu trabalho para ter dinheiro, conseguir ter independência e vem perguntando se trabalho transforma o mundo? Eu também acredito, como o Thiago, dependendo, né? Assim, ele transforma, transforma assim o mundo, até porque se eu trabalho e eu gero renda, eu tenho dinheiro, eu, eu compro, eu consumo e vai gerando umas coisas e por aí vai.

Essa questão de mudança, ela pode ir tanto para um lado positivo como para um lado negativo, aí depende da área que a gente vai analisar e observar.

E a última aqui é que essa é trabalhadora na cadeia produtiva do vestuário. Quais são os sonhos? O sonho é ser reconhecida profissionalmente e crescer e os desafios que eu vejo é a falta, é a falta de valorização, de mercado nessa área, a remuneração também que eles querem pagar muito baixa e a falta de oportunidade, no meu caso, que essa questão de falta de oportunidades eu até então estava fazendo o curso à tarde aqui e à noite no Senac, então eu só tinha o período da manhã para trabalhar, então eu estava procurando um trabalho de meio período, só que eu não encontrei. E os que encontrei, que eu entrei nesses grupos justamente de fazerem diária, se precisassem de costura, era esse que as pessoas queriam pagar 2 reais!

**Mediadora Verônica**

Muito obrigada. Muito obrigada, você pode deixar aqui. Obrigada, muito obrigada. Ana Lara.

**5ª: Ana Lara**

Draculara, que é o meu nome artístico de tatuadora, de que nem mais que eu queria que se chama assim, Draculara Fashion Monster, eu gosto muito de góticos e desse lado mais...

**Mediadora Verônica**

Como é que é o nome? Dráculara? Ah, Draculara Fashion Monster. Ah! Que Legal, bem criativo.

**Ana Lara**

O que é importante na minha vida, é o fato de eu sempre poder me expressar. Tem a ver com a Liberdade também, e seja de forma visual, no vestuário, na música, no desenho. Minha família é muito importante para mim. Tenho 2 mães, eu fui adotada pela minha madrinha, a minha mãe é biológica, mora em Minas e eu estou com a minha madrinha, mas as duas, eu amo muito, as duas é que me apoiam e me dão base, para seguir meus sonhos, e o meu marido, o meu “namorado”, sem dúvida do meu lado.

Bom, é o meu sonho? É me estabilizar financeiramente, fazendo o que eu gosto, que é a arte e é muito difícil, porque nem sempre a arte é reconhecida, valorizada e é visto como algo inútil.

Mas na verdade, é isso que me mantém inspirada. Daqui 1 ano me vejo mais experiente, madura no meu trabalho que é a costura, e também a tatuagem.

Meu sonho é criar um ateliê/estúdio, onde eu possa desenhar, costurar e vender roupas e também contratar as pessoas, fazer desenho, quadros e vender tudo assim, que eu criar, né? Ah, no meu estilo, único e criativo. Que é esse estilo gótico, mas o meu trabalho é de ajudar as pessoas, com a minha arte e minha visão de futuro, onde elas apreciem e façam parte desse meu universo.

Os desafios agora são financeiros. Trabalhar em fábrica, que é com peças sempre iguais, são trabalhos repetitivos. Para eu poder utilizar toda essa experiência

no futuro, todo esse conhecimento adquirido, mas o cansaço do dia a dia, o salário desanima bastante.

### **Mediadora Verônica**

Eu faço ideia viu Ana Lara, ah, eu adorei Ana Lara, eu torço muito por essa marca, que dê certo, viu? Não desista não. E tem uma frase que diz assim, a arte existe porque a vida só não basta, tá. Então não deixe de seguir esse caminho da arte não, que vai dar tudo certo.

Obrigada, viu? Obrigada por compartilhar. (palmas). Maria Luísa, vamos lá, obrigada.

### **6ª: Maria Luísa**

Oiii, eu sou a Maria Luísa (risadas), deixa eu ver aqui as perguntas, também quero falar, igual vocês, principais, fatos mais importantes da minha vida. Eu fiz faculdade, e foi importante.

### **Mediadora Verônica**

Você fez o quê?

### **Maria Luísa**

Eu fiz relações internacionais.

### **Mediadora Verônica**

Relações Internacionais, legal.

### **Maria Luísa**

A faculdade, a nossa amizade, tem outra visão de mundo, abre um outro ciclo de amizade. Também teve ter congregado em igreja, dá um senso de comunidade, um senso de serviço. E as pessoas significativas, minha família e amigos. E quais são os seus sonhos? Ter um negócio de moda relevante e fazer um mestrado na área de desenvolvimento sustentável, falando sobre os descartes.

**Mediadora Verônica**

Muito bom.

**Maria Luísa**

É, como você se vê daqui a um ano? Formada, ingressando no mestrado e com o negócio estabelecido. Destaque suas experiências na escola, eu destaquei, só aqui no IFB, porque eu não sabia que era toda a trajetória da escola

**Mediadora Verônica**

Era livre.

**Maria Luísa**

Mas aí eu contei só aqui, foi bom para fazer os contatos, conhecer esses amigos aqui e também outras áreas da moda, que tipo, não conhecia. E também afirmou algumas técnicas, porque antes de eu vir para cá eu já tinha feito curso no SENAI, de modelagem e costura, então eu vim aqui, melhorei.

**Maria Luísa**

Qual os valores norteiam a sua vida? Eu coloquei liberdade, serviço, justiça, dignidade, respeito e generosidade. Por que trabalho? Coloquei aqui, pelo dinheiro, obviamente (risadas). O dinheiro abre a portas para a gente, tipo, o dinheiro não tem que ser a razão da nossa vida, né? Mas provavelmente abre portas, e dá um sentimento, o trabalho também, dá um sentimento de utilidade na sociedade. E aí, como o trabalho a gente pode colocar em prática tudo que a gente viu aqui no curso, né? Não ficar só um conhecimento teórico.

E o trabalho, quais são seus sonhos e desafios? Então, ser reconhecida como profissional de costura, porque ninguém acha que costureiro tem dinheiro e nem que é uma condição boa. E receber um bom salário, também, que eles não pagam direito, é e também o desafio, não aceitar qualquer emprego que fica desvalorizando a gente.

**Mediadora Verônica**

Muito obrigada. A minha filha, que é a Luiza, não é Maria Luísa? Quase foi Maria Luísa, mas ficou só Luíza, e ela disse que as melhores pessoas que ela conhece, fez relações internacionais, é bacana, todo mundo, olha aí, abre a cabeça.

Ah, escondendo o jogo, Hein? Suzana, me diga.

**Profa. Fernanda**

Ela parece uma modelo

**Mediadora Verônica**

Linda, linda!

**7ª: Suzana**

Os fatos mais importantes da minha vida. Eu coloquei que são passeios, é, eu tenho um irmão mais novo, então minha mãe gostava muito de levar a gente pra passear em diversos lugares e isso eu acho que é um valor uma característica muito importante da minha vida, conhecer novos lugares, novas pessoas.

Aí eu também coloquei religião, faculdade, que é onde eu fiz a maior base da minha rede de contatos e de amizade. E as atividades extracurriculares, que também é uma coisa que a minha mãe gostava muito, quando a gente saía da escola, a gente, a vida toda tem que fazer uma atividade, depois, à tarde, no caso.

As pessoas mais importantes eu coloquei minha mãe e melhores amigas. Os meus sonhos, eu coloquei que é ter uma carreira envolvendo um negócio de moda e independência financeira. E onde eu me vejo hoje? eu só estudo realmente atualmente, daqui a um ano, eu planejo buscar um estágio em relação à minha faculdade, eu faço administração e eu gosto bastante, minhas experiências na escola, eu destaquei as minhas amigas, elas fazem muita parte da minha vida, eu tenho amigas de 20 anos realmente, que estão ainda comigo e bons docentes. Eu acho que tudo que eu penso na minha carreira foi influenciado por um docente que eu conheci que foi muito importante.

E valores? Eu coloquei otimismo e amor. Eu busco sempre só fazer coisas que eu realmente já tenha tido uma paixão quando eu era menor e eu busco resgatar isso depois de ter feito algumas faculdades eu iniciei, eu não gostei e aí eu as ações atuais

que eu tenho são todas resgatando coisas que eu fazia inicialmente com as atividades que minha mãe me fazia fazer bastante. Eu tô muito feliz com isso, então eu também eu busco sempre ter otimismo nessas coisas, sabe o que eu faço pensando que vai dar tudo certo.

Eu coloquei que dinheiro é muito importante, e eu coloquei os desafios e o sonho. Eu coloquei que é o mundo corporativo. Eu acho que eu gosto bastante desse ramo do que em relação ao mundo da arte. Eu não acho que eu tenho uma aspiração muito, vá ficar sentado o dia todo costurando um negócio; bem mais de ficar ali fazer uma planilha bem-feita, fazer um documento de 20 páginas, eu acho mais legal. E conseguir uma oportunidade no ramo da moda

### **Mediadora Verônica**

Então, só para entender umas coisas que me deram curiosidade, você está terminando a administração ou você já terminou?

### **Suzana**

Não, eu estou fazendo.

### **Mediadora Verônica**

Está fazendo a administração e está fazendo aqui o técnico, e a tua ideia é conciliar essas 2 profissões, porque, por exemplo, na moda mesmo, você já falou de planilha. Tudo o que todo mundo quer na moda é alguém que gosta de fazer planilha, né? Para calcular preço, para fazer controle de processos de produção, né? O PCP das fábricas, né? Isso é maravilhoso.

### **Suzana**

Essa é uma parte que eu só conheci aqui no IFB. Quando eu comecei aqui no IFB, foi por causa dessas atividades extracurriculares que eu fazia, na pandemia, um desses resgates que eu fiz foi o meu amor por moda. Quando eu era criança, minha mãe consumia muita revista desse tipo e ela me dava muito. A gente amava assistir desfile juntas, tipo, ah, uma modelo que está ali, eu e minha mãe, a gente ia lá, a gente tinha que tá lá.

**Mediadora Verônica**

As atividades extra colégio, que a tua mãe colocava vocês, o que que era mais importante para você também, que você falou? Ela botava você pra fazer tudo, mas tudo o que?

**Suzana**

Meu irmão, nem tanto, meu irmão, ele é muito do futebol, mas eu, como eu, não gostava muito de nada, eu só passava os 6 meses em tudo. Eu concluía, de 6 em 6 meses, porque minha mãe tem isso, minha mãe não deixa desistir de nada. É uma guerra em casa, se eu falar, não vou mais fazer isso, ela não gosta, então eu fiz flauta. Eu fiz arte à lápis, curso de Aquarela, foi o que eu mais gostei, de dança, de teatro.

**Mediadora Verônica**

E hoje você vê que isso, né, influenciou para você hoje estar aqui assim, por exemplo.

**Suzana**

Foi aí na pandemia, eu decidi resgatar porque eu fazia um curso na faculdade de inglês, essas coisas, só que eu não gostava, mas eu tinha que achar um novo curso, mas eu não sabia também muito o que ia ser bem isso, aí eu comecei a fazer, curso de costura, consultoria de imagem, modelagem, reparos, tudo no Senac.

**Mediadora Verônica**

Que bom.

**Suzana**

Gosto de moda, então vou tentar fazer uma faculdade de moda.

**Mediadora Verônica**

Sim. Ótimo!

**Suzana**

E daí, eu tentei aqui no IFB, porque é mais perto. Eu tentei passar no vestibular em São Paulo, que levava o tempo. Esse tempo de estudo, e aí eu cheguei aqui no IFPB. O IFB me fez entender que eu não, é importante fazer essa faculdade de moda, que esse conhecimento que eu tenho aqui já é o suficiente.

E a Moema, professora do semestre passado, eu entendi porque eu me identifico muito com o currículo dela, acho perfeito. É que o curso que eu faço de administração é muito legal e que ele pode me dar muitas oportunidades. Esse leque mais amplo, e aí, é isso.

**Mediadora Verônica**

Juntando esses dois cursos. Que bom.

**Suzana**

Então planejo ir para negócios de moda. Eu acho que essa base que o IFB me dá, essa amplitude toda, com a amplitude toda de administração, eu consigo juntar os dois.

**Mediadora Verônica**

É, você entendeu o mecanismo, né? Como funciona a indústria, né? E aí, colocar a administração a serviço disso, né? Muito bom, ó, muita gente vai querer contratar, hein! (palmas). Gostei. Obrigada, obrigada, viu Suzana.

Gente, mais alguém gostaria de falar, ou vamos ali para os que colocaram os papéis na caixa para que o sonho de todos que estão aqui, de fato se realizem, que a gente trabalhando junto, trabalhando em rede, se fortalecendo, nos vendo como aliados no mesmo processo de construção e não como concorrentes, né? A gente tem toda a possibilidade de alcançar né professora? E aí, se vocês quiserem fazer mais alguma pergunta, tô ainda aqui recolhendo os materiais, tá? E vou deixar com a professora Fernanda. Ela tem o meu número, o meu telefone, se precisarem de mim, qualquer coisa, e eu quero voltar aqui pelo menos para sortear um livro lindo que eu tenho dos 50 anos do Sindicato do vestuário, vou trazer para sortear no último dia de aula, tá.

Abaixo transcrição de três estudantes que colocaram suas considerações de forma anônima em uma caixa que levamos para essa finalidade.

<b>Perguntas geradoras</b>	<b>8ª estudante</b>	<b>9º estudante</b>	<b>10ª estudante</b>
a) Quais os principais fatos importantes de sua vida?	Quando comecei a entender que só eu posso mudar a minha vida, me libertar das pessoas.	Meu nascimento.	Ter nascido em família que prezam valores e princípios; Ter começado a trabalhar cedo; Ter conquistado uma profissão.
b) Quais as pessoas significativas?	Filhos, pais, pessoas que me ajudaram.	Família.	Mãe, pai, irmãos e amigos.
c) Quais são os seus sonhos?	Tudo que fiz e estou fazendo por mim.	Ensinar.	Ter a minha empresa.
d) Como você se vê agora e daqui a um ano?	Sou produtiva e tenho a minha liberdade, me vejo trabalhando.	Viajando.	Hoje me vejo bem, daqui a um ano, melhor.
e) Destaque suas experiências na escola?	Aprendizado.	Nenhuma.	Vejo minha experiência na escola de forma crescente e positiva, aprendemos muito com os outros, no caso, professores, alunos, direção etc.
f) Quais valores norteiam sua vida?	–	Senso de justiça e liberdade.	Fé, honestidade, liberdade e amor ao próximo.

g) Por que trabalho? E trabalhando, transformo o mundo?	Pra saber se expressar na hora certa, trabalhar transforma vidas.	Por independência.	Trabalho dignifica o homem, trazendo dignidade e independência. Sim.
h) Trabalhadoras/es da cadeia produtiva do vestuário: quais os sonhos e desafios?	Só trabalhando é que estamos preparadas para os desafios.	Ganhar bem e ser reconhecido.	Ter a minha marca, alcançar o grande público.

## ANEXOS

### Anexo I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

O(A) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: “EU, ELAS NÓS: TRABALHADORAS NA CADEIA PRODUTIVA DO VESTUÁRIO” sob responsabilidade da Profa. Veruska Ribeiro Machado, e a aluna Verônica Theml Fialho Goulart, do programa de pós-graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT.

O objetivo desta pesquisa é: investigar como se dá a formação integral das futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal, para poder contribuir na inserção destas no mundo do trabalho, proporcionando, assim, mecanismos para a emancipação feminina, pilar importante no combate à violência doméstica e ao feminicídio crescente, esta pesquisa justifica-se, pois segundo dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN, a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios de 2015, revela que 32,5% das mulheres chefes de família monoparentais não possuem nenhuma ocupação econômica, sendo portanto necessário mecanismos de inserção destas chefes de família no mundo do trabalho. A difícil realidade da falta de oportunidade no mundo do trabalho que as mulheres (principalmente as com baixa escolaridade) estão sujeitas, as coloca em um estado de submissão diante de situações de violência.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido sigilo sobre a sua identidade. O(A) Senhor(a) pode se recusar a responder qualquer questão ou desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a).

A sua participação será da seguinte forma: O(A) Senhor(a) participará de uma coleta de dados por meio de grupo focal, que consiste em uma reunião entre 6 e 12 participantes com a presença de um moderador que trará questões referentes ao tema pesquisado, visando reconhecer como se dá a formação de estudantes e a inserção de egressos(as) do curso Técnico em Vestuário no mundo do trabalho; durante as reuniões do grupo focal serão realizados debates a respeito deste tema. O tempo estimado para sua realização é de 2 horas.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição Instituto Federal de Brasília, e poderão ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador.

Este projeto possui os seguintes benefícios: valorização das trabalhadoras do gênero feminino da cadeia produtiva do vestuário; fomento à inserção das mesmas no mundo do trabalho; promoção de mecanismos de emprego e renda que auxiliem na emancipação feminina colaborando assim para a garantia dos meios materiais de combate à violência doméstica e ao feminicídio; contribuição para as boas práticas dentro da Instituição, visando a formação humana integral dos estudantes; proporcionar maior conhecimento sobre o fenômeno estudado, permitindo intervenções futuras neste âmbito. Os riscos são considerados baixos e estão associados a possíveis vazamentos de dados, ao risco involuntário e não intencional de desconforto, cansaço, medo, estresse, vergonha ao participar do grupo; os riscos

serão minimizados da seguinte forma: preservação do anonimato, livre participação e não-indução ou condução de respostas.

É de nossa responsabilidade a assistência integral caso ocorra danos que estejam diretamente ou indiretamente relacionados à pesquisa.

O(A) senhor(a) pode se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (466/12 item IV.3.d).

Oferecemos a garantia do sigilo, assegurando sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa (466/12 item IV.3.e).

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Verônica Goulart telefone: (61) 9 9309-4422, no horário das 9h às 19h.

Caso haja algum questionamento sobre o aspecto ético, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com a professora Cristiane Batisti Ferreira, coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário ICESP, no número (61)3574-9950 ou pelo e-mail cep@icesp.edu.br.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário ICESP de Brasília, número do protocolo 045233/2023.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o voluntário da pesquisa.

---

**Nome / assinatura do responsável**

---

**Verônica Theml Fialho Goulart  
Pesquisador(a)**

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## Anexo II: Termo de Assentimento – Menor de Idade

### TERMO DE ASSENTIMENTO / MENOR DE IDADE

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “EU, ELAS, NÓS: TRABALHADORAS DA CADEIA PRODUTIVA DO VESTUÁRIO”. Seus pais permitiram que você participasse.

O que queremos saber é como se dá a formação integral das futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal, para poder contribuir na inserção destas no mundo do trabalho, proporcionando assim, mecanismos para a emancipação feminina, pilar importante no combate à violência doméstica e ao feminicídio crescente.

As pessoas que irão participar são crianças (ou adolescentes) como você. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser e não terá problema se desistir.

A pesquisa será realizada no Instituto Federal de Brasília – Campus Taguatinga, localizado no St. M Norte QNM 40 Área Especial 01 – Taguatinga, Brasília-DF, 72146-050, onde os(as) adolescentes terão que participar de um grupo focal que se dá da seguinte maneira: em uma sala de aula, com as cadeiras em formato de roda de conversa, 6 a 12 participantes, com a presença do pesquisador, que fará a mediação, serão levantadas questões acerca do tema investigado: como se dá a formação dos estudantes do curso Técnico em Vestuário e a inserção dos(as) egressos(as) do curso Técnico em Vestuário no mundo do trabalho. Durante as reuniões do grupo focal serão realizados debates a respeito deste tema.

O tempo estimado para sua realização é de 2 horas. Para isso, serão usadas cartolinas, canetas e lápis coloridos, papel A4 e fita crepe. O que iremos fazer é seguro, mas você pode sentir algum cansaço, medo, estresse, desconforto, vergonha ao participar do grupo, tais riscos serão minimizados com a preservação do seu anonimato, sua livre participação e a não-indução ou condução de suas respostas.

Se tiver dúvida você pode nos procurar pelo telefone (61) 99309-4422 da pesquisadora Verônica Theml Fialho Goulart.

Se você decidir participar, será bom para valorização das trabalhadoras do gênero feminino da cadeia produtiva do vestuário; fomento à inserção das mesmas no mundo do trabalho; promoção de mecanismos de emprego e renda que auxiliem na emancipação feminina, colaborando assim para a garantia dos meios materiais de combate à violência doméstica e ao feminicídio; contribuição para as boas práticas dentro da Instituição, visando a formação humana integral dos estudantes; a pesquisa também proporcionará um maior conhecimento sobre o fenômeno estudado, permitindo intervenções futuras neste âmbito.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser divulgados, mas não saberão quem é você.

Eu aceito participar:

\_\_\_\_\_  
Nome do(a) Adolescente

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

O termo de assentimento não elimina a necessidade de fazer o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor de 18 anos ou legalmente incapaz.

### **Anexo III: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Responsável legal pelo estudante menor de 18 anos**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

(Responsável Legal pelo estudante menor de 18 anos)

Prezado(a),

Seu filho(a) ou menor por quem você é responsável está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “EU, ELAS, NÓS: TRABALHADORAS NA CADEIA PRODUTIVA DO VESTUÁRIO”. O objetivo desta pesquisa é: investigar como se dá a formação integral das futuras trabalhadoras da cadeia produtiva do vestuário do Distrito Federal, para poder contribuir na inserção destas no mundo do trabalho, proporcionando, assim, mecanismos para a emancipação feminina, pilar importante no combate à violência doméstica e ao feminicídio crescente, esta pesquisa justifica-se, pois segundo dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN, a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios de 2015, revela que 32,5% das mulheres chefes de família monoparentais não possuem nenhuma ocupação econômica, sendo portanto necessário mecanismos de inserção destas chefes de família no mundo do trabalho. A difícil realidade da falta de oportunidade no mundo do trabalho que as mulheres (principalmente as com baixa escolaridade) estão sujeitas, as coloca em um estado de submissão diante de situações de violência.

O(A) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome e do estudante menor de 18 anos cujo o(a) senhor(a) é responsável não aparecerá, sendo mantido sigilo sobre as suas identidades. O(A) menor de idade pode se recusar a responder qualquer questão ou desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a) ou para ele(a).

A participação será da seguinte forma: será feita uma coleta de dados por meio de grupo focal, que consiste em reunir entre 6 e 12 participantes tendo a presença de um moderador que trará questões referentes ao tema pesquisado, visando reconhecer como se dá a formação de estudantes e a inserção de egressos(as) do curso Técnico em Vestuário no mundo do trabalho; durante as reuniões do grupo focal serão realizados debates a respeito deste tema. O tempo estimado para sua realização é de 2 horas.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição Instituto Federal de Brasília, e poderão ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador.

Este projeto possui os seguintes benefícios: valorização das trabalhadoras do gênero feminino da cadeia produtiva do vestuário; fomento à inserção das mesmas no mundo do trabalho; promoção de mecanismos de emprego e renda que auxiliem na emancipação feminina, colaborando assim para a garantia dos meios materiais de combate à violência doméstica e ao feminicídio; a pesquisa também trará contribuição para as boas práticas dentro da Instituição, visando a formação humana integral dos estudantes; também proporcionará maior conhecimento sobre o fenômeno estudado, permitindo intervenções futuras neste âmbito. Os riscos são considerados baixos e estão associados a possíveis vazamentos de dados, ao risco involuntário e não intencional de desconforto, cansaço, medo, estresse, vergonha ao participar do grupo,

estes riscos serão minimizados por meio da preservação do anonimato, a livre participação e a não-indução ou condução de respostas.

É de nossa responsabilidade a assistência integral caso ocorra danos que estejam diretamente ou indiretamente relacionados à pesquisa.

O(A) senhor(a) pode se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (466/12 item IV.3.d).

Oferecemos a garantia do sigilo, assegurando sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa (466/12 item IV.3.e).

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Verônica Goulart, telefone: (61) 9 9309-4422, no horário: das 9h às 19h.

Caso haja algum questionamento sobre o aspecto ético, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com a professora Cristiane Batisti Ferreira, coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário ICESP, no número (61) 3574-9950 ou pelo e-mail cep@icesp.edu.br.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário ICESP de Brasília, número do protocolo 045233/2023.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o responsável legal pelo menor de 18 anos.

---

**Nome do responsável legal pelo menor de 18 anos / Assinatura**

---

**Verônica Theml Fialho Goulart**  
**Pesquisador(a) Responsável**  
**Nome e assinatura**

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_